

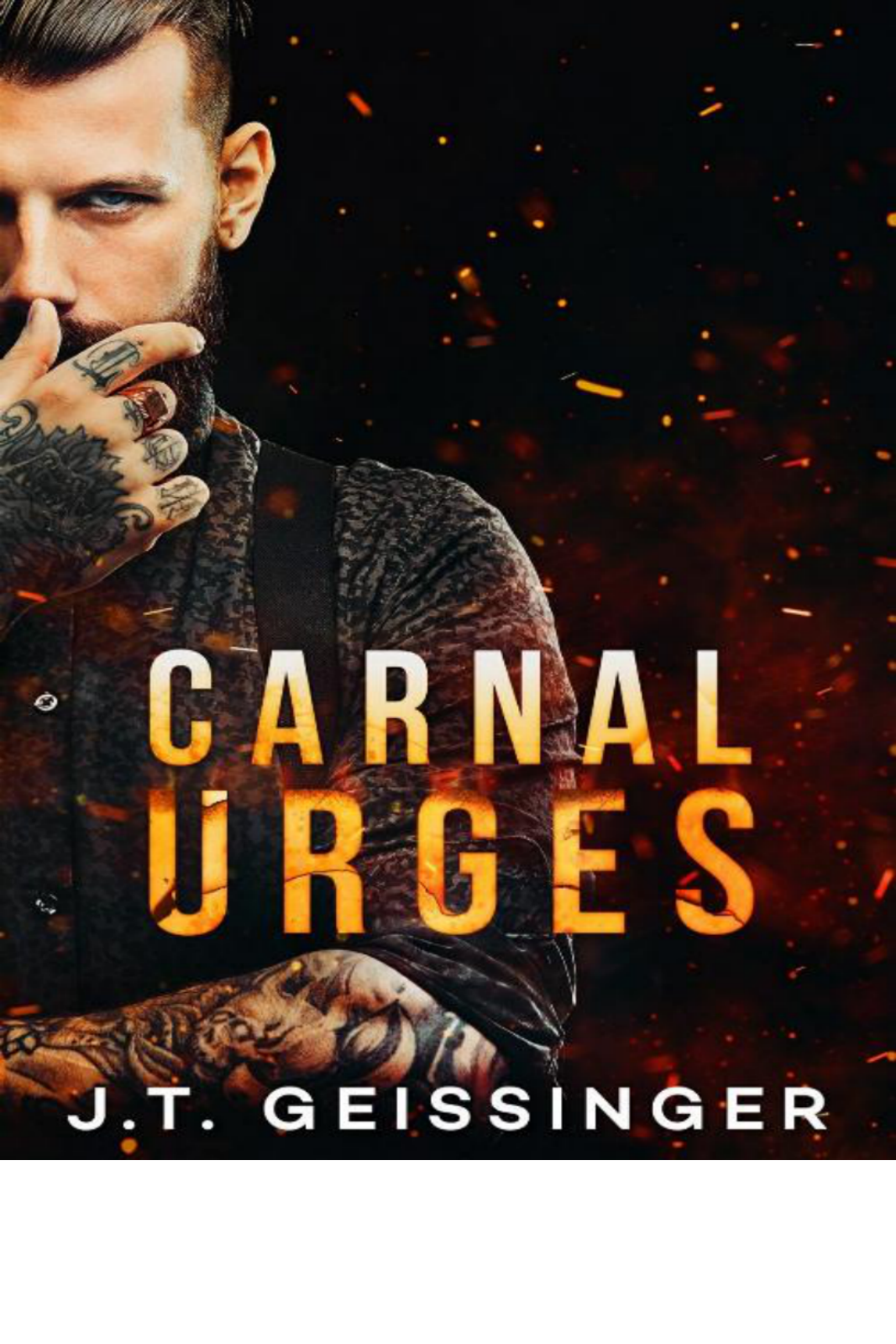


# CARNAL URGES

J.T. GEISSINGER

VISIT...

LANZAROTE  
*Caliente*.COM

A man with a beard and tattoos, holding his hand to his face, with a dark background and falling sparks.

# CARNAL URGES

J.T. GEISSINGER







# CARNAL URGES

J.T. GEISSINGER

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando a posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstando-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.





QUEENS & MONSTERS

LANÇAMENTO



LIVRO







# QUEENS & MONSTERS

## ORDEM DA SÉRIE



LIVRO UM



LIVRO DOIS



LIVRO TRÊS



LIVRO



# SINOPSE

*Carnal (adjetivo):*

*1) Relacionado aos prazeres do corpo*

*2) Atribuído à indulgência sexual*

*3) O homem que me raptou*

O diabo tem olhos azuis, um sotaque irlandês e um ódio profundo por mim.

Ele me culpa por ter começado uma guerra. Unindo-me a seus inimigos.

Matando seus homens. Embora eu seja inocente em todas as acusações, ele quer o pagamento da dívida. De olho na vingança, ele faz de mim sua prisioneira.

Mas como ambos vamos descobrir em breve, há desejos mais poderosos do que o de vingança.

Quando o diabo encontra seu par, mas ela é sua inimiga declarada, é aí que começa a verdadeira guerra.

# EPÍGRAFO

We are not mad. We are human. We want to love, and someone must forgive us for the paths we take to love, for the paths are many and dark, and we are ardent and cruel in our journey.<sup>1</sup>

~ Leonard Cohen

# PLAYLIST

Good Time Girl – Sofi Tukker

Flames – R3hab & Zayn

Up – Cardi B

Take It – Dom Dolla

Wildside – Claptone

Hey Lion – Sofi Tukker

Let Me Touch Your Fire – Arizona

Medicine – James Arthur

Cuz I Love You – Lizzo



# 1

## SLOANE

Abro meus olhos para encontrar um homem debruçado sobre mim.

Ele está vestido com um terno preto Armani. Ele tem cabelo preto azeviche, uma mandíbula dura e os olhos azuis mais lindos que já vi. Eles estão cercados por um emaranhado de cílios, longos e curvos, tão densos e escuros quanto seus cabelos.

Estou intrigada com este belo estranho por cerca de dois segundos, até que me lembro que ele me sequestrou.

Eu deveria saber. Quanto mais gostoso for um homem, mais rápido você deve fugir dele. Um homem bonito é um poço sem fundo onde sua autoestima pode desaparecer e nunca mais ser vista.

Sua voz profunda suavizada por um sotaque irlandês cadenciado, meu captor diz: — Você está acordada.

— Você parece desapontado.

O mais fraco dos sorrisos curva seus lábios carnudos. Estou o divertindo. Mas o sorriso desaparece tão rápido quanto veio, e ele se

retira, acomodando seu corpo musculoso em uma cadeira à minha frente.

Ele me olha com um olhar que poderia congelar larva derretida. — Sente-se. Vamos conversar.

Estou deitada. Espalhada em um sofá de couro de cor creme em uma sala estreita com teto arredondado, minhas pernas e pés nus gelados pelo ar seco e fresco.

Não tenho nenhuma lembrança de como cheguei aqui e nenhum conhecimento de onde é “aqui”.

Lembro-me apenas de que estava indo visitar minha melhor amiga, Natalie, na cidade de Nova York, e no momento em que saí do carro no estacionamento de seu prédio, meia dúzia de SUVs pretos com vidros escuros apareceram, e este demônio de olhos azuis saltou de um deles e me agarrou.

Também houve tiros. Lembro-me disso. O cheiro de pólvora queimado no ar, o rugido ensurdecedor dos tiros...

Sento-me abruptamente. A sala começa a girar. Sinto uma dor aguda em meu ombro direito, como se eu tivesse sido atingida ali. Lutando contra a náusea, respiro fundo várias vezes, uma mão pressionada em meu estômago revoltado e a outra na minha testa úmida.

Estou enjoada.

— Deve ser a cetamina, — diz meu captor, me observando.

Seu nome nada na memória: Declan. Ele me disse isso logo depois que ele me empurrou em seu SUV. Seu nome e que ele estava

me levando para falar com seu chefe... em Boston.

Agora eu lembro. Estou em um avião indo ver o líder da máfia irlandesa para responder a algumas perguntas sobre como eu poderia ter começado uma guerra entre sua família e os russos. E todo mundo.

Tanto para minhas férias divertidas em Nova York.

Engulo várias vezes, desejando que meu estômago nauseado se acalme. — Você me drogou?

— Tivemos que drogar. Você é surpreendentemente forte para alguém que se veste como a Fada do Dente.

A comparação me irrita. — Só porque sou feminina não significa que sou uma garotinha.

Ele deixa seu olhar vagar sobre minha roupa.

Estou usando uma minissaia de tule com camadas rosa choque da *Betsey Johnson*<sup>2</sup> que combinei com uma jaqueta jeans branca curta e uma camiseta branca por baixo. Enfeitei a jaqueta com borboletas de strass porque borboletas são lindas, símbolos radicais de esperança, mudança e autotransformação, e esse é exatamente o tipo de porra de energia positiva que quero.

Mesmo que seja feminino.

Em seu tom seco, Declan diz, — Evidentemente. Esse seu gancho de direita é impressionante.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer o que você fez com o nariz de Kieran.

— Não conheço um Kieran. Ou seu nariz.

— Você não lembra? Você o quebrou.

— *Quebrei?* Não. Eu me lembraria se tivesse quebrado o nariz de alguém.

Quando Declan fica em silêncio e apenas fica sentado olhando para mim, meu coração afunda. — As drogas?

— Sim.

Olho para a minha mão direita e fico surpresa ao ver hematomas nos nós dos dedos. *Quebrei o nariz de alguém. Como posso não me lembrar disso?*

Minha voz aumenta em pânico. — Oh Deus. Estou com danos cerebrais?

Ele arqueia uma sobrancelha escura. — Você quer dizer mais do que antes?

— Isso não é engraçado.

— Como você saberia? Você está vestindo uma fantasia infantil de Halloween. Eu diria que seu senso de humor é tão ruim quanto seu guarda-roupa.

Luto contra a vontade inesperada de rir. — Por que estou descalça? Onde estão meus sapatos?

Seu silêncio é longo e calculista.

— Eles são meu único par Louis Vuitton. Você tem ideia de como eles são caros? Tive que economizar por meses.

Ele inclina a cabeça para o lado e me examina com aqueles olhos azuis penetrantes por mais tempo do que é confortável. — Você não está com medo.

— Você já me disse que não ia me machucar.

Ele considera isso por um momento, suas sobrancelhas franzidas pensativamente. — Eu disse?

— Sim. No estacionamento.

— Eu poderia mudar de ideia.

— Você não vai.

— Por que não?

Encolho os ombros. — Porque sou charmosa. Todo mundo me ama.

Sua inclinação de cabeça e carranca agora são acompanhadas por uma curva zombeteira de seu lábio superior.

— É verdade. Sou muito simpática.

— Não gosto de você.

Isso me deixa arrepiada, embora eu tente não demonstrar. — Também não gosto de você.

— Não sou eu que afirmo ser charmoso.

— Uma coisa boa também, porque você não é.

Encaramo-nos. Depois de um tempo, ele diz: — Dizem que meu sotaque é encantador.

Isso me faz rir. — Não é *mesmo*.

Quando ele parece duvidoso, cedo. — Mesmo que fosse, foi anulado pelo resto da sua horrível personalidade. Você quer falar sobre o que? Espere, preciso fazer xixi primeiro. Onde é o banheiro?

Quando fico de pé, ele se inclina para frente, agarra meu pulso e me puxa de volta para a posição sentada. Sem soltar meu pulso, ele rosna: — Você irá ao banheiro quando eu disser que pode. Agora pare de abrir a porra da sua boca e me escute.

É minha vez de arquear uma sobrancelha. — Ouço melhor quando não estou sendo maltratada.

Fazemos a coisa de encarar novamente. Vou ficar cega antes de piscar primeiro. É um impasse, um silencioso puxar-empurrar sem nenhum de nós cedermos um centímetro, até que finalmente um músculo flexiona em sua mandíbula. Então ele exala e relutantemente libera meu pulso.

*Ha. Acostume-se a perder, gângster.* Sorrio para ele e digo agradavelmente: — Obrigada.

Ele está com a mesma expressão que meu irmão mais velho costumava usar quando éramos crianças e estava prestes a me dar uma bronca por ser irritante. Naturalmente, isso me faz sorrir ainda mais.

Os homens dizem que amam uma mulher forte, até encontrar uma.

Dobro minhas mãos no meu colo e espero que ele controle seu temperamento. Ele se recosta na cadeira, endireita a gravata, range os molares por um tempo e depois diz: — Aqui estão as regras.

*Regras. Para mim? Hilário.* Mas estou fingindo ser cooperativa, então me sento pacientemente e ouço, em vez de rir na cara dele.

— Um: não tolero desobediência. Se eu der uma ordem, você a segue.

*Bola mágica diz: as perspectivas não são tão boas.*

— Dois: você não fala a menos que falem com você.

*Em que universo isso está acontecendo? Esse não.*

— Três: não sou Kieran. Se você me bate, bato de volta. — Seus olhos azuis brilham. Sua voz cai. — E vai doer.

Ele está tentando me assustar e me fazer obedecer. Essa tática nunca funcionou com meu pai e não funcionará com ele. Minha voz goteja com desdém. — Que cavalheiro.

— Vocês, garotas, são aquelas que sempre choram por igualdade de tratamento. Exceto quando é inconveniente.

Ele é um idiota de primeira classe, mas também está certo. Se não aguento, não devo provocar.

Exceto que posso aguentá-lo e posso revidar. Mais cedo ou mais

tarde, ele descobrirá exatamente o quão bem.

Não passei os últimos dez anos suando *pra* caralho nas aulas de autodefesa para que eu pudesse começar a chorar com a ameaça de um gângster irlandês qualquer.

Depois de um tempo, quando ele não continua, digo: — Há mais?

Ele fala sem rodeios: — Achei que três seriam tudo o que seu cérebro danificado poderia suportar.

*Rapaz, este cara poderia realmente encantar os pássaros das árvores.* — Tão atencioso.

— Como você disse. Sou um cavalheiro.

Ele se levanta. Elevando-se sobre mim em toda a sua altura, de repente ele é imponente. Inclino-me para trás e olho para ele, sem saber o que ele vai fazer a seguir.

Ele parece satisfeito com minha expressão alarmada. — O banheiro fica na parte de trás do avião. Você tem dois minutos. Se você não sair até lá, arrombarei a porta.

— Por quê? Você acha que vou tentar escapar pelo banheiro?

Seus cílios baixam. Posso dizer que ele está irritado novamente com a respiração lenta e agravada que ele dá. Ele diz suavemente: — Cuidado, lass<sup>3</sup>. Seu namorado Stavros pode tolerar mulheres tagarelas, mas eu não.

Suponho que ele mencionou Stavros para me dar uma dica de



que sabe coisas sobre mim, que fez o dever de casa com sua prisioneira, mas isso não me surpreende. Qualquer sequestrador que se preze faria o mesmo.

Mas ele errou um fato importante e sou uma defensora da precisão neste tópico específico. — Stavros não é meu namorado.

Declan me dá a sobrancelha arqueada novamente, irônico e desdenhoso. — Desculpe?

— Eu disse que ele não é meu namorado. Não tenho namorados.

— Devido à sua necessidade exaustiva de falar, sem dúvida.

Seus testículos estão na altura dos meus olhos, mas resisto ao desejo de familiarizá-los com meu punho. Sempre há mais tarde.

— Não, eu quis dizer que não os mantenho. Como um homem mantém uma amante. Não tenho paciência para namorados. Eles exigem muita manutenção. Muito mais problemas do que valem.

Ele me encara com um rosto inexpressivo, mas seus olhos estão fazendo algo interessante. Quase consigo ver as engrenagens girando dentro de sua cabeça.

— Então vocês se separaram.

— Você está ouvindo? Ele nunca foi meu “namorado”. Não namoro.

Seu sorriso é levemente maligno. — Bom. Então não terei que lidar com ele em seu cavalo branco para tentar resgatá-la.

Rio da imagem mental de Stavros em um cavalo. Ele tem medo de animais. — Oh, ele totalmente tentará me resgatar.

Quando Declan estreita os olhos, acrescento: — Se você pudesse não o machucar, isso seria ótimo. Eu me sentiria muito culpada se ele se machucasse por minha causa.

O silêncio ensurdecedor que se segue exige uma explicação. — Quero dizer, é claro que você tem que fazer sua coisa de gângster, mas Stavros é realmente um cara legal. Não é culpa dele que ele vai tentar me resgatar. Ele não será capaz de se conter.

— E por que isto?

— Eu te disse. Sou charmosa. Ele era um caso perdido desde o dia em que nos conhecemos.

Nunca fui olhada da maneira que Declan está olhando para mim agora. Se uma espaçonave alienígena pousasse no topo do avião e nos sugasse para dentro com um raio trator, ele não poderia parecer mais confuso.

Tenho que admitir que é muito satisfatório.

A sensação de satisfação evapora quando ele envolve suas grandes mãos em volta dos meus braços e me puxa para cima.

Ele se inclina perto do meu rosto e diz por entre os dentes cerrados: — Você é tão charmosa quanto a herpes. Agora vá mijar.

Ele me empurra, passa as mãos pelos cabelos e murmura uma maldição baixinho.

Se o pedaço de pau enfiado na bunda desse cara fosse maior, ele seria uma árvore.

Sigo em direção à parte de trás do avião, passando por mais sofás e cadeiras de couro de pelúcia. A decoração é elegante e discreta, tudo feito em tons de champanhe e ouro. Todas as janelas têm pequenas cortinas fechadas. O carpete é macio e luxuoso sob meus pés descalços. É como uma cobertura em miniatura... Completa com segurança.

Seis gângsteres musculosos em ternos pretos me encaram quando me aproximo.

Eles estão sentados em lados opostos do corredor em cadeiras do avião com mesas de madeira brilhante entre eles. Dois deles estão jogando cartas. Dois deles estão bebendo uísque. Um quinto tem uma revista em suas mãos carnudas e o sexto parece que quer arrancar minha cabeça do meu corpo.

Ele é o maior com os olhos pretos, uma tira de esparadrapo na ponta do nariz inchado e manchas de sangue decorando a gola de sua camisa social branca.

Quase me sinto mal por ter feito isso com ele, especialmente na frente de todos os seus amigos. Não admira que ele esteja me olhando assim. Espancado por uma garota – seu ego é o de um menino de cinco anos tendo um acesso de raiva gritando no corredor de sorvetes.

Mas posso precisar de um aliado em algum momento desta aventura. Rastejar um pouco agora pode ajudar muito no futuro.

Paro ao lado de sua cadeira e sorrio para ele. — Sinto muito

pelo seu nariz, Kieran.

Alguns dos homens bufam. Alguns outros trocam olhares surpresos.

O olhar ardente de Kieran poderia derreter o aço. Passei muito tempo perto de gângsteres, então sou imune a seus temperamentos.

— Se faz diferença, não me lembro de nada. Aquela cetamina que vocês me deram me nocauteou muito. Normalmente não sou tão desagradável. Não me interpretem mal, sou totalmente a favor da violência quando é necessário, mas só a uso como último recurso. Quando estou consciente, claro.

Penso por um momento enquanto Kieran me encara.

— Para falar a verdade, eu provavelmente teria tentado quebrar seu nariz mesmo se não tivessem usado drogas. Afinal, você estava me sequestrando. Então é isso. Mas, em todo caso, prometo que não quebrarei mais nada, a menos que você torne necessário. Na verdade, farei um trato com você: se precisar que eu vá para o porta-malas de um carro ou para o porão de um navio ou para outro avião ou qualquer outra coisa é só pedir educadamente e terei todo o gosto em atender. Não precisa ser amargo.

Kieran leva um momento para decidir como responder. Ou talvez ele esteja tentando descobrir o que significa amargo. De qualquer maneira, esse cara não é o que você chamaria de um conversador brilhante. Terei que fazer todo o trabalho pesado.

— O que quero dizer é que não temos que ser hostis uns com os outros. Você tem um trabalho a fazer. Entendo. Não vou tentar tornar

isso mais difícil do que precisa ser. Apenas se comunique comigo, ok? Estaremos no caminho um do outro por um tempo.

Silêncio. Ele pisca uma vez. Entendo isso como um sim e sorrio para ele.

— Legal. Obrigada. E obrigada por não me bater de volta. Seu chefe me disse que ele não tem os mesmos escrúpulos.

Do outro lado do avião, Declan troveja, — *Vá mijar, porra!*

Balançando a cabeça, digo: — Sinto pena da mãe dele. Ela deveria ter engolido em vez disso.

Vou para o banheiro, o som do silêncio atordoado de seis gângsteres ecoando atrás de mim quando fecho a porta.

## 2

### DECLAN

Sequestrar uma mulher não deveria ser tão irritante.

Parte de mim está surpreso por termos conseguido colocá-la no avião. Desde o momento em que a agarramos naquele estacionamento em Manhattan, ela tem sido um pé no saco.

A maioria das pessoas – a maioria das pessoas sãs – faz uma das três coisas quando submetida a uma experiência traumática como sequestro: choram, imploram ou se fecham completamente, paralisados pelo medo. Uma pessoa rara lutará por sua vida ou tentará escapar. Poucos são tão corajosos.

E então há *essa* garota maluca.

Falante, alegre e calma, ela age como se estivesse estrelando um filme biográfico sobre uma amada figura histórica que morreu no auge de sua beleza enquanto salvava um grupo de órfãos famintos de um prédio em chamas ou alguma merda nobre.

Sua confiança é inabalável. Nunca conheci ninguém mais autoconfiante.

Ou alguém com tão pouca razão para ser.

Ela ensina *yoga*, pelo amor de Deus. Em uma pequena cidade na montanha. A maneira como ela se comporta, você pensaria que ela é a Rainha da Inglaterra.

Como diabos uma instrutora de yoga de vinte e poucos anos que mal conseguiu terminar a faculdade, nunca teve um namorado de longa data e parece que compra suas roupas em uma loja de propriedade da Tinker Bell é tão confiante?

Não sei. Não *quero* saber.

No entanto, estou curioso sobre suas habilidades de luta. Ela pode não se lembrar de ter derrotado Kieran, mas certamente me lembro. Em todos os nossos anos de trabalho juntos, nunca vi ninguém o derrubar.

Odeio admitir, mas foi impressionante.

Sei pela verificação de antecedentes que fiz dela que ela não serviu ao exército e não tinha treinamento formal em combate ou artes marciais. E não há nenhuma indicação nas milhares de selfies em sua página do Instagram de que ela sabe fazer qualquer coisa além de comer couve, se curvar como um pretzel e fazer uma pose com boa iluminação usando uma roupa atlética reveladora e apertada.

Ele provavelmente estava distraído por seus seios.

Ou talvez fossem suas pernas.

Ou talvez tenha sido aquele sorriso arrogante que ela gosta de mostrar, logo antes de dizer algo que te faz querer colocar as mãos em

volta do pescoço e apertar, apenas para fazê-la parar de falar.

Quanto mais cedo isso acabar, melhor. Conheço-a há duas horas – metade disso enquanto ela estava inconsciente – e estou pronto para atirar na minha cara.

Pego meu celular, disco o mesmo número que tenho discado desde que a pegamos e ouço tocar.

Mais uma vez, ele vai para o correio de voz.

E mais uma vez, a sensação de que algo está muito errado fica mais forte.



# 3

## SLOANE

Volto para mim quando estou sentada no vaso sanitário: pulei de um veículo em movimento.

Não admira que meu ombro esteja me matando.

Tento juntar as peças da memória, mas as imagens são escuras e inconstantes. Há uma vaga lembrança de correr por uma rua chuvosa com Declan me perseguindo, outra de adotar uma postura de combate no meio de um círculo com ele e seus amigos bandidos.

Então nada.

Meu estômago ainda está agitado, mas é meu crânio latejante que realmente me preocupa. Bati minha cabeça no cimento quando Declan me arrastou para fora do carro na garagem. Acho que devo ter perdido a consciência antes da droga me nocautear.

Um ferimento na cabeça, mesmo pequeno, pode ser um grande problema.

Maior até do que ser sequestrada e levada para ver o líder da

máfia irlandesa.

Termino, lavo minhas mãos e volto para onde Declan está esperando na frente do avião. Ele me observa me aproximando, com uma expressão como se estivesse sofrendo de hemorroidas.

Sento-me no sofá em que acordei e cruzo as pernas confortavelmente embaixo de mim. — Pergunta: Por que pulei do carro?

Franzindo a testa, Declan olha para minhas pernas dobradas. — Você deu uma olhada nas algemas que Kieran queria colocar em você e deu um salto voador.

Sim, isso parece comigo. Sou eu quem algema os homens, não o contrário. — Isso foi antes ou depois de quebrar o nariz dele?

Seus cílios se levantam e agora estou sendo queimada por um par de olhos azuis ardentes. Sua voz é baixa e tensa. — Deve ser esse dano cerebral que está fazendo você esquecer a regra número dois.

Penso por um momento. — Qual era a número dois?

— Não fale a menos que falem com você.

— Oh, certo. Desculpe. Não sou muito boa com regras.

— Ou em seguir ordens.

— Não estou tentando irritá-lo de propósito. — Faço uma pausa. — Ok, talvez eu esteja um pouco. Mas você me sequestrou.

Ele olha para minhas pernas novamente. Sua expressão é de

desgosto. Ofendida com seu olhar, digo: — O quê?

— Não se sente assim.

— Assim como?

Ele faz um movimento de desprezo com a mão para indicar minha postura. — Como se você estivesse no chão na classe do jardim de infância esperando seu professor começar a hora da história.

— Piso.

— Desculpe?

— Você quer dizer piso, não chão. O chão está fora. O piso está dentro.

Seu brilho está murchando, mas não murcho. Em vez disso, sorrio.

Ele diz: — Quem lhe deu a ideia de que você é charmosa era um idiota.

— Oh, vamos lá. Admita. Você já é um grande fã.

Sua expressão indica que ele pode vomitar. Então ele fica bravo e responde: — Que tipo de mulher não tem medo de seus sequestradores?

— Alguém que passou muito tempo com homens em sua linha de trabalho e sabe como você opera.

— O que significa?

— O que significa que a máfia é mais tradicional do que os militares quando se trata de hierarquia e comandos. Você já me disse que não iria me machucar. O que significa que quando seu chefe ordenou que você me prendesse e me levasse para um bate-papo, ele também disse para se certificar de que eu não fosse ferida no caminho. O que significa que você tomará medidas extremas para ter certeza de que eu não tenha nada de negativo para contar a ele sobre a maneira como você me tratou durante a minha viagem. Posso tomar um copo d'água? Minha boca está seca como osso.

Encaramo-nos pelo que pareceu uma hora. Ele parece gostar de tentar me intimidar e falhar.

Finalmente, ele fala. Trabalhando no nó da gravata, ele diz sombriamente: — Essa boca vai te trazer problemas um dia, Tinker Bell.

Ele tira a gravata e se lança contra mim.

Um grito assustado é tudo que consigo antes que ele esteja em cima de mim, me empurrando de costas e prendendo seu joelho entre minhas pernas. Lutamos por um momento enquanto tento tirá-lo de cima de mim – é impossível, esse filho da puta é *forte* – até que ele consegue colocar meus dois braços sobre a minha cabeça. Então há um lampejo de metal e um *clique*, e sou algemada.

E estou furiosa.

Grito: — Seu filho da...

Declan envolve sua gravata na minha boca e ao redor do meu queixo e dá um nó na parte de trás da minha cabeça.

Agora estou amordaçada.

Respirando com dificuldade pelo nariz, olho para ele com indignação. É de pouca satisfação que ele esteja respirando com dificuldade também.

— Assim é melhor. — *Agora* ele está sorrindo, o psicopata.

Tento gritar – *Porco!* – mas sai abafado. Ele captou a essência, de qualquer maneira.

Cacarejando fingindo desânimo, ele diz: — Ora, ora, que tipo de linguagem é essa para uma jovem encantadora? Eles não te ensinaram na escola de etiqueta que xingar é impróprio?

*Mais uma pergunta retórica e arrancarei suas bolas.*

Ele está terrivelmente satisfeito consigo mesmo, o asno. Enquanto isso, estou tão brava, quase vibrando.

E ele ainda não me largou.

Seus antebraços estão apoiados em cada lado da minha cabeça. Pélvis no peito, seu corpo repousa contra o meu. Ele é quente e pesado, cheira levemente a hortelã-pimenta e algo picante, e espero que seja uma arma no bolso da calça, porque *santo...*

Nossos olhos se encontram. Seu sorriso morre. Um lampejo de algo diferente de desdém aparece em seus olhos azuis frios.

Em um movimento rápido, ele rola de cima de mim e se levanta.

Com os ombros rígidos e de costas para mim, ele passa a mão

pelo cabelo escuro e grosso e responde: — Não fui ordenado a não te machucar, então não me teste, porra.

Sua voz é tão áspera e rouca que parece que ele está engolindo pedras. Não tenho certeza de qual de nós está mais desorientado.

Sento-me, ele se vira e franze a testa para mim como se ele fosse Lord Voldemort e eu o Harry Potter.

Por que esse homem é tão *rabugento*?

Não me importo. Só quero chutá-lo na canela. Não, em algum lugar mais terno.

Antes que eu possa gritar mais palavrões abafados para ele através da gravata, ele me puxa pelos pulsos, me gira, dá alguns passos para cima e me empurra para a cadeira em que estava sentado. Ele aperta o cinto de segurança sobre mim, apertando-o com força no meu colo. Então ele se inclina em meu rosto, todo musculoso e assassino.

Ele retruca: — Você tem uma escolha a fazer, lass. Ou você fica sentada aqui em silêncio até o final do voo ou continua testando minha paciência. Se você decidir ir com a opção número dois, as consequências serão terríveis.

Devo estar telegrafando psiquicamente que duvido dele, porque ele elabora.

— Vou chamar os meninos de volta aqui e deixá-los assistir enquanto arranco esse tutu ridículo de você e bato em sua bunda nua até que fique vermelha. Então, vou deixar cada um deles ter sua

vez. Depois disso... — Ele faz uma pausa significativa. — Vou deixá-los se revezar para fazer o que quiserem.

Doce bebê Jesus, gostaria de saber o código Morse. Eu piscaria para esse idiota uma ameaça terrorista com minhas pálpebras que ele não seria capaz de dormir pelo resto de sua vida.

Tudo o que ele vê em meus olhos o faz sorrir. Odeio que ele consiga me enfiar.

— Então qual vai ser? Um ou dois?

Ele ergue a sobrancelha e espera que eu responda. Mantendo contato visual, levanto minhas mãos amarradas e levanto um único dedo.

O do meio.

Um músculo se flexiona em sua mandíbula. Ele exala lentamente pelo nariz. Ele range os dentes de trás por um tempo, porque aparentemente é o que ele gosta, então ele se endireita e olha para mim como se eu fosse um cocô na sola de seu sapato.

Quando seu celular toca, ele o tira do bolso tão rápido que é um borrão.

Parecendo tenso, ele ordena a quem está ligando: — Fale comigo.

Ele escuta atentamente, imóvel, seus olhos se estreitam, seu olhar focado em um ponto em algum lugar na parede acima da minha cabeça. A mão que não está segurando o telefone se fecha em um punho. Então ele fecha os olhos e murmura: — *Porra.*

Ele escuta mais um pouco e depois se desconecta. Ele abaixa o braço para o lado.

Então fica lá com os olhos fechados, todos os músculos de seu corpo tensos. Sua mão aperta o telefone com tanta força que os nós dos dedos estão brancos.

Quando ele finalmente abre os olhos e olha para mim, seus olhos não são mais azuis.

Eles são pretos.

Decido que este é o momento errado para demonstrar que ele deveria ter algemado minhas mãos atrás das minhas costas, não na frente. Tudo o que preciso fazer para desamarrar-me é estender a mão e puxar a gravata da minha boca e descer pelo meu queixo.

Mas ele não parece com humor para ser superior, então espero.

Ele se vira abruptamente e caminha pelo corredor em direção a sua tripulação. Ele diz algumas palavras para eles. Quaisquer que sejam suas notícias, elas os chocam. Eles se mexem em seus assentos, murmurando entre si e me lançando olhares estranhos. Kieran parece especialmente nervoso.

Não tenho tempo para me perguntar o que está acontecendo, porque Declan está caminhando de volta para mim, seus olhos ferozes, sua mandíbula como pedra.

Ele passa e desaparece na cozinha atrás da cabine. Em um momento, ele reaparece, segurando um copo d'água. Ele se senta à minha frente e estende o copo sem dizer uma palavra.



Quando o pego, ele se inclina e tira a gravata da minha boca, deslizando-a pelo meu queixo até que ela caia no meu peito e fique pendurada como um colar. Ou um laço.

Surpresa com essa reversão, agradeço a ele.

Ele não responde. Ele simplesmente se senta e me encara, sua expressão sombria. Um dedo indicador bate uma batida lenta e constante no braço do sofá.

Limpo o copo d'água, ciente de que ele está observando cada movimento meu. Consciente de que ele está pensando enquanto olha para mim. Seus olhos são especulativos. Calculados. Duros.

Seja lá o que fosse aquele telefonema, tinha algo a ver comigo.

Ficamos sentados em um silêncio constrangedor até eu ficar tão constrangida que preciso me forçar a não me contorcer na cadeira.

Finalmente, ele diz: — Você sabe como usar uma arma?

A pergunta me assusta. A julgar por sua expressão, eu esperava que ele atacasse de novo. — Sim.

Ele não parece surpreso. — E suponho que pela maneira como você lidou com Kieran, você conhece alguma forma de autodefesa?

*Onde ele está indo com isso?* — Sim.

Ele murmura: — Bom.

*Bom? O que está acontecendo aqui?*

Quando ele permanece em silêncio, meditando sobre o que quer

que seja sua ligação, mexo meus dedos pedindo permissão para falar. Ele me envia um breve aceno de cabeça.

— O que aconteceu?

Seu olhar azul frio em mim é firme. — Houve uma mudança de planos.

Minha boca está seca de novo, apesar da água que bebi. — Então, não vou encontrar o chefe da sua família?

Algo na pergunta o diverte, mas de um jeito sombrio. Sua risada é totalmente desprovida de humor. — Você vai se encontrar com ele agora.

Leva um momento para que eu perceba. Declan é o novo chefe da máfia irlandesa.

Quem quer que fosse o antigo chefe, está morto.

E de alguma forma, sou a causa disso.

# 4

## SLOANE

Está chovendo em Boston quando o avião pousa. Não sei que horas são, mas estou exausta. Tudo dói, inclusive as solas dos meus pés, que estão cobertas de pequenos cortes e hematomas.

Pra onde quer que eu corri em minha tentativa de fuga antes que eles finalmente me colocassem no avião, deve ter sido longe.

Eu gostaria de poder me lembrar, mas há um buraco negro na minha memória. Combina com os buracos negros dos olhos de Declan toda vez que eles balançam em minha direção.

— Vamos, — ele diz em um tom abafado, estendendo a mão para agarrar meu braço.

Ele me puxa para ficar de pé, me tratando com mais cuidado do que antes. A gentileza é confusa, considerando que ele tem ainda mais motivos para me odiar agora do que antes.

Não que ele tenha confirmado alguma coisa, mas estou lendo nas entrelinhas.

Ao contrário da mordaca, minhas algemas permanecem no

lugar. Declan me guia escada abaixo que leva ao asfalto varrido pela chuva, sua mão enrolada firmemente em volta do meu bíceps. Nós dois estamos nos molhando com a garoa fria e constante. Meus dentes começam a bater no meio do caminho.

Quando chegamos ao fundo, escorrego no último degrau.

Antes que eu plante o rosto no asfalto molhado, ele me pega e me levanta em seus braços, tão facilmente como se eu não pesasse mais do que uma pena.

Assustada, inalo bruscamente. Olho para ele, de perfil bonito e muito sério, e começo a abrir minha boca.

— Nem uma palavra, — ele avisa, me levando para a limusine que me espera.

Ele está furioso, disso tenho certeza. Estou menos certa agora, no entanto, de que sua raiva é dirigida a mim. Seus braços parecem menos uma gaiola e mais uma espécie de proteção.

A maneira como seu olhar varre a área parece protetora também, como se ele esperasse que uma gangue armada atacasse das sombras. Se forem, ele parece totalmente preparado para enfrentá-los.

Stavros e eu uma vez fomos pegos em um tiroteio. Bem, tecnicamente, Stavros e seus partidários *começaram* um tiroteio, e fui pega nele, mas estou divagando. Lembro-me muito claramente de como ele estava em pânico, embora tivesse uma arma e estivesse fazendo o possível para me proteger, suas mãos tremiam, sua voz saía alta e ele hiperventilava tanto que quase desmaiou.

Não consigo imaginar Declan hiperventilando.

Não consigo imaginá-lo em pânico.

*Posso me imaginar irritando-o até a morte, mas isso é uma história diferente.*

Um motorista uniformizado abre a porta traseira da limusine quando nos aproximamos. Dois outros veículos esperam atrás da limusine, SUVs que presumo que sejam para o resto da tripulação.

Declan me colocou de pé e me ajudou a entrar no carro, deslizando pelo banco de couro para se sentar ao meu lado. O motorista bate a porta e pula para frente, ligando o motor antes de sair tão rápido que ofego.

— Aqui.

Declan estende uma toalha de mão que removeu de um compartimento perto da porta. Quando pego dele, ele diz: — Espere.

Ele tira uma pequena chave do bolso interno do paletó e me solta. Ele olha para os cintilantes círculos de metal em suas mãos, então os joga abruptamente contra a divisória de vidro fumê que separa a parte de trás da limusine do banco do motorista. Eles quicam e caem no chão. O paletó segue os punhos, então ele encosta a cabeça no encosto e fecha os olhos, resmungando em gaélico.

Sento-me segurando a toalha e olho para ele, perdida. — Você está bem?

Depois de um momento, ele vira a cabeça e me olha.

— Quero dizer, você apenas parece... oh, desculpe. Esqueci que não deveria estar falando.

Ocupo-me em secar meu cabelo e rosto, enxugando meu rímel com cuidado para não acabar com olhos de guaxinim. Limpo a chuva das minhas pernas nuas também, me perguntando o que vou fazer com as roupas durante o tempo que vou ficar em cativeiro.

Todo o tempo estou ciente dele silenciosamente me observando. O ar está pesado com todas as coisas que ele quer dizer, mas não diz.

Seguimos pela rua. Ele atende telefonemas, um após o outro, falando em gaélico através de cada um. Depois de talvez uma dúzia, ele desliga e se vira para mim.

— Não tente correr. É mais seguro para você comigo do que em qualquer outro lugar agora.

— Acredite em mim, meus pés doem muito para... O que você quer dizer com é mais seguro com você?

— Exatamente o que eu disse.

Olhamos um para o outro enquanto a limusine acelera pela noite. Aonde quer que vamos, vamos rápido. — Então, todas aquelas coisas com que você me ameaçou no avião...

Ele interrompe: — Que tipo de armas você já manipulou?

Quando pisco, ele rosna: — Responda a porra da pergunta, por favor.

*Por favor.* Atônita, abro a boca e a fecho novamente. Minha segunda tentativa foi bem-sucedida. — 357 Desert Eagle. Glock G19. AK-47.

Suas sobrancelhas se erguem. Ele está surpreso com o AK.

— Stavros tinha rifles espalhados por todo o lugar. Ele gosta de atirar em peixes no lago.

— Claro que ele gosta. Russos fodidos. — Ele balança a cabeça em desgosto, então se inclina e puxa uma pequena pistola preta de um suporte em torno de seu tornozelo.

Ele a entrega para mim.

— Se estivermos separados, use em qualquer um que se aproximar de você, mesmo que pareça amigável. Mesmo que seja uma velhinha, atire na vadia entre os olhos.

Fico olhando para ele com minha boca aberta e meus olhos arregalados.

Ele me envia um sorriso triste. — Finalmente. Silêncio.

Não consigo formar palavras. Este gângster psicótico de olhos azuis me deixou sem palavras.

Quando finalmente consigo recuperar o controle da minha língua, digo: — Como você sabe que não vou atirar em *você*?

— Você vai?

Considero isso. — Pode ser que sim.

— Decida. Não temos muito tempo.

— Você é louco, é isso?

— Acredite em mim, lass, às vezes me pergunto a mesma coisa.

Puxando uma arma semiautomática de prata robusta da cintura na parte inferior das costas, ele continua. — As coisas vão ficar ruins. Vamos entrar em fogo cruzado. O carro é blindado, mas se os pneus estiverem comprometidos, temos cerca de oitenta quilômetros antes que parem.

Ele para e olha para mim. — São cerca de cinquenta milhas.

Entendo. Ele não acha que tenho dano cerebral, ele acha que sou simplesmente estúpida.

— Não dou a mínima para os pneus. Volte para a parte sobre as coisas ficando ruins e comece de novo. O que diabos está acontecendo?

— Não posso te dizer.

— Se você pode me entregar uma arma carregada e me dizer para atirar em uma senhora entre os olhos, pode me dizer o que está acontecendo. Já passamos da fase de lua de mel. Além disso, posso lidar com isso, não importa o quão ruim esteja. Cuspa.

Eu poderia jurar que aquele flash em seus olhos é de admiração, mas provavelmente é apenas um desejo de envolver suas mãos em volta do meu pescoço e me sufocar.

E não no bom sentido.



— Guerra é o que está acontecendo, Tinker Bell, — ele diz ameaçadoramente. — Guerra e todos os negócios sangrentos que a acompanham.

— Oh, ótimo. Você está sendo enigmático. Eu simplesmente amo um irlandês incompreensível. Eles são meus favoritos.

— Cuidado. Você vai se exaurir usando todo o seu vocabulário de uma vez.

— Você pode dizer pelo meu tom o quanto quero acertar a coronha desta arma em seu rosto?

— Você pode dizer pelo meu rosto o quanto quero esmagar a palma da minha mão em sua bunda?

— Isso foi estúpido.

— Diz a garota que saltou de um carro em alta velocidade.

— Eu teria pulado de um arranha-céu se isso significasse que não teria que estar perto de você.

— Se eu soubesse disso, teria levado você direto para o topo da Torre Hancock.

Rolo meus olhos. — Apenas me diga a verdade. Juro que não vou chorar. A última vez que isso aconteceu foi antes mesmo de eu ter meu primeiro período.

Ele faz uma pausa, seu olhar avaliando. — Diga-me como é possível que você não esteja com medo de mim, ou desta situação, ou de qualquer outra coisa que eu possa ver, e direi o que está

acontecendo.

Penso seriamente por um momento. — Honestamente? Sou foda.

Depois de um silêncio curto e incrédulo, Declan começa a rir.

É um som profundo, rico e sexy, lindamente masculino. Odeio-me por gostar disso. E por notar os dentes brancos bonitos que ele tem. E como sua mandíbula é forte. E isso é uma *covinha* em sua bochecha?

Ele para de rir abruptamente, parecendo tão perturbado pela explosão inesperada quanto eu. Acho que ele também não esperava por isso.

— Tirou isso do seu sistema?

Carrancudo, ele diz: — Sim.

— Bom. Então, quem vai atirar em nós?

— MS-13.

Mais gângsteres. Estou até os olhos. — Por que...?

— Eles não gostam de mim.

Fico olhando para ele com meu lábio inferior preso entre os dentes.

Ele diz secamente: — Obrigado por mostrar moderação. Deve ser incrivelmente difícil.

— Você não tem ideia.

— Há outra razão para eles estarem atrás de mim.

Quando ele apenas fica sentado ali olhando para mim em um silêncio inescrutável, digo: — Quando você sentir vontade de esclarecer, sou toda ouvidos.

— Você.

Surpreso, pisco. — Eu?

— Sim. Você.

— Não conheço nenhum salvadorenho. Da variedade mafiosa, claro.

— Você achou que seu sequestro seria bem aceito por seu amigo, o Sr. Portnov?

Ele se refere a Kage, o homem da minha melhor amiga, que por acaso também é o chefe da máfia russa.

Pelo que Stavros me disse uma vez, MS-13 é a gangue que mais cresce na área de Boston. Kage deve ter feito algum tipo de acordo com eles para tentar me resgatar assim que eu saísse do avião. Mas como ele saberia para onde Declan me levou depois do estacionamento ou para onde poderíamos estar indo?

Ou mesmo se estou viva ou morta, por falar nisso? Declan poderia ter cortado minha garganta no momento em que me agarrou.

Então me ocorre: Natalie também não sabe se estou viva ou morta.

Sento-me ereta no banco e grito: — Meu Deus, ela vai ficar tão preocupada! Dê-me seu celular.

— Não vou te dar meu celular.

— Tenho que deixar minha amiga saber que estou viva.

Sua pausa parece carregada. — Ah.

— O que você quer dizer com *ah*?

— Você e sua amiga.

— Nós?

— Vocês são muito...próximas.

— Claro que somos próximas. Ela tem sido minha melhor amiga desde... — Paro, franzindo a testa para sua expressão. Então suspiro. — Oh, pelo amor de Deus.

— Não estou julgando.

— Você vai calar a boca? Não somos lésbicas.

Ele não parece convencido. — Você disse que não podia manter um namorado.

— Não, eu disse que eu não *mantenho* namorados. Você perdeu totalmente a ênfase. Namorados são como peixes koi: um passatempo tedioso e demorado. Não tenho interesse nesse tipo de compromisso. Você está entendendo?

— Também parece que você realmente não gosta do sexo

oposto.

Sorrio para ele. — Apenas alguns poucos merecedores.

Ele ignora isso. — E há a questão de como você lida com a pressão.

— O que tem isso?

— Você é quase tão corajosa quanto um homem.

— Que coincidência, eu estava pensando isso sobre você.

Ele exala uma respiração curta pelo nariz e balança a cabeça. Ele não sabe se ri ou me bate. — Você é realmente outra coisa, lass.

— Continuo dizendo a você, gângster. Sou charmosa. Quando tudo isso acabar, você estará perdidamente apaixonado por mim.

Com os olhos azuis ardendo, ele abre a boca para falar, mas suas palavras se perdem no ruído repentino e ensurdecido de uma tempestade de balas bombardeando a lateral do carro.

# 5

## SLOANE

A primeira coisa que Declan faz é se jogar em cima de mim.

Tem o efeito imediato de tirar todo o ar de meus pulmões e a pistola de minha mão. Deito achatada no banco do banco, atordoada e ofegante, enquanto Declan está deitado sobre mim, um cobertor de gângster irlandês pesando aproximadamente dez toneladas.

— Sean é um excelente motorista, — diz ele calmamente, olhando para a janela divisória fechada. — Portanto, há uma chance de que possamos ultrapassá-los. Mas se eles bloquearam as ruas — como eu teria feito — eles podem estar nos conduzindo intencionalmente para um beco sem saída.

Ele olha para mim. — O que não seria bom.

A limusine desvia loucamente, derrapando por um momento antes de se endireitar e continuar em uma velocidade vertiginosa. Outra salva de tiros ecoa. As balas atingem a janela traseira e ricocheteiam, deixando pequenos recortes redondos cercados por rachaduras de teia de aranha.

Lutando para respirar, digo fracamente: — Tenho perguntas.

— Que surpresa.

— Como você sabia que eles estariam esperando por nós? O que aconteceu com seu chefe? O que acontecerá se eles nos conduzirem a um beco sem saída? E por que diabos você está deitado em cima de mim?

Ele parece vagamente insultado. — Para protegê-la, é claro.

— Você disse que este carro era blindado.

Isso o deixa perplexo por um momento. — Certo. Desculpe. Instinto.

Ele se retira, sentando-se e me puxando junto com ele. Pego minha pequena pistola fofa do chão, coloco no cós da minha saia e me viro para encará-lo no assento.

— Que tipo de sequestrador tem instintos de proteção com sua vítima?

Ele rebate: — O tipo estúpido. Eu deveria abrir a porta e jogar você para os lobos.

Inspeciono sua expressão. — Mas você não vai.

Sua resposta é um resmungo insatisfeito. Enquanto isso, ainda estamos acelerando, as balas ainda estão voando e estou começando a me divertir.

— Ha! Você vê? Já estou encantando você.

Ele fecha os olhos e suspira. — Querido Deus, faça isso parar.

— Espere, recue. O que quer dizer com 'jogar você para os lobos'? Esses caras do MS-13 não deveriam estar tentando me resgatar? Você sabe, de *você*?

Ele zomba. — Se você tivesse cérebro, seria perigoso.

— Oh, você acha que é melhor do que eles?

— Nem somos da mesma espécie, lass.

Faço uma careta. — Isso soa mais do que um pouco preconceituoso. Você pode querer verificar seu preconceito, amigo.

Indignado, ele me encara. Então ele troveja: — Não estou falando sobre a porra da *raça* deles! Estou falando sobre o que eles fariam com você se colocassem as mãos em você, sua maldita idiota! Eles ou qualquer outra família! — Ele murmura: — Sua estúpida.

Seu sotaque fica mais pronunciado quando ele está com raiva. É quase quente.

— Você não está fazendo sentido. Por que eles 'fariam' qualquer coisa comigo se estão tentando me ajudar?

— *Ajudar* você? — Ele ri. — Pensei que você disse que passava um tempo com homens na minha linha de trabalho?

Sentindo-me na defensiva, digo: — Eles não me criaram desde o nascimento. Acabei namorando alguns. Ok, um. Mas sim, passei muito tempo com ele, e com seus amigos, e também algum tempo com o namorado da minha amiga, então conheço as regras.



Seus olhos azuis brilham na luz fraca. — Estamos em guerra, lass. Não há regras. Especialmente quando se trata da mulher que começou toda a confusão sangrenta em primeiro lugar. Se eles a devolvessem a Nova York mal respirando, seu amigo chefe russo consideraria isso um sólido favor.

Seu tom cai. — Não importa quantas vezes você fosse estuprada e espancada ao longo do caminho.

Sei que ele está falando sério, mas este também é o homem que ameaçou arrancar minha saia, bater em minha bunda e deixar sua tripulação fazer o mesmo comigo – ou pior – então se virou e me entregou uma arma. Não tenho certeza se seu julgamento pode ser confiável.

Além disso, Nat mataria Kage se os homens que ele enviou para me resgatar me machucassem em vez disso. Ele seria castrado em dez segundos, o que tenho certeza de que ele sabe.

Avante.

— Você continua me culpando por começar uma guerra. Por quê?

— Porque você fez.

— Acho que teria me lembrado disso.

— Você não se lembra de pular do carro ou socar Kieran.

— Entendo. Então, comecei esta guerra da máfia sob a influência das drogas que você me deu?

Ele não gosta do meu tom, que goteja sarcasmo. Posso dizer que ele está desejando nunca ter tirado a gravata da minha boca.

— Não tenho tempo ou paciência para pintar uma porra de um quadro para você.

— Acalme-se. Você não tem que me xingar.

Seu brilho intenso pode descascar a tinta de uma parede. — Acho que você está mentindo sobre não ter namorados. Acho que você teve o suficiente, e todos eles se suicidaram.

— E acho assustador que pessoas como você possam votar. Você nunca respondeu minhas outras perguntas.

— Estou muito ocupado planejando onde vou enterrar seu corpo.

Ele está moendo seus molares novamente. Estou muito mal para a saúde dentária dele. Pena, porque aqueles dentes dele são terrivelmente bonitos.

— Você usava aparelho quando era jovem?

— O quê...? Deixa *pra* lá. Jesus. Deite no chão. Se o carro parar e eu sair, fique dentro. E pelo amor de tudo que é sagrado, *fique quieta*.

Ele me empurra para o chão e me segura lá com sua mão enrolada firmemente em volta do meu pescoço. Olho para ele, maravilhada por ele realmente achar que vou obedecer a uma única dessas instruções.

Como os homens estão encarregados de fazer tudo? Eles são ignorantes.

— Ei. Gângster.

Ele fecha os olhos, faz um barulho rosnando e aperta a mão no meu pescoço.

— Oh, relaxe. Eu só queria perguntar se você acha que a Síndrome Reversa de Estocolmo já é uma coisa, ou se você está prestes a inventá-la?

— Quantas vezes seus pais imploraram para você fugir de casa?

*Uma boa. Ele está realmente pegando o jeito.* — Depois das primeiras dezenas, eles se acostumaram com a ideia de que não respondo bem à demandas.

Quando ele abre os olhos para olhar para mim, sorrio. — Oh vamos lá. Você só está bravo porque geralmente é você quem cutuca o urso.

Ele pausa seu olhar furioso para ficar surpreso. — Como você sabia disso?

— Posso identificar um sujeito espertinho a um quilômetro de distância. É um dos meus muitos talentos. Se você realmente quer ficar impressionado, deveria me ver jogar Texas Hold'em<sup>4</sup>. Eu arraso.

Com o olhar amolecendo, ele inclina a cabeça e olha para mim. Realmente *olha* para mim, como os homens raramente fazem, com curiosidade genuína.

A maioria deles nunca passa dos meus seios.

Mas o olhar desaparece em um piscar de olhos, conforme mais balas atingem a lateral do carro. Ele desliza para o lado, derrapando. Então batemos em algo, com força, e paramos com um solavanco. A única razão de eu não quebrar a janela traseira e sair voando como um míssil é porque Declan está de alguma forma em cima de mim novamente, me prendendo com seu peso substancial.

Quando a poeira baixa, digo sem fôlego: — Isso está começando a ser uma espécie de coisa.

— Você vai ficar de boca aberta em seu túmulo, não vai, lass?

— Serei cremada. Não haverá boca para abrir.

— Tenho certeza de que você encontrará uma maneira de contornar isso.

Seu batimento cardíaco bate lento e constante contra meu esterno. Seu rosto está tão perto que posso contar cada pedaço de barba escura em seu adorável queixo quadrado. Seu cheiro de hortelã-pimenta enche meu nariz, uma de suas grandes mãos está protegendo minha cabeça, e me torno um pouquinho ciente de que meu sequestrador é, na verdade, atraente.

Não apenas bonito. Atraente. Tipo, meus ovários estão muito, muito interessados naquela grande pistola que ele carrega entre as pernas.

Ele estava certo. Estou com o cérebro danificado.

Ele deve ouvir meus ovários girando sobre ele, porque ele vira a

cabeça uma fração de centímetro e ergue uma sobrancelha para mim.

— O que, nenhuma resposta inteligente?

— Hum. Não.

Como minhas mãos estão segurando sua cintura? Como uma de suas coxas grossas está presa entre minhas pernas? Como a temperatura neste carro subiu vinte graus de repente?

O olhar de Declan cai para minha boca. Uma pausa latente se segue. Então, com uma voz rouca, ele disse: — Volto em alguns minutos. Lembre-se do que eu disse: fique aqui.

Ele rola para fora de mim, abre uma das portas, fecha e vai embora.

— Volta? — Grito para o vazio. — Onde diabos você está indo?

Como se em resposta, o tiroteio explode do lado de fora.

Vacilo quando mais balas batem nas janelas. Então deixo escapar um pequeno grito quando alguém pula no teto. Então, agravada com o estremecimento e os gritos, me sento, tiro a arma da minha cintura e me encolho no canto do banco de trás segurando-a com as duas mãos, meu dedo no gatilho.

Lá fora, a Terceira Guerra Mundial está em pleno andamento.

Quem quer que esteja no teto está batendo em toda parte, batendo os pés como um touro e rugindo como um leão. Eu gostaria de poder ver o que está acontecendo, mas entre a noite, as janelas escuras e a chuva torrencial, tudo que vejo é o borrão de figuras em

movimento rápido e as rajadas de luz branca brilhante quando alguém dispara sua arma.

Isso continua pelo que parece ser cem anos antes que tudo caia em um silêncio assustador.

Quando os minutos passam e nada acontece, uma sensação de pavor toma conta de mim. Sou um alvo fácil aqui. Um coelhinho esperando os lobos entrarem em matilha.

Declan disse para não se mover, mas... e se Declan estiver morto?

Então suponho que os cavalheiros do MS-13 serão meus novos captores.

Da frigideira para o fogo, por assim dizer.

Murmuro: — Oh, dane-se, — silenciosamente abro a porta e espreito para fora.

Estamos em uma área industrial não muito longe do aeroporto. Acima, um jato jumbo voa baixo, indo para uma pista distante com um rugido abafado. Perto dali, uma fábrica exala fumaça de altas pilhas de cimento. Enfileirados em ambos os lados da rua estão grandes armazéns, seus estacionamentos vazios. Vários metros atrás de mim, uma dúzia ou mais de veículos bloqueiam a estrada, muscle cars<sup>5</sup> e motocicletas que devem pertencer à outra gangue.

Corpos espalhados pelo meio da rua.

Além do jato pousando e os sons distantes do tráfego, não ouço nada. Sem vozes. Sem passos. Sem gritos de socorro.

É assustador como o inferno.

— Indo para algum lugar?

Assustada, respiro fundo. Espiando pela porta, vejo Declan ali, encostado na lateral da limusine, os braços cruzados sobre o peito. Ele me encara com os olhos semicerrados.

Olho para ele de cima a baixo. Infelizmente, ele não parece estar sangrando. — Você está vivo.

— Você parece desapontada.

— Quase tão decepcionada quanto você quando acordei no avião.

Ele se abaixa e me puxa para fora do carro. Quando estou de pé, ele tira a pistola da minha mão, se inclina para enfiá-la de volta no coldre em volta do tornozelo, depois se endireita e olha para mim.

— Não fiquei desapontada. Eu estava deprimido.

— Caramba, valeu. Você é todo coração.

Ok, nem *todo* coração. Ele tem outro órgão de tamanho substancial, mas não estou pensando nisso.

Ele me leva pela rua com a mão em volta do meu braço, me rebocando como uma bagagem. Quando começo a mancar, ele para de repente e olha para mim.

— Meus pés doem. Não é grande...

Ele me pega de novo, me levantando em seus braços e

continuando como se fizesse isso todos os dias. O que talvez ele faça. Não tenho ideia de quantas vezes esse homem sequestra pessoas e as carrega por ruas chuvosas, cheias de cadáveres.

Ele me coloca ao lado de um Chevy Camaro preto, abre a porta do passageiro e me empurra para dentro. Ele bate a porta e trota para o lado do motorista, deslizando seu corpo grande no assento com uma graça surpreendente. Ele liga o carro.

— Cinto de segurança.

— Estamos roubando este carro?

— Você tem talento para perceber o óbvio.

— Que bom que o cara deixou as chaves na ignição.

— Não teria importado se ele não o fizesse. eis como fazer ligação direta em carros antigos.

— Uma habilidade que você aprendeu na prisão, sem dúvida. Você vai me deixar dirigir?

Quando ele me lança um olhar letal, digo: — Um cara que conheci na faculdade tinha um Camaro vermelho incrível que ele costumava me deixar...

— Cinto de segurança!

— Não há necessidade de gritar.

Ele se inclina sobre mim, agarra o cinto de segurança, puxa-o para baixo e o coloca no lugar. Então ele agarra o volante com tanta



força que é como se ele estivesse desejando que fosse o meu pescoço. Decolamos, o motor V8 do Camaro rugindo.

Enquanto corremos pela rua, dois SUVs pretos dobram a esquina e vêm em nossa direção.

— São seus homens?

— Sim.

— Então era só você e Sean contra todos aqueles outros caras? Como isso é possível? Havia cerca de uma dúzia deles. Você não tinha cartuchos de munição suficientes em sua arma. A menos que Sean tivesse uma arma de alta capacidade ou algo assim. Mas, ainda assim, ambos têm que ser *realmente* bons em tiro. Ou realmente sortudos. E para onde ele foi, afinal?

Ele murmura: — Jesus, Maria e José.

— Estou tentando te fazer um elogio aqui.

— Não, você está tentando me deixar louco.

— Ok tudo bem. Vou calar a boca.

Ele bufa.

— Estou falando sério. Vou ficar quieta de agora em diante. Mas estou avisando, você não vai gostar.

Encontro a alavanca na lateral do assento que o abaixa para trás. Recostada, tento ficar confortável e fecho os olhos.

O carro diminui a velocidade. Declan abaixa sua janela e

compartilha algumas palavras curtas em gaélico com um de seus homens dos SUVs. Em seguida, continuamos, dirigindo rápido, mas controlado para quem sabe onde.

Tento ignorar a dor na minha cabeça. Tenho mais sucesso em ignorar meu ombro latejante e pés doloridos, mas minha cabeça está doendo de verdade. Espero que sejam os efeitos colaterais da cetamina e não uma concussão, porque duvido seriamente que Declan concordaria em me levar a um hospital para examinar meu crânio em busca de rachaduras.

— Pés fora do painel.

Mordo minha língua e deslizo meus pés para fora do painel e os coloco no chão.

— Obrigado.

Não respondo. Tenho certeza de que é minha imaginação que me faz pensar que posso senti-lo olhando para mim. Eu e minhas pernas.

Depois de um longo tempo, ele disse baixinho: — Você estava certa sobre algo.

É preciso cada grama de força de vontade à minha disposição para não responder.

Quando não faço isso, ele exala um suspiro pesado. — Não vou te machucar. Você tem minha palavra.

Resisto à vontade de me sentar ereta na cadeira e gritar *Ha!* e finjo roncar um pouco.

Sua risada baixa é de alguma forma a coisa mais sexy que já ouvi.

Devo adormecer, porque a próxima coisa que sinto é Declan me baixando de seus braços fortes para a cama.

# 6

## DECLAN

É um milagre esse pequeno demônio tagarela e superconfiante poder parecer tão doce e inocente, mas ela consegue.

Enquanto a coloco na cama do quarto principal, ela pisca sonolenta para mim. Suas pálpebras estão pesadas. Suas bochechas estão vermelhas. Seu cabelo cai sobre o travesseiro, uma confusão de mechas escuras e sedosas que eu gostaria de pentear com meus dedos – não. Cristo. O que estou pensando?

Ela os morderia.

Olhando para mim, ela murmura: — Quero te dizer uma coisa, mas não estou falando com você. Boa noite, gângster.

Então ela vira de lado e prontamente cai no sono.

Fico na beira da cama e olho para ela, pasmo. Ela nem perguntou onde estamos. Ou para onde estamos indo. Ela também não piscou para todos os cadáveres que deixamos para trás.

Nunca conheci ninguém tão resistente. Tão destemida. Então, caramba...

Irritante.

Ou tão adequada. Ela tem pernas como as de uma dançarina, longas e ágeis, e uma bunda que eu poderia quicar a um quarto de hora. E aqueles seios dela...

*Pare.*

Frustrado comigo mesmo, fecho meus olhos e respiro fundo.

Normalmente não fico distraído assim. Mesmo em torno de uma mulher com um corpinho apertado como o dela. *Especialmente* perto de uma mulher com um caso extremo de diarreia verbal.

Gosto das quietas. Das submissas. Das que não me dão vontade de arrancar os cabelos e me incendiar. A cada hora que passo em sua companhia, minha simpatia por seu ex-namorado Stavros cresce.

Ex-amante. Ex-tanto faz. Estou começando a achar que o homem é um santo.

Tiro os sapatos e vou para a cozinha para me servir de um uísque. Bebo e me sirvo outro. Então vou para a parede de janelas da sala e fico olhando para a incrível vista cintilante de Boston à noite e engulo um grito.

Eu nunca quis isso.

Essa responsabilidade. Essa vida.

Sempre fui o homem em segundo plano. Aquele atrás da cortina, limpando a bagunça e fechando a retaguarda.

Não tenho apetite por fama. Prefiro operar nas sombras. Agora terei todos os chefes do crime organizado do mundo na minha cara.

Terei que negociar com eles. Fazer acordos com eles. *Trabalhar* com eles, quando tudo o que quero fazer é queimar seus impérios brutais.

Mas, como um homem sábio uma vez me disse há muito tempo, a melhor maneira de matar um ninho de cobras é por dentro. Mantenha seus amigos por perto e seus inimigos mais perto e toda essa merda.

Os russos. Os chineses. Os italianos. Os armênios. Os mexicanos... A lista continua. Quando comecei isso há muito tempo, pensei que estaria tornando o mundo um lugar melhor. Achei que estaria deixando pessoas inocentes mais seguras.

Mas aprendi da maneira mais difícil que, assim que uma cobra morre, outra toma seu lugar. Sempre há mais caras maus. Existe um suprimento infinito e ilimitado.

Isso me faz pensar se fiz alguma diferença.

Passo a mão no rosto, sacudo a escuridão e volto para a cozinha para servir um copo d'água. Deixo na mesa de cabeceira ao lado de uma Sloane silenciosamente adormecida, em seguida, vou para o chuveiro.

Depois disso, visto um terno limpo e sirvo um bule de café preto forte.

Vou precisar.

Porque assim que o sol nascer, um desfile de visitantes chegará de todos os cantos para apresentar seus respeitos ao novo rei.

# 7

## SLOANE

Quando acordo, levo um momento para me orientar no quarto estranho.

Tudo é feito em tons de cinza e preto. Os móveis são contemporâneos e masculinos. Uma lareira apagada domina um lado do quarto. Um sofá e cadeiras estão agrupados em uma área de estar próxima. Pesadas cortinas pretas estão fechadas nas janelas para que o ambiente fique escuro, mas um brilho pálido de uma porta aberta em minha frente fornece luz suficiente para ver o que me rodeia.

Sento-me tremendo. Não tenho ideia de que horas são ou de quanto tempo se passou, mas estou morrendo de fome e preciso fazer xixi.

O copo de água na mesa de cabeceira está lá como um desafio.

Ignorando-o porque provavelmente está drogado, balanço minhas pernas para o lado da cama king-size e passo pelo carpete de pelúcia em direção à porta aberta. Dentro dela, encontro um enorme banheiro principal. Luzes automáticas se acendem quando entro, iluminando hectares de mármore branco e vidro.



Uso o banheiro e procuro nas gavetas embaixo das pias até encontrar um tubo de pasta de dente. Faço o melhor que posso para escovar os dentes com o dedo, depois lavo o rosto e tento domar meu cabelo emaranhado com as mãos.

Não funciona. Pareço-me exatamente com o que sou: uma vítima de sequestro.

Exceto que odeio essa palavra. Fiz um grande esforço para evitar que isso fosse preso a mim. Depois de aceitar o rótulo de vítima, ele adere.

*Controle-se, Sloane. Respire fundo e lembre-se de quem diabos você é.*

Fecho meus olhos, me concentro e limpo minha mente.

*Não tenho roupa íntima limpa.*

Não sei por que esse é o primeiro pensamento que flutua em minha consciência, mas é. Respiro por um momento de pura raiva de Declan. Sem roupas, sem telefone celular, sem produtos de higiene, sem pílulas anticoncepcionais...

Ah Merda. Sem minhas pílulas, vou começar minha menstruação a qualquer minuto. E não vou estragar essa saia sujando-a com sangue. Está amarrotada e enrugada, mas nada que não possa ser consertado.

Preciso de uma muda de roupa.

Saindo do banheiro, encontro outra porta que leva a um closet. Luzes piscam aqui também. O armário está cheio de ternos

pretos idênticos pendurados em uma fileira, junto com uma fileira de camisas brancas idênticas. Alguns pares de jeans pretos completam seu guarda-roupa inteiro.

Abrindo uma gaveta na cômoda quadrada de madeira no meio da sala, encontro camisetas brancas perfeitamente dobradas. Outra gaveta revela cuecas de algodão perfeitamente dobradas, tanto pretas quanto brancas. Em uma terceira, encontro camisetas pretas, também dobradas como se estivessem à venda em uma loja.

Parece que Declan é um pouco restritivo em relação às roupas.

O que é fantástico, considerando que logo estarei sangrando por toda parte.

Tiro minha saia, camisa, jaqueta e calcinha, e coloco uma cueca branca. Elas são muito grandes e caem como fraldas, mas quem se importa. Em seguida, tiro uma das camisas brancas do cabide. Ele cai até a metade das minhas coxas quando a coloco. Arregaço as mangas e acabo de empurrar o último botão pelo orifício perto da bainha quando uma voz fala atrás de mim.

— O que você está fazendo?

Resisto ao instinto de me virar surpresa. Em vez disso, faço uma pausa por um momento e olho por cima do ombro.

Usando um de sua coleção de ternos pretos idênticos, Declan se inclina contra o batente da porta. Seus grandes braços estão cruzados sobre o peito. Sua expressão é cautelosa. Seus lindos olhos são infinitamente azuis.

— Sei que sua memória não é tão nítida porque você é um cidadão idoso, então vou lembrá-lo de que não estou falando com você.

Ele segura meu olhar apenas por tempo suficiente para fazer meu coração pular uma batida antes de responder. — E vou lembrá-la de que você não está no comando aqui.

*Não estou?*

Ele deve ver o pensamento passar pela minha cabeça, porque sua expressão escurece. Desdobrando os braços, ele dá um passo em minha direção.

Não me movo quando ele se aproxima. Não vou dar a ele essa satisfação.

Ele para a um pé de distância, tão perto que posso sentir o cheiro dele. Tão perto que posso ver que ele não fez a barba, que seus olhos estão injetados e que ele está exausto.

Em uma voz rouca, ele diz: — Não, você não está.

Ficamos assim por um momento, apenas olhando um para o outro, até que ele agarra meu ombro e me vira para encará-lo. Seus olhos fazem uma viagem pela minha figura, demorando-se nas minhas unhas pintadas, varrendo minhas pernas, prendendo-se na bainha de sua camisa onde ela encontra minhas coxas nuas.

Ele umedece os lábios.

Meu coração salta mais uma batida. Então outro.

— Você está vestindo minha camisa.

É uma afirmação, não uma pergunta, então decido que não requer uma resposta.

Após uma pausa crepitante, ele levanta a mão e segura a bainha entre dois dedos. Ele esfrega o material pensativamente, um músculo deslizando em sua mandíbula.

Alguém aumentou a temperatura novamente. Minhas mãos estão suadas, assim como minhas axilas, e o rubor subindo pelas minhas bochechas as faz queimar.

Com a voz uma oitava abaixo, ele diz: — O que você tem embaixo?

*Respire. Fique calma. Ele está apenas tentando intimidar você.* — Sua cueca.

— Você está usando minha cueca?

Seu olhar pisca para o meu. Eu nunca soube que olhos azuis podiam queimar tanto, mas eles queimam.

É a minha vez de umedecer os lábios. Ele observa o movimento da minha língua com o olhar penetrante de um predador.

— Caso você não tenha notado, não tenho nenhuma outra roupa.

Eu queria dizer em um tom de desinteresse frio, mas não consigo. Parece que acabei de correr um quilometro em quatro minutos.

A mão de Declan aperta meu ombro. A pulsação do lado de seu pescoço lateja.

*Putá merda, está quente aqui. Preciso sair deste armário antes de explodir em chamas.*

— Vou deixar você ir quando estiver pronta, — ele murmura.

Minha respiração presa sai com pressa. — Você não vai começar a ler minha mente. Isso não é algo que vai acontecer, então esqueça. Nem tente.

— Não posso evitar. Você tem um rosto como um livro aberto.

Incomodada com o quão gutural sua voz é, como estou suada e como meus ovários traidores decidiram dar um golpe em todo o meu sistema nervoso, balanço minha cabeça. — Não, não tenho. Sou tão legal quanto um pepino. Sou um cubo de gelo. Sou um gato.

— Um gato?

— Você sabe. Indiferente. Ilegível.

Mantendo contato visual comigo, ele desliza a mão pelo meu braço até chegar ao meu pulso. Ele o envolve com sua mão gigante, pressionando o polegar contra meu ponto de pulso.

Depois de um momento, ele diz suavemente: — Para um gatinho tão indiferente, você tem um batimento cardíaco bastante frenético.

— Isso acontece na minha família. — *Pare de ofegar! Por que diabos você está ofegante? Você parece um Labrador!*

O polegar de Declan se move lentamente para frente e para trás sobre a minha veia latejante e tagarela. Seu olhar cai para minha boca.

— Você gostaria de saber o que acontece na minha família, gatinha?

Há uma voz entre minhas pernas gritando – *Garoto, eu poderia!* – mas com um grande esforço, o ignoro.

Quando não respondo, Declan se inclina perto do meu ouvido e murmura: — Isso é o que pensei.

— Eu não disse nada.

— Sim, lass, você fez. Só não em palavras.

Quero gritar. Quero dar um soco na garganta dele. Quero pisar em seu dedo do pé e dar um tapa em seu rosto arrogante e cortar todos os ternos pretos estúpidos em seu armário em pedaços.

Em vez disso, reúno minha dignidade e digo calmamente: — Bem que você queria.

Ele inala contra meu pescoço, seu nariz roçando o ponto sensível debaixo do meu nariz. Isso faz com que meus braços se arrepiem.

Então ele se retira abruptamente e libera meu ombro. Ele dá um passo para trás, piscando, parecendo não ter certeza do que acabou de acontecer e também que gostaria de ficar com o olho roxo.

Ele enfia a mão no bolso da jaqueta e pega um telefone celular. Ele o empurra para mim.

— Aqui.

Ele faz uma pausa para limpar a garganta quando pego o telefone. — Meu número está programado. Se você precisar de algo, me mande uma mensagem. Você não pode discar, exceto para esse número. Não há conexão com a Internet. Não se preocupe em tentar entrar em contato com mais ninguém.

Ele vira sobre os calcanhares e sai do armário.

— Espere! — Corro atrás dele. Ele já está no meio do quarto. — Declan!

Ele para na porta. Sem se virar, ele diz rispidamente: — O quê?

— Por quanto tempo você vai me manter aqui?

— Por quanto tempo for necessário.

— Por quanto tempo for necessário para que?

Ele fica em silêncio por um momento, debatendo consigo mesmo, depois se vira e me encara. Sua expressão é sombria. — Eu não ia te dizer isso, mas aqueles rapazes do MS-13 que atiraram em nós? Não foi uma tentativa de resgate.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, eles estavam tentando nos matar. Ambos.

Um arrepio desce pela minha espinha. — Por que eles tentariam me matar? Você disse que Kage os enviou.

— Não, eu disse que seu sequestro não iria cair bem com ele. E

isso era preciso. Ele mobilizou seus próprios soldados para formar uma equipe de resgate. Mas de alguma forma, os outros sindicatos descobriram a identidade da minha carga também.

Carga. Não sou nada mais do que um pacote para essas pessoas. — E?

— Eu te disse. Estamos em guerra. Você é um membro valioso da Bratva.

— Uau. Espere. Não estou na máfia russa.

Declan me olha com olhos escuros e ilegíveis. — Você é amada por alguns que são.

*Natalie. Stavros. Oh Deus.* — Então você está dizendo que agora sou um gângster por padrão?

— O que você é, é um alvo. Por causa dos tiroteios ocorridos na reunião anual das famílias na véspera de Natal, Kazimir fechou todos os portos, interrompeu os dutos de distribuição, sabotou os embarques e interrompeu o fluxo de dinheiro. Todo mundo está sofrendo. Se as outras famílias colocarem as mãos em você, você será usada como moeda de troca ou...

Retorno.

Ele não tem que dizer isso. Entendo onde essa história leva.

Segurando seu olhar, digo: — E para que você vai me usar?

— Se eu quisesse você morta, você já estaria.



— Então, será uma negociação.

— Não estou negociando com esse lixo.

Há algo de odioso em seu tom, algo que sugere velhas vinganças e cicatrizes ainda mais antigas. Ele despreza Kage, isso está claro, mas também parece pensar que é superior a ele.

Como se um criminoso de extorsão, tráfico de drogas e lavagem de dinheiro fosse melhor do que outro.

— Se não sou uma moeda de troca para você, ou um meio de retaliação, o que sou? Por que estou aqui?

— Eu já disse a você, lass. No momento, é mais seguro para você comigo do que em qualquer outro lugar.

Então me ocorre: Declan salvou minha vida.

Se o que ele está dizendo é verdade e o MS-13 conseguisse colocar as mãos em mim... Não. Não vou pensar nisso.

Também não quero pensar no que significa que meu sequestrador se tornou meu protetor. Minha cabeça não está equipada para lidar com essa foda mental em particular ainda.

Há um milhão de coisas diferentes que quero dizer, coisas que fariam muito mais sentido, mas o que sai da minha boca surpreende a nós dois.

— Obrigada.

Não há uma palavra para descrever sua expressão. Talvez

confusa.

— O quê?

— Eu disse obrigada. Se o que você acabou de me dizer for verdade, você salvou minha vida. Devo-te uma.

Ele me encara como se eu fosse um alienígena que acabou de pousar em seu gramado e informou que precisava de seus rins ou uma raça inteira de seres inteligentes em alguma galáxia distante morreria.

Faço minha voz mais forte. — Não estou dizendo isso para deixá-lo com raiva.

— Eu sei.

— Oh. Ok. Então.

— Então.

Encaramo-nos. Estou ciente de cada centímetro de pele do meu corpo. Meu estômago aproveita a oportunidade para emitir um estrondo alto no silêncio constrangedor.

— Você precisa de comida. — Declan balança a cabeça como se a realização o deixasse irritado consigo mesmo por não ter pensado nisso antes.

— Sim. Por favor.

— Algo mais?

Quando hesito, ele diz: — Vou avisar sua amiga que você está bem.

Não entendo esse sequestrador educado e protetor. O que aconteceu com o idiota rosnando? — Obrigada. Novamente. Mas não era isso que eu estava pensando.

Ele pode ver que estou desconfortável. Ele levanta as sobrancelhas, esperando.

— Eu preciso de produtos de higiene pessoal. Coisas de garotas.

— Basta me enviar uma lista. Vou pegar o que você precisar.

Minha surpresa é tão grande que não consigo segurar. — Você vai me comprar absorventes internos?

Sua boca faz algo estranho. Ele está tentando não sorrir?

— Não. Vou enviar Kieran.

—Kieran não.

— Por que não?

— Estou tentando ficar do lado dele.

— Por quê?

— Não há nada que machuque mais o orgulho de um homem do que ser visto como fraco na frente de seus amigos. Não quero envergonhá-lo mais do que já fiz.

Declan inclina a cabeça, o que ele faz sempre que está realmente olhando para mim. Seus olhos são penetrantes. Examinando. *Descobrimo*.

Isso me deixa nervosa. — Posso precisar fazer ele se apaixonar por mim e me tirar daqui, ok? Jesus.

Ele ri, balançando a cabeça. — Ok.

Então ele suspira pesadamente, passa a mão pelo cabelo e parece se recompor. Erguendo-se e alisando a gravata com a mão, ele endireita os ombros e aperta o queixo.

Ocorre-me que ele não quer sair.

Não porque ele queira ficar comigo, mas porque o que quer ou quem quer que esteja esperando por ele, o deixa com medo.

Quando ele se vira para ir embora, digo impulsivamente: — Ei. Gângster.

Ele se vira, seu sorriso fraco. — Sim, lass?

— Você consegue.

Ele franze a testa um pouco, sem entender.

— Você me ouviu. O que quer que você esteja prestes a fazer, você fará muito bem. Basta respirar fundo e lembrar quem diabos você é.

Parecendo atordoado, ele repete fracamente: — Lembrar-me...?

— É o que sempre digo a mim mesma quando não estou me sentindo cem por cento. Lembre-se de quem você é.

Posso dizer que ele não quer perguntar, mas a curiosidade leva o melhor sobre ele. — E quem é você?

— A única de mim que já existiu ou existirá. Igual a você. Em uma palavra: insubstituível.

Seus lábios se abrem. Ele me olha por um longo e silencioso momento. — Você caiu muito de cabeça quando era um bebê. É isso, não é?

Tenho que sorrir com a profundidade de seu espanto. — Não. Não houve queda. Eu era a filha do meio, então fui praticamente ignorada. Mas aprendi a ser minha própria líder de torcida, e você sabe o que? Quanto mais você tenta acreditar em si mesmo, mais você realmente faz. Seu diálogo interno mental é muito poderoso. Você tem que manter isso positivo. Então vá lá, diga a si mesmo: 'Eu cuido disso' e acredite. Você vai ficar bem.

Agora ele parece zangado. — Você está me dando *um discurso estimulante?*

— Parece que você precisa de um.

Ele diz categoricamente: — Você não é deste planeta.

— Obrigada.

Irritado com o meu sorriso, seu velho brilho-que-poderia-derreter-aço retorna. Murmurando algo baixinho, ele se vira, abre a porta com um puxão e sai, batendo a porta atrás de si.

## 8

### DECLAN

Nem mesmo dez minutos mais tarde, os textos começam.

*Desculpe-me por incomodar tanto você.*

Quando ignoro esse, ela manda outro.

*Ok, – desculpe – pode ser exagerada. Aqui está a lista de coisas de que preciso.*

Ela envia uma lista tão longa que me arrependo de ter dado o telefone a ela. A lista inclui itens específicos de roupas, maquiagem, produtos de higiene e alimentos. Alimentos orgânicos, para ser exato, coisas exóticas das quais nunca ouvi falar, com nomes como rambutan<sup>6</sup>, cherimoya<sup>7</sup> e aguaje<sup>8</sup>. Além de quatro variedades diferentes de couve.

Há uma pausa de não mais do que cinco minutos, então os textos começam novamente com apenas alguns momentos entre cada um.

*Você já avisou a Natalie que estou bem? Estou preocupada com ela.*

*Sean está vivo? Eu não o vi sair da limusine. Também estou*

*preocupada com ele.*

*Por que não há televisão em seu quarto?*

*Existem fabricantes de ternos além da Armani, você sabe.*

*Lembre-se: você consegue.*

Finalmente tenho que desligar a campainha porque todo mundo continua me olhando de forma estranha. Estou em uma sala cheia de trinta mafiosos irlandeses que vieram prestar seus respeitos, e meu telefone está explodindo como o de um adolescente no meio de um colapso emocional.

Respondo: *VOCÊ NÃO ESTÁ FALANDO COMIGO, LEMBRA-SE?*

Ela envia de volta um emoji de dedo médio.

Não posso acreditar que essa porra é a minha vida.

# 9

## SLOANE

Trinta minutos depois que Declan saiu, Kieran entra, carregando uma bandeja com comida. Ele a coloca na mesa de centro e se vira para sair.

— Kieran?

Ele para no meio do caminho. Ele não se volta para mim. Ele simplesmente exala de pavor.

— Eu só queria perguntar como você está se sentindo.

Há uma pausa, então ele diz com seu forte sotaque irlandês: — O quê?

— Seu nariz. Você está bem?

Ele se vira apenas o suficiente para fazer uma carranca para mim por cima do ombro. — Pare de bancar o verme.

Caramba. Que visual adorável. — Não sei como isso se traduz para o inglês, mas acho que não é cortesia.

— Você me bateu.



— Hum. Ok?

— Não é tão valente agora, não é, lass?

Aparentemente, vamos percorrer toda a gama de gírias irlandesas obscuras antes que eu consiga um sim ou não. Preciso mover isso junto. — O creme de arnica vai ajudar com os hematomas. E lembre-se, o gelo é seu amigo.

Ele me encara como se estivesse tentando decidir entre empurrar minha mão em um triturador de lixo ou atropelar-me com o SUV.

Quando envio a ele um sorriso vencedor, ele resmunga baixinho e sai.

Testo a porta depois que ele bate atrás dele, mas está trancada. Sem sorte.

A bandeja que ele deixou está cheia de uma variedade de alimentos que agradariam a qualquer garoto de quinze anos. Há uma lata de Coca-Cola, um saco de M & M's de amendoim, um saco maior de charque, um saco do tamanho de uma festa de batatas fritas Lay's e um pote de molho ranch.

Agora entendo as mudanças de humor de Declan. Ele está com uma crise de açúcar total uma hora após cada refeição.

Há também – o horror – um sanduíche de mortadela com pão branco com uma fatia daquele tipo de queijo americano que vem embalado individualmente em plástico e permanecerá facilmente comestível durante a próxima era do gelo por causa de todos os conservantes embutidos em sua casca de laranja nuclear brilhante.

Pego a mortadela do sanduíche e cheiro. Não há muito cheiro porque está coberto por uma espessa camada de maionese. Limpo toda a maionese de um dos guardanapos que veio com a bandeja e dou uma mordidinha na carne.

Está tão salgado que provavelmente meus tornozelos já estão inchando. Como isso se qualifica como comida?

Cuspo. Então, mando outra mensagem para Declan.

*Se você está tentando me envenenar, está funcionando.*

Ele não respondeu nenhuma das minhas outras mensagens, então não estou esperando nada desta vez também. Mas em segundos, uma resposta vem.

*Finalmente, algumas boas notícias.*

Respondo de volta, sorrindo. *Oh, olhe, você encontrou seu senso de humor. Estava com o seu charme perdido?*

Sua resposta vem zunindo tão rápido que não tenho certeza de como ele conseguiu digitá-la.

*Por favor, não me interrompa enquanto estou te ignorando.*

Isso me faz rir alto.

*Boa, velhote. Quantos anos você tem, afinal?*

*Perto de outras pessoas – quarenta e dois. Perto de você, parece que são quarenta e duzentos.*

Ele é mais velho do que parece. Sorrindo para o telefone,

murmuro: — Ai. Selvagem.

Discuto enviar algo de volta, mas decido deixá-lo dar a última palavra. Talvez melhore sua disposição na próxima vez que o vir.

Provavelmente não, mas vou tentar.

No armário sob as pias de seu enorme banheiro, encontro aspirina, Neosporin, água oxigenada e curativos. Engulo duas aspirinas com um gole d'água da pia e tomo um banho. Depois de trancar a porta do banheiro primeiro, é claro.

Quando termino o banho, seco o cabelo com a toalha, visto a cueca e a camisa de Declan novamente e sento no vaso sanitário para cuidar da planta dos meus pés. Desinfecto-os com o peróxido, passo o creme antibacteriano e coloco um curativo em alguns dos piores cortes.

Então, sem mais nada para fazer e sem televisão para assistir, decido tentar dormir mais.

Já vasculhei todas as suas gavetas. Ele não guarda nada pessoal em seu espaço pessoal, o que acho muito interessante. Sem fotos, sem livros, sem joias, sem notas. Nem um único item em seu quarto poderia identificá-lo como ocupante. Apenas suas roupas, meticulosamente penduradas em seu armário e dobradas com tanta precisão nas gavetas, podiam identificar o espaço como pertencente a um homem. Todo o resto é neutro.

Vazio.

Ele poderia desaparecer sem deixar vestígios a qualquer

momento, e ninguém jamais saberia que ele esteve aqui.

O que, talvez, seja o ponto.

Mas isso me deixa curiosa. Sobre ele e sua vida, sobre o que levaria um homem a estar tão ausente em sua própria casa. Talvez ele tenha um monte de fotos de família na sala de estar, mas de alguma forma, duvido.

De alguma forma, duvido que ele tenha família.

Além da máfia, claro. Além de seus irmãos de armas, Declan parece muito com um lobo solitário.

Não tenho muito o que continuar, mas sempre fui intuitiva em relação às pessoas. E se minha intuição estiver certa, o homem que me mantém sob seu teto tem mais do que o número normal de segredos que um homem em sua posição teria.

Suspeito que seu proverbial armário não tenha apenas esqueletos. Tem cemitérios inteiros.

Puxando para baixo uma ponta do edredom de seda preta, rastejo sob os lençóis e me aconchego, ficando confortável. Depois de ficar imóvel por alguns minutos, as luzes automáticas diminuem. Caio no sono ao som do meu estômago roncando.

Algun tempo depois, acordo com o som de uma respiração ao meu lado.

Sem nem mesmo abrir os olhos, sei que é Declan. O aroma de hortelã-pimenta é uma revelação mortal, assim como o calor que ele está gerando. A temperatura corporal do homem é ajustada para o

máximo de forma permanente.

Depois de um momento, ele diz com uma voz pesada de cansaço: — Os quartos de hóspedes estão lotados. O sofá também. E não consigo dormir sentado em uma cadeira.

— Eu não ia sugerir que você deveria.

Ficamos em silêncio por um tempo, até que ele disse: — Você não comeu sua comida.

— Eu não queria ter diabetes.

Um farfalhar no travesseiro ao lado do meu me faz abrir os olhos. Ele está deitado de costas, mas virou a cabeça e está olhando para mim.

Ele tirou o paletó e os sapatos, mas, fora isso, está totalmente vestido. Sua mandíbula está dura. Seus olhos azuis estão com as pálpebras pesadas. Ele é muito, muito bonito.

— Você não está preocupada em acordar ao meu lado na cama?

Bocejo. — Você não gosta de mim. Não gosto de você. Não há chance de violação acidental.

— Muitas pessoas fazem sexo sem gostar uma da outra.

— Não soe tão chateado. Não estou insultando sua masculinidade. Tenho certeza de que você *poderia* me violentar se quisesse, mas sei que não. Além disso, você me deu sua palavra de que não me machucaria. Portanto, não vou me preocupar com isso.

Estou convenientemente ignorando o pequeno interlúdio em seu armário antes, por que quem diabos sabe do que se tratava? Eu não.

Ele vira a cabeça e olha para o teto. Depois de um tempo, ele diz: — Você não é normal.

— Obrigada.

— Cristo. Você acha que todo insulto é um elogio. Seu ego é como Teflon.

— Teflon? Não. Algo muito mais difícil do que isso.

— Sério, como você pode ser tão blasé sobre tudo? A única vez que te irritei foi quando te amordacei com minha gravata. Mas no minuto em que o tirei, você me agradeceu e voltou a ser... você.

Ele está começando a soar irritado. O que é um choque.

— Faço o melhor uso do que está ao meu alcance e pego o resto conforme acontece.

Segue-se um longo silêncio. Não é realmente silencioso, no entanto. É muito alto, na verdade, alto e cavernoso, ecoando com sua descrença.

— Você... você acabou de citar Epicteto?

— Você conhece os estoicos?

— Você está brincando comigo. Você *citou* Epicteto.

— É uma coisa boa eu ter aquele ego de Teflon de que você me acusou, porque meus sentimentos ficariam muito magoados agora,

gângster. O tamanho do meu intelecto não existe na proporção inversa ao tamanho dos meus seios.

Sua voz se eleva. — Você quase foi reprovada na faculdade. Você falhou em inglês, pelo amor de Deus, e é sua língua nativa!

— English Composition<sup>9</sup>, — corrijo. — E falhei porque era muito fácil, como o resto das minhas aulas.

Outro silêncio. Acho que vou quebrar seu cérebro.

— Isso não faz sentido. Você percebe que o que acabou de dizer não faz nenhum sentido, certo?

— Primeiro, respire fundo. Sua pressão arterial vai agradecer. Em segundo lugar, sou o tipo de pessoa que precisa de um desafio. Fico entediada com extrema facilidade. — Faço uma pausa. — Eu diria que isso é típico de pessoas com QI de nível genial, mas provavelmente só iria irritá-lo. Então vamos fingir que eu disse que é porque sou um Escorpião e deixar por isso mesmo. Espere – como você sabia que fui reprovada em inglês?

Seu suspiro é pesado e comunica que ele prefere ser amarrado a uma cadeira elétrica da prisão com o dedo do diretor pairando sobre o botão *Ligar* do que ter esta conversa.

— Fiz uma verificação de antecedentes em você.

Estou intrigada. — Mesmo? Que fascinante. Quando? O que mais isso te disse? Ah, então você já *sabe* que tenho um QI de gênio!

Ele murmura: — O que eu não daria por um ataque cardíaco

fulminante agora.

— Você só está bravo porque sou mais inteligente do que você.

Quando ele vira a cabeça para olhar para mim, ele me encontra sorrindo para ele. O que, é claro, o desencadeia de novo.

— Você *não* é mais inteligente do que eu.

— Não? Qual é o seu QI?

— Mais alto que o seu.

— Certo. Isso é o que todos os meninos dizem. Espere, deixe-me adivinhar. 130.

Ele diz com raiva: — Testei isso quando era um marginal.

— Seja lá o que isso for. 140.

— Jesus, Maria e José.

— Você continua chamando por eles, mas não acho que eles estão ouvindo. 150.

Quando ele apenas fica lá, fervendo de raiva, digo presunçosamente: — Ah. Menos de 150. Não admira que você esteja com raiva. Sou *muito* mais inteligente do que...

Ele rola em cima de mim, coloca a mão na minha boca e rosna: — Grude seu lábio superior ao inferior, para variar. E. Fique. *Quieta*.

A primeira coisa que me vem à mente é que ele está em cima de mim de novo. Estamos estabelecendo recordes para a maior



quantidade de contato de corpo inteiro entre duas pessoas que não estão fazendo sexo.

A próxima coisa que vem à mente é... nada.

Estou muito ocupada sentindo. Meu cérebro tornou-se inoperante. Não sou nada além de pele, osso e nervos em formigamento.

Há algo delicioso em seu peso. Ele é tão sólido. Sempre gostei de homens grandes, mas Declan é mais do que simplesmente grande. Ele é denso. Poderoso. Duro.

Em todos os lugares.

Fazemos contato visual. Sinto isso em minhas entranhas.

Depois de um momento, ele diz asperamente: — Você é a pessoa mais irritante que já conheci.

Sorrio. Porque sua mão está presa sobre minha boca, ele sente isso.

Ele murmura algo em gaélico. Não parece um elogio. — Vou tirar minha mão de sua boca. Você vai ficar quieta?

Aceno, tentando parecer séria.

— Você promete?

Depois de um tempo, decido ser honesta e balanço a cabeça.

— Então, não moverei minha mão.

Faço grandes olhos suplicantes para ele, piscando como uma ingênua tímida.

— Não.

Parece que estamos em um impasse. Então faço a única coisa que posso pensar que pode funcionar. Cavo meus dedos em suas costelas e faço cócegas nele.

Ele se sacode, xinga e rola para fora de mim, gritando. — Que diabos?

Apoiando-me nos cotovelos, sorrio com sua fúria. — Então o rei da selva tem um ponto fraco. Bom saber.

Sentado do outro lado da cama, ele me encara como se estivesse tentando fazer minha cabeça explodir.

— Não se preocupe. Não vou contar a ninguém.

— Isso é carma, não é? Estou sendo punido por algo que fiz em uma vida anterior.

— Você acredita em reencarnação? Isso é interessante. Sempre pensei...

Ele troveja: — Foi uma figura de linguagem!

— Sabe, acho que sua dieta está afetando negativamente o seu humor. Aposto que você não consegue fibra suficiente.

— *Roughage*<sup>10</sup>?

— Fibra.

— Sei o que significa, simplesmente não posso acreditar que você disse isso!

Franzo meus lábios e o considero. — Você provavelmente também poderia usar uma boa massagem de tecido profundo. Você está muito tenso, caso não tenha notado.

Olhando para mim, ele diz categoricamente: — Pergunto por que?

— Não, acho que isso é anterior a mim. Você tem um estilo de vida pouco saudável. Dieta pobre. Muito stress. Pouco sono. Isso soa familiar? Você está indo direto para aquele ataque cardíaco que você desejava antes.

Ele me encara por um instante, então se inclina, apoia os cotovelos nos joelhos, coloca a cabeça entre as mãos e geme.

Observo-o, alarmada. E se ele *tiver* um ataque cardíaco? Deus. Ficarei trancada aqui com seu grande cadáver até Kieran decidir fazer uma verificação de status em mim, quem sabe quantos dias depois.

Eu deveria pegar leve com ele. Melhor ainda...

Rastejo pelo colchão até onde ele está sentado, fico de joelhos e cravo meus polegares nos músculos duros de seus ombros.

Ele enrijece.

— Apenas respire, gângster. Sei o que estou fazendo. Você pode me agradecer mais tarde.

Rígido e silencioso, ele se senta perfeitamente imóvel na beira da cama enquanto trabalho meus dedos em seu trapézio e desço até sua escápula. Quando chego ao músculo rombóide, ele recua, respirando fundo.

Murmuro: — Desculpe. Melhor?

Suavizando a pressão, movo ao redor do nó em círculos lentos até ouvi-lo expirar. Quando o músculo cede repentinamente sob meus dedos, relaxando, ele geme baixinho.

É um som denso de prazer. Meu pulso dispara em resposta.

Movo-me para o outro ombro e repito o processo, massageando os músculos tensos, trabalhando meus dedos em sua dureza rochosa até que os sinto amolecer. Quando esfrego meus polegares no meio das costas e espinha, ele solta um suspiro tão cheio de tensão reprimida que quase sinto pena dele.

— Aqui, — digo suavemente. — Que tal assim?

Envolvo as duas mãos em volta de seu pescoço grosso e aperto.

Isso me dá outro gemido suave.

Decido que gosto desse som e esfrego círculos lentos com meus polegares ao redor da base de seu crânio em cada lado de sua coluna vertebral, onde sua cabeça encontra seu pescoço. Desta vez, ele não geme. Ele faz um som como o de um urso sonolento, um rugido baixo e masculino em seu peito.

— Bom?

Após uma pausa, ele murmura: — Bom.

Porque isso me deixa tão satisfeita, não tenho certeza. Continuo, trabalhando meus dedos na parte de trás de sua cabeça através de seu cabelo espesso, massageando seu crânio – é tão grande quanto o resto dele, esse cara tem uma cabeça – até eu alcançar suas têmporas.

Então ele congela, enrijecendo novamente.

É quando percebo que me inclinei tanto para frente que estou pressionada contra suas costas.

Isso não seria um problema, exceto que não estou usando sutiã.

E meus mamilos estão duros.

O que ele obviamente percebeu.

Afasto-me, meu coração martelando. Sento-me sobre os calcanhares, meus braços cruzados sobre o peito, esperando que ele faça ou diga algo. Esperando que ele me diga que sou irritante, ou grite comigo, ou saia do quarto e bata a porta.

Mas ele apenas fica sentado lá, em silêncio.

Quando estou prestes a voltar para a cama e mergulhar sob as cobertas para me esconder de vergonha, ele diz: — Obrigado.

É baixo. Também é sincero. Estou aliviada, mas também confusa, porque não tenho ideia do que ele está pensando.

— De nada.

Há outro silêncio crepitante. — Vou mandar você para casa

assim que resolver a logística.

Isso me surpreende. — Mas você não queria me fazer perguntas? Não é por isso que você se deu ao trabalho de me trazer aqui?

— Isso foi ideia do Diego.

— Diego era seu chefe?

— Sim.

— E agora Diego está... — Hesito em dizer *morto*, mas ele entende mesmo assim.

— Sim.

— Certo. Sinto muito pela sua perda.

Ele vira a cabeça. — Por quê? Você não o conhecia.

— Não, mas conheço você.

— Que diferença isso faz?

— Não gosto de ver ninguém sofrendo, mesmo que seja meu sequestrador.

Ele está ficando bravo de novo. Posso sentir isso. A atmosfera muda com seu temperamento. Ele fica ameaçador, como acontece com uma tempestade que se aproxima.

— Por que isso te deixa com raiva? Não estou mentindo.

Ele diz rispidamente: — Sei que você não está. É por isso que me

deixa com raiva.

— Não entendo.

— Eu não esperaria que você fizesse.

Ele se levanta, calça os sapatos e o casaco, vai até a porta e sai, fechando-a silenciosamente atrás de si.

# 10

## DECLAN

Quando retorno à sala de estar, Kieran toma um olhar em meu rosto e ri.

— Ela pegou você também, hein?

*E como.*

Sei que ele quis dizer que ela me atingiu da maneira que fez, que faz um homem querer se jogar em uma piscina de tubarões para escapar, porque uma morte rápida e violenta é preferível à lenta e agonizante causada por passar um tempo em sua companhia.

Mas ela me atingiu de outra maneira. Muito pior. E muito mais perigosa do que uma piscina de tubarões.

Ela é gentil.

Ela se preocupa com outras pessoas. Ela percebe a dor deles. Ela tem empatia – mesmo com seu sequestrador de merda.

Ela também é engraçada. Engraçada, perspicaz e inteligente. Ela conhece Epicteto, pelo amor de Deus, e *ninguém* o conhece.



Pior de tudo, ela é completamente imperturbável. É como seu superpoder. Ela acorda na cama comigo ao lado dela, e sua reação é um bocejo.

Um *bocejo* de merda. Quem é essa mulher?

Com raiva de mim mesmo por estar intrigado, faço uma lista:

Esta é a mulher que matou quatro dos meus homens.

Esta é a mulher que iniciou uma guerra entre todas as famílias.

Esta é a mulher que fode os membros da máfia russa e é a melhor amiga de longa data da namorada do *chefe* da máfia russa.

A mulher que não consegue calar a boca por mais de dez segundos.

A mulher que não “mantém” namorados.

A mulher com lindos olhos verdes e pernas que duram dias e um par de seios fartos e exuberantes que imploram para ser apertados, lambidos e...

— Pegue um uísque para mim, — estalo para Kieran, soando como se eu estivesse ordenando que ele me desse uma arma em vez disso.

Ele se afasta, balançando a cabeça.

Putá merda. Estou amolecendo.

Quando ele volta com a bebida, engulo de um só gole. — Tommy voltou da loja?

— Sim.

— Bom. Prepare outra bandeja e traga para ela.

Kieran faz uma careta. — Por que eu?

— Ela gosta de você.

Ele não poderia estar mais chocado se eu tivesse me acertado e dado um soco no estômago. — Eu? Oh! Ela quebrou meu nariz!

— Ela se sente mal com isso.

— Sim? — Ele faz uma pausa. — Ela me disse isso também. Achei que ela estava puxando meu saco. Rindo de mim.

— Não.

— Huh.

Ele reorganiza algumas coisas em sua cabeça, então dá de ombros. — Bem, sou bastante simpático.

*Meu Deus, ele também não.*

Minha carranca o manda correndo para a cozinha.

Tento voltar minha atenção para todas as coisas que precisam ser feitas, os telefonemas e reuniões e o planejamento estratégico. Mas tudo em que consigo pensar é no demônio de olhos verdes na minha cama, vestindo minhas roupas, deitado debaixo do meu corpo, sorrindo para mim.

Esfregando a tensão em meus ombros com mãos

surpreendentemente fortes.

Dizendo baixinho: — Está bom?

Tenho que tirá-la desta casa antes que meu pau me faça fazer algo estúpido.

Em uma vida cheia de pecados imperdoáveis, dormir com o inimigo seria o pior.

# 11

## SLOANE

Estou tentando decidir que coisa espertinha mandar em uma mensagem de texto para Declan quando Kieran volta, carregando outra bandeja.

Ele a coloca na mesinha de centro ao lado daquela com todas as porcarias. Quando ele se endireita, ele limpa a garganta. — Aqui está... — Ele olha para a bandeja, fazendo uma careta. — Comida.

— Oh, ótimo. Obrigada. Mmm, grama de trigo. E você encontrou a couve Lacinato!

— Não posso levar o crédito. Tommy fez as compras.

— Tudo bem. Você trouxe. Eu agradeço.

Ele olha para mim. Ele olha de volta para a bandeja. — Você realmente vai comer isso?

— É super bom. Cheio de vitaminas. Quer experimentar?

— Parece um recorte de grama.

— Não, é realmente gostoso. Prometo. Você provavelmente não

gostaria cru. Isso leva um pouco de tempo para se acostumar. Mas eu poderia cozinhar para você. Refogado com um pouco de alho e azeite, fica divino.

Ele me encara com uma expressão estranha. Não posso dizer se ele está horrorizado ou atordoado.

— Talvez Declan me deixasse usar a cozinha. Adoro cozinhar. Eu poderia fazer comida para todos vocês, toda a equipe. Quando foi a última vez que você fez uma refeição caseira?

Kieran abre a boca, pensa um momento, depois a fecha.

— Eu sabia. Ouça, veja se você consegue que Declan concorde em me deixar entrar na cozinha, e vou organizar, ok? E se ele disser não, diga a ele que você e eu temos um acordo. Você se lembra, do avião? Se você precisar que eu faça algo, é só me perguntar. Seu chefe gosta de ladrar ordens para todo lado, e isso realmente não é minha praia, mas você e eu somos copacéticos.

— Copa...

— Significa que somos amigos.

Ele não poderia parecer mais surpreso se tentasse. — Somos?

— Sim.

— Oh.

— Certo. Então, se Declan disser que não posso entrar na cozinha porque há facas lá e ele acha que vou atacá-lo com um cutelo, você pode simplesmente pedir que eu as entregue e não haverá mais

facas. Como queira. Isso é apenas um exemplo. Meu ponto é que vou honrar *seus* pedidos, porque sei que você vai fazê-los para mim educadamente. Com respeito. Certo?

— Uh... certo.

Ele não tem ideia do que está acontecendo. Honestamente, não há nada mais adorável do que um homem confuso. Especialmente quando eles são enormes e armados.

Sorrio, agradeço a ele novamente e o levo até a porta. Ele sai em uma névoa de incerteza.

Vinte minutos depois, quando estou terminando minha refeição, Declan entra repentinamente.

Ele responde: — O que você fez com Kieran?

— Moi? — Digo inocentemente.

— Sim, você.

— O que você quer dizer?

Ele parece desconfiado com o meu tom de surpresa ferida. — Quero dizer, ele entrou nesta sala trabalhando para mim e saiu trabalhando para você. De repente, ele pensa que é seu maldito escravo!

— Prefiro o termo mordomo.

Declan estreita os olhos. — Não abuse da sorte, lass.

— Oh, não amontoe suas calcinhas em um monte,

gângster. Acabei de dizer que gostaria de cozinhar para ele, só isso. Você pode culpar o cara por querer uma refeição caseira?

Quando ele fica parado em silêncio, olhando para mim com indignação, acrescento: — Acho que ele precisa de alguém para cuidar dele. Estou supondo que sua pressão arterial também não é o que deveria ser.

Quase posso ver o cabelo de Declan caindo, mecha por mecha.

Sorrio para ele. — Alguma atualização sobre as roupas que eu preciso? Eu mataria por um par de lululemons<sup>1</sup> agora.

Ele murmura: — Você provavelmente não deveria mencionar a palavra matar no momento.

Deus, é tão satisfatório irritá-lo. Pode ser minha nova coisa favorita. Meu sorriso fica mais largo. — Você sabe o que penso?

— O que quer que você vá dizer, não diga.

— Acho que você só queria uma desculpa para voltar aqui e me ver.

— E acho que te chamar de idiota seria te dar muito crédito.

Eu ri. — Um bom. Quanto tempo você demorou para descobrir como usar a internet para pesquisar isso, vovô?

— Seus pais são irmão e irmã, não são?

— Oh, olhe, finalmente temos algo em comum!

Seu rosto fica vermelho. Suas mãos se fecham em punhos ao

lado do corpo. Ele fica ali me olhando com fúria silenciosa e sem piscar, respirando com dificuldade e cerrando os dentes com ainda mais força.

Finalmente consegui. Declan está prestes a cair morto de raiva.

Levanto-me, limpo minhas mãos em um guardanapo e vou até ele. Olhando para o rosto zangado dele, digo: — Gostaria de mostrar um truque que pode ajudá-lo a lidar com situações estressantes.

— E eu gostaria de mostrar a você o interior de uma masmorra, mas nem sempre podemos conseguir o que queremos.

— Fique quieto por um minuto, gângster.

— Você primeiro.

Isso me faz revirar os olhos. — Estou tentando ser útil aqui.

— Eu não precisava de nenhuma ajuda até conhecer você.

Meu sorriso é doce. — Você quer dizer me sequestrou. Como eu estava dizendo, um truque. Respiro lentamente e conto até quatro, prendo a respiração enquanto conto até quatro, expiro contando até quatro, depois espero respirar novamente até contar até quatro.

Ele me olha com uma expressão de nojo. — Parabéns. Você sabe como prender a respiração. Será útil depois que eu colocar os sapatos de cimento em seus pés e jogá-la no porto.

— Não, bobo, estou respirando em quadrados! Meu pai me ensinou como fazer.



— Seu pai teve que te ensinar como respirar? Que surpresa. Pena que ele não colocou um travesseiro sobre seu rosto primeiro.

Dou um tapa em seu bíceps duro como pedra. — Você vai me ouvir?

— Estou. Esse é o problema.

— A técnica de respiração em quadrados é algo que ele aprendeu na Marinha. É uma excelente forma de acalmar o sistema nervoso e concentrar a mente. Tente. Podemos fazer isso juntos.

— Prefiro ser queimado vivo.

— Oh vamos lá! Juro, funciona.

Levanto meus braços e faço um grande show ao inalar. Declan murmura algum tipo de maldição vodu. Prendo a respiração, fazendo olhos arregalados para ele, e ele geme. Quando exalo, lentamente deixo cair meus braços para a contagem silenciosa em minha cabeça. Ele está olhando para o teto, suspirando.

— Você é como um câncer. Só não é tão divertido.

Cutuco-o no peito com um dedo. — Apenas tente. Não achei que você fosse do tipo que hiperventila, mas estou começando a achar que estava errada.

Ele abaixa a cabeça e me encara. — Para sua informação, estou familiarizado com a técnica de respiração em quadrados.

Isso tira o fôlego de minhas velas. — Oh. — Encaramo-nos por

um momento, até que me ilumino. — Veja, funcionou!

— Sobre o que você está tagarelando agora?

— Você não está mais bravo. Você se acalmou.

— Como funcionou? Não fui eu quem respirou pesadamente.

— Eu sei, mas *me* ver fazendo a técnica de respiração em quadrados acalmou *você*. Isso é muito eficaz. Pode até funcionar em outras pessoas por osmose!

Ele me encara por um instante, olhos azuis febris com o desejo de cometer homicídio. Sua voz sai grossa. — Posso dizer honestamente, e quero dizer com toda a sinceridade, nunca conheci ninguém como você, lass.

Meu sorriso pode cegar um homem. — De nada. Ah, a propósito, eu estava pensando.

— Machucou?

— Olhe para você com as respostas rápidas! Sou uma boa influência para você.

— Se você está sendo uma *boa* influência para mim, devo me matar imediatamente.

Aceno isso. — Acho que descobri por que você vive dizendo que comecei uma guerra. E você está errado.

Ele me encara por um momento. — Tenho a sensação de que deveria sentar-me para isso.

Aponto para a cadeira mais próxima. — Seja meu convidado.

— Você se lembra que esta é a minha casa, correto? Você é *minha* convidada.

— Fui promovida de cativa a convidada? Legal.

Ele franze a testa. — Não. Isso não é o que eu – oh, merda. Deixa *pra* lá.

Ele se joga na cadeira e fica sentado como se estivesse na sala de espera da Morte, rezando para que seu número seja chamado.

Sento-me em frente a ele e dobro minhas pernas debaixo de mim. Quando ele direciona sua carranca para minhas pernas dobradas, simplesmente sorrio. — Como eu estava dizendo. Essa guerra que você continua me acusando de começar. Tudo começou com um jantar no La Cantina em Lake Tahoe, não é?

Ele não responde.

— Ok, talvez você não soubesse disso. Ou você fez, e você está apenas sendo seu eu estonteante e charmoso de sempre. De qualquer forma, lembro-me de Stavros me dizendo que uma guerra estava se formando. Bem, tecnicamente, ele não me disse, eu ouvi. Ok, tudo bem, eu estava espionando ele e sua equipe, mas o que quero dizer é que isso foi apenas alguns dias depois do tiroteio em La Cantina, onde alguns gângsteres irlandeses foram mortos. Essa parte você obviamente conhece.

Paro, examinando sua expressão. — Por que você está tão quieto?

— Não planejo assassinato em voz alta.

— Ha. De volta aos gângsteres irlandeses mortos. Eles vieram à nossa mesa durante o jantar e trocaram palavras com Stavros. Não me pergunte o que foi dito, porque estava tudo em russo e gaélico, mas toda a confusão começou em primeiro lugar porque um dos irlandeses deu um tapa na minha bunda quando eu estava andando ao lado de Stavros a caminho de nossa mesa quando Stavros quase explodiu, mas consegui fazê-lo ir embora. Mas tudo foi para os ares quando o Sr. Batedor de Bundas apareceu novamente no meio do jantar.

Declan se inclina para frente e apoia os cotovelos nos joelhos. Ele junta os dedos sob o queixo e diz baixinho: — Já lhe ocorreu que sei exatamente o que aconteceu dentro daquele restaurante?

— Como você poderia saber se você não estava lá?

— Eu sei tudo.

Zombo. — Então você é onisciente? Por favor.

— A questão é que sei que você foi a razão de tudo ter dado errado em primeiro lugar. *Você*, balançando aquela bunda naquele minúsculo vestido branco que você estava usando. *Você*, exibindo-se como se fosse a dona do lugar. *Você*, exibindo aquele sorriso para todo homem por quem passava, embora já tivesse um no braço.

A raiva se desenrola como as espirais de uma cobra dentro da minha barriga. Sento na minha cadeira e olho para ele.

— Essa é uma pequena manipulação desagradável chamada

“culpa da vítima”. Não que eu seja uma vítima, mas a premissa se mantém, e é uma besteira completa.

Sua voz endurece. — Esses homens mortos não são uma besteira.

— Não, mas você está suplicando suas mortes como a consequência inevitável de ver minha bunda e meu sorriso. Homens puxando armas uns contra os outros porque uma mulher sorriu na direção errada é causado por seus egos infantis, agressão desenfreada e senso exagerado de direito, *não* por ela.

Encaramo-nos. Em algum lugar da sala, um relógio bate.

Ou talvez seja a bomba que ele armou para mim.

Segurando seu olhar duro, digo mais suavemente, — Você sabe que estou certa. E entendo que a perda de seus homens deve ser difícil para você. Mas as pessoas são responsáveis por suas próprias ações. É injusto – para não mencionar impreciso – atribuir esta guerra a mim.

Ele fecha os olhos. Ele fica em silêncio pelo que parece muito tempo. Não tenho ideia do que ele está pensando, até que diz baixinho: — Sim.

Quase caio da cadeira.

Quando ele abre os olhos e vê meu rosto, sua expressão fica amarga. — Eu poderia passar sem o regozijo sangrento.

— É mais como um choque. Mas tentarei.

Ele se levanta e começa a andar. Observo-o andando para frente

e para trás em agitação e decido a deixá-lo trabalhar sem interrupção. Parece que ele está preparando algo importante naquela sua cabeça gigante.

Se eu tiver sorte, pode ser para meu benefício.

Ele se detém e me encara pelo nariz. Um ditador implacável não poderia parecer mais imperioso. Ele comanda: — Diga-me tudo o que você sabe sobre Kazimir Portnov.

— Primeiro: não. Segundo: por quê?

— Porque ele é meu inimigo. E você é minha cativa. E você o *conhece*.

— Sim, o conheço. Ele é meu amigo.

Quando isso faz os olhos de Declan ficarem pretos, digo: — Ok, tecnicamente não somos *amigos*. Só o conheci formalmente uma vez, no jantar. Mas minha amiga está loucamente apaixonada pelo cara e é uma pessoa extraordinariamente boa. Ela é praticamente a Madre Teresa. Se ela gosta dele, ele não pode ser tão mau.

— Mulheres apaixonadas são notoriamente péssimas juízas de caráter.

Ele diz isso tão sombriamente, com tanta dor crua por trás das palavras, que me faz parar e pensar. — Você tem experiência nesse departamento, não é?

Ele passa direto por isso e exige: — Como sua amiga o conheceu?

Levo um momento para me recompor, sabendo que o que vou dizer não vai acabar bem. E só Deus sabe como Declan vai reagir, considerando o humor em que está. Mas tem que ser dito.

Existem apenas algumas linhas que não podem ser cruzadas.

Olho-o diretamente em seus olhos azuis gelados. — Digo isso não por desrespeito a você, mas por amor e lealdade ao meu amigo. Não é da sua conta.

Quando ele abre a boca – sem dúvida para gritar uma ameaça – falo por cima dele, minha voz alta.

— Eu nunca, jamais, nem em um milhão de anos trairei Natalie. Faça o que quiser comigo. Bata-me, me deixe com fome, me mantenha trancada neste quarto para sempre, não me importo. Ela é todas as melhores partes de mim, e uma pessoa melhor do que eu jamais poderia sonhar ser, e a amo como uma irmã. Retiro o que disse – a amo *mais do* que minha irmã. E não de um jeito gay, antes de começar de novo. Simplesmente a amo. O que significa que atenho suas costas. O que significa que não estou lhe contando merda nenhuma sobre ela *ou* seu homem, não importa o quanto você não goste.

Fico com a intenção de virar as costas para ele e ir embora, mas esse plano sai pela janela quando a sala escorrega para o lado e começa a girar violentamente.

Então tudo fica escuro e caio.

# 12

## DECLAN

Isso aconteceu rápido.

Um momento, ela está de pé. No próximo, ela cai no chão, suas pernas cedendo como se tivessem ficado sem ossos. Sua expressão muda em um flash de irritação para surpresa.

Não medo. Não choque. Simples surpresa, como se ela estivesse pensando. *Isso é novo* antes de perder a consciência.

Os instintos me fazem reagir sem precisar pensar. Pego-a e a coloco no carpete. Ela está completamente mole em meus braços. Sua boca está frouxa. Seu rosto está pálido.

Percebi que a cor dela sumiu de seu rosto alguns minutos atrás, mas atribuí isso à raiva de mim. Parece ser algo muito mais sinistro.

Eu deveria saber. Esta não é uma mulher que fica chateada com uma discussão. Ou de qualquer outra coisa. Godzilla poderia irromper pela porta, e ela provavelmente diria a ele calmamente para dar o fora e então voltaria direto para o que quer que estivesse fazendo.

Fazer um trato com o diabo pelas almas de todos que a



desagradaram ou algo parecido.

— Lass. Lass, você pode me ouvir?

Ouçõ como minha voz é áspera e ansiosa, mas estou muito ocupado focando nela para me importar. Inclinando-me sobre ela em minhas mãos e joelhos, tiro uma mecha de cabelo escuro de seu rosto. Ela não responde. Bato levemente em sua bochecha pálida.

Seus olhos se movem inquietos sob as pálpebras. Ela exala um leve gemido. Suas pálpebras tremem, então seus cílios levantam e ela olha para mim. Seu olhar está nebuloso e sem foco.

— Oh, uau, — ela sussurra, parecendo impressionada. — Tão azul.

Algo em sua expressão atordoada dispara um alarme no fundo da minha mente. — Você está bem? Você pode se sentar?

Ela pisca lentamente. Então ela sorri e estende a mão para tocar meu rosto. Ela passa os dedos suavemente pela minha bochecha até o queixo, então suspira de prazer. Ela fecha os olhos novamente, sorrindo.

Algo está muito errado.

— Vou mover você, lass.

Pego-a e a carrego pelo quarto e a coloco na cama, ajustando sua cabeça no travesseiro. Quando meus dedos tocam sua nuca, ela faz um pequeno ruído de desconforto.

*Putá merda. Isso é um grande hematoma.* Franzindo a testa, corro

meus dedos suavemente sobre a área inchada.

Ela estremece, então abre os olhos e me olha com um olhar frio. — Sei que sou irresistível, gângster, mas pare de me acariciar. — Ela faz uma pausa. — Por que você parece preocupado?

— Você desmaiou.

Isso a faz rir. — Por favor. Eu nunca faria uma coisa dessas.

— Qual é a última coisa que você lembra?

Ela faz uma nova pausa para pensar. — Dizendo para você chupar meu pau. Falando figurativamente.

— Qualquer coisa depois disso? Gostar de tocar meu rosto?

Ela torce o nariz. É quase adorável. — Você me drogou de novo para me fazer ficar quieta, não foi?

— Contra meu melhor julgamento, não.

— De jeito nenhum eu toquei seu rosto, a menos que estivesse tentando arrancar seus olhos.

Quando fico em silêncio, seus olhos se arregalam em alarme.

— Não.

— Sim. Passou os dedos pela minha bochecha como se ela fosse feita de vison. — Para ver como ela vai lidar com isso, escorrego: — Você também me disse como sou bonito.

Seu sorriso retorna. — Agora *sei que* você está mentindo.

Ela não me acha bonito? Isso dói. Não me importo com a opinião dela, é claro, só que as mulheres estão sempre me dizendo como sou bonito.

Espera. Esqueci. Ela não é mulher. Ela é uma banshee <sup>12</sup>furiosa que come a sanidade dos homens no jantar.

— Diga-me como você acabou deitada na cama, então.

Ela olha em volta como se tentasse se lembrar. Quando seus olhos encontram os meus novamente, vejo sua frustração.

— Porra de asfalto.

— Volte novamente?

— Bati minha cabeça no chão na garagem quando você me puxou para fora do carro e me deixou cair. Acertei com muita força, na verdade. Acho que desmaiei antes mesmo de você me dar a cetamina.

Não gosto do som disso, mas ela está errada em um ponto. Parece estranhamente importante corrigi-la. — Não fui eu quem puxou você para fora do carro.

— Sim, você fez, eu vi... Oh. Agora que você mencionou, não vi o rosto da pessoa que fez isso.

— Não fui eu.

— Quem era, então?

— Por que isso importa?

— Então, sei de quem ficar com raiva.

Kieran foi quem a tirou do Bentley de Kazimir e a largou antes de jogá-la em nosso SUV, mas não vou dizer isso a ela.

Por outro lado, talvez ela o demita de ser seu novo melhor amigo e as coisas voltem ao normal por aqui. Ele realmente teve a coragem de sugerir que eu deveria deixá-la entrar na cozinha para cozinhar para nós.

Como se não fosse causar um motim se eu tentasse servir aos meus homens a comida de coelho que ela come.

Mas decido que a última coisa que alguém precisa no momento é essa banshee tagarela da Tinker Bell carregando uma vingança contra ele. Já temos problemas suficientes.

— Esqueça. Mas vou chamar o médico para dar uma olhada em você.

Ajudo-a a se sentar. A cor está voltando para suas bochechas, o que é bom, mas ela ainda parece um pouco trêmula. Reprimos o desejo ridículo de dar um abraço reconfortante e, em vez disso, dou um passo para trás.

Ela olha para mim, semicerrando os olhos. — Você disse médico?

— Não me diga que seus ouvidos também não estão funcionando.

— Eles estão funcionando. Estou apenas surpresa.

— Pelo que?

— Que você faria isso por mim.

O jeito que ela está olhando para mim é estranho. Ela quase parece agradecida. Até parece...

Ela gosta de mim.

O que é pura fantasia da minha parte. A mulher me despreza. Talvez eu também tenha batido com a cabeça no asfalto.

Minha voz sai rouca. — Você não é boa para mim morta.

— Que diferença faz se eu estiver morta? Você disse que estava trabalhando para me levar para casa. Você não precisa mais de mim. Certo?

Ela parece curiosa. Ou isso é suspeita? Não sei dizer. — Eu não disse que não precisava de você.

Assim que sai, fico horrorizado *pra* caralho. Sei exatamente o quão ruim soou.

Se eu não soubesse, a expressão no rosto de Sloane me daria uma dica.

Olhos verdes tão acentuados como a borda de uma lâmina, ela diz, — Então você *precisa* de mim? Para que, exatamente?

Rosno, — Prática de tiro ao alvo.

Seu olhar está firme. Sem piscar. Desanimador.

Ela diz baixinho: — Gângster... Você tem uma queda por mim?

— *Não.*

— Porque ninguém iria culpar você se você fizesse.

— Jesus. Você está louca.

— E eu disse que isso iria acontecer.

Trovejo: — Isso não aconteceu! *Nada aconteceu!*

— Não?

Ela se levanta e se aproxima de mim. Dou um passo para trás, então me amaldiçoo silenciosamente e mantenho minha posição enquanto ela se aproxima.

Quando ela para, está tão perto que posso sentir o cheiro do shampoo que ela usa para lavar o cabelo. *Meu* shampoo. Esse é o meu sabonete também, na sua pele. E minha camisa que ela está vestindo.

E minhas cuecas, a menos que ela as tirou.

*Porra, ela as tirou? Ela está nua debaixo da minha camisa?*

Olhando para o meu rosto, ela diz: — Irei julgar isso.

Então ela fica na ponta dos pés e me beija.

# 13

## SLOANE

É como beijar uma parede de tijolos.

Não, isso não está certo. Deixe-me reformular.

É como beijar uma parede de tijolos congelados e raivosos que odeia você e tudo o que você representa, que nutrem um rancor de toda a vida contra você e fizeram um voto de honra que iriam matá-la para vingar o assassinato de seu pai.

A boca de Declan é dura, fria e inflexível. De alguma forma, seus lábios transmitem que preferem ser injetados com o vírus Ebola a sofrer o nojo absoluto de conhecer os meus.

Ele enrola as mãos em volta dos meus ombros e me empurra. Segurando-me com o braço estendido, ele me encara como se eu fosse um cachorrinho que acabou de defecar em seu par de sapatos favorito.

Nuvens de tempestade se reuniram sobre sua cabeça, ele disse sombriamente, — Nunca. Faça. Isso. De. Novo.

— Não vou. Desculpa. — Minha risada é pequena e

envergonhada. — Às vezes, minha autoconfiança exagera um pouco.

— Você *acha*?

— Hum. sim. Mas não é minha culpa.

— Não elabore. Pelo amor de Deus, não diga mais nenhuma palavra.

— É que a maioria dos homens é meio... fácil. Acho que você não é.

— Não, — ele rosna, os lábios curvados. — *Não* sou.

Ele está me mantendo longe dele como se eu fosse contagiosa. Como se ele estivesse desejando que houvesse uma janela aberta bem atrás de mim. Ou um poço sem fundo.

Desnecessário dizer que está murchando. Estou obviamente perdendo minha vantagem. Ou talvez seja minha mente que estou perdendo. Eu poderia jurar que ele olhou para mim com saudade.

Viro-me e sento na beira da cama, cruzando as mãos entre os joelhos e evitando seus olhos.

Sem outra palavra, Declan vira e sai.



Quando ele retorna muitas horas depois, ele traz outro homem com ele.



— O médico, — ele anuncia, em seguida, nos deixando sozinhos.

Depois que a porta bate atrás de Declan, o homenzinho de terno azul tira o chapéu e o coloca na mesa de centro. Ele coloca sua bolsa preta ao lado do chapéu e remove um estetoscópio.

— Não há nada de errado com meu coração ou pulmões. É com a minha cabeça que devemos nos preocupar.

O médico se endireita e olha para mim. Ele tem cerca de sessenta anos, cabelos brancos e um sorriso amável. — Apenas cumprindo ordens, querida. Tenho certeza de que você entende.

— Oh. Certo. Onde você me quer?

Ele aponta para uma cadeira, na qual me sento. — Então você é um médico da máfia? Deve ser uma linha de trabalho interessante. Quantos ferimentos à bala você costurou?

O médico se vira e olha para mim, parecendo estar gostando de alguma piada particular.

— O quê?

Ele diz calorosamente: — Sr. O'Donnell me avisou que você era faladora. Não há nada pior do que uma mulher quieta, eu disse a ele, porque isso significa apenas que elas não estão tramando nada de bom. Ele parecia pensar que você não estava fazendo nada de bom, independentemente.

Ele coloca os botões do estetoscópio nos ouvidos. — Cuidado com o lado ruim dele, senhorita. Ele tem um certo temperamento.

— Seu lado ruim? — Minha risada é seca. — Você diz isso como se ele tivesse um bom.

— Respire fundo, por favor.

O médico pressiona a ponta do estetoscópio contra minhas costas. Inalo, ele ausculta, então o move para o lado oposto da minha coluna. Respiro novamente e ele ausculta novamente.

— Ele tem. Ele é um dos melhores homens que já conheci.

Digo secamente: — Você não deve sair muito.

Ele se move para o meu peito e ouve meu coração. Em seguida, ele tira um medidor de pressão arterial de sua bolsa e o envolve em volta do meu braço.

Como está inflando, ele me pergunta sobre minhas menstruações.

— Eles são regulares. Como eu disse, o problema é minha cabeça. — Embora meus ovários tenham agido de forma estranha ultimamente, não vou contar isso ao médico de Declan.

Quando ele está satisfeito com a minha pressão arterial normal, ele ilumina meus olhos.

— Ai. Isso é muito brilhante.

— A resposta da sua pupila é normal. Onde está esse caroço que o Sr. O'Donnell mencionou?

— Aqui. — Mostro a ele. Quando ele o toca, estremeço.

Ele faz um som suave de simpatia. — Sim, imagino que dói. Você tem muito inchaço. Você já teve alguma dor de cabeça?

— Sim.

— Náusea?

— Não. Na verdade, retiro o que disse. Senti-me mal no avião quando acordei. Mas percebi que era da cetamina que Declan me deu.

Se o médico acha estranho que Declan tenha me dado um remédio que me fez desmaiar, ele não fala. Essa é provavelmente a coisa menos estranha que ele viu tratando um dos pacientes de Declan.

— Você está vendo luzes piscando? Algum problema com a sua audição?

— Não e não.

— Perda de memória recente?

— Sim... e aparentemente, desmaiei. Mas não me lembro disso.

— Ouvidos zumbidos ou visão dupla?

— Não para ambos. Estou morrendo ou o que?

— Você está, mas vai demorar mais quatro ou cinco décadas.

Pelo menos ele tem senso de humor.

Ele faz as malas e coloca o chapéu de volta, se preparando para sair.

— Sério, qual é o veredicto?

— Uma concussão leve. Nada com que se preocupar, mas certifique-se de descansar alguns dias. Se você tiver mais sintomas ou se as suas dores de cabeça piorarem, precisaremos fazer uma tomografia computadorizada para garantir que não haja sangramento no cérebro. Enquanto isso, coloque gelo nesse caroço. Vai ajudar no inchaço e no desconforto.

— Sangrando no cérebro? Isso não parece bom.

— Não é. Então, por favor, diga ao Sr. O'Donnell imediatamente se continuar se sentindo mal.

— Eu vou. Obrigada.

Quando ele sai, me sinto inquieta. Então, é claro, tenho que enviar uma mensagem para Declan.

*O médico disse que estou morrendo.*

*Ando até sua resposta voltar.*

*Então minha sorte finalmente mudou.*

*Idiota. Você poderia, por favor, entrar aqui e falar comigo?*

*Por quê?*

*Estou entediada.*

*Se ao menos isso fosse letal.*

*Pare de ser mau comigo!*

*Dê-me um bom motivo.*

Mordo o lábio antes de responder, *acho que estou com medo.*

Ele não responde. Não sei por que esperava que ele o fizesse. Ando pelo quarto, mordendo meu lábio e imaginando como seria a morte por sangramento cerebral, até que a porta se abre e Declan entra.

Com a mão ainda na maçaneta, ele diz: — Se isso for mentira, vou abrir a janela e empurrar você para fora.

Por que ele tem que ser um idiota? Um idiota tão *bonito*, o que de alguma forma é ainda pior.

— Nunca fiquei doente um dia na minha vida, e agora meu cérebro está sangrando e minha memória está indo, e estou desmaiando como uma daquelas cabras estúpidas, e minha cabeça dói como se alguém a tivesse martelado, e eu provavelmente vou morrer tendo apenas *você* como companhia. Você pode me culpar por estar chateada?

Seus olhos são estreitos, duvidosos, de um azul ártico.

Jogo minhas mãos para o ar. — Não sou invencível!

— Então aquele acordo que você fez com o diabo pelo poder de matar com sentenças contínuas não incluía a imortalidade?

Fico olhando para ele com meu coração batendo forte e a raiva subindo pela minha garganta. — Você sabe o que? Esqueça. Volte para o seu estilo de vida mafioso gratificante de sequestrar pessoas inocentes e assassinar seus inimigos e, geralmente, tornar o mundo um

lugar muito pior, e esqueça que eu disse uma maldita coisa.

Viro-me e me afasto dele o máximo que posso, para a parede de janelas do lado oposto da sala. Então fico de costas para ele e meus braços em volta de mim, tentando pela primeira vez desde que eu era uma criança gorda sendo intimidada no parquinho conter as lágrimas.

Odeio-o por isso. *Ninguém* me faz chorar.

Quando ouço a porta fechar, solto um suspiro e inclino a cabeça, fechando os olhos e me xingando por mostrar fraqueza.

— É só que você não parece ter um osso vulnerável em seu corpo, lass.

A voz é quente, suave e vem diretamente atrás de mim. O bastardo se aproximou de mim enquanto eu estava ocupada sentindo pena de mim mesma.

— Vá embora.

— Não era isso que você queria há dois minutos.

— Dois minutos atrás, eu não odiava sua coragem.

— Não? Sinto muito pelas pessoas cujas entranhas você odeia, se é assim que você *não as* odeia.

Gemo e bato minha testa contra a janela algumas vezes.

Ele me puxa para longe do vidro e diz baixinho: — Pare. Você vai machucar a cabeça.

— Já está doendo, graças a você.

— Eu disse que não fui eu que te deixei cair.

— Pare de falar. Você está fazendo minha dor de cabeça piorar.

Ele pôs suas mãos em volta dos meus braços, mas agora elas deslizam até meus ombros e descansam levemente lá. Ele está quieto atrás de mim, como se estivesse refletindo sobre algo.

— Se você está prestes a me estrangular, acabe com isso.

— O pensamento me ocorreu.

*Eu diria para você ir para o inferno, mas não seria um problema, considerando que é sua cidade natal.*

Depois de um longo momento em que fico em silêncio, ele diz:  
— Você está quieta demais para o meu conforto. O que está acontecendo nessa sua cabeça?

— Seu funeral.

Fico surpresa quando ele começa a rir. Ele ri e ri, como se não se divertisse tanto há muito tempo.

Olho para ele por cima do ombro. — Você é bipolar. Certo? Essa é a causa raiz de todo o seu comportamento mistificador. Transtorno bipolar.

— Não.

— Muito ruim. Se você tivesse dito sim, eu teria sido mais legal com você.

— Por que isso?

— Porque os problemas de saúde mental não são uma escolha. Você, por outro lado, é deliberadamente um idiota.

Seu sorriso é tão brilhante que é quase cegante. — Você traz à tona o que há de melhor em mim, lass.

— Oh, vá pular de uma ponte. — Volto para a janela.

Ficamos assim por um tempo, olhando para a vista de Boston lá embaixo. É fim de tarde e não tenho ideia de quanto tempo estou aqui. Um dia? Dois? Ou os dez mil que parece?

Quando olho para o reflexo de Declan no vidro, ele está olhando para suas mãos apoiadas em meus ombros como se não se lembrasse de como elas chegaram lá.

Eu gostaria de não o achar atraente. Odeio-o, mas não posso negar que ele é gostoso. Entre aqueles olhos azuis e aquela mandíbula forte e aquele maldito sotaque irlandês...

— Por que um suspiro tão pesado? — Ele murmura.

— Você ainda está vivo e respirando.

— Não faz muito tempo, você estava me agradecendo por salvar sua vida.

— Eu sei. Eu gostaria de poder voltar no tempo e chutar minha própria bunda.

Ele está rindo de novo. Silenciosamente, tentando segurar, mas posso ver seus ombros tremendo em seu reflexo no vidro. Por alguma razão, isso me deixa ainda mais deprimida.



— Por favor, vá embora. Prometo que não vou mais incomodar você. Não vou mandar mais mensagens. Não vou mais falar. Apenas me deixe em paz.

Pareço triste e patética. Este homem está drenando a fodona de mim.

Ele sabe disso também, porque sua voz fica mais suave. — Irei se você responder a uma pergunta.

— Como eu gostaria de matar você? Algo lento e doloroso que envolve bactérias comedoras de carne.

Ignorando isso, ele continua em seu tom gentil. — Por que você se envolveu com a máfia russa?

Considero não o responder. Porque foda-se ele, é por isso. Mas, no final das contas, decido contar a verdade a ele. De repente, estou muito cansada para lutar. — Eu não sabia.

Na curta pausa que se segue, as mãos de Declan apertam meus ombros. Ele quer mais.

Se isso vai acabar com ele, ele pode ficar com ele.

— Quando conheci Stavros, ele era apenas um cara bonito que costumava assistir às minhas aulas de iniciante algumas vezes por semana. Ele disse que trabalhava com tecnologia. O que era verdade, ele possui uma empresa de software. O que eu *não* sabia era que o software foi desenvolvido para jogos ilegais on-line.

— Mas imaginei que algo estava acontecendo quando vi a casa dele no lago. Ele tem uma propriedade ao lado de Zuckerberg, com

300 pés de praia particular. O lugar provavelmente vale cinquenta milhões de dólares. Depois, havia o jato particular, os passaportes de vários países e seus amiguinhos que falavam russo. Então, você sabe, um mais um é igual a dois. Ele nunca me disse e eu nunca perguntei, mas não importava. Ele já havia passado da data de validade.

Declan digere tudo isso em silêncio. — Porque namorados são como peixes koi: um hobby tedioso e demorado.

— Exatamente.

— Então, quando você finalmente confirmou que ele estava na máfia?

— Não até aquela noite em La Cantina quando os irlandeses estavam falando merda e as balas começaram a voar.

Ele me vira para encará-lo. É tão abrupto e inesperado que estou assustada.

Olhando para mim com intensidade alucinante, ele diz: — Você não sabia que ele estava na máfia quando vocês ficaram juntos?

— Não.

— E quando você descobriu, você o deixou?

— Não faça isso soar nobre. Eu não tinha consciência do estilo de vida dele nem nada. A razão pela qual o deixei é porque fiquei entediada.

Declan está incrédulo. — Ele é um bilionário. Um jovem bilionário poderoso, rico e de boa aparência. Com *bilhões*.

— Estou familiarizada com a palavra. Você não precisa ficar repetindo isso. E não tenho ideia de quanto dinheiro ele tem. Não conduzo uma firma de contabilidade.

— Confie em mim.

— Ok. E?

— E você ficou entediada.

— O dinheiro não é o que torna um homem interessante. Não está nem na lista. Pare de fazer essa cara para mim.

— Deixe-me ver se entendi. Você namorou Stavros por que o *achou fofo*?

— Como é possível fazer isso soar como uma falha moral?

— Simplesmente não entendo. — Ele balança a cabeça. — Ele *é rico pra caralho*.

—Você também, pelo que parece. Também não o torna interessante.

A julgar por sua expressão, ele não consegue decidir se está mais surpreso ou ofendido.

— Você está me dizendo que não sou interessante?

— Você é tão interessante quanto um peixe carpa. Um velho. Com problemas digestivos e uma bexiga natatória com defeito.

Agora ele está indignado. Seu rosto está ficando vermelho.

Deus, isso é bom.

Só para torcer a faca mais profundamente, acrescento: — Além disso, você nem sabe como beijar.

Seus olhos brilham. Sua mandíbula aperta. Ele rosna: — Acredite em mim, eu sei como beijar.

— Com certeza. Se você quer dizer o oposto.

Quando sorrio para sua fúria óbvia, ele murmura: — Maldita espertinha.

Então ele agarra meu rosto com as duas mãos e pressiona sua boca na minha.

# 14

## DECLAN

Sei que é uma má ideia, mas a mulher tem um jeito estranho de saber exatamente o que dizer para apertar meus botões.

O FBI deveria contratá-la para sua equipe de interrogatório terrorista. Não existe um homem na terra cuja vontade de viver, ela não pudesse quebrar.

Segurando sua cabeça e ignorando seu pequeno grito de surpresa, bebo profundamente de sua boca. Sua boca doce, macia e quente.

Sua boca deliciosa, feminina e incrível, cujo apelo é superado apenas pela sensação de seus seios exuberantes pressionados contra meu peito. E o pequeno tremor que a percorre enquanto aprofundo o beijo. E talvez a forma como a tensão em seu corpo comece a derreter até que ela se incline para mim, dando-me seu peso e deixando sua cabeça cair para trás enquanto minha língua desliza contra a dela.

Quando ela desliza os braços em volta do meu pescoço e suspira de prazer, um grunhido de vitória ressoa em meu peito.

*Não sei beijar, minha bunda.*

Enrolo um braço em volta das costas dela, o outro em volta da cintura e a puxo para mais perto. Ela se encaixa perfeitamente no meu corpo, macia em todos os lugares que estou duro. Flexível em todos os lugares que meus dedos cavam. E com curvas em todos os lugares certos.

O desejo de empurrá-la para o chão e transar com ela até que ela grite meu nome é tão forte que me abala profundamente.

Afasto-me, respirando com dificuldade.

Ela também está respirando com dificuldade. Ficamos ali por um momento em silêncio, rostos a centímetros de distância, corações batendo forte, até que ela lambe os lábios e diz em um sussurro rouco: — Cinco em dez.

— Besteira. Esse foi o melhor beijo que você já teve, e você sabe disso.

— Acho que você pode fazer melhor.

Ela puxa minha cabeça para baixo e encaixa sua boca na minha

Desta vez, o beijo é mais lento. Mais suave, mas de alguma forma mais profundo. Isso continua e continua, ficando mais quente e faminto, até que ela está se contorcendo contra mim e meu pau é uma barra de aço latejante.

Flexiono minha pélvis na dela. Ela geme baixinho no fundo da garganta. Quando me afasto desta vez, estou ofegante e mais do que um pouco tonto.

Ela abre os olhos e me encara. Bochechas coradas, lábios

molhados, ela parece incrível. Satanás fez um bom trabalho ao criá-la.

— Seis, — ela respira. — Vamos, gângster. Não me diga que é tudo o que você tem.

— Isso foi uma porra de dez. E você não está no comando aqui.

Ela diz provocativamente: — Você fica dizendo isso, mas não tenho certeza se é a mim que você está tentando convencer ou a si mesmo.

Coloco a mão em seu cabelo, afundo a outra em sua bochecha macia e mantenho sua cabeça firme enquanto a beijo novamente.

Não paro até que ela esteja esfregando sua pélvis contra a minha e choramingando como uma gatinha.

— *Dez*, — rosno contra sua boca.

Sem abrir os olhos, ela diz fracamente: — Sete e meio. E isso é ser generosa.

Quando solto uma série de maldições em gaélico, ela ri. É baixo, satisfeito e tão enlouquecedor quanto sexy.

Com meu batimento cardíaco voando, coloco minha boca ao lado de sua orelha. — Você gosta de viver perigosamente, não é, lass?

— Viva perigosamente e você vive certo.

Afasto-me e olho para ela, surpreso. — Goethe? Agora você está citando a porra do *Goethe*?

Ela sorri. — Só porque sou fofa, não significa que meu cérebro

seja minúsculo.

Então ela me empurra, põe as mãos nos quadris e me lança um olhar de desdém gélido que deixaria qualquer rainha orgulhosa. — Oh. Acabei de me lembrar.

— O quê?

— Te odeio.

Encaramo-nos. Ela é salva do estrangulamento quando meu celular toca. Quando vejo o número na tela, empurro o telefone para ela e solto: — Você tem trinta segundos.

Então me viro e me afasto, soltando um forte suspiro e arrastando a mão trêmula pelo meu cabelo. Tentando me recompor.

Eu nunca deveria ter tirado aquela mordação de sua boca.

— Olá? Nat! Oh meu Deus, eu estava tão preocupada com você.

Atrás de mim, Sloane para, ouvindo. Então ela ri. — Eu? Não seja ridícula! Você sabe que sempre caio de pé.

Outra pausa. — Sim, tenho certeza de que parecia ruim. Mas as câmeras de segurança fazem tudo parecer pior. Foi muito menos dramático na vida real... sim, bati minha cabeça. Sim, todos estavam atirando uns nos outros, mas... oh, baby. Estou bem. Prometo.

Ela escuta por um tempo, depois diz com firmeza: — Natalie. Respire. Não fui derrotada. Não fui desmembrada. Não fui enterrada em uma cova rasa.



Olho para ela por cima do ombro com o que espero que sejam maus, olhos semicerrados que transmitem *ainda*.

Ela faz uma careta e acena com a mão no ar como se eu estivesse sendo bobo.

— Não, não, estou sendo muito bem tratada. *Não*, ele não tem uma arma apontada para minha cabeça agora. Na realidade...

Um novo olhar surge em seus olhos. É astuto e confiante e me preocupa.

— Bem, se você quer saber, ele já está meio apaixonado por mim.

Minha boca se abre.

Ela está rindo ao telefone. — Certo? Pobre rapaz. Ele era um caso perdido desde a primeira vez que nos conhecemos.

Sei que ela está apenas tentando me irritar, mas é exatamente o que ela disse sobre Stavros. Acho que vou quebrar alguma coisa. Talvez seus joelhos.

Ando em direção a ela, estendendo minha mão para o telefone, mas ela se afasta, acenando para mim como se eu fosse uma mosca irritante.

— Não, diga a Kage para não fazer isso. Não é necessário.

Paro a um pé de distância e olho para ela, respirando fogo pelo meu nariz. Eu pegaria o telefone, mas a menção de Kage me faz hesitar. Quero saber para onde esta conversa está indo. O que ele

planejou.

Ela olha calmamente para mim, olhando diretamente nos meus olhos quando diz: — Declan nunca me machucaria, é por isso. Mesmo se ele quisesse. O que ele geralmente faz. Como sei? — Seu sorriso é suave. — Porque ele me deu sua palavra.

*Murmuro eu menti.*

Ela mostra a língua.

— Agora, ouça, Nat. Preciso que você faça algo por mim. Diga ao seu homem para cancelar a cavalaria. Diga a ele que Declan quer se sentar e resolver essa coisa de guerra toda. Diga-lhe isso...

Pego o telefone dela, cubro o receptor com a mão e estalo: — O que diabos você pensa que está fazendo?

Ela encontra meu olhar furioso com um nível próprio. — Salvando seu traseiro, gângster.

— Não é necessário.

— Você pode mudar de ideia quando ouvir que Kage colocou uma recompensa de trinta milhões de dólares em sua cabeça por me sequestrar. Qualquer uma das famílias que matar você primeiro recebe o dinheiro, além de seu acesso ao transporte e distribuição restaurado. — Seu sorriso é presunçoso. — Há mais trinta mil para quem me devolver em segurança para Nova York. Então agora *você é* o único com um alvo nas costas. Engraçado como esse jogo pode mudar rápido, não é?

Quando apenas fico olhando para ela, enfurecido por sua

arrogância, ela diz educadamente:— Vou resolver isso mais tarde, mas por agora, posso voltar para a minha ligação, por favor?

Coloco o telefone no ouvido. Olhando nos olhos de Sloane enquanto digo, — Diga a Kazimir que se ele não cancelar ambas as recompensas dentro de uma hora, o corpo mutilado de Sloane será despejado em sua porta à meia-noite.

Desligo e olho para ela.

Ela cruza os braços sobre o peito e o encara de volta. — Isso não foi inteligente.

Fervendo, digo baixinho: — Você não tem ideia de que tipo de jogo está sendo jogado aqui, lass. Nenhuma mesmo. Você é absolutamente sem noção. E, para falar a verdade, estou cansado de ouvir você falar com essa maldita boca.

Enfio o telefone no bolso do casaco. Quando começo a trabalhar no nó da minha gravata, ela recua, balançando a cabeça.

— Não ouse tentar me amordaçar, gângster.

Pego-a e vou em direção a ela.

— Estou te avisando! — Ela grita, cambaleando para trás. — Vou chutar o seu traseiro!

Avanço.

Ela grita e se vira para fugir, mas estou perto demais. Agarro-a pela nuca e puxo-a contra o meu peito.

Sou recompensado por um movimento do calcanhar dela batendo no meu pé.

É um golpe duro. Uma boa. Mas é preciso muito mais do que isso para me impedir quando perco a paciência.

E finalmente perdi. Honestamente, é um milagre eu ter segurado isso por tanto tempo.

Empurro-a de bruços na cama. Torcendo-se como um animal enjaulado, ela chuta e grita enquanto monto sua cintura. Ela está furiosa por não conseguir me mover. Quando prendo seus braços atrás das costas, ela chuta com o calcanhar e me acerta bem no rim.

Esqueci de querer enfiar o laço em sua garganta e amarrá-lo em seus pulsos em vez disso.

O castigo que estou prestes a administrar não exige silêncio.

Ela está gritando. Empurrando como um touro selvagem, tentando me jogar fora. Percebo que ela odeia não estar no controle quase tanto quanto odeia mostrar qualquer coisa remotamente próxima à fraqueza.

Isso me dá uma profunda sensação de satisfação por estar submetendo-a a ambos.

— Foda-se você e sua risada! — Ela grita.

— Vamos, gatinha. Você não deveria estar chutando minha bunda? Até agora, dou-lhe uma nota cinco em dez.

— Caralho!

— Não me diga que é tudo o que você tem. Acho que você pode fazer melhor.

Frustrada por estar jogando suas palavras de volta para ela, ela solta um grito. Ela grita mais alto quando rio de novo.

Sento-me na beirada da cama e a arrasto para o meu colo, segurando-a com uma das mãos em sua nuca e a outra em seu quadril.

Não é fácil. Ela está lutando muito comigo. E ela é mais forte do que parece. Tenho que dar crédito a ela por isso. Mas ela não pode igualar minha força, não importa o quão duro ela lute.

Puxo sua calcinha – *minha* calcinha – para o meio de suas coxas e choro uma série de golpes afiados e pungentes com minha mão aberta em sua bunda nua.

Ela respira fundo, enrijecendo as costas.

— Você merece cada um desses, — digo com os dentes cerrados. — E cada um que está vindo.

Bato nela novamente e novamente até que minha palma esteja quente e seu traseiro esteja vermelho brilhante. Estou tão concentrado no que estou fazendo que não noto até parar que ela não está mais lutando. Ela está imóvel, com o rosto colado ao colchão, os olhos fechados. Ela está respirando tão forte quanto eu.

Tremendo também. Seu corpo inteiro está tremendo.

E meu pau está duro como uma rocha.

Depois de um momento, ela sussurra entrecortada: — Três de

dez.

É um desafio.

Minha respiração deixa meu peito em uma pressa irregular. Fico olhando para sua bunda nua – firme, redonda, vermelho cereja – e sou quase superado por uma necessidade selvagem e poderosa de tomá-la.

Para liberar meu pau dolorido de minhas calças e enfiá-lo bem dentro dela.

Para segurá-la e foder com força enquanto mordo seu pescoço.

Para ouvi-la gritar enquanto gozo dentro dela, puxando seus cabelos.

Para puni-la, dominá-la, fazê-la se submeter a mim.

Para torná-la minha.

Seus olhos se abrem. Ela olha para mim. Tudo o que ela vê em meu rosto envia um arrepio por seu corpo.

Rosno: — Nem uma porra de palavra.

Ela engole. Lambe seus lábios. Tenta fazer a técnica de respiração em quadrados para se acalmar e falha.

Gosto dela assim.

Obediente e misericordiosamente silenciosa, obviamente excitada. O fato dela estar me permitindo mantê-la no meu colo sem lutar ou tentar fugir me diz que ela gostou daquela surra, tanto quanto sua respiração irregular e rosto corado.

Ou talvez seja o quão forte ela está tremendo. Ou aquele olhar selvagem em seus olhos, como se ela não tivesse certeza do que vou fazer a seguir e não pudesse decidir se ela gosta de não saber ou se odeia.

Observando o rosto dela de perto, digo: — Tenho uma pergunta para você, hellcat<sup>13</sup>. E se houve algum tempo, desde que nos conhecemos, que você precisa me dizer a verdade, é agora.

Ela fecha os olhos com força.

— Não, não se esconda de mim. Abra seus olhos.

Ela vira o rosto para os lençóis.

Baixo minha voz e digo o nome dela. É um aviso e ela sabe disso.

Com a voz abafada pelos lençóis, ela diz: — Por favor, não me faça dizer isso.

— Você não sabe o que eu ia perguntar.

Depois de uma pausa, ela fala em um sussurro miserável. — Sim, sei. E nós dois sabemos a resposta. E eu não aguentaria se você me fizesse dizer em voz alta. Vou me odiar para sempre. Por favor, não me faça dizer isso, Declan. Por favor.

Ah, foda-se. O que isso faz comigo.

É como se ela me ligasse a uma tomada. Eletricidade percorre meu corpo. A adrenalina inunda minhas veias. Começo a suar e meu batimento cardíaco fica arritmico. Meu pau dói, minhas bolas estão

apertadas, e puta merda, quero tanto essa mulher, minha boca enche de água.

E tudo o que preciso é forçá-la a admitir que quer que eu continue.

O que ela faz... mas também não faz.

Expiro lentamente, reunindo meu autocontrole.

Viro-a, coloco-a entre minhas coxas abertas e agarro sua mandíbula em minha mão.

Beijo-a. Profundamente.

Ela responde, afundando contra o braço que tenho enrolado em suas costas e fazendo um som suave e feminino de prazer no fundo da garganta.

Então a empurro do meu colo, fico de pé e saio do quarto.

Em uma vida cheia de momentos difíceis, este está entre os cinco primeiros.



# 15

## SLOANE

Então aqui estou eu, deitada no tapete com as mãos amarradas nas costas, atordoada, ofegante e humilhada.

E encharcada.

Porque embora *eu* odeie Declan, minha vagina acha que aquele bastardo é divino.

Para piorar, ele lidou comigo como se eu fosse tão fraca quanto um macarrão mole. Todos aqueles anos de treinamento de autodefesa, todas as horas em que suei em posturas de yoga avançadas, contorcendo meu corpo de maneiras quase impossíveis, aprimorando minha força central e tonificando meus músculos, e aquele irlandês mandão me levou à submissão em dez segundos como se eu fosse um bebê vaca em sua estreia no rodeio.

Então ele me deu uma surra, beijou-me e – para a indignidade final – me jogou no chão e saiu cambaleando.

O arrogante filho da puta. Primeiro, ele quase me fez chorar. Então, ele quase me fez gozar. Assim que eu tiver chance, vou matá-lo.

Devagar.

Resmungando maldições, me sento e começo a trabalhar na gravata que amarra minhas mãos. Depois de alguns minutos de luta, os nós se afrouxam e fico livre.

A primeira coisa que faço é ir direto para a gaveta da cômoda de seu armário, onde vi um isqueiro quando estava bisbilhotando antes. Volto para o quarto e coloco fogo em sua gravata.

Assisti-la queimar está entre os cinco momentos mais gratificantes da minha vida.

Quando não há mais nada além de uma marca de queimado fumegante no tapete e o cheiro acre de seda queimada no ar, jogo o isqueiro na cama, sento de pernas cruzadas no chão em frente às janelas, retardo minha respiração e medito por vinte minutos.

E quando digo – medito – quero dizer repasso mentalmente todas as maneiras que adoraria ver Declan morrer.

*Respire fundo e lembre-se de quem diabos você é.*

Ele nunca vai conseguir me incomodar novamente. Cada vez que o vir de agora em diante, serei uma rocha. Serei uma gata, indiferente e desinteressada. Armada com garras e dentes afiados.

— Filho da puta, — murmuro baixinho. — Idiota egoísta, autoritário e mal-humorado.

*Respire fundo. Lembre-se quem você é.*

Outros vinte minutos de afirmações produzem tão pouco efeito

positivo em meu estado mental quanto a meditação. Passo para a yoga, mas rapidamente descubro que todas as poses do pavão emplumado no mundo não podem me livrar da mancha cerebral que é Declan O'Donnell.

Que assim seja.

Já sobrevivi a valentões antes.

Já sobrevivi à humilhação antes.

Vou sobreviver a ele.



Horas depois, outro membro do pelotão de capangas chega, carregando uma bandeja de comida. Ele tem cabelo loiro escuro, olhos castanhos, ombros largos, uma fenda no queixo e uma tatuagem de teia de aranha em um lado do pescoço.

Suas mãos são do tamanho de bigornas. Sua mandíbula poderia cortar aço. Imediatamente o apelido de Thor.

Estou começando a pensar que Declan contrata esses caras com base em seu nível de gostosura. Pássaros iguais e tudo mais.

— Onde está Kieran?

Thor não me poupa um olhar enquanto coloca a bandeja e pega a antiga. — Não se incomode em tentar conversar comigo,

lass. Disseram-me para não falar com você.

Como Kieran, ele pronuncia “você”. Declan deve ter colocado algo engraçado na última entrega de comida, porque estou começando a achar que o sotaque irlandês é o mais sexy de todos.

Ou talvez seja meu sangramento cerebral falando.

Coloco meu sorriso mais brilhante. — Oh, tudo bem. Não quero te causar problemas. Eu só queria saber seu nome para que pudesse dizer a Declan o bom trabalho que você fez, mas entendo que você está sob ordens. Mamãe é a palavra certa.

Ele se endireita e me encara.

Faço um movimento de zíper em meus lábios. — Sério. Sem falar, prometo. Exceto se você pudesse apenas me dizer se Kieran está bem, isso seria ótimo. Somos amigos, você sabe. Você e eu poderíamos ser amigos também, se você quisesse, mas sei que provavelmente vai contra toda a sua vibração de gângster durão ser amigo de uma prisioneira indefesa e tudo mais. Alguém já lhe disse que você tem uma semelhança impressionante com Thor, o deus nórdico do trovão?

Ele faz uma pausa antes de dizer: — Normalmente fico com o Capitão América.

Suspiro. — Oh meu Deus, você está tão certo! É essa mandíbula. Muito heroica.

Ele parece momentaneamente satisfeito, antes de lembrar que não deveria estar falando comigo. A carranca reaparece.

— Certo. Desculpe. Foi mal. Se você pudesse apenas dizer a

Kieran que eu estava perguntando por ele, eu realmente apreciaria. Sinto-me tão mal pelo nariz dele.

— Não faça isso. É uma melhoria. — A leve aproximação de um sorriso curva os cantos de sua boca. — Todos os rapazes pensaram que foi muito bom, lass. Terrivelmente bom. — Seu sorriso desaparece. — Não diga a Declan que eu disse isso, por favor.

— Não vou. Você pode contar comigo. Se ele perguntar sobre você, direi que você foi um idiota mudo. Isso deve deixá-lo feliz.

Ele abaixa a cabeça e examina meu rosto por um momento. Então ele balança a cabeça e se volta para a porta. Quando ele está prestes a sair, ele se vira para mim.

— O nome é Spider<sup>14</sup>.

— Sua mãe te chamou de *Spider*? Acho que não. Qual é o seu nome verdadeiro?

Ele me considera em silêncio por um tempo, depois diz a contragosto: — Homer. E se você repetir isso, eu vou...

— Homer? Muito legal! Eu gostaria de ter o nome de um poeta grego antigo, mas tenho vergonha de admitir que minha mãe queria um nome que coubesse em um menino ou uma menina e encontrou Sloane em algum site aleatório de nomes de bebês. Pelo menos sua mãe teve uma inspiração real. Acho que a minha bebia muito rosé.

Quando percebo o quão estranho ele está olhando para mim, fico preocupada. — Eu disse algo errado?

— A maioria das pessoas deste país pensa no personagem de

desenho animado Homer Simpson quando lhes digo meu nome.

— Oh. Bem, não sou a maioria das pessoas, sou?

Quando sorrio, ele ri baixinho, balançando a cabeça. — Ouvi dizer que você se ofereceu para cozinhar uma refeição para Kieran.

— Sim. Mas não só ele. Ofereci-me para cozinhar para todos vocês. Sou uma ótima chef, se é que posso dizer isso. É uma pena que você e Kieran não deveriam estar falando comigo, porque você poderia pressionar Declan para me deixar entrar na cozinha. Seria uma boa terapia para nós dois. Já estou ficando entediada. Imagine o quanto vou irritá-lo em alguns dias, quando realmente estiver escalando as paredes!

Ele abre a boca, lembra que não deveria ter essa conversa e a fecha novamente.

— Ops. A culpa é minha. Não quero te causar problemas, então você provavelmente deveria ir. Quando eu vir Declan da próxima vez, vou fingir que estou chorando e vou culpar você.

— Decente de sua parte. Obrigado.

— De nada.

— A propósito, que fedor é esse?

— Usei o isqueiro de Declan para queimar uma de suas gravatas.

Olhamo-nos em silêncio por um momento. Ele diz gentilmente:

— Por que você não me dá o isqueiro, lass?

— Ooh, boa ideia! Você pode dizer a ele que o tirei de mim e comecei a chorar. Ele provavelmente vai te dar um aumento.

Pego o isqueiro da cama e coloco na bandeja de pratos vazios que Homer está segurando. Então sorrio para ele. — Foi um prazer conhecê-lo. Você e Kieran são muito doces. Não posso acreditar que vocês trabalham para um idiota.

Ele de repente fica mortalmente sério. — É uma honra trabalhar para ele. Ele é um dos melhores homens que já conheci.

*Outro que bebeu o Kool-Aid. O médico disse a mesma coisa.* — Acho que teremos que concordar em discordar. Mas ainda assim foi um prazer conhecê-lo. Por favor, dê o meu melhor a Kieran.

Homer não consegue decidir como responder, então ele sai sem dizer nada.

Ele retorna rapidamente com sacolas e sacolas de roupas. Ele coloca as sacolas na porta, se vira para mim, abaixa a voz e diz: — Kieran disse alô e estamos trabalhando no assunto cozinha, — depois sai novamente.

Se ao menos o senhor do feudo fosse tão bom quanto seus assecas.

Vasculho as roupas, feliz por encontrar quase tudo que pedi. Penso em mandar uma mensagem de texto para Declan com uma lista de coisas que gostaria de Louis Vuitton e Cartier, só para ver o que ele faria, mas decido que prefiro ser morta a tiros a me comunicar com ele. Então me visto, como a comida que Homer trouxe e medito novamente.

Quando tudo isso termina, é crepúsculo além da parede de janelas e estou cansada.

Extraordinariamente cansada. A menos que eu tenha tido uma grande noite com Nat, estou sempre cheia de energia. Agora, sinto como se alguém sugasse toda a minha energia com um aspirador.

Isso é provavelmente o que Declan estava fazendo antes de eu acordar ao lado dele na cama.

Ando ao redor do quarto três vezes, inspecionando tudo novamente, na esperança de encontrar alguma pista sobre seu ocupante que eu possa ter perdido, mas não tenho sorte. Também não encontro nada que possa usar como arma. Não que eu ache que Declan vai me machucar, mas não há como dizer quando o desejo de esfaqueá-lo aparecerá.

Estou prestes a desistir e dormir quando o próprio homem retorna.

Não achei que fosse possível ele parecer mais zangado do que da última vez em que o vi, mas me enganei.

Ele fecha a porta atrás de si com tanta força que pulo. Então ele fica lá, olhando para mim com olhos brilhantes de gelo, tentando me matar com um olhar.

— O que fiz agora?

— O que exatamente você disse a Spider?

Finjo inocência. — Aquele era o cara alto e loiro? Eu não disse nada para ele.



— Não?

*Opa. Ele sabe de alguma coisa. Merda, me pergunto se há câmeras aqui?* — Simplesmente agradei a ele por me trazer comida.

— E o que ele disse?

— Só que ele não deveria falar comigo.

Declan se move em minha direção, um passo de cada vez, nunca tirando seu olhar ardente do meu rosto. Resisto ao desejo de recuar e endireito meus ombros em vez disso.

Com a voz baixa, ele diz: — Ele *não* deveria falar com você. Essa foi uma ordem direta. No entanto, de alguma forma, ele deixou esta sala com pequenos corações vermelhos nos olhos e o estranho desejo de conspirar com Kieran para que eu deixasse você cozinhar para eles.

— Oh. Sério? Isso é estranho.

Ele continua se movendo lentamente para mais perto, uma pantera perseguindo sua presa.

Limpo minha garganta. — Na verdade, ele era bastante intimidante. Ele realmente entendeu toda aquela coisa do tipo forte e silencioso.

— Então você está dizendo que ele ficou em silêncio? Ele não disse uma palavra?

Levanto meu queixo e encontro seu olhar desafiador. — Sim. É isso que eu estou dizendo.

Declan para a apenas alguns centímetros de distância. Ele está tão perto que sinto a raiva saindo dele em ondas quentes. Ele olha para mim, apertando sua mandíbula.

— Por que você mentiria por ele?

Ou há câmeras aqui, ou Spider confessou. Tentar enganá-lo claramente não vai funcionar, então digo a verdade em vez disso. — Não quero que ele se meta em problemas.

Declan respira lentamente pelas narinas dilatadas. Ele está tentando muito não me agarrar pela garganta. — Por que você se importaria se ele tivesse problemas?

— Não quero que ele tenha problemas por *minha* causa. Além disso, ele parece bom.

Ele repete categoricamente: — Bom.

— Sim.

— Ele matou seis homens nas últimas setenta e duas horas.

— Oh. Hmm. Isso parece um número alto para um período tão curto de tempo. Mas ele é um gângster, então acho que isso vem com o território. Existe uma cota que eles precisam cumprir ou algo assim?

Ele faz aquela coisa de respiração lenta novamente. Quando ele parece confiante de que controlou a vontade de quebrar meu pescoço, ele diz: — Você enfeitiçou dois dos meus homens. Aquele cujo nariz você quebrou. O outro com quem você passou apenas alguns minutos. Kieran se imagina seu mordomo, e Spider se imagina apaixonado. Não poderei mandar mais ninguém aqui, com medo de

que venham tentando me matar.

Tenho que suprimir meu sorriso. Se ele vir, ele pode explodir. — Só porque você é imune aos meus encantos, não significa que todo mundo é.

Sua voz mortalmente suave e seus olhos ardendo, ele diz: — Sim, seu infame 'charme'. Essa deve ser a influência sob a qual seu ex Stavros estava operando quando tentou atirar para dentro do prédio.

Arqueio minhas sobrancelhas. — Stavros tentou me resgatar? Já?

— Sim.

Meu coração pula uma batida. — Oh Deus. Ele está bem? Você não o matou, não é?

— Por que você se importa de uma forma ou de outra? Ele te entediava tanto que você terminou com ele.

— Isso não significa que o quero morto! E pedi para você não machucá-lo, lembra?

— Lembro. Que é a única razão pela qual ele ainda está vivo.

Exalo um suspiro de alívio e pressiono minha mão sobre meu coração. — Uau! O que você fez com ele?

— Coloquei-o em um barco lento para a China.

Não sei dizer se isso é verdade ou se ele está sendo sarcástico, mas sei que ele não machucou Stavros. Posso dizer por sua expressão

que ele está desapontado consigo mesmo sobre isso.

— Obrigada. Agradeço. Sinceramente.

Quando ele apenas fica me olhando com aqueles olhos ardentes, fico na defensiva.

— E agora?

— Você é uma estranha. E poderosa. E agravante além da crença. Não consigo decidir se devo amordaçá-la pelo resto de sua estadia ou jogá-la sobre meus inimigos. Acho que você teria todos eles comendo na sua mão dentro de uma tarde.

Depois de um momento, digo: — Engraçado, mas isso quase soou como um elogio.

— Não foi. Não gosto de você.

— Também não gosto de você.

O espaço entre nós estala com o calor. Seu olhar é palpável, como se houvesse uma corrente de eletricidade ligada a ele, disparando em meu corpo, direto para baixo entre minhas pernas.

Ele olha para minha boca e umedece os lábios.

Essa é a última coisa de que me lembro antes de acordar no hospital.

# 16

## DECLAN

— É um hematoma subdural. Pequeno, mas perigoso. A taxa de mortalidade nesses tipos de lesões cerebrais é alta. Se o coágulo de sangue não se resolver por conta própria em 48 horas, ela precisará de cirurgia para aliviar a pressão dentro do crânio e reparar os vasos feridos.

— Qual é a taxa de mortalidade?

— A frequência de morte em uma determinada população durante um período específico de tempo.

Tenho que me conter fisicamente para não sacar minha arma e atirar na cara desse médico idiota. — Eu quis dizer qual é a taxa de mortalidade para hematomas subdurais?

— Oh, desculpe. Cinquenta a noventa por cento.

Isso me espanta. — Você está me dizendo que a maioria das pessoas com essa condição morre?

— Pelo menos metade deles, sim.

Quando o encaro com horror, ele rapidamente recua.

— Mas a maioria dessas lesões é observada em idosos ou em pacientes que sofreram acidentes de carro ou outros eventos altamente traumáticos. Considerando a idade e a saúde geral desta paciente, suas chances são muito melhores do que a média.

Ouçõ-me rosnar: — É melhor que sejam. Se ela morrer, você também morre.

Porque ele sabe quem sou, ele fica branco. Empurro meu queixo para Kieran, que conduz o médico para fora da sala antes que ele perca o controle de seus intestinos.

Quando a porta se fecha, digo a Kieran: — Tranque todo este maldito hospital. Poste homens em todas as saídas e entradas e fora de seu quarto. Verifique todas as pessoas que desejam acessar este andar, incluindo funcionários. Ligue para O'Malley na delegacia e diga que somos responsáveis pelo Mass General até novo aviso. Não quero a interferência da polícia e definitivamente não quero ninguém tentando sequestrar minha prisioneira.

— Sim, chefe.

Ele se vira para sair.

— E Kieran?

Ele se vira para mim, esperando.

— Estou colocando você no comando disso porque acho que é o que ela quer. Não me desaponte.

Ele jura: — Não vou, chefe. Ninguém vai chegar perto de nossa lass.

*Nossa lass.* Cristo, agora ela é a mascote do time?

Kieran vê meu rosto, faz a coisa certa e vai embora.

Quando estou sozinho na sala vazia, levo um momento para me recompor. Então entro na sala adjacente onde Sloane está.

Pálida, mas alerta, ela está sentada na cama, brincando com o controle remoto da TV, clicando nos canais. Quando ela me vê, no entanto, ela para.

— Oh Deus. É ruim, não é?

— Sim. Hematoma subdural. Há pelo menos cinquenta por cento de chance de você morrer.

Depois de uma batida, ela diz: — Puxa, não adoce isso.

— Você gostaria que eu fizesse?

— Não. Mas você também não precisa parecer tão feliz com isso.

Sento-me na cadeira ao lado da cama, passo a mão pelo cabelo e suspiro. — Não estou feliz com isso.

— Então essa é a sua cara triste?

— Esta é a minha cara de “minha cativa é uma dor na porra da minha bunda”.

— Ah, sim, agora reconheço. Você poderia estrelar um comercial de creme para hemorroidas com essa caneca.

Olhamos um para o outro. Estou tentando não ficar admirado

com a forma como ela está recebendo a notícia, mas deveria ter sabido melhor. Ela não é do tipo que desmorona e chora, mesmo quando pode estar morrendo.

— Há alguém para quem você quer que eu ligue?

Sem perder o ritmo, ela diz: — Oprah Winfrey. Sempre quis conhecê-la. Acho que vamos nos dar bem, ela vai me convidar para todas as festas legais em sua mansão em Montecito, e é onde vou conhecer meu futuro marido, o príncipe herdeiro de Mônaco. Ou Marrocos. Não me lembro qual era o fofo.

Luto contra um sorriso. — Vou resolver isso. Alguém mais?

Ela suspira, recosta-se nos travesseiros e balança a cabeça. — Não. Minha mãe faleceu anos atrás, e eu só converso com meu pai nos feriados. Sua nova esposa realmente não gosta de mim. Você provavelmente já sabia disso, considerando que é onisciente e tudo, mas se alguma coisa acontecer comigo, por favor, avise Natalie. Não quero preocupá-la dizendo que estou aqui, mas ela vai pirar se não tiver notícias minhas em breve. Ela provavelmente já está pirando agora. Ela é muito emotiva, sabe. Ela é a sensível.

Ela para, mordendo o lábio e franzindo a testa.

— Ela tem sorte de ter você como amiga. Você é muito leal.

Parece que acabei de informá-la que a vendi para um circo. — Sinto muito, deve ser meu cérebro maluco, mas pensei ter ouvido você dizer algo bom para mim.

Agora não consigo evitar o meu sorriso. — Foi definitivamente o



seu cérebro maluco.

— Isso foi o que pensei.

Levanto-me e tiro minha jaqueta. Jogo-a nas costas da cadeira, sento-me novamente e pego a revista de fofocas de celebridades na mesinha ao lado da cama. Acomodo-me na cadeira, fico confortável e começo a ler.

— Hum. O que você está fazendo?

Não levanto os olhos da revista quando respondo. — O que parece que estou fazendo?

— Sentado. Lendo. Ficando.

Digo secamente: — Seus poderes de observação são surpreendentes.

O silêncio se segue, mas sei que será curto. E estou certo.

— Declan?

— Sim, lass?

— Você não tem coisas importantes de gângster que deveria estar fazendo? Assassinando seus inimigos e outras coisas? Escondendo-se em becos escuros?

— Sim, lass. — Viro a página.

— Então...

— Se alguém vai matar você, serei eu. Não confio naquele

médico idiota de quinze anos.

— Você está falando sobre o *neurocirurgião*?

— Sim. Parece que ele tirou sua licença médica de uma caixa de Cracker Jack.

Sloane começa a rir. O som é suave e surpreendentemente doce. Ainda mais surpreendente é o quanto gosto de ouvir.

— Tem certeza de que tem apenas quarenta e dois anos? Cracker Jacks são como da época do meu pai.

Abaixo a revista e olho para ela. — Você se lembrou de quantos anos eu disse que tinha.

— Lembro-me de tudo o que você disse.

Quando levanto minhas sobrancelhas, suas bochechas pálidas ficam vermelhas.

— Oh, cale a boca.

— Você primeiro.

Ela suspira de irritação e rola para o lado, de costas para mim. Volto para minha revista.

Depois de uma pausa de cinco minutos em que quase posso ouvir sua luta interna, ela se vira e declara: — Isso é muito estranho. Você sabe disso, certo?

Respondo sem tirar os olhos da revista, porque sei que isso a irrita. — Qual parte?

— Todas as partes. A coisa toda! Eu, você, sequestro, perseguições de carro, hematomas, morte iminente, alô?

— Provavelmente é melhor não ficar muito animada, lass. Não queremos que você estoure mais vasos cerebrais.

— Você está... Você está *rindo de* mim?

Digo suavemente, — Por que, seu ego de Teflon ficaria ferido se eu estivesse?

Outros cinco minutos de agitação silenciosa se passam antes que ela não aguente mais. Ela se senta na cama. — Declan!

Olho para ela. — Mmm?

— Que diabos está fazendo?

Segurando seu olhar, digo, — Protegendo você. Vá dormir.

Ela abre a boca, mas a fecha quando – um milagre – ela não consegue encontrar nada para dizer. Deitada contra os travesseiros, ela puxa os lençóis sob o nariz e me olha com os olhos arregalados.

É incrivelmente adorável. Pergunto-me se ela pratica essas coisas na frente de um espelho.

— Declan?

— Pelo amor de Deus, lass, apenas faça a pergunta. Não diga meu nome todas as vezes primeiro.

Ela murmura: — Tantas regras.

Tiro a revista em vez de seu pescoço e volto a ler.

— Eu só estava me perguntando se você poderia me contar uma história.

Corto meu olhar para o dela.

Sua voz sai baixa. — Para me ajudar a dormir.

Quando estreito meus olhos em suspeita, ela diz: — Por favor?

— Seja qual for o tipo de jogo, não estou jogando.

Depois de um momento, ela sussurra, — Ok — e rola para o lado novamente, dobrando as pernas até o queixo para que ela fique em uma bola. Uma pequena bola de aparência patética.

Jogo a revista na mesa de cabeceira, desejando não ter desistido da religião anos atrás. Agora seria um bom momento para orar para que Deus me mate e me salve dessa miséria.

Suspirando, começo. — Era uma vez, em uma terra distante, vivia... — Olho para a parte de trás de sua cabeça. — Uma princesa.

Sloane se vira ligeiramente, ouvindo. Continuo.

— Uma princesa terrivelmente feia, com dentes salientes, pelos faciais e uma grande corcunda nas costas. Ela parecia um camelo pequenino, na verdade.

Ela murmura: — Walt Disney, é você?

— Estou contando ou você vai continuar me interrompendo?

Um resmungo de descontentamento é minha resposta.

— Como eu estava dizendo. A pequena princesa camelo era feia, mas tinha uma personalidade interessante que atraía as pessoas. Eles tiveram dificuldade em superar sua aparência horrível, mas assim que o faziam, descobriram que ela tinha um talento mágico para... Você está pronta?

Ela diz categoricamente: — Mal consigo conter minha empolgação.

— Conversar com animais.

Após uma longa pausa, a curiosidade leva o melhor sobre ela. — Que tipo de animais?

— Todos eles. Mas principalmente cães. A pequena princesa dos camelos poderia fazer qualquer cachorro, não importa o quão raivoso ou selvagem, se apaixonar por ela e obedecer às suas ordens.

— Ah. Vejo onde isso vai dar. A princesa vai se apaixonar por Lassie e criar uma nova raça de bebês meio camelo e meio cachorro, chamados campups, que se voltam contra os humanos e os matam. Fim.

— Não, mas se essa ideia fosse transformada em um filme, eu assistiria. Especialmente se os campups fossem geneticamente modificados, de forma que seus braços esquerdos fossem canhões de laser, eles poderiam operar pelo pensamento. Posso prosseguir?

Ela suspira pesadamente. Considero isso uma afirmação.

— Um dia a princesa camelo ia visitar seu bom amigo Neddie,

quando de repente ela foi sequestrada pelo maior, mais forte e mais bonito cachorro que ela já tinha visto. Ele era o rei de todos os cães – o chefe, por assim dizer – e famoso por sua bravura. Também por sua inteligência. Era muito superior à inteligência da pequena princesa camelo. O que era bastante patético, apesar de seus delírios de outra forma.

— Você está com tanta falta de imaginação que há um buraco na sua cabeça onde o seu cérebro deveria estar.

Segurando uma risada, continuo. — Então, o bravo, forte, bonito, cão guerreiro-rei...

Ela murmura: — Inacreditável.

— ... tranca a pequena princesa camelo em seu castelo. Seu plano era interrogá-la para obter informações sobre seu inimigo jurado, de quem ela havia se tornado amigo. O que ele não sabia, entretanto, é como os camelos são bagunceiros. E fedorentos. Em poucos dias, todo o lugar cheirava a grama regurgitada e meio digerida. O castelo cheirava a uma lata de lixo gigante em um dia quente de verão. Ah, e pele oleosa. E esterco.

— Encantador. Por acaso o nome dessa princesa camelo era Slang? Slung? Slune?

Seu tom é tão azedo que tenho dificuldade em segurar uma risada. — Não. O nome dela era Drone.

— *Drone*<sup>15</sup>. Porque ela falava muito. Você perdeu sua verdadeira vocação na comédia, gângster.

— Sou muito engraçado, não sou?

— Você seria muito mais engraçado com um nariz quebrado.

Uma enfermeira entra na sala. Sloane brinca: — Oh, bom, talvez ela tenha trazido um enema que possamos usar para tirar esse pau da sua bunda.

Tenho que cobrir minha boca com a mão para não rir.

A enfermeira se apresenta como Nancy e diz que vai medir a pressão arterial de Sloane. Então ela se vira para mim com um sorriso hesitante. — E você deve ser o pai.

Sloane cai na gargalhada. Rolando para me vangloriar, ela diz: — Tome! Sim, aquele é meu pai, tempo com o papai. Ele não é tão jovem e bonito quanto pensa que é.

O sorriso da enfermeira vacila. — Eu quis dizer o pai do bebê.

Ainda caio. Meu estômago aperta em um nó. De repente, fica muito difícil respirar.

Sloane ainda está rindo. — Boa, gângster. Quanto você pagou a ela para dizer isso?

Quando ela vê a expressão em meu rosto, sua risada morre.

Com os olhos arregalados, ela olha para a enfermeira. Seu rosto fica pálido. Sua voz sai estrangulada. — Espera. O que... que *bebê*?

Pelo menos a enfermeira tem a educação de parecer apologética quando atende.

— O médico não te contou? Você está grávida.



## DECLAN

Fica tão silencioso na sala por um momento que posso ouvir o monitor cardíaco de alguém apitando em outro quarto no final do corredor. Então Sloane disse categoricamente: — Isso é impossível. Tomo pílula há dez anos. Você pegou a pessoa errada.

A esta altura, Nancy está parecendo extremamente desconfortável. Ela dá um único passo para trás em direção à porta. — Desculpe. Talvez eu esteja enganada. Vou mandar o médico voltar...

— Pare.

Embora meu tom seja mortalmente suave, ele funciona. Nancy congela em seu caminho, engolindo.

Como o médico idiota, ela também sabe quem sou. A notícia se espalha rapidamente quando um novo rei sobe ao trono. — Você fez um teste de gravidez com as amostras de sangue colhidas quando ela se registrou?

A enfermeira olha para trás e para frente entre eu e Sloane, obviamente se perguntando em que tipo de confusão ela acabou de entrar. — Sim. O médico achou que era prudente, considerando...

— Não, — interrompe Sloane, sua voz alta. — Menstruei no mês passado. Tomei a pílula todos os dias desde então. Sem dias perdidos. Sou muito cuidadosa. Não estou grávida.

— A pílula não tem uma taxa de sucesso perfeita. E você pode engravidar durante a menstruação.

Sloane diz: — E você pode dar o fora do meu quarto com essa besteira antes que eu lhe dê dois olhos negros, Nancy.

Levanto-me. Nancy dá alguns passos para trás. Digo a ela para parar de novo, e ela parece que vai desmaiar.

— Escute, sou apenas a mensageira. O médico pode lhe dar mais informações do que eu.

Exijo: — Qual é a precisão desses exames de sangue?

— Noventa e nove por cento.

*Porra.* — E quando ele pode detectar a gravidez após a menstruação?

— Dentro de dias.

Olho para Sloane, com o rosto vermelho e enfurecido na cama. — Você perdeu um período?

Seus lábios se estreitam.

— Responda a maldita pergunta.

Ela admite a contragosto: — Era para eu ter tido alguns dias atrás. Ou agora mesmo. Meus dias estão todos confusos.

Quando passo a mão no rosto, gemendo, ela insiste: — Não estou grávida! Conheço meu corpo! Nada mudou!

— Normalmente, você não começa a sentir os sintomas até cerca de cinco ou seis semanas.

O olhar de Sloane poderia derreter a pele do rosto da pobre Nancy. — Isso é muito mais tempo do que você levará para sentir os sintomas do chute com o qual estou prestes a arrancar seus dentes.

Estalo, — Sloane, cale-se. Nancy, saia.

Nancy se vira e sai correndo. Quando ela vai embora, Sloane se vira para mim, insistente. — Não estou. Não estou, Declan.

— Sim. Exceto que parece que você está. — Agitado, começo a andar.

— Bem, então vou ter que lidar com isso.

Quando giro sobre ela, eriçado, ela levanta as sobrancelhas.

— O que é isso?

Rosno: — Você *não vai* fazer um aborto.

Ela examina meu rosto em silêncio por um tempo. Quando ela finalmente fala, sua voz está tranquila. — Eu não disse que ia. Mas se eu fosse, não seria da sua conta.

Perco a calma e grito: — Claro que é problema meu! Você é minha cativa, porra!

Quando seu cabelo se acomoda em volta do rosto, ela cruza as

mãos no colo. — Vejo que você tem sentimentos fortes sobre o assunto. Gostaria de salientar, no entanto, que independentemente de como cheguei aqui, é curioso que você se importe de uma forma ou de outra. Afinal, você não é o pai. Não que haja pai, porque não estou grávida, mas se estivesse, você não seria ele.

— Jesus Cristo, você acha que sou um imbecil? Sei que não sou o maldito pai!

Ela estreita os olhos. — Exatamente. Você não é o pai, vai me mandar para casa em breve e estarei fora de seu controle para sempre. Então, por que você não está animado?

Debato-me por algo que explicaria minha turbulência emocional bizarra com essa notícia. Tudo o que consigo pensar é: — Não acredito em aborto.

— Parabéns. Ainda não é da sua conta.

Começo a andar de novo. Sloane me observa com olhos afiados como os de um falcão.

— Se você está pensando que vai me manter acorrentada em sua casa indefinidamente para bloquear meus direitos reprodutivos, vou lhe dizer agora que não vai funcionar.

Eu não estava pensando isso, mas me deixa curioso. — Por que não?

— Kieran e Homer nunca deixariam você fazer isso comigo.

Fico boquiaberto com ela, espantado. — Spider disse o nome verdadeiro dele?

— Claro. Por que isso é tão chocante?

— Ele não diz a ninguém seu nome verdadeiro. Eu não sabia até que nos conhecíamos há mais de dez anos. E ele só ficou no quarto com você por três minutos.

Ela me dá uma olhada. — A pequenina princesa camelo é boa em fazer os cães obedecerem às suas ordens, lembra?

Quando olho para ela, fervendo, ela suspira.

— Podemos, por favor, não lutar? Estou com uma dor de cabeça terrível, meu cérebro pode estar prestes a me matar e posso estar – mas não estou – grávida. Não tenho energia para um combate verbal.

Ela afunda contra os travesseiros e puxa as cobertas sobre o rosto.

Ando um pouco mais. Minha mente é o resultado fumegante de uma bomba nuclear.

*Grávida. A mulher que sequestrei está grávida de um bebê da Bratva?*

*Putá merda. E pensei que as coisas estavam ruins antes.*

Debaixo das cobertas, Sloane diz: — Se eu fizer uma pergunta pessoal, você responderá?

— Não.

Naturalmente, ela ignora isso. — Você teve uma namorada que interrompeu a gravidez contra a sua vontade?

Caio na cadeira ao lado de sua cama e expiro. — Não.

— Oh. Ok. Desculpe, isso não era da minha conta. É que o assunto parece um ponto de gatilho para você.

— Se eu disser que é porque acredito que toda a vida é sagrada, você vai rir de mim.

— Claro que vou rir de você. Você gostaria de saber o porquê?

— Não.

— Porque você mata pessoas para viver.

Não sei por que me preocupo em responder suas perguntas. Tudo o que ela faz é me ignorar. Resmungo: — Isso não é tudo que eu faço.

Ela tira as cobertas do rosto e me encara com as sobrancelhas franzidas. — Oh, me desculpe. Esqueci a extorsão, tráfico de armas, tráfico humano...

— Nada de tráfico humano!

— ...contrabando de drogas, falsificação, fraude fiscal, manipulação de ações, corrupção de funcionários públicos...

— De onde você está obtendo essa informação? Google?

— Você está dizendo que não faz essas coisas?

Digo com os dentes cerrados: — Você não tem ideia do que faço, lass.

— Não me olhe furiosamente. E por que  *você*  está tão chateado? Sou a única com o dano cerebral e talvez um bebê. — Seus olhos se arregalam. — Oh Deus.

Alarmado com a expressão dela, digo: — E agora?

— A cetamina que você me deu... — Ela me encara com horror.

Meu estômago revira. Minha voz sai rouca. — Foi só uma dose. Uma dose baixa.

— Foi o suficiente para me fazer perder a memória. Imagine o que isso poderia fazer a um feto!

— Isso poderia ter sido a queda.

Ela diz sarcasticamente: — A queda, você quer dizer. E pode não ter sido.

Quando não digo nada, ela cobre os olhos com a mão e choraminga.

Levanto-me, tiro a mão de seu rosto e me inclino sobre ela, olhando em seus olhos preocupados. — O bebê vai ficar bem, — digo com mais convicção do que sinto. — Você é jovem, forte e saudável. Vocês dois vão ficar bem.

Não acrescento *A menos que morra desse coágulo cerebral*, porque isso seria apenas rude.

Ela me encara, em pânico, mas consegue me desprezar mesmo assim. — Declan, se descobrir que esse garoto – que não tenho – tem nada menos do que um QI de gênio, vou te matar. E não quero dizer

isso figurativamente.

Contornando a ameaça à minha vida, sobre a qual tenho certeza de que ela é sincera, sorrio. — Combinado.

— Por que você está sorrindo? Eu apenas disse que mataria você!

— Exatamente.

— Não entendo.

— Se você quer cortar minha garganta, deve estar se sentindo melhor.

Ela franze os lábios, considerando-me. — Não seria um corte na garganta. Muito sangrento.

— Pistola?

Ela torce o nariz. — Muito bagunçado.

— Ah, me lembro. Algo lento e doloroso envolvendo bactérias comedoras de carne.

Ela acena com a cabeça. — Para que eu pudesse me sentar em uma cadeira no canto e observar enquanto você é consumido centímetro a centímetro ao longo dos dias. Não, semanas. Meses. — Ela sorri. — Em agonia.

Eu ri. — Você realmente gosta dessa ideia. Que monstrelha. E você parece tão fofa.

Depois de uma pausa estranha, sua voz sai hesitante. — Você



acha que pareço fofa?

— Não. Acho que você parece um camelo. Você é revoltante.

Olhamos nos olhos um do outro. Percebo sua respiração, o rubor subindo por suas bochechas, e que me inclinei para mais perto, tão perto que nossos narizes estão a apenas alguns centímetros de distância.

Ela diz suavemente: — Você não acha que pareço um camelo.

Tenho que umedecer os lábios antes de responder, minha boca está tão seca. — Uma hiena. Um javali. Um kakapo.

— Não sei esse último.

— É um papagaio gigante que não voa.

— Um papagaio? Então é fofo.

Balanço minha cabeça lentamente, lutando contra o desejo de me inclinar mais perto e pressionar minha boca na dela. Minha voz está rouca quando falo. — Não. É nojento.

Depois de um momento, ela sussurra: — Mentiroso.

Ela me empurra e rola para o lado novamente.

Endireito-me e solto uma respiração lenta e silenciosa. Passo a mão pelo meu cabelo. Então pego meu celular do bolso e envio uma mensagem para Spider.

*Estou indo para lá agora. Certifique-se de que ele esteja pronto para falar.*

Com um último olhar para Sloane, saio da sala, acenando para os homens armados em ternos pretos que Kieran instalou em cada lado da porta enquanto estive dentro.

Saio para bater um papo com Stavros.

Pergunto-me se Sloane algum dia me perdoaria se eu voltasse com minha palavra e o matasse.

Só há uma maneira de descobrir.

# 18

## SLOANE

No instante em que a porta se fecha atrás de Declan, aperto o botão de chamada para a enfermeira.

Sessenta segundos depois, Nancy chega, parecendo que prefere comer uma tigela de lâminas de barbear do que me visitar.

— Oi, Nancy. Peço desculpas por ser uma bruxa com você antes, mas não estou me sentindo muito bem no momento. Além de meu cérebro sangrando sozinho, fui sequestrada.

Ela pisca. — Uh...

— Você não tem que fazer nada sobre isso. Não estou pedindo ajuda. Sei que você teria grandes problemas com a máfia irlandesa se descobrissem que você chamou a polícia, então não faça isso, ok? Não quero que toda a sua família seja morta em meu nome.

— Ok.

— Excelente. Obrigada. Então ouça, eu queria saber se você poderia me dizer o que causaria um teste de gravidez falso-positivo?

Depois de descruzar os olhos, ela diz: — É extremamente raro

um exame de sangue retornar um falso-positivo.

— Mas se isso acontecesse, o que causaria isso?

Ela pensa por um momento. — Existem várias condições que aumentam o nível de proteínas no sangue. Aborto espontâneo ou espontâneo recente. Gravidez ectópica, onde um óvulo fertilizado se implanta nas trompas de falópio. Alguns medicamentos. Certas condições de saúde.

— Como o quê?

— Eu teria que procurar uma lista completa, mas de cara... doença renal. Fatores reumatoides. Câncer.

— Que tipo de câncer?

— Ovariano, principalmente.

Oh Deus. Foi disso que minha mãe morreu. Uma pontada de pânico faz meu coração disparar, mas respiro através dele. — E a exposição à droga cetamina?

— Isso é um anestésico. Isso não afetaria os resultados do teste.

— Você consegue pensar em mais alguma coisa?

— Não.

— Ok. Obrigada pela informação. Eu agradeço. Já que estou aqui, podemos verificar se há tumores nos meus ovários? E também vamos fazer todos os outros exames de sangue de que preciso para verificar se há doença renal e tudo o mais.

— Por que não fazemos outro teste de gravidez primeiro?

— Sei que não estou grávida.

Posso dizer que ela está pensando que estou em total negação, mas ela sabiamente não menciona isso.

— Tudo bem. Vou pedir os testes.

— Obrigada.

Ela me encara por um momento, preocupada. Apontando o polegar por cima do ombro em direção à porta, ela diz: — Então...

— O chefe da máfia irlandesa me sequestrou. Sim.

— Mas...

Aceno uma mão no ar. — Estou bem. Não se preocupe comigo. Ele conseguiu o pior fim do negócio. Provavelmente estaremos de volta aqui em uma semana, quando ele tiver a coronária massiva que está se formando. Ei, seria possível você me trazer um smoothie de proteína? Ah, e eu também poderia pedir a você para ligar para Lakeside Yoga em King's Beach, Tahoe, e dizer a eles que Sloane está gripada e vai ficar fora por um tempo? Se eles perguntarem quem você é, diga apenas Riley. Essa é minha irmãzinha.

Sorrio para ela. Ela pisca mais algumas vezes, parecendo totalmente confusa, antes de se virar e sair.

Deslizo para baixo na cama, puxo as cobertas sobre o rosto, fecho os olhos e começo a repetir silenciosamente afirmações positivas.

*Não estou grávida.*

*Não estou grávida.*

*Não estou... Espere. Essa é uma frase negativa, não positiva. Precisamos mantê-lo positivo. Tente novamente.*

*Estou livre de um bebê.*

*Estou sem um bebê.*

*Estou sem um filho.*

*Não estou grávida.*

*Sou uma idiota total.*

Gemendo, tiro as cobertas do rosto e olho para o teto. Passo um tempo contando as rachaduras nas placas do teto, até perceber que este é o cenário perfeito para Declan se livrar de mim.

Ele não tem que me levar de volta para Nova York, de onde me arrebatou. Ele não precisa tomar providências para viajar ou evitar quem quer que esteja tentando me resgatar. Ele poderia simplesmente me deixar no hospital e sair.

Como ele fez apenas alguns minutos atrás.

Logo depois que Nancy anunciou que eu estava grávida.

Meu coração começa a bater forte. Minha boca fica seca. Sinto um aperto terrível na boca do estômago.

*Ok, o que é esse sentimento? Vamos nomear esse sentimento para*

*difundir seu poder.*

*No momento, estou me sentindo... estranha.*

*Muito vago. Tente novamente.*

*Estou me sentindo... mal.*

*Pode ser aquele coágulo de sangue na sua cabeça. Vamos falar sobre seu estado emocional, não físico, Sloane.*

*Odeio quando você fica ríspida comigo.*

*E odeio quando você responde às suas vozes interiores como se você fosse uma pessoa louca. O QUE VOCÊ ESTÁ SENTINDO?*

*Em voz alta, deixo escapar: — Machucada.*

*Assim que digo isso, sei que é verdade. Então vem a descrença.*

*Perdi minha cabeça. Meus sentimentos estão feridos porque meu sequestrador foi embora quando soube do bebê.*

*O bebê inexistente que definitivamente não vou ter.*

*Pulo da cama, corro para a porta e a abro. Não sei o que planejei, estou agindo por puro instinto, mas assim que a porta se abre, quatro homens enormes em ternos pretos saltam de seus lugares, flanqueando os dois lados da porta para criar uma parede de gângster eriçada e impenetrável na minha frente.*

*Um deles é Kieran.*

*Porque vê-lo causa tanto alívio para inundar meu corpo, não*

quero saber.

Ele dá uma olhada no meu rosto e entra no assustador modo de alerta. Tirando uma arma da cintura, ele olha atrás de mim para dentro da sala, com os pelos levantados e rosnando.

— Qual é o problema? Você está bem, lass?

— Sim, estou bem. Eu só... hum. Eu estava com sede.

Kieran relaxa os ombros e exala um suspiro. Então ele se vira para o homem ao lado dele.

— Vá buscar um copo de água para a lass e seja rápido. — Ele coloca a arma de volta no coldre e se vira para mim, sorrindo. — Jesus, você quase me fez sujar minhas calças com aquela entrada.

Acho que nunca vou entender uma palavra do homem dizer, mas sei em um nível celular que ele estava preocupado comigo, que estava pronto para atirar em qualquer intruso que pudesse estar no meu quarto, e que Declan não só não me abandonou neste hospital, ele me deixou com minha própria unidade de proteção pessoal em sua ausência.

Recuso-me a nomear esse sentimento. Pode ser a gota d'água que quebra meu cérebro.

— É melhor voltar para a cama, lass, — diz Kieran com um empurrão no queixo. — Declan ficará louco como uma caixa de sapos se ele descobrir que você está pior quando voltar.

Em vez de responder, dou um abraço em Kieran.



Quando o solto, todos estão me olhando com os olhos arregalados como se eu tivesse peidado na igreja.

Digo sinceramente: — Obrigada, Kieran. E todos vocês também. Sinto-me muito melhor sabendo que vocês estão aqui. Realmente aprecio vocês cuidarem de mim. Tenho certeza de que provavelmente há muitas outras coisas que vocês todos preferem fazer...

Inalo uma respiração instável. Ninguém diz nada. O gângster que Kieran enviou para pegar a água retorna e me entrega um copo de papel.

Fico olhando para ele em minha mão, surpresa ao vê-lo tremer.

— Entre agora, lass, — diz Kieran suavemente. — Descanse, sim?

— Ok. Sim.

Ele pisca para mim. Por alguma razão bizarra, isso me emociona.

Olhando para meus guarda-costas, digo com uma voz estrangulada: — Só quero que todos saibam que acho os gângsteres irlandeses *muito* mais legais do que os russos. Exceto Declan. Mas vocês são simplesmente os melhores.

Entro, fecho a porta, bebo a água, então me deito de bruços na cama, respirando profundamente no travesseiro até Nancy chegar novamente.

— Se estiver tudo bem para você, vou tirar mais sangue agora

para que possamos fazer os testes, então podemos ir à Radiologia para fazer um ultrassom para examinar seu útero e ovários.

— Brilhante. Vamos fazer isso.

Sento-me em silêncio enquanto ela tira seis pequenos frascos de sangue. Parece muito, mas não mencionei. — Quanto tempo até recebermos os resultados do teste de sangue de volta?

— Para você, cerca de uma hora.

Estou sendo empurrado para frente da fila. Sem dúvida, graças ao seu terror de Declan aniquilar toda a sua árvore genealógica. — Agradeço. Obrigada, Nancy.

Ela faz uma pausa no que está fazendo para olhar para mim. Enviando um olhar furtivo em direção à porta, ela murmura: — Tem certeza de que está bem?

— Claro. Ser sequestrada não é a pior coisa que já passei. E eles são apenas homens. Não é como se eles fossem difíceis de controlar. Conheci Chihuahuas que eram muito mais assustadores.

— Eu não. Esses caras são assustadores. E o chefe deles... — Ela estremece.

A curiosidade ergue sua cabeça feia. — Você morou em Boston a vida toda?

Ela acena com a cabeça.

— Então, a máfia irlandesa aqui é muito poderosa, hein?

— Eles dirigem a cidade. Tem sido assim desde que me lembro. Até os policiais estão em sua folha de pagamento.

Posso dizer que ela está gostando de mim, então faço um pequeno ruído encorajador para indicar que estou ouvindo.

— Quer dizer, temos os italianos também. E os russos. E muitos outros, mas os irlandeses têm uma presença mais forte em Boston do que em qualquer outra cidade da América. As coisas costumavam ser mais estáveis, mas nos últimos anos estouraram guerras territoriais. Os chefões da Máfia continuam sendo mortos. Na verdade, houve um assassinato esta semana.

— Ouvi sobre isso. Diego, não é?

— Sim.

— Nome estranho para um irlandês.

— Oh, ele não era irlandês. Ele era mexicano-americano. As ruas estavam espalhadas quando seu chefe levou um tiro e assumiu o controle. Disseram que era um sinal dos tempos, um cara latino assumindo o comando. A Máfia se tornando mais internacional ou algo assim.

Os russos tiveram um ucraniano étnico como último líder, então acho que não é tão estranho que os irlandeses tivessem um mexicano-americano. — Então o que aconteceu com esse Diego?

— Os jornais disseram que o corpo dele foi encontrado no depósito de lixo. Eles ainda não encontraram sua cabeça.

*Que horrível. Pergunto-me o quão próximos ele e Declan eram? —*

Eles têm alguma ideia de quem fez isso?

Ela me dá uma olhada. — Não um de seus amigos, com certeza.

Claro. Era um de seus inimigos. Como talvez os italianos.

Ou os russos.

Ou Kage.

Não é à toa que Declan olha para mim com tanto... seja o que for. Sou a melhor amiga de Natalie. Eu disse que era amiga de Kage. Namorei Stavros. Mesmo que ele admita que não comecei uma guerra, ele ainda pensa que sou seu inimigo.

Um inimigo que ele terá muitos problemas para proteger.

A questão é: por quê?

— Desculpe?

Surpresa com meus pensamentos, percebo que falei essa última parte em voz alta. — Nada. Desculpe. Estou só na minha cabeça. As coisas estão um pouco complicadas no momento.

Nancy evita esse campo minado e diz que vai me dar uma cadeira de rodas para nossa viagem à Radiologia, que fica no segundo andar.

— Pareço tão mal?

— Não. — Ela faz uma pausa. — Mas... — Ela limpa a garganta. — Se você cair e se machucar, terei que explicar ao Sr. O'Donnell como deixei isso acontecer. E ele deixou instruções bastante

específicas de que você deveria ser bem cuidada. — Ela faz uma nova pausa. — Para ser totalmente honesta, ele disse ao Dr. Callahan que, se você morresse, ele também morreria. Estou supondo que o mesmo padrão se aplica a mim.

Declan ameaçou a vida do médico? Não consigo decidir se isso é horrível ou doce.

— Eu cuido de vocês. Sem problemas. Ele não vai matar ninguém. Ele só gosta de jogar isso para assustar as pessoas.

Nancy parece duvidosa. — Não quero contradizê-lo, mas ele não conquistou sua posição com distintivos de escoteiro.

Ela me deixa pensando nisso enquanto pega a cadeira de rodas. Quando ela retorna, Kieran está furioso.

— O que é isso? — Ele rosna, aglomerando-se na porta com o resto da gangue. Ele olha para a cadeira de rodas com desconfiança, como se estivesse armada com explosivos.

— Vou ao departamento de radiologia para fazer mais testes.

Suas sobrancelhas se juntam. Ele não gosta da ideia. — Declan não disse nada sobre deixar você sair da sala.

— Por que você não vem? Faremos uma viagem de campo.

— Ou você pode apenas esperar até que ele volte.

Para pedir permissão, ele quer dizer. Até parece.

Digo alegremente: — Oh, vou deixar isso para você. Ele disse

que queria que eu fizesse todos os testes de que eu precisava o mais rápido possível para ter certeza de que essa coisa de sangramento cerebral não vai me matar, mas se você acha que é melhor para mim, tudo bem.

Espero, sorrindo com expectativa.

Dois minutos depois, nós seis entramos no elevador do hospital, descendo.

Quando as portas se abrem no segundo andar, Kieran e seus homens saem primeiro, com as armas em punho. Eles fazem uma varredura no corredor antes de deixar Nancy e eu sairmos do elevador. Em seguida, eles caminham a cada lado de nós como os agentes de campo pessoais do presidente, lançando punhais para qualquer um que se atreva a olhar em nossa direção.

Odeio admitir que amo o drama disso. Sinto-me uma celebridade. Ainda bem que não sou, porque seria uma diva horrível. Dois voos em um jato particular – um deles em cativeiro – e acho que nunca mais poderei voar em classe econômica.

O ultrassom ocorre sem problemas. Não há tumores ou cistos em meus ovários e meu útero é tão estéril quanto o Saara. Saio sorrindo.

O sorriso termina quando estamos de volta ao meu quarto e Nancy me conta os resultados dos exames de sangue.

# 19

## DECLAN

O armazém fica perto das docas. É frio, úmido e cheira a água do mar rançosa e madeira podre. Mas não fica perto de nenhum outro prédio, o que o torna um local conveniente para interrogatórios.

Gritos se perdem aqui. O sangue escorre facilmente do cimento, para o esgoto e para o mar.

— Olá, Stavros.

Ele está amarrado a uma cadeira de metal com um capuz de pano preto sobre a cabeça. Normalmente, eu o teria de joelhos – cimento gelado é um inferno para os joelhos – mas ele já estava assim quando cheguei aqui.

A cabeça encapuzada se levanta. Uma voz com leve sotaque russo diz: — Quem está aí?

— O novo melhor amigo de Sloane.

Após uma breve pausa, ele pragueja cruelmente em russo.

Divertido, me viro para Spider, de pé ao meu lado. — Aposto que ele pensa que não entendo a língua dele.

Spider ri. — Aposto que ele pensa muitas coisas que não são verdade. Pessoas estúpidas são assim.

— O que você fez com ela? Se você a machucou, vou te matar!

Seus gritos raivosos ecoam nas paredes. Ele luta contra suas amarras. Sua respiração é áspera e rápida.

— Relaxe. Ela ainda está inteira. Mas continue assim, e trarei para você um dos dedos dela cada vez que você gritar comigo.

Fluindo pelo capô, sua respiração envia nuvens brancas no ar frio. Com a voz mais baixa, mas ainda tremendo de fúria, ele diz: — Você vai se arrepender disso.

Estou intrigado. Pela descrição de Sloane dele como chato, eu esperava menos energia. — Por quê? Seu mestre, Kazimir, está vindo para resgatá-lo? Você não está alto o suficiente no totem, garoto.

— Estou falando sobre sequestrar minha mulher.

Ouvi-lo chamá-la deixou meus dentes no limite. — *Sua* mulher? Você parece estar agindo sob o equívoco de que ela dá a mínima para você.

Ou que ela poderia pertencer a qualquer pessoa. Nenhum homem poderia realmente possuí-la. Como todos os espíritos ininterruptos, ela não pode ser reivindicada.

Stavros não se intimidou com meu sarcasmo. — Você não tem ideia de como ela se sente sobre mim.

— Sei que ela acha você tão interessante quanto leite coalhado.



— Ela não *te* diria a verdade!

— Ela disse. Sob pressão.

A insinuação de que a torturei para obter informações não o perturba. Ele balança a cabeça com veemência.

— Você não a conhece. Sloane não é como as outras pessoas. Ela não dará nada que ela não queira dar, não importa o que custe.

Estou começando a ficar irritado com a confiança dele. Ela poderia ter mentido para mim sobre seus sentimentos por ele?

— Todo mundo tem um ponto de ruptura. Você, por exemplo. Quantos dedos seus terei que remover antes de você me dizer tudo o que quero saber sobre o seu chefe?

Sua resposta é instantânea. — Nenhum. Vou te contar qualquer coisa. Vou te contar tudo sobre ele que eu sei.

Spider está surpreso. — Esta é a lealdade que você mostra ao seu rei?

— Não me importo com ele. Só me importo que você não machuque Sloane. Se você a deixar ir, farei o que você pedir. Vou espioná-lo se você quiser.

Enojado, Spider cospe no cimento. — Inacreditável. Por uma mulher.

Viro-me e dou a ele um olhar frio. Em gaélico, digo com firmeza: — Você está pensando muito de si mesmo. Você já se esqueceu da facilidade com que a mesma mulher testou sua lealdade, *Homer*?

Ele congela. Uma expressão de culpa surge em seus olhos.

— Tire o capuz dele. E me dê uma cadeira.

Volto para Stavros e vejo como Spider puxa o capuz de sua cabeça. Stavros me vê parado na frente dele e me dá uma rápida olhada.

Estou satisfeito em vê-lo engolir em seco de medo.

Spider coloca uma cadeira na minha frente e se afasta. Viro a cadeira, sento-me de frente para Stavros com meus antebraços apoiados em cima, minhas mãos balançando frouxamente sobre as bordas.

Então digo a Spider para nos deixar em paz.

Quando o eco de seus passos desaparece, digo a Stavros: — Você está apaixonado por ela.

A pergunta o pega desprevenido. Posso dizer que ele está tentando adivinhar o ângulo que estou jogando. Ele debate consigo mesmo por um momento, então diz simplesmente, — Sim.

— Tanto que você trairia Kazimir sem pensar.

— Sim.

*Interessante.* — Quanto tempo vocês dois ficaram juntos?

Ele está começando a parecer confuso. Talvez ele esperasse que eu estivesse cortando partes do corpo agora, sem me envolver em uma conversa educada.

— Três meses.

*Isso é tudo?* Quando levanto minhas sobrancelhas, ele diz defensivamente: — Quatorze semanas, para ser exato. E dois dias.

Jesus. Tenho certeza de que se eu perguntasse quantas horas e minutos, ele saberia.

Ele deixa escapar: — Diga-me se ela está bem.

Segurando seu olhar, digo baixinho: — Você não está em posição de fazer exigências.

— Por favor. Eu tenho que saber. Está me matando. Estou enlouquecendo.

Seus olhos escuros me imploram. Sinto uma forte necessidade de arrancá-los. Em vez de fazer isso, digo: — Ela está bem.

Sua exalação é intensa e aliviada. Ele faz uma oração de agradecimento à Virgem Maria em russo. Agora eu gostaria de jogar gasolina sobre esse garoto e colocá-lo em chamas.

Meu ego decide que é hora de foder comigo e me lembra que Stavros não é uma criança. Ele é um homem adulto. E, como Sloane, pelo menos uma década mais jovem do que eu. Ele é jovem, forte, bonito e loucamente apaixonado por minha prisioneira.

Talvez o perfume dela esteja misturado com oxitocina. Isso explicaria muito.

— O que você ama tanto nela?

— Tudo.

— Diga uma coisa.

Ele está ainda mais confuso com meu tom desafiador. Para ser honesto, isso também está me confundindo.

— Isso é algum tipo de jogo?

— Diga-me.

Depois de um momento inspecionando minha expressão de perto, ele muda para um horror. Sua voz sai embargada. — Você tem sentimentos por ela.

Zombo. —Sim. Muitos sentimentos. Aborrecimento. Agravamento. Exasperação.

Eu poderia continuar.

Quando ele só fica me olhando com aquele olhar de consternação, decido cutucá-lo um pouco. — Admito, os seios dela são incríveis. E aquela bunda... bem. Você sabe.

Meu sorriso sugere que já vi bastante sua bunda perfeita. Sugere que peguei. Como eu sabia que aconteceria, a ideia o deixa louco.

— Foda-se!

— Não, obrigado. Volte para Sloane.

Ele ferve por um tempo, debatendo se deve gritar mais obscenidades para mim ou obedecer.

— Não vou falar sobre ela com você.

Removo minha arma da minha cintura, me inclino para frente e a empurro contra sua rótula. — Que tal agora?

Ele está suando. As veias do pescoço saltam. Ele lambe os lábios nervosamente, respira fundo e balança a cabeça.

Sua coragem me surpreende. Profundamente. Depois de vinte anos no sindicato, raramente fico surpreso. — Você desistiria do seu chefe por nada, mas não quer falar comigo sobre uma mulher com quem você nem está mais?

— Não por nada. Por ela. Eu não esperaria que você entendesse.

Ele está tão assustado que está quase se cagando. Mas ele também é desafiador. Disposto a ter sua rótula estourada para defender sua honra.

Droga. *Recuso-me* a gostar desse garoto.

Inclino-me mais perto e enfio a arma em sua virilha. Ele emite um pequeno grito de terror.

— Vamos tentar de novo. O que você ama tanto nela?

Ele passa alguns momentos hiperventilando e engolindo convulsivamente o excesso de saliva em sua boca. Dou-lhe alguma margem de manobra para se recompor e espero calmamente até que ele consiga falar.

— E-ela é a pessoa mais inteligente que já conheci.

Porra. Eu esperava que ele dissesse algo superficial sobre o corpo dela para que eu pudesse atirar em seu pau. Digo secamente: — Ela concorda com você. O que mais?

— Ela não tem medo de nada. Ela é atenciosa e gentil. E engraçada. Você não espera que uma garota tão gostosa seja engraçada, mas ela é.

— Mas *irritante*, certo? Ela não irritou você de forma brutal?

Ele parece chocado com a sugestão. — Não. Ela não é irritante. Ela é uma deusa.

Estou começando a entender por que Sloane se cansou dele. Sua seriedade é cansativa. Esse garoto está tão seco quanto torrada sem manteiga. Ela está muito acima de sua cabeça, eles nem estão na mesma atmosfera.

Enfio a arma de volta na minha cintura e o considero.

Aparentemente, ele pensa que estou tramando seu assassinato. Ele fica um pouco mais pálido e começa a tremer.

— Não vou matar você, Stavros.

— Você não vai?

— Não. Seria muito deprimente.

— Não entendo.

— Isso é porque a vida ainda não sugou toda a alegria de você.  
— Levanto-me e começo a andar na frente da cadeira. — Mas também

não posso deixar você ir. Você não só teve a ideia extremamente estúpida de tentar atirar em meu prédio com sua tentativa patética de resgate, mas também atirou em dois dos meus homens em La Cantina, em Tahoe.

— Nunca atirei em ninguém.

Paro e olho para ele.

— Não atirei. A menos que você conte peixes.

— Então aqueles dois homens se mataram?

— Não. Alexei atirou nos dois que vieram à nossa mesa. Kazimir atirou nos outros dois.

Eu já sabia sobre Kazimir. Mas a informação que tenho é que Stavros foi o atirador na mesa. Então, novamente, ele e seu amigo morto Alexei são muito parecidos. Alto, magro, cabelo escuro, as mesmas tatuagens nos nós dos dedos. Quase como irmãos.

Ele diz: — Não me importo se você não acredita em mim. É a verdade. Na verdade, odeio armas. Sou mais um nerd de computador.

— Deixe-me ver se entendi. Você nunca atirou em ninguém antes, mas você decidiu que seria uma ideia brilhante para chegar a Boston para tentar resgatar uma mulher que você namorou por alguns meses de um homem que *baleou* pessoas antes. Muitas delas. Por coisas muito menos estúpidas.

— Não tive escolha.

— Sempre temos uma escolha.

— O coração conduz onde quer.

— O que isto quer dizer? Você é sua marionete?

Ele sorri melancolicamente. — Não. Estou apaixonado. Não importa se vivo ou morro, desde que esteja perto dela.

Olho para ele. — Você está *tentando* ser morto aqui? Você tem um desejo de morte, é isso?

— Eu não esperaria que alguém como você entendesse.

Rosno, — Não seja rude comigo, boyo<sup>16</sup>. Posso atirar em muitas coisas do seu corpo e ainda mantê-lo vivo.

Uma imagem súbita vívida dele em cima de Sloane, empurrando entre suas coxas abertas enquanto ela geme e arqueia sob ele, suga o fôlego dos meus pulmões. Em seu lugar vem o veneno.

O veneno do ciúme puro.

Ele vê a expressão no meu rosto e engole novamente.

Volto ao meu ritmo. Indo e voltando, pensando. Stavros fica sentado em silêncio, me observando com apreensão.

Como Sloane, ele não é nada do que eu esperava. Ele não é um assassino endurecido. Ele não é leal a nada além de noções românticas de amor verdadeiro. Ele é jovem e idealista, corajoso e inteligente e – para ser honesto comigo mesmo – é provavelmente uma pessoa melhor do que eu.

Uma pessoa que daria um bom pai.



Viro-me para ele e exijo: — Então, você quer se casar com ela?

Ele pisca surpreso. — Não entendo...

— Responda a maldita pergunta.

— Tudo bem. Sim, quero me casar com ela.

— E crianças? Você quer isso com ela também?

Com os olhos brilhando de emoção, ele diz asperamente: — Todos quantos ela concordar, sim. Sempre quis ser pai. E ela seria uma mãe maravilhosa. Eu desistiria de tudo se ela me pedisse. Da vida. Do dinheiro. De tudo. A única coisa que importa para mim é ela.

Porra. Não era assim que eu queria que esse interrogatório fosse.

Passo a mão pelo meu cabelo, expiro com força e fecho os olhos. Quando os abro, Stavros está me olhando como se tivesse sido levado ao mar em uma tempestade violenta, e sou o colete salva-vidas que alguém está prestes a jogá-lo.

O que eu sou.

Tentando não parecer tão deprimido quanto me sinto, digo: — Tudo bem, cara. É seu dia de sorte. Vamos fazer um acordo.

# 20

## SLOANE

— Espera, Nancy. Recomece. Como é chamado mesmo?

— Deficiência de imunoglobulina A. IgA para ser breve. É uma condição genética transmitida por seus pais.

*Inspire e conte até quatro. Segure e conte até quatro. Expire contando até quatro.* — Mas não me sinto mal. Além deste estúpido coágulo cerebral, me sinto bem. Estou em perfeita saúde. Não tenho sintomas de doença.

— A maioria das pessoas com a doença não apresenta sintomas.

— Existe uma cura?

— Não.

*Excelente. Tenho uma doença incurável. Pelo menos uma gravidez terminaria em nove meses.* — Então, o que é isso exatamente? Com o que estou lidando?

— IgA é um anticorpo que faz parte do seu sistema imunológico. Quando você não tem, fica mais sujeito a contrair infecções. A condição também parece desempenhar um papel na asma,

alergias e doenças autoimunes.

Confusa, franzo a testa para ela. — Não contraio infecções. E não tenho asma, alergia ou doenças autoimunes. Ou qualquer outro distúrbio que eu conheça, exceto uma afinidade incomum com couve.

Ela diz casualmente: — Oh, apenas uma em cada quatro pessoas com deficiência de IgA desenvolve algum problema de saúde. É uma condição silenciosa que não causa problemas para a maioria.

*Não posso estar ouvindo isso direito. Ela não acabou de me dizer que eu tinha uma doença incurável?* — Isso não causa problemas para a maioria das pessoas?

— Correto.

— Mas se isso causasse problemas, seriam coisas como... alergias?

— Possivelmente, sim. Ou resfriados mais frequentes, coisas assim. E, como no caso de seu teste de gravidez falso-positivo, ele pode interferir em certos exames de sangue.

— É isso?

— É isso.

Minha voz se eleva. — Então, isso não vai me matar?

Nancy está chocada. — Meu Deus, não.

Exasperado, jogo minhas mãos para o ar. — Você acha que poderia ter começado com isso?

— Sinto muito, penso que sim.

— Não, Nancy. Não, você não fez. Você foi com 'incurável' isso e 'condição genética' aquilo. Pensei que tinha câncer!

— Você não tem câncer. — Ela faz uma pausa. — Pelo menos no momento.

— Ok, realmente precisamos trabalhar em suas maneiras.

— Estou simplesmente tentando ser clinicamente precisa. Neste momento, você não tem câncer.

— Mas se eu tivesse, não seria causado pela coisa do IgA, certo?

— Certo.

Quando eu não respondo e apenas fico olhando para ela, ela se vira e sai silenciosamente da sala.

Deito-me na cama, meu sistema nervoso central em alta velocidade. Entre o sangramento cerebral, o susto da gravidez e a inepta notícia de Nancy sobre o IgA, sinto um excesso de adrenalina inundando meu sistema. Ainda assim, de alguma forma consigo adormecer.

Quando acordo horas depois, o sol está entrando pelas janelas, e Declan está sentado na cadeira ao lado da minha cama.

Olhando para mim com uma intensidade estranha e inabalável.

Bocejando, me apoio nos travesseiros e olho para ele. — Você está bem?

Ele faz um barulho de descrença e balança a cabeça.

— O quê?

— Você é a única na cama do hospital e está me perguntando se *estou* bem.

— Porque você é aquele com uma cara de quem acabou de dizer que sua avó morreu. E aí?

— Está quase na hora de sua próxima tomografia computadorizada.

— Boa tentativa. O que há de errado, Declan?

Ele fecha os olhos e encosta a cabeça nas costas da cadeira. — Não há nada errado, lass.

— Então por que você está se escondendo de mim?

— Não estou me escondendo de você. Estou sentado a um metro de distância.

— Não seja um idiota. Você sabe o que estou dizendo.

Ele suspira pesadamente. — Nunca sei o que você está dizendo. Tudo o que ouço é um barulho horrível que faz minha cabeça doer.

Preocupada, fico olhando para ele. Embora ele não admita, sei que algo está errado. Ele parece diferente. Depressivo. Não com o seu temperamento de gatilho usual, manipulado para explodir.

— Há quanto tempo você está sentado aí?

— Não sei. Algumas horas.

— Você conseguiu dormir?

— Não.

— Você quer trocar? — Quando ele abre um olho para me olhar interrogativamente, aponto para a cama. — Posso sentar-me um pouco na cadeira, se quiser descansar um pouco.

Ele abre o outro olho e levanta a cabeça. Agora tenho duas orbes azuis geladas olhando para mim com animosidade penetrante.

Estranhamente, isso me faz sentir melhor. Sorrio. — Ah, olhe. O encantador voltou. É difícil viver com todas essas diferentes personalidades mesquinhas em um só corpo? Deve ficar tenso aí. Como uma prisão superlotada.

— Por que diabos você está preocupada comigo? *Sou seu sequestrador.*

Ele parece realmente interessado na resposta, então penso sobre isso por um momento enquanto ele se ocupa tentando queimar meu rosto com seu olhar. — Hmm. Não é porque gosto de você, porque já estabelecemos que não gosto.

Ele me lembra mordazmente: — O sentimento é mútuo.

— Exatamente. Como você poderia gostar de alguém que parece um camelo e cheira a grama regurgitada? A menos que você seja um daqueles esquisitos que gostam de animais. Você sabe. Sexualmente.

Envio-lhe um olhar que implica que eu não colocaria a

bestialidade além dele. Ele me envia um olhar para trás que pode liquefazer o aço.

— Ouça, se isso faz você se sentir melhor, vamos apenas dizer que me preocupo com você porque é do meu interesse. Se você morrer de um ataque cardíaco ou levar uma bala ou qualquer outra coisa, o que vai acontecer comigo?

Sem perder o ritmo, ele diz amargamente: — Você assumiria minha posição, sem dúvida. Não seria difícil, considerando que você já recrutou metade do meu exército para se juntar às suas fileiras.

— Oh vamos lá. Kieran e Spider não podem ser metade do seu exército.

— Não, mas há mais três homens postados do lado de fora daquela porta que misteriosamente se juntaram ao seu fã-clubes na minha ausência. Tenho certeza de que seria fácil para você converter o resto.

— O que você quer dizer?

— Algo sobre um pequeno discurso comovente que você fez sobre os gângsteres irlandeses serem melhores do que os russos? E um abraço emocionado para Kieran?

Digo timidamente: — Oh. Isso.

— Sim. Isso. Eles acharam muito cativante. Eles também estão impressionados com a forma como você está lidando com toda a situação.

— Por situação, você está se referindo ao meu coágulo cerebral

ou a você?

— Não sou uma situação.

Rio disse. — Acredite em mim, gângster, você é uma situação com S maiúsculo. Você poderia transformar Gandhi em um assassino em série.

Ele me olha por um momento, então sua voz vem quente e baixa. — Tanto quanto você poderia, lass. Assim como você.

— Olhe para nós, encontrando tanto em comum. Em breve teremos algo para conversar além de suas inexplicáveis mudanças de humor.

Um músculo se flexiona em sua mandíbula. Posso dizer que ele está lutando muito para não sorrir, e repreende: — Vamos, mostre-me esses brancos perolados. Eles são literalmente a única coisa boa em seu rosto.

— Deus, sinto falta de quando você estava dormindo. Era tão pacífico.

— Ei, podemos pedir a Kieran para fazer uma corrida para buscar comida para nós? Pedi a Nancy que me trouxesse um smoothie de proteína, mas ela se distraiu.

Ele diz secamente: — O infame charme da Tinker Bell não funciona com outras mulheres?

— Não seja ridículo. Claro que sim. Nancy está apenas assustada porque ela vai fazer algo errado e você vai matá-la. — Quando ele não responde a isso, acrescento: — Pode ser a ameaça que você fez à vida



do médico. Apenas adivinhando.

Uma das sobrancelhas escuras de Declan se forma em um arco de aparência perigosa. — Ela disse isso a você ou ele?

— Pfft. Como se eu fosse te contar. Não quero ser a causa de nenhum ataque a minha equipe médica.

— Você faz parecer que sou um lobo raivoso.

— Eu estava pensando em algo menos machista. Como um esquilo. Com pulgas da peste.

Quando sorrio com sua carranca, ele se levanta e olha para mim. — Você sabe do que você precisa?

— Sim. Cem milhões de dólares e um botão na minha mesa de cabeceira que te dá um choque cada vez que você me faz uma pergunta retórica estúpida.

Ele diz sombriamente: — Não. Uma surra.

Minha respiração fica presa. Meu estômago se revira. Fico olhando para ele, minha boca seca de repente e meu batimento cardíaco galopando.

Ele estende a mão e segura meu queixo com firmeza. Ele passa o polegar pelos meus lábios. Olhos quentes, ele murmura: — Você gosta dessa ideia.

Consigo dizer um não que não convence nenhum de nós dois.

Com uma voz gutural e sexy como o inferno, Declan diz: — Sim,

lass. Você gosta disso tanto quanto eu. Você gosta de ser forçado a abrir mão do controle. Porque isso nunca acontece.

Estou com bacon na grelha. Sou um pedaço de manteiga derretendo sob o sol de verão. Sou um incêndio de cinco alarmes que está prestes a incendiar todo o maldito edifício.

— Olhe para você tremendo, — ele sussurra, os dedos apertando meu rosto. — Olhe para esses olhos.

O que quer que ele veja, ele fica fascinado.

Estou suando. É quase impossível engolir ou respirar. Sinto-me congelada, presa como um cervo nos faróis, muito atordoada para me mover, muito hipnotizada para correr e me salvar.

Não quero me salvar.

Nesse momento, tudo que quero é deixá-lo me atropelar.

Para deixá-lo me quebrar, me ferir, me separar.

Nunca me senti assim antes na minha vida.

Olhos azuis brilhando, ele lambe os lábios. Quando ele se inclina em minha direção, quase gemo de alívio. Preciso de sua boca na minha como preciso de oxigênio.

— Oh. Perdão.

O médico está parado na porta aberta, olhando nervosamente para frente e para trás entre nós. Quando não dizemos nada, ele tosse discretamente em sua mão.

— Eu tinha agendado outra tomografia para você, mas certamente posso voltar em um momento melhor.

Quando ele se vira para sair, Declan diz: — Não. Faremos agora.

Sua voz é áspera. Sua mandíbula está dura. Ele se endireita e volta seu olhar ardente para o meu. Ele segura meu queixo por mais um momento, depois deixa a mão cair ao lado do corpo.

Quase caio da cama no chão, mas consigo me manter de pé.

— Seja boa, — ele comanda, seu tom de advertência. Então ele se vira e sai.

O médico me olha com as sobrancelhas levantadas. Há uma grande possibilidade de eu dar um soco na garganta dele.

O tempo todo que estou fazendo a tomografia computadorizada, tudo que consigo pensar é na expressão de Declan quando ele colocou a mão em volta do meu queixo.

Nunca vi um homem parecer tão faminto.

Ou tão em guerra consigo mesmo.



O exame mostra melhora do coágulo sanguíneo, o que faz o Dr. Callahan brilhar de alívio. Sou levada de volta ao meu quarto e uma refeição de gelatina, purê de maçã e arroz branco. Digo à auxiliar de

enfermagem que o traz que ainda tenho meus dentes e meu cólon e peço a ela que tire a bandeja.

Então espero que Declan volte.

Ele nunca o faz.

Pelo resto do dia, fico sozinha com apenas uma visita ocasional de Nancy, verificando meus sinais vitais para me fazer companhia. Tento me distrair dos pensamentos de Declan lendo, cochilando e assistindo TV, mas nada ajuda. Ele se instalou dentro da minha cabeça como um tumor.

Na manhã seguinte, há outra tomografia computadorizada. Os resultados são tão bons que o médico diz que posso ir para casa.

Casa. Como se eu não soubesse mais onde fica. Meu apartamento em Tahoe? Em Nova York com Natalie? No apartamento de solteiro impessoal de Declan?

Ele me sequestrou e me isolou da minha vida, deixando-me à deriva sem rumo em uma jangada inflável sem remos. Não me sinto mais eu mesma. Tenho a curiosa sensação de que bastaria uma grande onda cair sobre mim e eu afundaria.

Quando recebo alta do hospital naquela noite, é Kieran quem me leva. Pergunto onde está o chefe dele, mas tudo que consigo é um encolher de ombros.

Algo sobre aquele encolher de ombros me perturba. A sensação fica mais forte quando saímos da rodovia e começamos a dirigir na direção oposta de onde Declan mora, no centro da cidade.

Olhando para os subúrbios que passam, digo: — Para onde estamos indo?

Quando ele atende, sua voz é sombria. — Você está sendo pega por seu companheiro.

Viro-me para ele, o coração batendo forte. — Meu companheiro? Você quer dizer Natalie? O que está acontecendo?

— Você está indo para casa, lass. Isso é tudo que eu sei.

Fico olhando para seu perfil tenso, sentindo como se alguém puxasse um tapete debaixo de mim. — Então Declan está fazendo você levar o lixo para fora, hein? Você é o sortudo que consegue limpar a bagunça que ele fez?

Ele olha para mim e diz gentilmente: — Não fique chateada. Eu poderia dizer que ele não estava feliz com isso.

— *Não estava feliz?* Bem, Deus me livre, o grande pooh-bah não está feliz. Isso é algo que acontece, ele estar feliz? Achei que descansar o rosto de cadela era o modo padrão para toda a sua personalidade!

Percebo que minha voz está muito alta. Também percebo que estou tremendo.

Estou com tanta raiva que estou prestes a explodir.

Estou sendo descartada. Sem nem mesmo um adeus, *Declan está me descartando.*

Kieran sabiamente permanece em silêncio. Pelos próximos trinta minutos, fico fervendo ao lado dele no banco do passageiro enquanto

seguimos em frente, saindo dos subúrbios e entrando no campo, até que finalmente paramos no acostamento de uma estrada de terra.

Kieran coloca o SUV no estacionamento, mas deixa o motor ligado. Sem dizer uma palavra, ele sai e dá a volta pelos fundos. Ele abre a porta traseira, remove várias sacolas, bate a porta e caminha pela estrada escura.

Assim que ele está fora do alcance dos faróis, outro par de faróis acende a algumas centenas de metros de distância. Agora vejo que estacionamos em um lado de uma ponte de madeira que liga a estrada de terra. Um riacho passa por baixo da ponte. Um carro espera do outro lado.

Minha mão aperta a maçaneta da porta. Meu coração bate como um tambor na selva dentro do meu peito.

Kieran retorna. Ele se acomoda no banco do motorista. Sem olhar para mim, ele diz: — Pode ir.

— O que há nessas sacolas?

— Suas roupas.

As roupas que Declan comprou para mim, ele quer dizer. As roupas que pedi a ele, ele comprou para mim e mal pude usar antes de ir para o hospital.

Não consigo imaginar por que ele se incomodou.

Minha voz esquentava, digo, — Quero que você diga a ele algo para mim. Diga a ele...

— Você pode dizer a ele você mesma, — Kieran diz baixinho, acenando com a cabeça na minha janela.

Quando olho, vejo uma figura se materializar nas sombras das árvores ao longo da estrada. A figura é alta, de ombros largos e vestindo um terno preto. Um cigarro aceso queima em laranja contra a noite, brilhando mais forte quando a figura o leva aos lábios para uma tragada.

É o Declan. Mesmo sem poder ver seu rosto, sei que é ele.

*O que é esse sentimento?*

*Não diga nada. Não ouse.*

Abro a porta e pulo para fora. Antes de encerrar, digo: — Foi bom conhecer você, Kieran. Obrigada por cuidar de mim. Diga a Spider que eu disse adeus. Espero que vocês dois tenham uma vida boa.

Ele olha para mim e sorri. Ele diz algo em gaélico que escolho acreditar que é uma despedida.

Fecho a porta e caminho em direção a Declan. Quando estou a alguns metros de distância, paro. Nenhum de nós fala por um momento. Então digo: — Eu não sabia que você fumava.

— Parei há um tempo. Recentemente, retomei o processo. — Sua voz está baixa. Estável. Tão ilegível quanto seus olhos.

— Então, isso é um adeus.

Ele dá uma longa tragada no cigarro. — Sim.

— Excelente. Mal posso esperar para nunca mais te ver.

A fumaça sai de suas narinas como um dragão. Ele me encara, em silêncio, frio como um gato.

Odeio gatos.

— Ok. Boa conversa, como sempre, gângster. Acho que te vejo por aí.

Quando me viro para sair, ele diz: — Espere.

Ele se aproxima. Puxando um telefone celular do bolso do casaco, ele diz ríspidamente: — Aqui.

— O que é isso?

— Um celular.

— Você não tem ideia do quanto eu gostaria de apagar esse cigarro no seu olho.

— *Seu* telefone celular, garota. O que dei a você que tem meu número programado.

Pego dele, de repente insegura. — Por que você está me dando isso?

Há uma pausa estranha. Ele desvia o olhar. — Você nunca sabe quando pode precisar lançar insultos mordazes a alguém. Pode muito bem ser eu. Considerando que você é tão boa nisso.

Olho para ele através das sombras. Há algo estranho em sua voz. Algo que está fazendo meu coração disparar.



— Quem está esperando por mim do outro lado da ponte, Declan?

Ele fuma. Inclina a cabeça para trás e sopra anéis de fumaça perfeitos no ar. Seu silêncio é enfurecedor.

— Responda-me, caramba.

Como se fosse uma deixa, a porta do motorista do outro carro se abre. Alguém sai e coloca a mão sobre os olhos, protegendo-os dos faróis do SUV, e sou apresentada pela segunda vez em cinco minutos a uma habilidade que eu nunca soube que tinha: identificar as pessoas apenas por sua silhueta.

— Stavros? — Sussurro em horror. Giro em Declan e exijo, — Você chamou *Stavros* para me pegar? Ele não é seu *inimigo*?

Olhando para mim com aqueles olhos ilegíveis, ele diz: — A palavra ganhou uma nova flexibilidade para mim ultimamente. E quem melhor do que o pai do seu filho para resgatá-lo do pesadelo que você está vivendo?

*O pai do seu filho.*

Oh meu Deus. Ele saiu do hospital sem falar com o médico sobre os resultados dos meus outros exames. Ele não sabe sobre o IgA.

Ele não sabe que não estou grávida.

Não consigo me lembrar da última vez em que estive com tanta raiva. Honestamente, acho que nunca.

Dou um passo em direção a ele, tremendo. — Seu homem

arrogante e idiota. Você acha que sabe o que é melhor para todos, mas você nem sabe o que é melhor para você.

Ele está carrancudo para mim. Carrancudo, na verdade. — O que você está falando?

— Estou falando sobre você estar tão certo de sua própria infalibilidade que é cego. Mas aqui está algo que vou deixar para você. Não estive com Stavros desde o início de janeiro. Estamos quase em março agora. O que te faz pensar que eu não estive com mais ninguém no meio?

Ele cai tão quieto que nem mesmo está respirando. Seus lábios se abrem. Ele me encara, o choque registrando em seu rosto.

Digo baixinho: — Você pode querer verificar a identidade do papai bebê na próxima vez que decidir bancar o casamenteiro, o gângster. Até a próxima.

Viro-me e corro o mais rápido que posso, dizendo a mim mesma enquanto me aproximo de onde Stavros espera por mim que a água nos meus olhos e a dor no meu peito têm tudo a ver com um alívio avassalador e nada a ver com o cara que estou deixando para trás.

# 21

## SLOANE

O caminho para o terminal do jato particular no aeroporto com Stavros é silencioso, mas ele segura minha mão.

Deixo. Acho que é porque uma vez que a raiva foi drenada, fiquei entorpecida.

Entorpecimento é melhor do que raiva. Entorpecimento não exige respostas. O entorpecimento é um alívio bem-vindo para muitas emoções intensas.

Entorpecimento é meu novo melhor amigo.

Assim que estamos em seu jato e as escadas se dobram atrás de nós, Stavros se vira e me agarra em um abraço de urso esmagador. Ele sussurra o apelido que costumava me fazer subir *pelas* paredes: *mamochka*<sup>17</sup>. Então ele cai de joelhos e enterra o rosto entre minhas coxas.

Não é uma coisa sexual. Ele está apenas se escondendo.

Olhando para sua cabeça escura, digo baixinho: — O que você prometeu a ele?

— Nada.

Ele não levanta os olhos quando fala. É assim que sei que ele está mentindo.

Afundo a mão em seu cabelo e o puxo. Finalmente, ele olha para mim, mordendo o lábio. Suas mãos apertam a parte de trás das minhas coxas. Ele parece ter cerca de dez anos.

— Seja o que for, Kage descobrirá. E quando ele fizer isso, ele vai te matar.

— Não me importo. Salvei você. Isso é tudo que importa para mim. Que você está segura.

Meu sorriso deve parecer muito triste, porque as sobrancelhas de Stavros se juntam. Murmuro: — Doce menino. O que te faz pensar que preciso ser salva?

Ele diz com raiva: — Ele levou você. Ele *levou* você.

— Sei o que ele fez.

A raiva desaparece. Olhando para mim com olhos suplicantes, ele engole, seu pomo de Adão balançando. — Pensei que se eu... se você... talvez nós...

Suspiro, acariciando seus cabelos. — Oh, Stavi.

Isso é tudo que tenho a dizer antes que ele volte a esconder o rosto entre as minhas pernas. — Vamos, — digo, alisando seu cabelo. — Levante-se. Precisamos conversar.

Sua voz fica petulante. — Não quero falar. Sei o que você vai dizer.

— Stavi...

— Não!

Eu costumava odiar quando ele ficava assim, teimoso como uma criança negando seu brinquedo favorito. Também odeio a única coisa que pode movê-lo.

— Se você for bom, vou deixar você fazer isso.

Ele fica quieto. Sua voz sai baixa. — Você irá?

— Sim. Levante-se.

Com um movimento rápido de membros, ele está de pé, olhando para mim com o coração nos olhos.

Não, não seu coração. O órgão com o qual ele está olhando está mais ao sul do que isso.

Aponto para a cadeira mais próxima. — Sente-se.

Ele obedece sem hesitação. Sento-me em frente a ele em outra das cadeiras do capitão de couro cor creme. Os motores do jato ganham vida. — Prepare-se.

Ele coloca o cinto de segurança no colo e fica sentado me olhando, inquieto.

— Diga-me o que você prometeu a ele.

— Não posso.

— Quando Kage descobrir, sou a única que pode ser capaz de ajudá-lo.

— Ele não vai descobrir.

Ele olha ansiosamente para os meus sapatos. Tenho que me esforçar para não suspirar.

— Stavi, olhe para mim.

Leva um momento para ele desviar o olhar dos meus pés.

Faço meu rosto e minha voz muito severos. — Diga-me.

Frenético, ele lambe os lábios. — Eu... eu... — Ele faz uma pausa, então sai em uma explosão. — Eu disse a ele que usaria uma escuta sempre que estivesse com Kazimir e que ele poderia grampear meu telefone e meu e-mail para monitorar nossas comunicações.

Estou tão horrorizada que não consigo falar por um minuto inteiro.

Nesse ínterim, Stavros começa a rastejar.

— Sinto muito, sinto muito, sei que não deveria, mas eu estava tão preocupado com você, e ele disse que não iria deixá-la ir a menos que fizéssemos um acordo, então eu tive que, eu *tive*!

Levanto a mão para parar a torrente. Stavros fica em silêncio, ofegando e apertando os braços da cadeira.

Um combinado. Um acordo. Esses dois detalhes se destacam na

minha cabeça como luzes de néon piscando. Eles parecem oficiais. Termos semelhantes que um promotor usaria. Ou a polícia.

Então, outra coisa me ocorre. Com apreensão, olho para frente da camisa branca de botões de Stavros.

Ele balança a cabeça.

Aliviado por não estar sendo gravada, me recosto na cadeira e solto um forte suspiro. Discuto dizer a Stavros que Declan iria me deixar ir sem sua ajuda, mas decido contra isso. Quanto menos se falar dele, melhor.

Além disso, Stavros já está novamente distraído pelos meus pés.

Tiro meu sapato, me levanto e entrego a ele. Então me tranco no banheiro para não ter que ouvir as fungadas e gemidos enquanto Stavros se sacode para se libertar com o nariz enterrado no meu calçado.

Levo meu tempo usando o banheiro, lavando as mãos e jogando água no rosto. Quando saio do banheiro dez minutos depois, Stavros está achatado contra uma das janelas, olhando com os olhos arregalados e com o rosto pálido para algo na pista abaixo.

— O que há de errado?

— É *ele*, — ele diz, sua voz estrangulada. — O irlandês!

Meu coração pula na minha garganta. Corro para a janela mais próxima e olho para fora. Com certeza, lá está Declan na pista perto da frente do avião.

Ele tem um lançador de foguetes pendurado no ombro.

Stavros grita: — *Ele vai nos matar!*

— Não, ele não vai. Ele só gosta de fazer uma grande entrada. Vá dizer ao piloto para desligar os motores.

Enquanto um Stavros hiperventilando sobe pelo corredor em direção à cabine, o celular que Declan me deu zumba. Afasto-me da janela e puxo-o do bolso de trás da minha calça jeans. Embora eu possa estar tendo um ataque cardíaco, pareço entediada quando respondo.

— Gino's Pizza, posso anotar seu pedido?

Sobre a linha vem o rosnado de um urso pardo enfurecido. — Sim, vou te dar uma maldita ordem. Tire sua bunda desse avião antes que eu exploda seu menino brinquedo em pedacinhos.

— Ninguém mais fala em pedacinhos, gângster. Caso você não tenha ouvido, é o século XXI.

— Você tem cinco segundos. Quatro. Três.

— Desculpe-me, com qual personalidade estou falando agora? Porque definitivamente não foi aquele que me disse adeus meia hora atrás.

— Meia hora atrás, eu não sabia que você não estava grávida.

Paro por um momento. — Você falou com o médico?

— Liguei para o médico. Eu sabia que algo estava acontecendo



quando você disse que eu era cego. E você não tem uma cara de pôquer tão boa quanto pensa.

— O que isto quer dizer?

— Você estava chateada porque eu estava deixando você ir.

— Você está chapado.

— Devo estar se fui atrás de você novamente. Agora saia desse maldito avião antes que eu perca a paciência e faça algo de que vou me arrepender.

Fico lá com minhas mãos tremendo, meus joelhos tremendo e meu coração batendo fora do meu peito. Não sei exatamente se é raiva, adrenalina ou uma espécie de exaltação fodida que estou sentindo, mas, de qualquer forma, definitivamente não estou com vontade de ser mandada por aí.

Então digo friamente e deliberadamente ao telefone, — Não.

Desligo. Então vou até a janela e mostro o dedo para ele.

Vejo a fúria em seus olhos de onde ele está. Ele tem um brilho vermelho em volta da cabeça.

Tenho certeza de que corresponde ao meu.

Retiro-me e começo a andar com raiva para cima e para baixo no corredor, até que Stavros sai em pânico da cabine com um telefone celular no ouvido, tagarelando freneticamente.

— Não- ela não vai- não posso - ela não vai *me* ouvir! Não

*sei como abrir a porta!*

Claro que Declan teria o número do celular de Stavros. Claro que sim.

Digo em voz alta: — Ele não vai atirar aquela coisa. Desligue e vamos indo.

— Estou tentando salvar sua vida!

Isso de novo não.

Caminho pelo corredor até Stavros, arranco o telefone de sua mão e coloco no meu ouvido. Estalo, — Seu negócio com Stavi está cancelado. Ele não estará espionando ninguém para você. E você vai manter sua palavra de não machucá-lo.

A risada de Declan é sombria e perversamente satisfeita. — Eu deveria saber que você o faria falar.

— Sim, você deveria. Você continua a me subestimar.

— Um erro que não vou repetir. Saia do avião. Agora. Ou minha promessa de não machucar seu pobre cãozinho 'Stavi' expira.

Desta vez, é ele quem desliga.

Fico tremendo de fúria quente, debatendo comigo mesmo, e concluo que não há maneira de sair disso. Se eu não fizer o que ele pede, não tenho dúvidas de que ele machucará Stavros. Agora que ele sabe que Stavros não é o pai do meu bebê inexistente, não há razão para mantê-lo vivo.

O filho da puta me deu xeque-mate.

Devolvo o telefone a Stavros e digo-lhe para instruir o piloto a abrir a porta da cabine e descer as escadas.

Ele fica horrorizado com a sugestão. — Não! Não posso fazer isso!

— Você pode, e você vai. Não estou perguntando.

Ele gesticula freneticamente em direção às janelas. — Ele é um animal!

— Sim, mas razoável. Pareço magoada para você?

Depois de um momento, ele diz relutantemente, — Não.

— Isso é porque sei como lidar com ele.

Ele me olha estranhamente. — Não acho que você saiba. Nunca vi você assim.

— Como o quê?

— Emocional.

Enerva-me que ele esteja certo. Quando passo por ele, indo em direção à cabine para falar com o piloto eu mesma, ele agarra meu braço e implora para mim.

— Você não entende! Ele me fez todas essas perguntas sobre você. Sobre nós. Ele queria saber tudo. Acho que ele está obcecado por você!

— A única pessoa por quem ele está obcecado é ele mesmo. Deixar-me ir.

— *Mamochka*, por favor!

Viro-me para ele, enquadro seu rosto em minhas mãos e digo: — Pare.

Ele fica na minha frente com a cabeça baixa e fecha os olhos.

Ficamos em silêncio por um momento, até eu dizer: — Eu amo o que você fez por mim. Você foi muito corajoso. Agora vou fazer o mesmo por você. E você vai me deixar.

Ele inspira e expira profundamente. Então, relutantemente, ele balança a cabeça.

— Bom. Agora escute. Quando tudo isso acabar, vou ajudá-lo a encontrar a garota que você precisa, ok? Nós dois sabemos que não sou eu. Mas o seu par está lá fora, e vou garantir que ela seja boa o suficiente para você. Enquanto isso, você não fará mais acordos com ninguém para espionar Kazimir. E se alguém pedir, você me dirá. Entendido?

Ele acena com a cabeça novamente.

— Ok. Agora me dê um abraço.

Ele envolve seus braços em volta de mim e suspira.

Dou um tapinha nas costas dele, me perguntando onde vou encontrar uma garota que quer bancar a mamãe de um homem adulto com um furioso fetiche por sapatos femininos e um vício em se

divertir jogando World of Warcraft de cueca.

Então me lembro que ele é super rico e sei que terei muitas compradoras.

O piloto abre a porta da cabine. O andar de baixo se desdobra. Digo adeus a Stavros, beijo sua testa e desço. Fervendo, Declan espera por mim na parte inferior, o lançador de foguetes descartado a seus pés.

Assim que ponho o pé na pista, ele me pega, me joga por cima do ombro e segue em direção ao SUV que está esperando.

## 22

### SLOANE

Sou jogada no banco de trás como uma bagagem. Declan se inclina na minha cara e ordena: — Fique.

Ele bate a porta, corre para o outro lado, entra e late para Kieran no banco do motorista para ir embora.

— Oi, Kieran. Muito tempo sem te ver, — digo calmamente, ignorando Declan fazendo uma excelente representação de um vulcão em erupção no assento ao meu lado.

Kieran suprime uma risada. — Olá, lass. — Ele coloca o carro no Drive e nos afastamos.

Então ouço um tilintar metálico alarmante. Olho para Declan a tempo de vê-lo puxar um par de algemas de um bolso na parte de trás do banco do motorista. Em uma explosão de pânico, tento procurando a maçaneta da porta, mas a porta está trancada.

— Essas travas infantis são uma verdadeira dor na bunda, não são? Pena que o carro que usamos em Nova York para buscá-la não as tinha. Não vou cometer esse erro de novo.

— Seu filho da puta presunçoso.

Sorrindo perigosamente, ele balança as algemas de um dedo. —  
Estenda os pulsos.

— Vá para o inferno.

— Estive lá todos os dias desde que nos conhecemos. Faça.

— Não.

— Esta é a última vez que vou pedir gentil.

Minha risada parece louca e assustadora. — Isso é você pedindo gentilmente? Ótimas maneiras. A propósito, deve se dizer gentilmente. Tanto para aquele alto QI de que você vive se gabando.

Seis segundos de um silêncio estrondoso se passam antes que algo aconteça. Sei por que conto.

Então Declan diz: — Tenho uma palavra para você: Stavi.

Aperto minhas mãos em punhos.

Ele vira a palma da mão para cima, esperando.

— Vou te pegar de volta por isso. Eu juro, eu vou.

Seu sorriso perigoso se aprofunda.

Umedeço meus lábios, faço uma rodada da técnica de respiração em quadrados totalmente ineficaz e, em seguida, estendo minha mão esquerda.

Nunca tirando seu olhar do meu, ele envolve meu pulso com

metal frio. Um arrepio involuntário percorre meu corpo. Isso faz com que seu sorriso perigoso fique quente.

Ele algema meu outro pulso, fechando as mãos em torno do metal para que eu fique presa por ambos.

Tentando manter minha voz calma, digo: — Nunca vi você tão feliz, gângster.

— E nunca vi você parecer tão nervosa. Que coisa horrível você imagina que vou fazer com você?

Ele está tentando me intimidar. Recuso-me a dar-lhe a satisfação de uma resposta e fico em silêncio.

Ele me puxa para perto, coloca a mão em meu cabelo e coloca a boca perto da minha orelha. Com a voz rouca, ele diz: — Seja o que for, você está certa.

*Coração, acalme-se. Não é hora de explodir. Isso também vale para vocês, ovários.*

— Estar na sua presença é terrível o suficiente.

Ele inala contra meu pescoço, enviando uma cascata de arrepios pela minha espinha. — Por que você não me contou sobre os outros testes?

— Eu estava muito ocupada pensando que você estava bem, o que, em retrospecto, é uma das coisas mais estúpidas que já fiz. Ou pensei. Ou ouvi falar.

— E por que você estava preocupada comigo, hellcat? Diga a



verdade.

Deus, sua voz é quente. E seu corpo está quente. Assim como o ar, minha pele e minha calcinha. Estou com um incêndio em minha calcinha que pode transformar toda a costa leste em uma pilha de cinzas fumegantes.

Digo com a voz rouca: — Porque te odeio e quero estar lá quando você finalmente levar um tiro no coração de um de seus inimigos.

— Mas eu já fiz, garota, — ele murmura, seus lábios se movendo contra a minha pele. — Eu já levei.

Ele puxa minha cabeça para trás e me beija.

E assim, estou acabada.

Toda a luta esgota-se de mim. A vontade de resistir a ele desaparece em um piscar de olhos. Caio contra ele e o deixo beber profundamente da minha boca, não me importando com os pequenos sons de prazer que estou fazendo ou que Kieran está testemunhando tudo isso ou qualquer outra coisa.

Simplesmente me rendo.

Para sua boca.

Para o beijo.

Para ele.

Quando o beijo finalmente termina e volto do espaço sideral,

estou enrolada em seu colo como uma gatinha, minhas pernas jogadas sobre uma de suas coxas musculosas e meus braços amarrados em volta de seus ombros largos. Seus braços me seguram com força como um torno.

Estou ofegante. Tremendo. Acho que nunca me senti tão viva.

— Doce *pra* caralho, — ele diz, respirando com dificuldade. — Quero mais desse lado doce. Dê-me isto.

Sussurro: — Tudo bem.

Ele toma minha boca novamente. Afundo, então afundo ainda mais até que estou completamente perdida, flutuando preguiçosamente em ondas de calor delicioso, tão densas e açucaradas quanto algodão doce. Ele geme em minha boca e estremeço.

Ele agarra meu queixo e morde meus lábios. Quando choramingo, ele desliza a mão até o meu pescoço. Sua grande mão envolve quase todo o caminho em torno dele.

Posso suspirar. Posso gemer ou me mover contra ele. Não tenho certeza do que faço, mas isso o deixa ainda mais quente, mais ganancioso e dez vezes mais intenso.

— Olhe para mim.

Minhas pálpebras se abrem. Ele me encara com olhos de fogo.

— Você é minha prisioneira.

Aceno minha cabeça confusa. Ele quer alguma coisa, mas não sei o que é. Não consigo pensar. Mal consigo respirar. Tenho Red Bull e

heroína queimando em minhas veias.

— Você vai ficar comigo. E fazer o que digo para você fazer desta vez. E ser boa. Obediente.

Isso me faz sorrir. Gosto dele quando está delirando.

— Diga sim.

— Sim. Para hoje a noite.

— Falaremos sobre o tempo mais tarde. Por que você está usando apenas um sapato?

— É uma longa história.

Sua boca reivindica a minha novamente, procurando, puxando, exigindo. Ele me beija como se estivesse no corredor da morte, prestes a ser executado, e sou sua última refeição. Nunca fui tão saboreada. Tão devorada.

Ou tão excitada. Acho que se ele respirasse no meu mamilo, eu gozaria.

Mas ele não chega perto dos meus seios. Ele simplesmente me beija, sem parar, todo o caminho de volta para a cidade. De vez em quando, ele para para murmurar algo para mim em gaélico, sua boca pressionada perto do meu ouvido de forma que só eu posso ouvir. No momento em que estacionamos no estacionamento de seu prédio, estou louca de necessidade.

Para a viagem de elevador até o último andar, sou jogada por cima do ombro novamente.

Com qualquer outro homem, ser tratada como bagagem me deixaria louca. Eu nunca aceitaria isso. Eu o chutaria no rosto e o faria lambar meu pé.

Mas há algo incrivelmente quente sobre a forma como a grande mão de Declan está espalmada possessivamente sobre a parte de trás da minha coxa, e como ele pode facilmente carregar meu peso, e como ele não pediu permissão para me maltratar. Ele apenas fez. Como se não dependesse de mim. Como se ele estivesse dando todas as cartas daqui em diante, quer eu goste ou não.

Deus me ajude, eu gosto.

Muito.

As portas do elevador se abrem. Ele nos leva para dentro de sua casa. As luzes automáticas se acendem, iluminando nosso caminho pelo corredor até o quarto principal. Nenhum de nós fala uma palavra.

Ele me vira e me joga na cama. Salto, sem fôlego, e olho para ele com os olhos arregalados, meu batimento cardíaco voando, meus braços amarrados levantados sobre minha cabeça.

Ele olha para mim com uma mandíbula dura e olhos semicerrados, trabalhando no nó da gravata.

— Você precisa de comida. E um banho.

Levo um momento para recuperar o fôlego. — Não era isso que eu esperava que você dissesse.

— Vou dar banho em você. Então alimentar você. Então foder você, nessa ordem. Não, feche sua boca. Sem falar.

Tremendo, mordo meu lábio e olho para ele. Ele sorri.

Primeiro, ele joga a gravata no chão. Em seguida, ele tira o paletó e o joga de lado. Ele desabotoa a camisa branca, seus dedos fortes trabalhando habilmente até chegarem ao botão inferior. Em seguida, ele puxa a camisa e fica lá com ela pendurada em uma das mãos enquanto me esforço para respirar novamente.

O homem é arte.

Quente *pra* caralho, tatuado, musculoso.

Se eu soubesse como ele ficava sob seus ternos Armani sob medida, poderia ter sido mais legal com ele antes. Tive sorte de não estar lutando contra isso, porque definitivamente teria derretido em uma poça aos pés dele.

— Você está babando? — Ele diz, seu sorriso cada vez mais amplo.

Ele está saboreando minha óbvia luxúria e surpresa, mas o ignoro.

Ele está coberto de tinta, dos ombros até os braços e por todo o peito e abdominais. Existem rosas e caveiras e asas de anjo, cruzes e raios de sol brilhando através das nuvens. Vislumbro outras coisas bíblicas, incluindo uma linha das escrituras, escrita com uma pesada serifa preta bem sobre o coração: “A vingança é minha”.

E ele está machucado como o inferno, como se tudo o que ele fizesse fosse comer proteína magra e malhar doze horas por dia. Seus ombros são largos, seu quadril estreito até a cintura em um V perfeito,

e por que só agora estou percebendo que até mesmo suas *mãos* são lindas?

Alguém deveria esculpir essa pessoa. Esse tipo de beleza masculina deveria estar em exibição em um museu.

*Por favor, Deus, deixe-o ter um bom pau. Nada magro, torto ou curto. Faça-me este único favor e começarei a ir à igreja novamente.*

Paro de orar quando Declan se inclina sobre mim e planta as mãos no colchão de cada lado da minha cabeça.

— Minha vez.

Ele enfia um dedo na gola aberta da minha blusa. Sua expressão fica pensativa. — Acabei de me lembrar... você não pediu nenhum sutiã na lista de roupas que você me deu.

— Sim eu fiz. Você simplesmente não os comprou.

— Devo ter esquecido. Fale de novo e vou bater em você.

Ele me encara profundamente enquanto sofro por um momento de angústia existencial tentando decidir se devo obedecê-lo e ficar quieta ou explodir cantando o hino nacional. Qual vai me dar um orgasmo primeiro?

Ele sorri novamente. — Ah, uma decisão tão difícil. Vou esperar.

Sorrio de volta. — Não foi tão difícil.

Ele abre um sorriso, então me rola sobre minha barriga e me bate, os golpes fortes, sua palma picando através do meu

jeans. Quando ele termina, nós dois estamos ofegantes.

Mas sou a única que começa a implorar.

— Mais. Por favor. Com minhas calças abaixadas. Por favor, por favor.

— Aprecio o *por favor*, mas da próxima vez acrescente um senhor.

Pisco com olhos assassinos para ele por cima do ombro. — Você está drogado.

— Não, sou seu captor. E este é o meu jogo que você concordou em jogar, lembra?

Sem esperar por uma resposta, ele me vira de volta, pega a frente da minha blusa com as duas mãos e a rasga. Botões voam por toda parte. Suspiro de surpresa.

Nada mais acontece por um tempo, porque Declan está muito ocupado olhando para mim.

É excruciante, deitada ali indefesa, sem saber o que ele está pensando enquanto ele silenciosamente me leva para dentro. Estou nua da cintura para cima, minha camisa em farrapos, meus braços jogados no alto e meu peito arfando.

O ar está frio na minha pele nua. Meu rosto está quente. Não consigo respirar fundo o suficiente.

Quando ele finalmente me toca, estou tão nervosa que estremeço.

—Devagar, — ele murmura, deslizando as mãos ao longo da curva da minha cintura. Ele está curvado sobre mim, um joelho na cama, os olhos vorazes. Ele desliza as mãos pelas minhas costelas e sob meus seios, segurando-os e apertando.

Arqueio em suas mãos. Minhas pálpebras se fecham. Quando sinto sua boca quente fechar em torno do meu mamilo rígido, gemo baixinho. Uma onda de calor entre minhas pernas me faz esfregar minhas coxas inquietamente.

— Sim, lass, — ele sussurra contra minha carne. — Dê-me essa doçura. Dê-me tudo o que você tem para dar.

Ele vai e volta entre meus mamilos duros, lambendo e chupando, me adorando com sua boca. Bem quando acho que não posso suportar mais um minuto sem implorar novamente, ele beija uma trilha suave do meu estômago até o meu umbigo. Ele gira sua língua ao redor, mergulhando-a para dentro e para fora, em seguida, abre o botão da minha calça jeans.

Quando choramingo, ele ri.

Ele abaixa o zíper tão lentamente que quase grito. Ele esfrega o nariz na carne acima da minha calcinha. Ele me lambe e morde lá enquanto, ao mesmo tempo, aperta meus mamilos ritmicamente. Em seguida, ele pega a bainha da minha calcinha entre os dentes e puxa, arrastando-a contra meu clitóris inchado.

Arqueio contra a cama, afundo meus dedos em seus cabelos e gemo.

Ele se levanta para empurrar meus braços para trás. Ele prende



meus pulsos algemados em uma de suas grandes mãos e olha para mim, os olhos azuis queimando quentes. — Mãos acima da cabeça. Não se mova a menos que eu dê permissão.

— Estou sentindo um tema aqui, — digo, ofegante.

— Sim. E você acabou de comprar outra surra.

— Oh droga.

— E outra. — Ele sorri. — Mas não vou deixar você gozar durante qualquer uma delas.

Meus olhos se arregalam de horror. Seu sorriso se transforma em uma risada baixa e satisfeita.

Ele tira minha calça jeans das minhas pernas, com raiva jogando-a para longe como se ele nunca quisesse vê-la novamente. Então ele me encara deitada tremendo e lambe os lábios.

Anseio por sentir sua língua entre minhas pernas. Anseio por senti-lo dentro de mim. Minha pele arde, meu coração bate forte e estou mais assustada do que posso me lembrar de estar, porque nunca foi assim para mim.

Não sou a garota que sente frio na barriga. Não sou a garota que desmaia ou implora. Sou aquela que segue em frente antes que as coisas se compliquem, que segue em frente sem parar, sem olhar para trás, como um tubarão que tem que continuar nadando a vida inteira ou morrerá.

Sou aquela que não cai. Que não sente. Que não se apegas.

Nunca.

Para piorar as coisas, Declan me vê lutando.

Ele deita em cima de mim, acomoda seu peso entre minhas pernas abertas e embala minha cabeça em suas mãos. Olhando nos meus olhos, ele diz com uma voz rouca: — Você está segura comigo. Você pode baixar a guarda. Vou te pegar se você precisar cair.

Isso dói como uma faca cravada em meu coração.

Viro minha cabeça, respiro fundo e fecho meus olhos.

Ele coloca a boca perto do meu ouvido e sussurra: — Você não pode se esconder de mim. Eu te vejo. Vejo todas as coisas estranhas e maravilhosas que você é, little lion<sup>18</sup>.

Minha voz embargada de emoção, digo, — Não sou pequena. E não sou sua.

— Sim, você é, apenas por esta noite. Cuidaremos de todo o resto pela manhã.

Ele me beija então, forte e exigente. Parece que ele está me reivindicando.

Quando tenho certeza de que não posso conter a emoção crescendo em meu peito por mais um segundo, ele interrompe o beijo, me pega e me carrega para o banheiro.

## 23

### DECLAN

Coloco-a ao lado do chuveiro, digo a ela para ficar onde a coloquei, então pego uma tesoura de uma das gavetas embaixo da pia. Uso-a para cortar os restos de sua camisa rasgada de seus pulsos e algemas, coloco a tesoura de lado e tiro a calcinha, em seguida, ligo o chuveiro.

Dispo-me.

Ela me observa remover o resto da minha roupa com um olhar selvagem. A pulsação do lado de sua garganta martela. Parece que ela pode fugir a qualquer segundo.

Mas ela permanece quieta e silenciosa. Linda e amarrada. Minha brava hellcat acorrentada.

Meu pau está tão duro para ela.

Ela olha para ele com olhos arregalados e gananciosos. — Graças a Deus.

— Pelo que?

— Deixa *pra* lá.

Puxo-a contra meu peito e a beijo, envolvendo a mão em sua garganta e prendendo a outra em seu cabelo. O arrepio de prazer que percorre seu corpo me faz sentir faminto.

Digo: — Aqui estão as regras.

Sua risada é gutural e desdenhosa. Ela para de rir quando dou um tapa em sua bunda nua.

— As regras, — começo novamente, saboreando o pequeno gemido involuntário que escapa de seus lábios quando bato nela. — Número um: obediência total ou você será punida. E não no bom sentido.

Seus olhos são facões. Motosserras giratórias. Espadas afiadas erguidas com um grito de guerra. Eu não esperaria nada menos.

— Número dois: honestidade total. Se eu perguntar se você gosta de algo que estou fazendo, espero uma resposta honesta. Se você não gosta, se você está desconfortável ou insegura, diga-me. Isso não é sobre mim. É sobre nós. Tem que funcionar para nós dois, ou não é excitante para mim. Não quero fazer nada de que você não goste.

A fúria em seus olhos esfria. É substituído por um tipo doce de hesitação, como se ela esperasse que eu estivesse dizendo a verdade, mas não pudesse decidir se estou ou não.

Com a voz mais suave, digo: — Número três: confiança total.

Ela engole. Um olhar de pânico substitui o hesitante.

— Sei que será o mais difícil para você. Ainda mais do que você odeia que lhe digam o que fazer, você odeia ser vulnerável. Correto?

Depois de um momento, ela acena com a cabeça.

Ela parece realmente assustada agora, a primeira vez que vi isso dela. Sequestrá-la com uma rajada de tiros ou dizer que há uma boa chance de ela morrer de um coágulo cerebral, não é grande coisa. Mas peça a ela para abrir seu coração, mesmo que por uma noite, e ela reage como um lobo acuado.

Envolvo meus braços em torno dela e a seguro com força. — É o mesmo para mim. Exatamente o mesmo. É por isso que você tem minha palavra de que conquistarei essa confiança e nunca a quebrarei.

— Você não pode prometer isso. Você não pode dizer 'nunca' e ser sincero.

Afastando o cabelo do rosto, digo: — Posso. E faço. Mas se você não pode confiar em mim, entendo. Tudo isso vai acabar agora, se você quiser.

Abaixo minha cabeça e a beijo suavemente. — Você é quem está no controle aqui, lass. Estaríamos apenas fingindo o contrário por um tempo.

Ela procura em meu rosto qualquer sinal de desonestidade. — Confiança, hein?

— Sim.

— E honestidade?

— Sim.

— Ok. Você vai primeiro. Você realmente acha que pareço um

camelo?

— Não. Acho que você se parece com o Rockefeller Center no Natal, o Japão na temporada de flores de cerejeira e os mil tons vívidos de verde nos pântanos selvagens da Irlanda do Norte, tudo em um só.

Seus lábios se abrem. Seus olhos brilham. Sua garganta funciona enquanto ela engole. Então ela diz com a voz embargada: — Finalmente, você está fazendo algum sentido, — e fica na ponta dos pés para me beijar.

Tudo que sou a encontra para esse beijo.

Tudo dentro de mim se expande ao mesmo tempo que se desfaz, me deixando maior do que antes, mas também mais exposto. Tenho milhares de hectares de terras agrícolas não plantadas e ela é o arado que me revirou e plantou novas sementes em meu solo empoeirado.

Meu coração e corpo doem, a levo para o chuveiro.

Virando-a de costas para o spray, pego o frasco de xampu e despejo um bocado na minha mão. — Incline a cabeça para trás. Mãos no meu peito.

Ela obedece sem hesitar, espalhando as palmas das mãos sobre o meu peito e fechando os olhos enquanto deixa a água correr pelo seu cabelo.

Quando está todo molhado, movo o chuveiro para o lado. Então aplico o shampoo em seu cabelo, massageando seu couro cabeludo. Ela se inclina para mim, suspirando.

Inclino minha cabeça e sussurro em seu ouvido: — Boa menina.

Ela faz um pequeno barulho de frustração. Sei o que ela quer.

— Você pode falar.

— Obrigada. Deus, não posso acreditar que disse isso. *Nunca* sou submissa. Isto é tão estranho.

Observando seu rosto, movo uma mão entre suas pernas e deslizo meus dedos ensaboados por suas dobras. Quando ela engasga, digo: — Tão estranho que você quer que eu pare?

— Se você fizer isso, vou te matar.

— Isso foi o que pensei. Agora fique quieta. Saia da sua cabeça. Apenas deixe seu corpo sentir isso.

Deslizo meu polegar para frente e para trás sobre seu clitóris e a beijo. Ela estremece e crava as unhas no meu peito. Quando aperto seu clitóris entre dois dedos, ela faz um pequeno ruído desesperado no fundo de sua garganta.

Quero tanto pegá-la, prendê-la contra a parede do chuveiro e transar com ela. Duro. Mas consigo me controlar e, em vez disso, enxáguo o shampoo do cabelo dela.

Quando eu finalmente enfiar meu pau dentro dela, eu a quero tão nervosa, ela vai gozar em convulsões instantâneas, gritando meu nome.

Não sei quanto tempo tenho antes que ela decida que este jogo perverso que estamos jogando é demais e se feche completamente.

Pego uma barra de sabão, viro-a, puxo-a de volta contra mim e começo a lavar seu corpo. Pescoço, peito, seios, barriga. Braços, axilas, quadris. Com um braço enrolado em sua cintura, lavo sua bunda, beijando seu pescoço enquanto amasso meus dedos em sua carne deliciosa. Ela joga a cabeça para trás no meu ombro e exala uma respiração lenta e irregular.

— Doce menina, — rosno contra sua garganta. — Minha linda cativa. Você vai me deixar fazer qualquer coisa que eu quiser com este corpo lindo. Vou te provar e te provocar e te foder. Vou bater em você e dar-lhe minhas marcas. Vou fazer você ficar de joelhos e levar meu pau garganta abaixo. Vou amarrar você e vendá-la, provavelmente amordaçá-la com a minha gravata também. E vou fazer você gozar, mais e mais. Vou deixá-la feliz por se submeter. Você está pronta?

Sua respiração é superficial e irregular. Seus mamilos estão tensos. Ela é um fio elétrico em meus braços, vibrando com eletricidade, todos os nervos acesos, sintonizados comigo. Sinto a luta dentro dela, sinto sua luta para se soltar e ceder a mim porque pedi a ela, e o fogo inunda minhas veias.

Ela sussurra: — Sim. Por favor, seja cuidadoso. Acho que você poderia me quebrar se não fosse.

Então ela exala e relaxa contra mim, se rendendo.

Uma onda de alegria faz meu coração disparar em um galope estrondoso. Envolver a mão em sua garganta. — Você é perfeita. Nada é mais perfeito do que você, agora. Dê-me sua boca.

Ela vira a cabeça e me deixa destruir sua boca até que ela esteja



tremendo.

Rapidamente lavo meu próprio corpo, em seguida, enxáguo o sabão de nós dois. Então a curvo sobre o banco de ladrilhos que corre ao longo de um lado da parede do chuveiro e bato nela.

Minha mão envolveu firmemente sua nuca, bato em sua bunda até que fique vermelho brilhante, de vez em quando parando para acariciar sua boceta encharcada e esfregar meus dedos sobre seu clitóris inchado.

Ela o pega em silêncio, a cabeça baixa e as pernas tremendo, até que finalmente solta um gemido longo e baixo.

Ela está perto do orgasmo. Meu pau lateja com a necessidade de tomá-la.

Respirando com dificuldade, digo: — Talvez eu precise reconsiderar a ordem dos eventos. Você está com fome?

Sua única resposta é um gemido.

Pego o chuveiro da parede e coloco o spray para pulsar. Então coloco entre suas pernas, pego seu queixo em minha mão e viro seu rosto para mim, e comando, — Chupe.

A coroa do meu pau cutuca seus lábios. Ela abre a boca sem hesitar. Flexiono meus quadris para frente, deslizando para o calor úmido. Ela começa a me sugar.

Sua boca é o paraíso.

Com cada impulso de meus quadris, ela abre sua garganta e leva

meu eixo por todo o caminho. Quando me afasto, ela gira sua língua ao redor da cabeça e lambe a fenda. Vejo-a me chupar, o prazer pulsando em meu pau, a pressão crescendo em minhas bolas, até que ela geme de novo, todo seu corpo estremecendo.

Movo o spray pulsante para longe de sua boceta. Ofegante, digo: — Não goze. Ainda não.

Ela olha para mim com olhos turvos e desfocados, lambendo os lábios.

Nunca vi nada tão lindo.

Fecho a água, pego uma toalha, puxo-a para cima e a seco. Ela fica em silêncio enquanto termino, então observa, piscando lentamente, enquanto me seco. Ela parece estar em transe.

Pego-a e a carrego para a cama. — Braços acima de sua cabeça. Abra suas pernas.

Ela obedece instantaneamente.

Inferno sangrento, isso me deixa ainda mais duro.

De pé na beira da cama, fico olhando para seu corpo nu e lentamente acaricio meu eixo. Deitada muito quieta, ela observa enquanto me ajoelho entre suas pernas abertas.

Quando aplico minha boca em sua boceta, ela arqueia para fora da cama e geme. Quando estendo a mão e belisco seus mamilos rígidos, ela estremece. Sugo suavemente seu clitóris e ela respira meu nome.

A maneira como ela responde a mim me faz sentir como um rei, um animal e um adolescente apaixonado, tudo ao mesmo tempo. A sensação é instantaneamente viciante.

Quero mais.

Fodo-a com o dedo e lambo sua boceta molhada deliciosa até ela se contorcer contra o meu rosto e quase soluçar com o esforço para não gozar.

— Uma garota tão boa. — Abro a gaveta da mesa de cabeceira. Pego um preservativo da caixa, arranco o invólucro, rolo no meu pau latejante com as mãos trêmulas.

Então a rolo em sua barriga e bato nela novamente.

Ela estremece, gemendo com cada golpe pungente da minha palma aberta, seus quadris balançando, até que ela começa a implorar. — Por favor! Por favor! Declan, Deus, por favor, *estou tão perto...*

— Você sabe o que dizer.

— O quê? Não, eu não.

Minha voz sombria, digo, — Sim. Você sabe como me chamar. Diz.

Ela está em silêncio. Fora de seu corpo e de volta em sua cabeça.

Desafiando-me.

Alcanço e belisco seu clitóris, puxando suavemente o pequeno

botão ingurgitado. — *Diga isso.*

Ela respira fundo, segura por uma fração de segundo e depois solta o ar rapidamente. Junto com isso, vai sua resistência. Ela deixa escapar: — Senhor, por favor, deixe-me gozar.

Bom Deus, a descarga de adrenalina que corre pelo meu corpo deve me matar.

Rolo-a de costas, pego meu pau saliente em uma mão e o esfrego para cima e para baixo em suas dobras encharcadas. Olhando em seus olhos, rosno: — A quem você pertence?

— Você.

É quase um sussurro, mas eu ouvi. Meu pau também. Uma onda de eletricidade dispara de minhas bolas para a coroa.

Agarro seus quadris e empurro meu pau bem fundo dentro dela.

Gememos ao mesmo tempo. Então Sloane começa a resistir freneticamente debaixo de mim, fodendo-se no meu pau, desesperada por liberação. Coloco meu peso sobre ela, coloco a mão em seu cabelo e fecho a outra em torno de sua garganta.

Em seu ouvido, digo ríspidamente: — Não se esqueça disso, bela cativa. Você é minha. *Agora goze.*

Seu corpo inteiro estremece. Ela grita. Arqueando-se contra mim enquanto dirijo nela uma e outra vez, sua boceta apertando em torno do meu pau, ela soluça meu nome. Testo um de seus mamilos duros com meus dentes, e ela grita.

Meu corpo reage a isso como se eu tivesse sido atingido por um raio.

Há um calor abrasador e uma corrente crepitante, uma sensação de perigo ondulando sob o temor. Embora tenhamos concordado que essa coisa entre nós é uma negociação de curto prazo, tem o poder bruto e incontrollável da natureza fervilhando através dela, uma queimadura branca cegante de energia que é tão bela quanto perigosa.

Uma força poderosa o suficiente para acabar com sua vida.

Beijo seus seios para abafar meu gemido de desespero. Sei que ela será capaz de sair ilesa desta tempestade violenta, mas duvido que terei tanta sorte.

Se estou sendo honesto comigo mesmo, eu sabia desde o primeiro dia.

Aperto minha boca na dela e a beijo quando chego ao clímax, caindo de um penhasco de puro prazer, caindo em direção às ondas quebrando e a costa rochosa lá embaixo, onde me estilhaço em um milhão de pedaços minúsculos, todos eles dela.

# 24

## SLOANE

É um longo tempo antes de eu voltar para mim.

Quando faço, Declan ainda está em cima de mim, ainda dentro de mim, e falando em gaélico, sua voz um rouco gutural perto do meu ouvido.

Nós dois estamos ofegantes. Tremendo. Cobertos de suor. Minhas pernas trêmulas estão enroladas em sua cintura, sua grande mão áspera em volta da minha garganta.

Parece que acabamos de sobreviver a um bombardeio.

Ele beija suavemente minhas duas bochechas. Os cantos da minha boca. Minha mandíbula, pescoço e ombros. Apoiando-se nos cotovelos, ele enreda as duas mãos no meu cabelo úmido e segura minha cabeça enquanto olha nos meus olhos.

— Olá.

Sentindo-me estranhamente tímida, murmuro: — Oi.

Ele sempre foi tão lindo? Aqueles olhos azuis sempre tiveram aquele brilho terno? Não consigo me lembrar. O tempo parece

dividido em antes deste momento e depois, como se tivéssemos quebrado as leis da física e chegado aqui em nossa pequena bolha, naufragado em uma ilha onde nada existiu antes.

Onde ninguém nunca existiu, apenas nós dois.

Com a voz rouca, ele diz: — Não foi minha intenção que isso acontecesse.

Minha risada é fraca. — Você poderia ter me enganado.

— Eu quis dizer que planejei alimentá-la primeiro.

— Tudo bem. Você não pode evitar. Sei que sou irresistível.

Ele começa a rir com uma risada adorável e rouca que me faz sentir calor por toda parte. Ele se retira e rola de costas, levando-me com ele, enfia minha cabeça no espaço entre seu ombro e pescoço, em seguida, envolve seus braços em volta de mim e me abraça com força.

Seu suspiro é profundo e cheio de satisfação.

Pergunto timidamente: — Tudo bem se eu falar agora? Hum... Senhor?

Ele espalha beijos doces por toda a minha testa. — Você é a mulher mais incrível que já existiu.

— Estou tão feliz que você finalmente está se envolvendo com o programa, gângster.

Ele se abaixa e dá um tapinha na minha bunda.

— Desculpe. *Senhor*.

— Isso é melhor.

Ele está tentando ser severo, mas ouço o prazer em sua voz. Ouço o calor e a suavidade por baixo. Isso faz com que algo duro no meio do meu peito pareça mole.

— Sim, você pode falar agora. Tente não me cortar com essa língua lâmina de barbear.

— Vou fazer o meu melhor. — Escondendo meu rosto em seu pescoço, fecho meus olhos. — Ainda estamos fazendo a coisa da honestidade? Porque posso ter algo para colocar lá.

Ao ouvir a emoção em minha voz, ele fica imóvel embaixo de mim. Ele espera pacientemente até eu reunir coragem suficiente para dizer: — Não sou virgem. Tenho certeza de que isso é óbvio. Tem havido muitos homens.

— Não há necessidade de confessar um número. Eu nunca perguntaria.

— Eu não ia.

Ele exala de alívio. — Graças a Deus.

— Posso continuar?

— Sim. Acho que sim.

— Não se preocupe. Estou prestes a lhe dar um elogio.

— Ah. Nesse caso, prossiga.

Meus braços estão pendurados sobre sua cabeça, e ainda estou



presa pelos pulsos pelas algemas, então, em vez de dar-lhe uma pancada forte no peito, o melhor que posso fazer é puxar uma mecha de seu cabelo.

— Como eu estava dizendo. — Limpo minha garganta. — Eu, hum... Jesus. Ok, o problema é o seguinte: você já esteve no Grand Canyon?

Há uma pausa perplexa. — Você está prestes a comparar minha masculinidade com a de uma mula?

— Que diabos?

— Entendo que eles usam mulas para levar os turistas pelas trilhas do Grand Canyon. E, como todos sabem, as mulas são muito bem dotadas.

— Se você parar de tentar se dar um tapinha nas costas por causa do tamanho do seu pau por um segundo, vou direto ao ponto.

Ele pressiona seus lábios no topo da minha cabeça e me aperta. Sei que ele está tentando não rir, bastardo.

— De novo, *como eu estava dizendo*. O Grand Canyon. É vasto. Tão grande que você não pode imaginar até que esteja na beira de um dos penhascos vermelhos e rochosos, olhando para baixo. Mas não é apenas profundo, é largo, tão largo que você não consegue ver o outro lado. E longo, também, como quinhentos quilômetros ou algo assim. Há um rio que serpenteia pelo fundo, e incríveis formações rochosas por toda parte, e nas paredes do cânion, camadas sedimentares individuais onde quase dois bilhões de anos da história da Terra estão expostos. É habitada por nativos americanos há

milhares de anos e muitas das tribos consideram-na um local sagrado. Porque parece sagrado. Sagrado e inspirador, como um templo natural escavado na terra. E meio que tem sua própria atmosfera. Rajadas de vento quente surgem do nada, soprando em seu cabelo e soprando areia em seus olhos. Mas também pode haver neblina e tempestades loucas e temperaturas abaixo de zero e até neve, tudo dependendo se você está perto da borda ou do fundo do cânion e da época do ano que visita. Existem cerca de uma centena de espécies animais diferentes e todas essas zonas ecológicas diferentes, e está tudo sentado lá fora, autocontido, bem no meio desta vasta extensão de nada. É inesperado. Selvagem e estranho. E tão lindo que faz seu peito doer.

Quando não continuo, Declan diz: — Receio que você tenha me perdido.

Exalo um forte suspiro e reúno minha coragem. — Isso é o que parece para mim. Parada atordoada e oprimida na beira do Grand Canyon, olhando para toda a beleza impossível com meus olhos quase cegos e minha boca aberta de admiração.

Silêncio.

Silêncio longo e pedregoso, ininterrupto apenas pelo som do meu próprio batimento cardíaco batendo em meus ouvidos.

No momento em que estou prestes a tentar encobrir esse erro horrível com uma risada e um “*brincadeira!*” Declan nos rola de volta, joga uma perna pesada sobre as minhas e me beija tão apaixonadamente que minha mente fica em branco por um momento.

Ele se afasta, respirando com dificuldade. — Por que você não está me beijando de volta?

— Estou tentando descobrir o que está acontecendo.

— O que está acontecendo é que você está partindo meu maldito coração. Agora *me beije*, porra.

Sim, principalmente porque ainda estou no modo obediente e não há como dizer quanto tempo vai demorar até que a areia daquela ampulheta acabe.

Quando subimos para respirar, Declan me encara com uma expressão como se ele estivesse com uma dor insuportável. Não é exatamente reconfortante.

— Talvez você pudesse dizer algo bom agora para que eu pudesse parar de me sentir uma idiota gigante.

— Você não é uma idiota, lass. Eu sou o idiota.

— Isso é quase bom. Tente novamente.

Ele encosta a cabeça no meu ombro e esconde o rosto na curva do meu pescoço.

— Oh meu Deus. Você não consegue nem pensar em nada para me dizer depois que vomitei meu coração por todo o lugar? Permita-me sair. Estou indo embora.

Contorcendo-me de humilhação, tento me levantar, mas estou achatada sob seu enorme peso.

Ele agarra meu queixo e mantém minha cabeça firme, então diz rispidamente em meu ouvido: — O que você acabou de dizer é a melhor coisa que alguém já me disse. Na minha vida. A melhor coisa. E sei que estarei pensando nisso pelo resto dos meus dias, muito depois de você me esquecer. Você é jovem e bonita, e tem dezenas de homens em seu futuro que se apaixonarão perdidamente por você.

— Centenas. Pelo menos.

— E eu não serei nada além de uma memória distante para você. Mas ainda tentarei limpar seu rosto, seu gosto e sua doce voz da minha mente daqui a cinquenta anos, porque já sei que nada mais será capaz de se comparar a você. Nada e ninguém jamais chegará perto.

Meu coração incha. Inalo lentamente, sentindo suas palavras afundarem na minha carne e se estabelecerem na medula dos meus ossos. Quando falo, minha voz sai trêmula. — Não tenho certeza se você tem cinquenta anos restantes, coroa.

— Não se eu passar muito mais tempo em sua companhia, megera.

Ele pega meu rosto em suas mãos e me beija profundamente, deixando-me sentir tudo o que ele está sentindo. Então ele rola de novo para ficar deitado de costas, e estou embalada em seus braços fortes com minha bochecha pressionada em seu peito, ouvindo seu coração batendo forte.

Ficamos assim por muito tempo, até que a emoção se expandindo dentro do meu corpo se tornasse insuportável.

— Uma última pepita de honestidade.

Ele geme. — Não sei se aguento.

— Você é mais forte do que pensa. Então aqui está. Nunca te esquecerei. E nunca chamarei outro homem de senhor. Mesmo que alguém me peça – o que não vai acontecer, sou apavorante demais – essa palavra sempre estará reservada para você e apenas para você. De nada.

Sua exalação é uma grande e repentina explosão de ar. — Puta merda. Não sei se devo rir, beijar você ou pular da janela mais próxima.

— Você pode decidir mais tarde. Por enquanto, por que você simplesmente não me faz algo para comer? Eu realmente poderia comer uma salada.

— Nenhuma pessoa sã deseja salada.

— Quem disse que sou sã? Claramente, não sou. Estou deitada aqui com o gângster idoso que me sequestrou e cuja ideia de romance é me chamar de camelo.

— Quantas vezes você usou o dicionário de sinônimos para procurar alternativas para a palavra “velho”?

— Nenhuma. Só fiquei sentada lá olhando para você quando acordei em seu jato depois que você me sequestrou pela primeira vez e fiz uma lista na minha cabeça.

— Muito engraçado. Quarenta e dois não é velho.

— Não se você for uma tartaruga. Ou uma sequoia gigante. Ou uma daquelas esponjas de vidro no Mar da China Oriental que pode

viver até dez mil anos. Mas em anos humanos, você já está mais da metade morto.

Ele ri. — Acabamos de fazer amor e você está me dizendo que estou mais da metade morto? E você me acusa de não ser romântico.

*Fazer amor.*

Não foder ou fazer sexo ou qualquer uma das outras opções menos charmosas. Fazer amor.

Não vou nomear essa emoção. Duvido que haja uma palavra para isso, de qualquer maneira.



Declan remove minhas algemas por tempo suficiente para me vestir com uma de suas camisas brancas de botão, em seguida, recolhe-me e arrasta em um par de jeans preto. Descalço e com o peito nu, ele me leva para a cozinha. Ele me coloca em um banquinho na enorme ilha de mármore e beija minha testa.

Em seguida, ele começa a vasculhar sua enorme geladeira em busca de algo para me alimentar.

Observo-o, maravilhada com a obra-prima da arquitetura que está nas suas costas. — Com que frequência você malha?

— Todos os dias. Presunto? — Ele segura um saco plástico com

carne deliciosa.

— Tem sabor de salada?

— Não.

— Exatamente.

Ele me olha por cima do ombro. — Você é vegana?

— O que aquela verificação de antecedentes que você fez comigo disse a você?

— Muitas coisas diferentes, nenhuma delas relacionada com a sua dieta. Você é?

— Não. Realmente amo vegetais. Eu costumava comer muito lixo, mas limpei minha dieta. Sinto-me muito melhor agora. Você não comprou um monte de coisas verdes para mim quando cheguei aqui?

Declan volta para a geladeira, recoloca o presunto na gaveta de onde tirou e abre outra gaveta. Olhando para baixo, ele suspira. — Sim. Eu esperava que de alguma forma tivesse desaparecido enquanto você estava no hospital.

— Eu poderia fazer algo para você, se você quiser. Prometo que você vai achar que é bom.

Quando ele olha para mim por cima do ombro novamente, sua expressão é duvidosa.

— Ok, talvez não seja bom. Comestível, pelo menos. Vou polvilhar com muitas batatas fritas M & Ms e Lay's. Isso deve te deixar

feliz.

— Não como essas coisas. Guardo para Kieran. Ele adora doces. E salgados. E embutidos também. Basicamente, qualquer coisa que um médico não queira que você coma, ele adora.

— Não admira que ele olhou para a bandeja que me trouxe como se estivesse prestes a vomitar.

Declan ri. — Não o impediu de tentar me convencer de que eu deveria liberar você na cozinha para preparar um lote de comida de coelho para ele e os meninos.

— Esse é o meu poder. Falando nos meninos, cadê todo mundo?

Ele sai da geladeira com um monte de vegetais em saquinhos. Ele deixa a porta se fechar e coloca tudo no balcão na minha frente. Retirando uma tábua e uma faca de uma gaveta, ele diz: — Lá embaixo.

— O que tem lá embaixo?

Ele faz uma pausa com a faca no ar sobre um pepino. — A entrada do edifício.

Certo. Kieran é um guarda-costas. Ele está de guarda-costas. — Ele sempre vai para casa?

— Os homens trabalham em turnos. Não os mantenho acorrentados ao meu lado. — Com um sorriso malicioso, ele corta um pepino.

— Ah. Vi o que você fez lá. Gângster inteligente.



— Eu sou. — Seu sorriso desaparece, deixando um olhar insatisfeito em seu lugar. Sua voz abaixa. — Exceto quando se trata de você.

Digo baixinho: — Sim, conheço o sentimento.

Nossos olhos se encontram. Há algo tão cru em seu olhar. Cru e infeliz.

— O que você está pensando agora?

— Estou pensando... — Ele faz uma pausa longa o suficiente para olhar para a faca em sua mão como se não soubesse como ela foi parar ali. Ele volta a cortar o pepino. — É bom ter uma mulher em minha casa. Não que eu tenha esquecido que você é realmente Dearg-due, mas vou chamá-la de mulher pelo bem da simplicidade.

— O que é um Dearg-due? Algo super fofo, aposto.

— Ela é um demônio feminino irlandês que seduz os homens e drena de seu sangue.

— Sangue? Que nojo. Prefiro drená-los de sua vontade de viver.

Quando ele olha para mim, estou sorrindo. — Vá em frente. Isso é um truque.

Quando ele deixa de morder a isca e me insultar, sei que algo está errado. Volto mentalmente para o que ele disse um minuto atrás sobre ter uma mulher em sua casa.

Isso significa que ele geralmente não tem mulheres aqui? Embora eu dê a ele um monte de merda sobre ser velho, isso é

bobagem. O homem é tão quente. Bonito, viril e totalmente sexy. Com um pau enorme, ainda por cima. Não tem como ele não estar cheio de mulheres.

*O que é essa torção horrível na boca do estômago?*

*Não me diga que é ciúme. Nunca mais poderei me olhar nos olhos no espelho.*

— Ainda estamos fazendo a coisa da honestidade?

— Você sabe que estamos. Mas se você está prestes a lançar outro de seus discursos do Grand Canyon sobre mim, me avise e irei pousar a faca primeiro. Não quero me matar acidentalmente quando cair sobre ela, soluçando. — Ele volta a fatiar.

— Ha. Você não é do tipo que chora. Aposto que se você tentasse chorar, pareceria que estava com prisão de ventre. Você sabe. Como de costume.

Agora ele está tentando não rir, o que me faz sentir melhor. Não gosto quando ele está infeliz.

Cara, eu gostaria de me chutar na cara.

— Ok. Brincadeiras à parte. — Respiro e olho para as minhas mãos. — Sei que continuo dizendo que não gosto de você. Não quero e não deveria, mas gosto. Quero dizer, quando você não está sendo um idiota.

Ele não diz nada. Não ousa erguer os olhos. Apenas respiro mais uma vez e continuo.

— Estou dizendo isso porque nunca gosto de homens. Isso soou errado. Não odeio homens. Acho que os homens são distrações agradáveis. Se o resto da minha vida é o prato principal, os homens são sobremesas. Guloseimas agradáveis e esquecíveis. Essa é uma escolha deliberada, baseada em algumas coisas ruins que aconteceram comigo, e que me serviu bem por muito tempo. Protegeu-me. Até você.

Quando olho para cima, ele está me olhando em silêncio total, um olhar de intensa concentração em seu rosto. Esse músculo em sua mandíbula flexiona. Ele agarra a faca como se estivesse prestes a enfiá-la no peito de alguém.

Sustentando seu olhar, digo baixinho: — Acho que você e eu somos iguais. Acho que ambos temos segredos, e esses segredos nos tornaram quem somos. Acho que é por isso que isso parece diferente para mim. E porque é tão perigoso. Então, vou dizer isso com pleno conhecimento de que pode parecer ridículo, mas quero que me prometa que não vai me manter aqui por muito tempo.

Com a voz rouca, Declan diz: — Por que não?

— Porque você parece areia movediça para mim, e já estou afundando.

Ele abaixa lentamente a faca. — Achei que parecia como o Grand Canyon.

— Você parece como os dois. Pior. Você é um Grand Canyon cheio de areia movediça.

Depois de um momento tenso, ele diz: — Então agora você sabe

como me sinto. Exceto que a areia movediça em meu Grand Canyon está cheia de veneno e nadando com tubarões comedores de homens.

Minhas mãos estão tremendo. Há uma boa chance de eu cair deste banquinho. Umedeço meus lábios e sussurro: — Então talvez você deva me deixar ir agora. Provavelmente é melhor para nós dois.

Olhos azuis brilhando, ele diz em um ronronar gutural, — Não vou deixar você ir a lugar nenhum.

A maneira como ele está olhando para mim faz meu coração bater forte e meu estômago apertar. Sinto-me presa. Em pânico. Presa por uma necessidade repentina e irresistível de fugir, como um rato que sabe que há um gato faminto se esgueirando por trás dele.

Então faço a única coisa que posso pensar.

Pulo do banquinho e corro.

# 25

## SLOANE

Declan me captura antes que eu tenha ido seis metros.

Ele me ataca por trás. Caímos no tapete da sala. Ele rola em cima de mim.

Então ele me beija, forte e avidamente, sua boca fundida à minha.

O medo que sinto é insuportável. Ele está apenas me beijando, não me matando, mas parece que estou lutando pela minha própria vida.

Parece que estou me afogando.

Suspiro, virando minha cabeça para longe e me contorcendo embaixo dele. — Solta-me!

— Você está esquecendo quem está no comando aqui, — ele rosna, puxando minha cabeça para trás para que minha garganta fique exposta. Ele morde meu pescoço, rindo quando grito de frustração.

— Você disse que eu estava no comando!

— Eu menti. Submeta-se, cativa.

— Vá para o inferno!

— Submeta-se.

— Não! Pare de dizer isso!

Meus braços amarrados estão presos entre nossos corpos. Ele se abaixa, agarra a corrente curta que liga as algemas e passa meus braços pela cabeça. Então ele me dá todo o seu peso, me achatando.

Desta vez, quando ele me beija, sinto o gosto da vitória em seus lábios.

Vitória e algo mais sombrio.

Ele se afasta, ofegante. — Não fuja de mim. Você é mais corajosa do que isso.

Não sou, entretanto. Sempre pensei que era durona, mas ele provou que não sou nada além de uma grande covarde. Estou com tanto medo de que ele veja mais do que quero que veja que nem consigo olhar para ele.

No meu ouvido, ele diz: — O gato já saiu da bolsa. Você não pode mais se esconder de mim.

— Retiro tudo! Eu estava mentindo!

Isso o enfurece.

Com um rosnado que é mais do que um pouco assustador, ele me faz olhar para ele, sua mão agarrando meu queixo. —

Besteira. Você estava dizendo a verdade, talvez pela primeira vez. Não estava?

Quando não respondo, ele insiste: — *Não estava?*

Tremendo, fecho meus olhos e sussurro, — Pare. Por favor. Isso foi um erro.

— Não, lass, não foi. Aposto que esta é a primeira coisa real que qualquer um de nós teve.

Ele toma minha boca novamente. Quando tento fugir, ele não me deixa. Ele não me deixa mover meus braços, ou terminar o beijo, ou me contorcer debaixo dele. Ele não tenta me comandar desta vez, ele simplesmente me *obriga a* me submeter.

Luto com ele, mas ele é muito forte. Ou sou muito fraca. De qualquer forma, em alguns momentos, toda a luta se esgota para fora de mim. Deito-me frouxamente embaixo dele, sugando respirações curtas e fortes pelo nariz enquanto sou levada por um penhasco e para o mar.

Ele se abaixa e abre o zíper. Seu pau duro salta para fora de sua calça jeans. Ele o segura em sua mão, esfregando-o para frente e para trás através da minha umidade.

— Abra seus olhos.

Quando faço isso, o encontro olhando para mim com uma intensidade devastadora, seu rosto duro e bonito. — Sim ou não. Sou um monte de coisas ruins, mas um homem que pega uma mulher contra a vontade dela não é uma delas.

No entanto, ele poderia. Facilmente. Ele poderia simplesmente empurrar dentro de mim e ignorar meus protestos, sabendo que não haveria ninguém que pudesse detê-lo.

O que torna tudo muito pior.

— Meu cavalheiro gângster, — sussurro, e abro minhas coxas.

Ele empurra. Então ele está dentro e estou gemendo.

Ele se inclina, morde meu mamilo duro através do tecido da camisa e me fode como se ele estivesse possuído. Como se ele estivesse morrendo de fome.

Desta vez, não é fazer amor. É uma coisa primitiva, crua e animalésca. Ele grunhe enquanto entra em mim, sons ásperos e irregulares que surgem do fundo de seu peito. Ele está me levando e estou permitindo.

Eu gostaria de não amar tanto isso. Temo que esse tipo de entrega possa ser viciante.

Ele se retira, me vira, me arrasta de joelhos, então me fode por trás, seus dedos fortes cavando em meus quadris e suas bolas pesadas batendo contra minha boceta.

Ele puxa meu cabelo.

Espanca minha bunda.

Alcança entre minhas pernas e acaricia meu clitóris enquanto empurra, deslizando os dedos por minhas dobras.



O tapete queima meus joelhos, gemo e grito delirantemente.

Ele murmura: — Vamos lá, goze no pau do seu mestre. Minha linda cativa, seja uma boa menina e goze para mim.

Suas palavras funcionam como mágica. Em segundos, estou convulsionando em torno de sua ereção, resistindo contra ela e gritando seu nome.

Se alguém tivesse me dito há um mês que um homem iria me algemar, me levar ao orgasmo sob comando e usar as palavras “mestre” e “cativa” para se referir ao nosso relacionamento, eu teria rido até fazer xixi em mim mesma.

Mas aqui estamos.

E santo inferno, que lugar maravilhoso é para se estar.

Com as mãos em volta dos meus quadris, Declan se senta na ponta dos pés, levando-me com ele para que eu fique de pé. Ele rasga a frente da camisa de botão com que me vestiu e começa a acariciar meus seios nus com uma mão, achatando a outra sobre minha barriga e me segurando contra seu corpo. Inclino-me contra seu peito, fecho meus olhos e suspiro.

— Quero que você goze de novo, — ele diz asperamente, rolando meu mamilo entre dois dedos. — Com isso.

Ele me dá um tapa de leve entre as pernas.

Empurro ofegante. Meus olhos se arregalam.

— Mais forte ou mais suave? — Ele rosna, beliscando meu

pescoço.

Meu pulso está voando. Minhas coxas tremem. Não sei o que está para cima ou para baixo. — Mais forte. E mais rápido.

Seu gemido é suave e cheio de prazer. Acho que ele esperava que eu dissesse isso.

O próximo tapa machuca, mas também envia uma onda de prazer por todo o meu corpo. Ele faz isso de novo e de novo, me segurando firme com um braço em volta da minha cintura, até que estou tremendo e tão molhada que está escorregando pelas minhas coxas.

— Quão perto você está?

— Pronta, — suspiro. — Estou bem aí.

— Dê-me sua boca.

Inclino minha cabeça para trás e sou imediatamente recompensada com um beijo profundo e quente. Os dedos de Declan mergulham entre minhas pernas, explorando cada centímetro, deslizando ao redor de onde ele está enterrado dentro de mim. Quando eles tocam meu clitóris extremamente sensível, choramingo em sua boca.

— Preparada? — Ele sussurra.

— Sim senhor. Obrigada, senhor.

Sua exalação é irregular. — Maldição, mulher. Maldita.

Então ele dá um tapa na minha boceta latejante e gozo.

Soluçando e estremecendo em seus braços, gozo com tanta força que me perco. O tempo todo, ele sussurra louvores em meu ouvido, palavras em inglês e gaélico que derretem como manteiga sobre minha pele aquecida.

Então ele está sacudindo também, quadris empurrando erraticamente, gemidos quebrados caindo de seus lábios. Sinto-o pulsando dentro de mim, sinto um calor se espalhando enquanto sua mão fecha em volta da minha garganta.

Ele se derrama dentro de mim com um rugido.

Enquanto caímos moles e exaustos no tapete e ele me envolveu em seus braços, me pergunto como esse conto de fadas sombrio vai terminar.

Porque isso vai acabar. Tem que acabar. A única questão é quem ficará de pé quando as paredes do castelo desabarem – A Princesa? O Cavaleiro das Trevas?

Ou talvez ninguém.



De volta à cozinha, nenhum de nós fala. Declan termina de fazer a salada, coloca tudo em uma tigela grande, pega um garfo e me leva até a mesa de jantar.

Ele se senta em uma cadeira e me puxa suavemente para o chão.

Chocada, olho para ele. — Não vou ajoelhar a seus pés.

Com os olhos brilhando, ele diz: — Estranho, mas parece que você vai.

Ele espera que eu decida o que vou fazer a respeito. Fico fervendo por alguns momentos, debatendo, observando de uma distância segura enquanto meu ego tem um ataque sibilante.

Ele diz gentilmente: — Só quero te alimentar.

— Como um dono alimenta seu cachorro sob a mesa?

— Não, lass. Como um homem alimenta sua amante. Se você não gosta, levante-se.

Ele começa a espetar um punhado de salada no garfo. Em seguida, ele segura o garfo em meus lábios, segurando meu queixo com a outra mão enquanto olha para mim com olhos febris.

Oh, esse olhar. Isso me faz estremecer. Nunca fui olhada assim por um homem. A necessidade em seus olhos é tão quente que poderia nos queimar até o chão.

Sussurro: — Este é um jogo perigoso que estamos jogando.

— Você não sabe da metade.

Esses são seus esqueletos que ouço por trás de suas palavras. Seus fantasmas sacudindo suas correntes. Em que diabos estou me metendo?

— Prometa-me que você...

— Sim. Prometo.

— Você não sabe o que eu ia falar.

— Não importa. Peça-me qualquer coisa. Para ser cuidadoso com você, para ser honesto com você, para colocar a cabeça de alguém em um prato. Eu direi sim. Você não é a única acorrentada aqui. Agora abra esses lindos lábios e deixe-me alimentá-la. Você vai precisar de sua energia. Vou querer foder com você de novo em breve.

Ele cutuca meus lábios com o garfo.

Olhando para ele em uma combinação estranha de terror, fascinação e admiração, eu abro minha boca e o deixo deslizar a comida.

Observando-me mastigar, ele acaricia minha bochecha. Ele murmura: — Seu rosto está vermelho.

— A humilhação faz isso comigo.

— Você não está sendo humilhada. Você está sendo adorada. Você é muito orgulhosa para saber a diferença.

— Normalmente, quando estou sendo adorada por um homem, é ele quem está nesta posição.

— Não sou seu homem normal. Esta não é sua situação normal. Nenhuma das regras antigas se aplica.

Olho para baixo, evitando seus olhos. Ele permite por um

momento, até ficar impaciente.

— Fale comigo.

— Não gosto de pensar que sou irracional.

Ele sabe exatamente o que quero dizer. — Você pode ser feminista e ainda assim querer ser dominada por um homem na cama.

— Gloria Steinem ficaria muito decepcionada comigo.

— Gloria Steinem se casou, lass. A mulher que cunhou a frase “Uma mulher precisa de um homem como um peixe precisa de uma bicicleta” acabou por querer um marido. É biológico. Evolucionário. Até a mulher mais forte precisa de um homem.

Torço meu nariz. — Barf<sup>19</sup>.

Ele ri. — O oposto também é verdade. Até o homem mais forte precisa de uma mulher. Somos feitos um para o outro.

— Como os gays se encaixam nessa filosofia de gênero?

— Eles são feitos um para o outro também. Não se trata de A se encaixar em B. É sobre quem você é como humano. O que te excita. O que você precisa. Todo mundo tem uma correspondência. Um ajuste. Yin para yang, luz para as trevas. É quando lutamos e julgamos que encontramos problemas. Abra sua boca.

Ele está cutucando meus lábios com outra garfada de salada. Estou muito envolvida na conversa para protestar. Com a boca cheia de salada, digo: — Como é possível que, apesar de sua

abordagem um tanto homem das cavernas das coisas, você quase parece compreensivo?

— Talvez eu seja. Isso é tão difícil de imaginar?

— Isso veio do homem que me tirou de um avião com um lançador de foguetes. Onde você conseguiu essa coisa, afinal?

— Mantenho um arsenal de armas na parte traseira de cada SUV. Você nunca sabe quando pode precisar de uma ou outra metralhadora ou granada de mão.

Digo secamente: — Certo. Que bobo da minha parte. É preciso estar preparado. Que escoteiro.

Ele ri novamente. — Acredite ou não, eu estava. A versão da Irlanda, pelo menos. Estive envolvido com o Escotismo na Irlanda quase até entrar no serviço militar.

Surpresa com aquele pedaço de informação, levanto minhas sobrancelhas. — Você foi militar?

Ele faz uma pausa para dar uma mordida na salada para si mesmo. Parece deliberado. Como uma tática de evasão. Depois de engolir, ele simplesmente diz: — Sim.

Ele não está encontrando meus olhos.

— Declan.

Seu olhar cauteloso pisca para encontrar o meu.

— Podemos fazer Não Pergunte e Não Conte, se quiser. Não

temos que compartilhar nossas histórias tristes. Provavelmente é mais seguro assim.

— Mais seguro?

Estou nervosa com seu olhar penetrante. Parece dizer que ele sabe que estou tentando desesperadamente me proteger dele. — Eu quis dizer mais inteligente.

Examinando minha expressão, ele passa o polegar sobre meus lábios. — Não se esconda. Quando eu disse que você estava segura comigo, eu quis dizer isso.

— Ok, mas só se você não se esconder de mim.

Ele acaricia meu rosto por mais um momento. — A diferença é que você não disse que estou seguro com você. O que é bom, porque nós dois sabemos que não estou.

— Então essa coisa de confiança total só funciona de uma maneira? De mim para você?

Suas sobrancelhas se juntam. — Você quer que eu confie em você?

— Você poderia?

Nossos olhares estão travados. O ar entre as voltas estalando.

Com a voz baixa e áspera, ele diz: — Se você se entregar a mim e quiser mesmo dizer isso. Se eu soubesse que você seria leal a mim do jeito que é com sua amiga, Natalie. Então sim. Eu poderia confiar em você. Mas se o fizesse, seria com tudo, inclusive minha vida. Não faço



meias medidas. Eu não iria me conter. E há muita feiura a que minha confiança a exporia. Há muitas coisas que você descobrirá que podem fazer você se arrepender de ter me conhecido.

— Portanto, antes de pedir minha confiança, pense com cuidado. Porque se eu der a você, significa que sou seu. E você é minha. Para o bem. Nunca há como escapar disso, mesmo que você me peça. Mesmo que seja muito e você queira fugir.

Sua voz cai. Seu olhar perfura o meu. — Porque interpreto as palavras 'até que a morte nos separe' literalmente.

Não sei como chegamos aqui. Em um minuto estamos conversando sobre feminismo, e no próximo estamos caindo em uma toca de coelho de votos de casamento e pactos de morte.

— Ok. Uau. Isso é muito.

— Eu No entanto, não vejo você fugindo.

Há um desafio em seu tom. Um desafio em seus olhos. Um olhar que diz que devo decidir agora como isso vai ser.

Com meu coração martelando, umedeço meus lábios. — Não. Não estou correndo. Mas não estou prometendo que não vou querer.

Ele sorri. — Bom o suficiente por agora. Se mudar de ideia, me avise.

— E você vai me deixar ir quando eu pedir?

— Se, — ele corrige. — Se você me pedir.

— Você parece bastante seguro de si mesmo. Tenho uma vida para a qual voltar, você sabe.

Ele me olha por um instante. Então ele dá outra mordida na salada, pensando. Quando ele engole, ele olha para mim com algo em seus olhos que nunca vi antes.

Dor.

— Sou muito mais velho que você, como você sempre aponta. Viajei por mais estradas, muitas delas escuras. Aprendi que não importa o quão bem você pensa que conhece a si mesmo, você ainda pode se surpreender. Você não pode controlar o que o move. A única coisa em seu controle é a escolha de se render ou não a ela.

— Acho que você percebe, no fundo, que pode confiar em mim. A única coisa que você realmente está em dúvida é se você está disposta a confiar em si mesma. Porque até agora, você não conheceu um homem que soubesse como lidar com você. Quem poderia ver o que você é por trás daquela torre de marfim que você construiu em torno do seu coração. Mas eu vejo você. E sei que você está com medo de sete tons de merda para me deixar entrar.

— Não posso te convencer disso. Esse é um salto que você mesmo precisa dar. E posso prometer a você que vai ser uma bagunça. Você, eu, o que isso significaria para todo mundo... bagunçado. Mas vale a pena, pelo menos na minha opinião. Porque esse seu gângster meio morto viu muito em sua época, mas nada tão bom quanto isso.

Eu só fico ali sentado engolindo o nó na garganta, ele diz: —

Agora vamos terminar esta tigela horrível de comida de coelho e ir para a cama.

— Ok.

Ele me olha com uma sobrancelha arqueada.

— Quero dizer... sim, senhor.

Quando ele se inclina e me beija com ternura, percebo exatamente em quantos problemas estou realmente metida e como ele estava certo sobre a torre de marfim que construí para manter meu coração seguro.

Um coração seguro nunca doeria com tanto desejo.

## 26

### SLOANE

Declan remove minhas algemas antes de ir para a cama. Ele também tira a camisa que veste, depois se despe e me puxa para cima dele. Ele nos acomoda sob as cobertas e dá um beijo na minha testa, mandando-me dormir.

— Como você pode dormir comigo em cima de você? Não sou pesada?

— Sim. Os camelos pesam uma tonelada.

— Ha.

— Pare de se preocupar comigo e faça o que digo.

Ficamos deitados no escuro, minha cabeça em seu peito, ouvindo um ao outro respirar, até que o turbilhão em minha cabeça me fez suspirar. — Não acho que estou cansada.

— Tenho certeza de que você tem algum tipo de truque de respiração ridículo que vai ajudar.

— Normalmente faço uma visualização de fluxo quando tenho problemas para adormecer, mas há algo que me enlouquecendo, então

sei que não vai ajudar.

Declan estava esfregando a mão para cima e para baixo na minha espinha, mas ele para. — O que é?

— Não tivemos a conversa sobre DST. E não usamos camisinha da última vez.

Ele diz imediatamente: — Estou limpo.

— Bom. Eu também.

— Posso fazer o teste se você não acreditar em mim.

— Não, confio em você.

Isso fica suspenso no ar como uma piñata de festa recheada de doces cercada por um bando de crianças sorridentes de cinco anos segurando morcegos. Fecho meus olhos, me xingando.

Então Declan diz baixinho: — Obrigado.

Pelo menos ele não está se regozijando.

Depois que solto uma respiração forte, ele muda de assunto. — O que é uma visualização de fluxo?

— É uma prática de relaxamento. Quando estou estressada, me imagino sentada embaixo de um grande carvalho ao lado de um riacho no campo. O clima está quente e sopra uma brisa suave. Estou usando uma fantasia superlegal *de rainha das fadas do Senhor dos Anéis*, e meu cabelo está ótimo.

Declan bufa. Ignoro-o.

— Qualquer que seja o pensamento preocupado que vem à mente, apenas coloco mentalmente o pensamento em uma folha do riacho e vejo-o fluir até desaparecer em uma curva. Dinheiro? Ele vai para uma folha e vai embora. Meu futuro? Coloco as palavras em uma folha. Minha chefe no trabalho? Ela vai em uma folha. Em miniatura. É divertido vê-la gritando e batendo o pé, com cinco centímetros de altura, e depois desaparecer. Às vezes faço um peixe grande subir e engoli-la.

Depois de uma pausa pensativa, Declan diz: — O que a preocupa sobre o seu futuro?

Respondo sem pensar. — As coisas de sempre. Câncer. Falência. Morrer sozinha.

Ele parece perturbado. — É uma lista pesada para quem não tem nem trinta anos. Você deve se preocupar com o que vai fazer no próximo fim de semana, não em morrer sozinha.

— Todo mundo morre sozinho. Só quero fazer isso com dignidade. Mas não há nada de digno em estar tão doente que não consegue limpar a própria bunda ou tão fraco que não pode dizer à enfermeira que está em tal agonia que não quer viver mais um minuto.

Declan me vira de costas, se apoia em um cotovelo e olha para mim. Mesmo no quarto escuro, vejo o brilho suave de seus olhos azuis.

— Você está falando sobre sua mãe.

— Como você sabia disso?

Quando ele não responde, digo: — Oh. Certo. A verificação de antecedentes que você fez em mim.

— Sim.

— Deve ter sido muito extensa.

— Sim.

Estudo seu rosto. Nas sombras, ele parece muito sério, sua expressão intensa. Hesitante, sem saber se ele vai me dizer a verdade, digo: — Foi por meio de uma agência de detetives, algo assim?

— Não. Por meio da NSA.

— O que é isso?

— A Agência de Segurança Nacional.

Quando apenas fico lá olhando para ele com uma carranca, ele elabora.

— É a agência de inteligência do Departamento de Estado dos EUA.

— Espera. Você quer dizer as pessoas que nos espionam? Que gravam nossos telefonemas, e-mails e outras coisas para o governo?

— Sim, embora eu tenha certeza de que eles diriam que não fazem isso.

— Li um artigo sobre eles não faz muito tempo. Eles são como o Big Brother!

— Não, lass, eles são muito piores. Eles fazem o Big Brother parecer com Ronald McDonald.

— Oh meu Deus. E eles têm informações sobre mim?

— Eles têm informações sobre todos. Não, não tente se sentar. Fique aqui mesmo.

— Você quer que eu permaneça plena depois de descobrir que o governo está me espionando?

— Você não é especial. Eles espionam todo mundo.

Fico olhando para ele, horrorizada. — Então você conhece alguém que trabalha lá que lhe deu todas essas informações?

— Sim. Sei os saldos do seu cartão de crédito, seu histórico médico, sua formação educacional, seu registro de motorista, que você não tem antecedentes criminais, mas uma vez você se livrou de um DUI<sup>20</sup>, em todos os lugares que você viveu e viajou por toda a sua vida, o que você compra de anúncios do Instagram, quanto dinheiro você tem em suas contas bancárias e, basicamente, tudo mais.

Ele faz uma pausa. — Incluindo que você teve um teste de DST negativo em sua visita ao seu ginecologista no mês passado.

Coloco a mão sobre meus olhos. — Uau, essa coisa de honestidade e confiança é horrível *pra* caralho.

— Ainda nem começamos.

— Estou enjoada.



— Avisei a você.

— Você provavelmente deveria parar de falar agora.

Ele pega meu pulso e prende meu braço ao meu lado. — Vamos voltar às suas preocupações.

— E não vamos dizer que fizemos.

Ultrapassando isso, ele diz: — Vou te dar dinheiro se você precisar.

Viro minha cabeça no travesseiro e olho para ele. — Desculpe?

— Você ouviu o que eu disse.

— Também ouvi você dizer que sabia quanto dinheiro tenho em minhas contas bancárias.

— Sei.

— Então você sabe que estou guardando.

Em sua pausa, sinto que ele está tentando dizer algo para não ser um insulto. Ele falha miseravelmente.

— Considerando a quantia em questão, acho que você estava economizando para um cruzeiro de fim de semana para Tijuana. Em uma daquelas linhas de cruzeiro baratas. Onde todo mundo acaba pegando diarreia por causa da água potável contaminada.

— Isso não é muito bom.

— Peço desculpas.

— Nem todo mundo é rico.

— Não. Principalmente você.

Insultada, olho para ele.

— Não leve para o lado pessoal. Não é sobre seu personagem. Só estou dizendo que você não tem muito dinheiro, o que ficaria feliz em retificar.

— Diga a palavra dinheiro para mim novamente. Atreva-se.

— Posso ver que isso é um motivo de orgulho para você. Vamos continuar. Para que você está economizando?

— O feixe de laser que vai explodir você em um milhão de minúsculas peças de gângster.

Ele tenta muito não rir enquanto fico lá olhando para ele.

— Sério. Diga-me.

— Por quê? Então você pode zombar de mim com suas finanças superiores?

— Não, então posso ficar surpreso com o quão legal é.

Digo com tristeza, — É legal.

— Sei que é. Conte-me.

Suspirando pesadamente, viro minha cabeça e olho para o teto. Depois de um breve debate comigo mesma, cedo.

— Vou abrir meu próprio estúdio de yoga. Mas para

crianças. Meninas, para ser exata. Se chamará Fit for a Queen, distribuiremos tiaras no início de cada aula e ensinaremos as crianças a se sentirem fortalecidas e orgulhosas de seus corpos, em vez de envergonhadas. Não haverá escalas. Não haverá nenhum espelho. Não haverá nenhuma mãe superprotetora idiota no fundo da sala observando e torcendo as mãos sobre como as pequenas Abby e Eva são gordas. Mas haverá muitos abraços e incentivos. Haverá muitas afirmações positivas. Haverá muitas ferramentas que elas possam aprender a usar para se ajudar a sobreviver em um mundo que só valoriza sua aparência. Porque há muitas menininhas que estão sendo ensinadas a sufocar o fogo e apagar a luz para que possam parecer menores para as pessoas que têm medo do tamanho que realmente são. Ou quão grandes elas poderiam ser, se ao menos alguém acreditasse nelas.

No final desse discurso apaixonado, silêncio total.

Recuso-me a quebrá-lo primeiro. Fico lá com meu coração batendo forte, esperando que ele diga alguma coisa, até que, finalmente, ele diz.

— Isso é lindo, Sloane. Isso é lindo *pra* cacete.

A maravilha silenciosa em sua voz faz meu peito apertar. Minha garganta também fica apertada. — Obrigada.

Ele me puxa para o seu lado, me puxando para perto. O braço que ele envolve em volta de mim parece possessivo.

Sussurro em seu peito: — Você disse que me prometeria qualquer coisa que eu pedisse. Isso era verdade?

— Sim.

— Só tenho uma coisa.

— Qual é?

— Por favor, não machuque Stavros. Não importa como isso acabe, deixe-o fora disso. Ele não merece se machucar por minha causa.

Seu peito se expande com sua inalação lenta. Sua voz sai áspera. — Você é muito protetora com ele.

— Ele é um amigo.

— Ele é um ex-amante.

— Ele precisa de alguém para cuidar dele.

— Estamos falando de um homem rico e adulto, não de uma criança.

— Oh, por favor. Você o conheceu. Você sabe o que quero dizer.

Depois de uma pausa, Declan diz a contragosto, — Sim.

— Então, você promete?

Embora eu não possa ver seu rosto, sinto sua confusão. — Se você se importa tanto com ele, por que não está mais com ele? Ele está apaixonado por você.

— Não, ele está apaixonado pelos meus sapatos.

— Não tenho ideia do que isso significa.

— Isso significa que ele ama o que dou a ele, não a mim. Ele nem me conhece. Ele ficará de pernas para o ar pela próxima garota que atender às suas necessidades, acredite em mim. Meu ponto é que eu não poderia viver comigo mesma se ele se machucasse por causa de algo que eu fiz. Ou não fiz. Algo relacionado a nós.

Quando ele não me responde, digo, — Por favor, Declan. Significaria muito para mim.

— Você está preocupada com todos os seus exs?

— Não. Você é ciumento?

— Não em relação a ele.

Parece que ele está evitando a verdade. — De quê, então?

Depois de um longo momento, ele responde com relutância. — Ele não teve que te forçar. Você o escolheu.

Posso dizer que ele não queria admitir isso, e isso faz meu coração doer. Digo gentilmente: — Você não me forçou.

— Sequestrei você. Peguei você contra a sua vontade.

— Não vamos ficar presos em como tudo isso começou. As coisas poderiam ser piores. Não é como se tivéssemos nos conhecido na prisão.

Ele fica em silêncio, pensando. Quando ele não fala por muito tempo, digo: — Fale logo.

— A maneira como sua mente funciona continua a me

surpreender. Ou talvez confundir seja a palavra certa. Nunca conheci ninguém tão capaz de aceitar as coisas como elas são sem um pinga de negação.

— Nem sempre fui tão pragmática. A vida chutou minha bunda muito bem quando eu era criança. Sorte minha também, porque trouxe à tona a lutadora em mim. Se eu nunca tivesse sido derrubada, nunca teria descoberto a força necessária para me levantar. E continuar me levantando após cada chute futuro, sabendo que eu poderia.

Ele murmura: — Do sofrimento surgiram as almas mais fortes.

— E os personagens mais massivos são marcados por cicatrizes.

Sua exalação pesada parece deprimida. — Porra.

— O que há de errado?

— Você conhece Khalil Gibran.

— Amo-o. Você leu *O Profeta*?

— É apenas o meu livro favorito.

— Por que isso o deixa deprimido?

Sua voz ganha um tom áspero. — Porque você é uma garota de 28 anos que *sequestrei* porra, uma garota que é melhor amiga da namorada do meu pior inimigo, uma garota que se preocupa com seu ex-amante – também meu inimigo – que nasceu mais de uma década antes de mim, em um país diferente do meu e viveu uma vida totalmente diferente da minha, e que de alguma forma conhece

filósofos estoicos antigos e obscuros poetas libaneses do século XX, e que quer cozinhar refeições saudáveis para seus sequestradores e ensiná-los técnicas de redução de estresse. Você não faz *sentido*.

Em seu silêncio raivoso, digo baixinho: — Para você, você quer dizer.

Um som de rosnado é minha única resposta.

— Se isso te faz sentir melhor, você também não faz sentido para mim. Você é muito velho, muito ranzinza e muito mandão. Além disso, você está certo. O sequestro é uma forma terrível de começar um relacionamento. É completamente fodido. Estamos totalmente condenados, entendo. Mas, sabe o que mais?

— Não. O quê?

— Não me importo com nada disso, porque a maneira como você me olha me faz sentir que posso voar.

Seu corpo inteiro fica imóvel. A respiração que ele finalmente libera é lenta e irregular. — Pensei que você estava com medo de mim. Disto.

— Estou. Também odeio isso. Quero ser aquela gata indiferente e desinteressada. Mas a realidade é que não sou. E é horrível. Também pode ser incrível, não sei. Também espero que não tenhamos que continuar falando sobre isso, porque isso também é horrível. Mas não quero ter uma daquelas situações em que algum mal-entendido estúpido pode ser esclarecido com uma simples conversa, porque odeio essa merda. É chato. Você concorda?

— Sim.

— Ok. Portanto, aqui está o resultado final. Nós dois achamos que isso é impossível, mas também incrível. Nós dois achamos isso fantástico e uma merda. Nós dois temos grandes problemas de confiança, amigos que odiarão isso e histórias pessoais realmente problemáticas que provavelmente causarão todos os tipos de problemas daqui para frente, mas por agora, é isso.

— Isso?

— Nós.

— Bem desse jeito?

— Sim. Apenas decidi. Aquele discurso de torre de marfim sobre estradas escuras que você fez realmente ressoou. Mas você ainda tem que me prometer sobre Stavros. Isso é inegociável.

Ele agarra meu queixo e inclina minha cabeça para que eu olhe em seus olhos. Seus lindos olhos azuis e brilhantes. Com a voz grossa, ele diz: — Prometo.

— Obrigada.

— Mas tenho uma pergunta.

— O que é isso?

— Se você não é minha cativa, então o que é?

Penso nisso por um momento. — Não amo rótulos, mas se você precisar me chamar de alguma coisa, pode apenas me chamar de sua



rainha.

Seu beijo é áspero e profundo. Ele rola em cima de mim, dando-me seu calor e peso, e me beija até que mal consigo respirar. Ele se afasta, ofegante, seu pau duro preso entre nós.

— Isso vai ser complicado, baby. Você está pronta para isso?

*Baby.* Oh, o que isso faz comigo. Como faz tudo dentro de mim brilhar. Sorrio para ele. — Quanto mais complicado, melhor. Pelo menos sei que não vou ficar entediada.

Ele rosna: — Você está certa de que não vai, — e pressiona sua boca na minha.

Então ele me fode com tanta paixão e posse, não pode haver dúvida de que quando ele disse que eu era dele, ele estava sendo sincero. Adormeço suada e saciada em seus braços.

Quando acordo de manhã, estou dolorida e morrendo de fome. Declan se foi, mas minha menstruação chegou, manchando os lençóis de vermelho.

Estranhamente, a mancha de sangue tem o formato de um coração.

Espero que não seja um mau presságio.

# 27

## DECLAN

— Você está louco?

— Não.

— Sim, você está. Você perdeu a cabeça. Ela é uma maldita civil!

— Sei o que ela é. Diminua seu tom de voz. Você está chamando atenção.

A mãe colocando seus filhos na minivan, após o futebol, estacionada ao nosso lado me dá outro olhar de soslaio. Ela olha para Grayson no banco da frente, com as mãos agarradas com força ao volante, as tatuagens do antebraço aparecendo sob as mangas arregaçadas, e diz a sua filha trançada para se apressar e entrar no carro.

Ela provavelmente pensa que somos pedófilos.

A realidade é pior do que isso.

Nos últimos dez anos, no mesmo dia e na mesma hora todas as semanas, Grayson e eu temos nos encontrado em algum lugar da

cidade em seu carro. Hoje, nosso encontro é um estacionamento no terceiro andar do estacionamento próximo ao complexo do cinema.

Ele sempre dirige um Chevy Impala bege de modelo antigo. Sempre me sento atrás, e ele senta na frente. Ele nunca se vira para olhar para mim quando entro no carro. Nunca digo adeus quando vou embora.

Às vezes tenho o pensamento deprimente de que ainda estaremos fazendo a mesma coisa quando formos velhos, daqui a trinta anos.

Mas duvido que viva mais dois. Esta vida que levo não foi feita para a longevidade.

Embora tenha sido isso que pensei há mais de vinte anos, quando comecei, na época em que o Grayson da minha vida era um velho e grisalho chamado Howard, que costumava contar anedotas sem sentido sobre as Olimpíadas de 1984. Ele morreu de cirrose.

Um caminho considerável a percorrer. Eu levaria um tiro por esse miserável qualquer dia.

Em um tom mais baixo e controlado, Grayson diz: — Eu nunca teria aprovado a ideia de pegá-la em primeiro lugar, mas você não me disse.

— Foi ideia do Diego. Ele não contou por que sabia que você não aprovaria. Concordei com essa decisão.

— Excelente. Então você se rebelou agora também?

— Não seja tão dramático. Sua permissão não é necessária.

— Mas meu conhecimento é. Você tem que me manter informado, Dec.

— Não tenho que fazer nada, Gray. O que você sabe.

Ele me encara pelo espelho retrovisor, seus olhos escuros ainda mais escuros de fúria.

Nosso temperamento é uma das poucas coisas que temos em comum. Ele é ainda mais sujeito a explosões de raiva do que eu.

O único filho de um policial réu de terceira geração, ele sempre soube que iria para a polícia. É o negócio da família. Mas suspeito que ele gostaria de ter seguido os passos de seu pai e ingressado no Departamento de Polícia de Boston em vez do FBI, para que ele não tivesse que lidar comigo.

Estou envelhecendo antes do tempo.

— Então qual é o plano? Você vai questioná-la e depois mandá-la de volta para Kazimir? E o que você acha que vai acontecer com ela quando ele descobrir que ela foi questionada sobre ele? Porque posso garantir a você, não vai ser bom.

— Não vou mandá-la de volta para lugar nenhum. Ela vai ficar comigo.

Seu silêncio ecoa com descrença. No espelho retrovisor, o vejo piscando, tentando decidir se ele me ouviu direito.

— Você está fazendo dessa pobre garota sua *escrava*?

A palavra evoca imagens de Sloane nua e algemada nos joelhos

com meu pau duro em sua boca. O calor inunda minha virilha. Faço uma nota mental para reproduzir essa fantasia em casa, esta noite.

Digo suavemente: — Que opinião charmosa você tem de mim.

— Conheço você. Minha opinião é baseada em fatos.

— Então você ficará desapontado ao saber que não estou fazendo dela uma escrava. Estou apenas fazendo dela minha. Ponto.

Mais piscadas. Ele está tão confuso, é como se eu estivesse falando português.

— Qual é o ângulo?

— Não há ângulo.

— Sempre há um ângulo. Você não tem namoradas. Você não tem uma vida pessoal. Você só tem o emprego, que é como você sempre quis. É por isso que você é tão bom nisso. Você está desimpedido. Sem distração. *Sozinho*.

— As pessoas podem mudar.

— Isso é uma porra de uma piada? Você está brincando comigo agora?

Digo com os dentes cerrados: — Isso está ficando cansativo. Ouça as palavras que saem da minha boca. Estou mantendo-a. Ela é minha. Coloque isso nos livros, espalhe a palavra e coloque todos a bordo.

— Ei, ei, ei. Espere um segundo. Você está dizendo que quer

torná-la um trunfo?

— Potencialmente. Ela definitivamente tem o que é preciso.

Ele está incrédulo. — Você está disposto a explodir seu disfarce por um pedaço de bunda?

— Chame-a assim de novo e você estará morto em dez segundos.

Olhamos um para o outro, o espelho refletindo dois pares de olhos raivosos. Um azul, um marrom, ambos teimosos como o inferno.

Depois de um momento tenso, ele diz: — É a primeira vez que você me ameaça.

— E se você a desrespeitar novamente, a ameaça será seguida por uma bala.

Ele balança a cabeça em descrença. — Jesus Cristo. Eu perguntaria se a boceta dela é forrada de ouro, mas não quero levar um tiro.

Rosno, — Isso foi muito perto da sua última passagem no corredor.

Ele põe as mãos no ar, rendendo-se. — Tudo bem. Vou subir no mastro da bandeira. Mas você pode querer levar um minuto para considerar o que *ela* deseja. Porque posso garantir a você se eu pudesse voltar no tempo e escolher se aceitaria ou não este trabalho, eu não faria.

— Também te amo.

Ele murmura: — Pare de explodir minhas bolas, cara.

— Você tem a lista?

Grayson enfia a mão no bolso da camisa. Ele adora camisas xadrez vermelhas e pretas. Acho que ele acha que elas o fazem parecer um lenhador. Embora ele tenha os antebraços musculosos e as costas largas de alguém que ganha a vida com um machado, admito.

Sem se virar, ele entrega um pedaço de papel dobrado sobre o ombro.

— Tente ser discreto. Não posso explicar muitos corpos de uma vez.

— Você sabe que vou.

Ele zomba. — Sei que você vai fazer o que quiser, é o que sei.

Algo em seu tom me faz parar para olhar para ele mais de perto.

Ele precisa de um corte de cabelo. E fazer a barba. Ele nunca foi exatamente limpo antes, mas agora parece que está dormindo no sofá de alguém há um mês. E aquela barba dele ultrapassou o território dos lenhadores e foi direto para o homem antissocial da montanha que atira em ursos para se divertir.

— Como está a esposa, Gray?

Seu olhar chocado pisca para o meu no espelho. — Isso, é você me fazendo uma pergunta pessoal?

— Você está trinta por cento mais idiota do que o normal. Está

tudo bem em casa?

Ele franze a testa. — Por que isso tem que ser um problema em casa?

— Porque sou mais inteligente do que você. O que aconteceu?

Ele olha pela janela e exala uma respiração forte pelas narinas. — Ela me deixou pela porra do seu treinador de tênis.

— Sinto muito por ouvir isso. Você gostaria que eu o matasse?

— Jesus. Não me tente.

— Está na mesa. Pense nisso.

— Absolutamente não. — Ele faz uma pausa. — A menos que eu mude de ideia. O que não vou.

— Entendido. Mas quando você recobrar o juízo é só me enviar uma mensagem com o nome e o endereço dele e cuidarei disso.

Ele parece tocado. — Obrigado, Declan. Essa é a coisa mais legal e mais fodida que alguém já me disse. Quase compensou quando você ameaçou me matar por insultar sua nova namorada alguns minutos atrás.

— Não mencione isso.

Abro a porta e saio. Caminhando em direção aos elevadores, ligo para Kieran. Ele atende no segundo toque.

— Olá, chefe.



— A entrega já chegou?

— Sim.

— Você tocou no assunto?

— Sim. Ela atendeu a porta em uma daquelas coisinhas de treino minúsculas. Como uma malha de corpo inteiro, exceto pela falta do meio. Quase me deu um ataque cardíaco sangrento.

Cerro os dentes, agravada com a ideia de Kieran vendo Sloane em roupas de yoga. Embora a conhecesse, ela provavelmente estava fazendo todas as suas curvas e alongamentos ridículos bem na frente das janelas do quarto para que todos em Boston pudessem ver.

— Como ela parecia?

— O que quer dizer?

— Quero dizer, ela parecia feliz? Triste? Qual era o humor dela?

Ouç o encolher de ombros em sua voz. — O de sempre. Mulher-Maravilha conhece Lucy Ricardo.

— Lucy Ricardo?

— A esposa maluca daquele velho seriado em preto e branco da televisão, *I Love Lucy*.

Não vou contar a Sloane que ele disse isso. Ela consideraria isso um grande elogio e adotaria Kieran como seu fiel companheiro.

Esqueci. Ela já fez.

— Estarei de volta em algumas horas. Tenho algumas pontas soltas para limpar antes da mudança.

— Entendido. Tudo está pronto nas novas instalações. Tudo bem se eu comer esse muffin que a menininha fez para mim? Achei melhor verificar com você primeiro.

— Ela assou *muffins para* você?

— Sim. Para mim e Spider. Não tenho a menor noção do que está dentro deles, mas são terrivelmente verdes e protuberantes. Parece que ela agarrou um punhado de terra e rolou na grama.

Se eu soubesse que ela iria direto para a cozinha e começaria a cozinhar a merda que ela come quando deixei a porta do quarto destrancada esta manhã, eu poderia ter trancado duas vezes em vez disso. — Parece horrível.

— Parece também. Mas ela disse que era muito volumoso e seria bom para mim, então acho que devo tentar.

*Fibras. Cristo.* Sorrindo, digo: — Sim, você pode comê-lo. Não venha chorar para mim quando tiver que limpar suas entranhas do trono de porcelana.

Desligo, pego o elevador e desço dois andares e entro no Escalade que estacionei próximo à saída dos fundos da garagem. Atravesso a cidade até a Igreja Old North, o local onde as lanternas penduradas no campanário alertaram os patriotas de Boston de que os britânicos estavam vindo por mar no início da Revolução Americana. Estaciono no estacionamento e entro por uma pequena

porta na capela lateral, depois sigo pelo corredor, passando fileira após fileira de bancos vazios, até chegar ao confessionário.

Abro a porta e me sento no banco estreito, fechando a porta atrás de mim. — Abençoe-me, padre, porque pequei. Já se passaram onze anos e sete meses desde minha última confissão.

Um suspiro exasperado vem através da tela de privacidade de madeira entalhada à minha esquerda. — Pelo amor de Deus, rapaz. Você não tem que zombar do abençoado sacramento.

Como eu, o padre O'Toole ainda tem seu sotaque irlandês de quando pousou pela primeira vez em solo de Boston, décadas atrás. Algumas coisas são difíceis de perder.

— Como vai, padre?

— Não me venha com essa merda de padre, — ele diz irritado. — Ainda é o Padre O'Toole para você, boyo<sup>21</sup>, não importa o quão alto e poderoso você se imagine. E sou o mesmo da última vez que você perguntou. Um pecador vivendo em tempo emprestado.

— Não somos todos?

— Alguns de nós mais do que outros. Então há você.

Sorrio com o tom severo de sua voz. — Sim. Então há eu. Ainda está rezando pela minha salvação todas as noites?

Ele bufa. — Aquele navio naufragou há anos, filho, o que nós dois sabemos. Os únicos O'Donnells pelos quais oro hoje em dia são sua mãe e seu pai, Deus abençoe suas almas.

Ele faz uma pausa. Sua voz cai uma oitava. — A velha ficaria muito orgulhosa de você, sabe. Mesmo que você seja amaldiçoado por toda a eternidade por todo o sangue que você derramou.

— Só tinha que adicionar essa última parte, não é?

— Sou um padre. Culpar pecadores acompanha o cargo.

— Sempre quis perguntar. Por que eu deveria estar condenado se as únicas pessoas que mato são más? Você pensaria que poderia ser considerado um serviço público.

— Oh. Ego puro, claro. Deus não precisa de uma mão amiga dispensando Sua justiça, rapaz.

— Discordo.

— Claro que você faz. O que você tem para mim hoje?

— Um nome. Preciso que você passe adiante.

— A quem?

— Seja quem for o seu contato na Igreja Ortodoxa Russa.

— Oh. Os russos novamente. Malditos comunistas.

— Eles são mais capitalistas do que comunistas hoje em dia.

— Qual o nome?

— Mikhail Antonov.

Sua pausa é pensativa. — Por que isso soa familiar?

— Ele é o chefe da Bratva local.

Silêncio. Depois de entender o que estou fazendo, ele avisa: — Essa é uma grande mordida para mastigar, rapaz.

— Sim.

— Vai atrair muita atenção.

— Exatamente.

— E vai ser caro.

— Sempre é. — Abro a porta do confessionário. — Obrigado, Pai.

— Deixe sua doação no lugar de costume, filho.

— Sim, deixarei.

Abotoando minha jaqueta, saio da igreja da mesma forma que entrei: puto. Em seguida, vou para o endereço residencial do segundo nome na lista de Grayson. Este é muito mais pessoal do que aquele que dei ao padre O'Toole e quero cuidar disso sozinho.

“Olho por olho” é um conceito bruto, mas muito eficaz na minha linha de trabalho.

## SLOANE

Estou colocando pratos na lava-louças quando uma voz baixa atrás de mim diz: — Você se sente em casa, pelo que vejo.

Viro-me para encontrar Declan parado no canto da cozinha. Ele ficou fora o dia todo sem deixar um bilhete ou mensagem de texto para onde estava indo ou quando voltaria, e estou irritada comigo mesma por desejar que ele tivesse feito isso.

Ou isso é normal? Não sei. Nunca visitei Emotionville antes. Até agora, é bastante confuso.

Eu gostaria de ter um mapa.

— Você deixou a porta do quarto destrancada, então achei que tinha permissão para sair. Eu estava errada?

Trabalhando no nó da gravata, ele deixa seu olhar vagar pelo meu corpo. Estou usando calças de yoga e uma blusa elástica cortada sem mangas, e meus pés estão descalços. Pelo olhar faminto em seus olhos, você pensaria que eu estava completamente nua.

— Não, — diz ele, a voz rouca. — Mas não fique muito

confortável aqui. Estamos nos mudando.

Isso me surpreende. — Nos mudando? Por quê? Para onde?

Ele se aproxima, puxando a gravata. Quando ele a deixa cair no balcão e abre os dois primeiros botões da gola de sua camisa branca, me distraio com a bomba em movimento que ele acabou de lançar.

Alarmada, digo: — Isso é sangue na sua gola?

— Sim.

— É seu?

— Não.

Sua expressão está fechada. Ou pode ser simplesmente calma, não sei dizer.

— Você está bem?

— Melhor agora. Venha aqui.

Estendendo a mão, ele espera que eu vá até ele. Vou, me perguntando de quem é o sangue por toda a camisa e aliviada que não seja o dele.

Quando estou perto o suficiente, ele estende a mão e me agarra, me puxando para um abraço forte. Ele enterra o rosto no meu pescoço e inala profundamente.

Ficando na ponta dos pés com meus braços em volta de seus ombros, sussurro: — Obrigada pelas rosas.

— De nada.

— E a pulseira de diamantes. É muito bonita.

— Não tão bonita quanto você. Por que você não está usando?

— Achei que você gostaria de ser o único a colocá-la.

Isso o agrada. Ele murmura: — Boa menina. Talvez na próxima eu compre um colar de diamantes para você.

Ele se abaixa e aperta minha bunda. Então ele beija meu pescoço, chupando e mordendo minha pele. Quando tremo, ele me apoia contra o balcão e leva minha boca, beijando-me de forma tão selvagem que me deixa sem fôlego.

Sua ereção não deixa dúvidas sobre para onde isso está indo.

Quando ele levanta minha camisa e se inclina para chupar meu mamilo, digo: — Comecei meu período.

— Que bom para você.

Ele tira a camisa pela minha cabeça, joga-a de lado, pega meus seios com suas mãos grandes e ásperas e volta a chupar um mamilo.

Gemo de prazer, arqueando em sua boca gananciosa. — Quer dizer, tenho um absorvente interno.

— Anotado. Agora fique quieta.

Aparentemente, ele não se importa com o absorvente interno, mas sexo menstruada simplesmente não é minha praia. As poucas vezes que tentei, foi tão confuso que não conseguia me concentrar em



nada além de como iria tirar todo o sangue dos lençóis.

— Vou ficar quieta depois de dizer uma coisa. Sexo quando estou menstruada não me faz sentir sexy.

Ele para e olha para mim.

— Desculpe. Apenas sendo honesta.

— Não se desculpe. Obrigado por me dizer. Estenda as mãos. — Ele dá um passo para trás, esperando.

Meu pulso começa a voar. Não sei o que ele está planejando, mas posso dizer que ele não está com humor para qualquer atrevimento.

Coloco minhas mãos na minha frente, sem surpresa ao vê-las tremendo. A quantidade de adrenalina correndo em minhas veias agora pode me eletrocutar.

Ele pega a gravata de onde a deixou no balcão e a enrola em meus pulsos, dando um nó nas pontas. Então ele me empurra para baixo até que estou ajoelhada no chão na frente dele.

Ele abre o zíper da calça, pega seu pau duro na mão e aperta a outra no meu cabelo, na nuca.

Olhando para mim com olhos ardentes, ele rosna: — Estive obcecado por essa sua boca o dia todo, baby. Chupe-me. Se você for bom e não derramar uma gota, farei você gozar. Do contrário, você será punida.

Uma emoção percorre meu corpo com suas palavras sujas e

dominantes.

*Isso é o céu. Morri e fui para o céu.*

Circundando seu eixo com minhas mãos amarradas, giro minha língua ao redor da cabeça inchada, amando o sabor levemente salgado de sua pele. Fecho meus olhos e o coloco em minha boca, estremecendo de prazer quando ouço seu gemido baixo.

Ele embala minha cabeça com as duas mãos e flexiona sua pélvis, deslizando lentamente seu pau duro pela minha garganta. Tomo até que minha boca está bem aberta, e ele está totalmente dentro.

— Inferno sangrento, — ele sussurra asperamente. — Minha doce menina. Você é linda.

Engulo em torno dele, e ele geme novamente.

Estabelecendo um ritmo lento e constante, o levo para dentro e para fora da minha boca, chupando e lambendo a coroa e acariciando seu eixo rígido, deslizando minha língua ao longo da veia latejante que corre sob o comprimento dela. Chupo, giro e acaricio, minha cabeça balançando e meus mamilos doendo, tão excitados que acho que posso gozar apenas com a fricção de minha calcinha contra meu clitóris.

Ele murmura: — Pare de esfregar suas coxas. Você vai gozar quando eu permitir.

Choramingo de necessidade. Isso faz seus dedos apertarem contra minha cabeça.

Ele fode minha boca até ficar ofegante. Gemidos baixos e indefesos surgem do fundo de seu peito. Ele envolve uma mão trêmula em volta da minha garganta.

— Ah, foda-se. Estou perto, baby. Você está pronta?

Quando faço um pequeno som de concordância, ele começa a empurrar mais forte e mais rápido até que ele está gemendo vigorosamente, com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados.

Ele chega ao clímax com um grito, derramando-se na minha língua em rajadas curtas, cada uma das quais engulo enquanto olho para ele em uma névoa cheia de luxúria.

Sei que sou eu quem está ajoelhada, mas caramba, me sinto poderosa agora. Ele precisava tanto disso que nem mesmo teve tempo para tirar a jaqueta ou desfazer o cinto.

Ele fica parado por alguns momentos, respirando com dificuldade, até que abre os olhos e olha para mim, limpando-o com a minha língua.

— Fui bem... senhor?

Ele sorri.

Então ele me levanta pelas axilas, me vira para a grande ilha de mármore, me inclina sobre ela e puxa minhas calças e calcinhas de yoga para o meio das minhas coxas.

De pé ao meu lado, ele desliza a mão esquerda sob meus quadris e entre minhas pernas. Ele acaricia meu clitóris latejante entre o polegar e o indicador.

Suspiro de prazer.

Mantendo a mão esquerda entre as minhas pernas, ele passa a mão direita por todo o meu traseiro exposto, sua mandíbula cerrada enquanto ele olha para ela.

O tapa na minha bunda é forte e inesperado. Sentindo minha carne sacudir, respiro fundo. O calor floresce sobre minha pele nua. Ele continua a acariciar preguiçosamente meu clitóris, olhando para mim com os olhos semicerrados, um músculo flexionando em sua mandíbula.

Digo sem fôlego: — Você está com raiva de mim?

— Não.

Ele me bate de novo, com mais força. Empurro e gemo. Ele puxa meu clitóris e minhas pernas começam a tremer.

— Estou sendo punida?

— Não.

Ele bate na minha bunda nua novamente, um único golpe pungente que me faz gritar. Agora, estou ofegante. E confusa.

— Você vai me deixar gozar?

— Sim. Assim que você parar de falar.

Mordo meu lábio e fecho meus olhos, descansando minha bochecha no mármore frio. Estou ficando louca de antecipação, tremendo, meus quadris balançando contra seus dedos enquanto ele

continua a acariciar meu clitóris.

— Boa menina, — diz ele asperamente, em seguida, solta uma saraivada de tapas rápidos no meu traseiro sensível, em uma bochecha, depois na outra enquanto ele trabalha sua mão esquerda entre as minhas pernas.

Tento muito não fazer nenhum som, mas não consigo evitar o quanto estou respirando com dificuldade. Mantenho meus olhos bem fechados enquanto o prazer aumenta. O calor percorre a parte inferior do meu corpo em ondas, intensificando-se a cada golpe de seus dedos. Logo, estou mordendo meu lábio inferior com o esforço para não gemer.

Quando não aguento mais e soluço seu nome, ele ordena: — Goze.

Ele me bate direto durante o meu orgasmo.

Recuo e grito, tendo uma convulsão desamparada. Ele está rosnando algo em gaélico que parece sujo, mas não consigo me concentrar em mais nada além do prazer explodindo pelo meu corpo. O prazer carnal que ele está orquestrando usando apenas as mãos.

Quando finalmente volto a mim mesma, estou fraca, tremendo e me sentindo emocionalmente ferida.

Declan desliza a mão por entre minhas pernas e lambe os dedos. Ele alisa a outra mão sobre meu traseiro aquecido. Ele se inclina e beija minha bochecha, tirando meu cabelo do rosto, e diz rispidamente: — A quem você pertence?

— Você.

— Quem é seu mestre?

— Você.

Sua voz se suaviza. — E quem pensa que você é o anjo mais precioso do mundo?

Engulo, de repente lutando contra as lágrimas. Sua voz é tão calorosa e cheia de sentimento, e de repente, estou sobrecarregada. Com a voz embargada, sussurro: — V-você.

Seus lábios roçam minha orelha. — Sim, baby. E tudo o que sou é seu agora, então cuide desse monstro que você escravizou.

Ele me puxa para cima e para seus braços, jogando meus pulsos amarrados sobre sua cabeça e me esmagando contra seu corpo.

Agarramo-nos um ao outro em silêncio, ambos respirando com dificuldade. Não sei por que sinto tanta dor dentro do peito, mas é um pouco mais fácil porque sei que ele também sente.

Ele me beija.

É profundo e prolongado, quente e lento. Caio contra ele, delirando com arrebatamento e emoção, e o deixo tirar tudo que ele tão desesperadamente precisa de meus lábios.

Estou ciente em algum nível semiconsciente que nós dois sabemos, apesar de eu chamá-lo de mestre, ele não está no comando aqui, e nunca esteve.

Em vez de me fazer sentir presunçosa, como faria com qualquer outro homem, isso me dá um profundo sentimento de humildade e gratidão.

Faço um voto silencioso de que nunca vou machucá-lo, mesmo que se trate de uma escolha entre isso e me machucar.

Quando ele interrompe o beijo, digo: — Estou preocupada com você.

— Não fique.

— Você parece triste.

— Dia difícil no escritório.

Sua voz tem um traço de sarcasmo. Instintivamente, sei que ele está falando sobre aquele sangue em seu colarinho e o que quer que tenha acontecido para colocá-lo lá.

— Quer me contar sobre isso?

Ele olha para mim, acariciando meu cabelo com a mão. Sua expressão é levemente divertida. — Você realmente quer ouvir?

— Se isso vai fazer você se sentir melhor, sim.

Ele balança a cabeça lentamente e me beija suavemente. — Só de ouvir você dizer isso me faz sentir melhor. Agora vamos te vestir. Sairemos daqui em trinta minutos.

Ele se inclina para puxar minha calcinha e calças de yoga de volta pelas minhas pernas. Deixo, descansando minhas mãos em seus

ombros. Quando ele tem tudo de volta no lugar, ele beija ternamente cada um dos meus seios, em seguida, pega meu rosto em suas mãos e beija minha boca.

Olhando profundamente nos meus olhos, ele diz: — Se você atender a porta seminua de novo, não ficarei satisfeito.

— Oh. Você conversou com Kieran?

— Sim. E eu podia ouvir sua ereção pelo telefone. Você não é uma criança, então nunca direi a você como se vestir, mas sou um homem ciumento. Não compartilho. E não sou Stavros. Se fosse eu naquela noite em La Cantina e outro homem desse um tapa na sua bunda enquanto passávamos, ele estaria morto antes de respirar novamente. Não por causa do meu ego, mas porque quem te desrespeita vai pagar um preço. E se eles te desrespeitarem na minha frente, o preço será especialmente severo.

Ele é intenso e mortalmente sério.

É uma prova de como nossa situação está fodida que acho que suas palavras são profundamente românticas.

— Entendo, — digo baixinho, sorrindo. — E prometo colocar um robe antes de atender a porta novamente se estiver com roupas de ginástica. Mas você também deve considerar que tenho tendência a causar problemas onde quer que vá, e talvez reduzir as tendências superprotetoras de Tarzan. Vai ser melhor para a sua pressão arterial.

Ele torce os lábios. — Sim, você é uma maldita encrqueira, com certeza.



Provoco: — Mas você já sabia disso.

— Foi o tutu da Tinker Bell que me deu a dica.

Seu sorriso é repentino e incrivelmente lindo. O homem é tão bonito que dói.

— Posso perguntar por que estamos nos mudando?

— Todos os gângsters e seus irmãos sabem onde moro agora. Não é mais seguro aqui. Se fosse só eu, demoraria um pouco me mudando, mas recentemente adquiri uma carga preciosa com a qual não vou me arriscar.

— Aw. Que doce. Chame-me de carga novamente e veja quanto tempo leva antes que seu nariz seja quebrado. Você pode perguntar a Kieran, ele vai te dizer.

Divertido com meu tom azedo, ele exala uma respiração curta pelo nariz. Então ele dá um tapa na minha bunda, sorrindo.

— Vista um casaco e calce os sapatos.

Bato meus cílios para ele e levanto minhas mãos. — Vou colocar uma camisa também, se você apenas me desamarrar. Senhor.

Ele murmura: — Maldita espertinha — e desfaz o nó da gravata.

Então ele me dá um beijo rápido e forte e se afasta. Com a gravata pendurada nos dedos, ele entra na sala, pega um controle remoto na grande mesa de centro de vidro, liga a televisão e muda para uma estação de notícias.

Quando me viro para sair da cozinha e me dirijo ao quarto para me vestir, um repórter fala em tom sombrio sobre a horrível descoberta de outro corpo sem cabeça no lixão da cidade, este que se acredita ser o homem conhecido pelas autoridades como o líder da gangue transnacional local, MS-13.

Congelo. Arrepios se formam em todos os meus braços.

MS-13 foi a gangue que nos perseguiu do aeroporto. A gangue que Declan disse que teria nos matado se nos pegassem.

Eles também eram a gangue responsável por assassinar seu chefe, Diego, e deixar seu corpo decapitado no aterro sanitário?

Penso na tatuagem que Declan fez sobre seu coração, e os arrepios em meus braços se espalharam por todo o meu corpo. “A vingança é minha”.

Talvez isso não seja apenas parte de uma passagem das escrituras bíblicas.

Talvez seja mais como uma declaração.

Quando me viro para olhar para ele, ele está parado imóvel no meio da sala, assistindo ao noticiário com um sorriso sombrio e satisfeito.

## SLOANE

Deixamos o arranha-céus no meio de uma caravana de uma dúzia de SUVs pretas.

Na saída do estacionamento, metade deles vira à esquerda. A outra metade vira à direita. No próximo quarteirão, a mesma coisa acontece, até que somos acompanhados por apenas dois outros carros enquanto aceleramos para fora da cidade.

É uma técnica evasiva. Entendo. Também percebo a tensão no carro. Tanto Declan, ao meu lado, quanto Kieran, dirigindo, estão tensos como molas. Sei que eles estão à procura de qualquer um que possa tentar nos lançar em um ataque surpresa ou nos seguir até nosso novo destino.

O que não entendo é como estou nervosa também.

Não por mim. Por Declan. Pelo que pode acontecer com ele. Ele pode ser preso. Ele pode levar um tiro. Ele poderia ser feito prisioneiro e torturado por uma gangue rival. E eu ficaria impotente para fazer qualquer coisa sobre isso.

Odeio ficar desamparada.

Também odeio ficar nervosa.

Na verdade, estou descobrindo algumas coisas para odiar neste novo cenário chamado sentir, a maioria das quais tem a ver com as mudanças em mim.

Como você pode ser durona quando está constantemente preocupada com outra pessoa?

Declan percebe minha ansiedade e aperta minha mão.

— Estaremos lá em breve.

— Quão longe é?

— Vamos pegar um helicóptero no aeroporto. De lá, é um voo de uma hora.

— Para?

— Martha's Vineyard.

Ele observa meu rosto de perto enquanto digiro essa informação, seus dedos apertados ao redor dos meus.

— Há quanto tempo você tem uma casa em Martha's Vineyard?

— Alguns dias.

Arqueio minhas sobrancelhas, surpresa. — Dias?

Seu tom seco, ele diz: — Eu não sabia quantos de seus ex-amantes tentariam atirar para entrar no meu prédio.

— Você se move muito rápido, não é?

— Uma vez que estou motivado, na velocidade da luz, — ele murmura, seu olhar fixo no meu.

— E agora você está motivado?

— Você sabe que estou.

— Por mim?

— Não seja tímida.

— Mas sou tão fofa quando estou sendo tímida.

Ele estende a mão e acaricia minha bochecha. — Você está preocupada?

— Claro que sim.

— Sobre o que?

— Que você morrerá de sua idade avançada e terei que encontrar um corretor de imóveis em curto prazo para me livrar da casa de verão que você comprou.

Sabendo que eu não queria admitir que estava preocupada com o que poderia acontecer com ele, ele ri. — Dificilmente é uma casa de verão.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer, é uma propriedade de dez mil pés quadrados em seis acres.

Meus lábios se abrem, mas nenhum som sai.

Ele sorri com o meu choque. — Na praia. Com heliporto próprio. Os Obama têm um lugar próximo.

Oprimida, digo fracamente, — Oh, bom. Podemos tomar coquetéis juntos, conversar sobre a paz mundial.

— Duvido.

— Por quê?

— Você está registrada para votar como libertária. Eles provavelmente pensariam que você é uma maluca.

Cubro meu rosto com as mãos. — Cara, aquela verificação de antecedentes foi realmente outra coisa.

Ele diz suavemente: — Sim. Revelou alguém fascinante. Uma mulher que marcha ao som de seu próprio tambor.

Largo minhas mãos e olho para ele. — Você está dizendo que sou excêntrica.

— Estou dizendo que você é um indivíduo, acima de tudo.

— Não, acima de tudo, sou mais inteligente do que você, lembra?

— Você também é louca por mim.

Perturbada pela queimadura em seus olhos, olho para longe. — Ou talvez apenas louca.

Ele se inclina e beija minha bochecha corada. Em meu ouvido, ele murmura: — Você está preocupada que eu me machuque. O que

significa que você está louca por mim. Admita. Quero ouvir você dizer as palavras.

— Se você vai ficar orgulhoso disso, vou lembrá-lo de que também me preocupo com Stavros.

— Como se alguém se preocupasse com o animal de estimação da família. Ele não é mais do que um gerbil para você. Eu, por outro lado, sou...

— Um monstro egomaniaco? — Sorrio. — Concordo.

Ele coloca a mão em volta da minha garganta e diz com uma voz rouca: — Um monstro que quer que você diga a ele o que sente por ele.

Olho para Kieran no banco do motorista. — Agora?

— Agora. Aquele seu discurso do Grand Canyon me deixou ávido por mais.

— Não posso repetir isso. Foi extemporâneo.

— Deus, como adoro quando você usa todas as suas palavras complicadas.

— Não seja um idiota.

— Pense em um que descreva como você se sente por mim. Apenas me dê um, baby.

Sua respiração está quente no meu pescoço. Sua mão está apertada em volta da minha garganta. Sua voz é baixa e áspera, e tudo

isso me excita como se um interruptor de luz tivesse sido acionado dentro do meu corpo.

Fecho meus olhos e procuro a palavra perfeita para descrever como ele me faz sentir. — Intoxicada.

Ele toma minha boca, me beijando com fome. Passamos por um solavanco na estrada e nos separamos, mas nossos rostos ainda estão próximos. Nossos olhos travados.

Ele diz: — Você não é a única.

— Eu sei.

— Você já esteve aqui antes?

— Em Martha's Vineyard? Não.

— Não se esconda. Você sabe o que estou pedindo.

Seus olhos são tão intensos. Sinto-me exposta. Nua. E desorientada, como se estivesse caindo em um buraco profundo e escuro. — Você sabe que não.

— Diz.

— Você realmente gosta de entrar no assunto nos momentos mais estranhos, não é? Não estamos nem sozinhos.

— Diz.

Posso dizer que ele não ficará satisfeito até que eu dê a ele o que ele quer. Então me inclino perto de seu ouvido e o obedeco.



— Não, eu nunca estive aqui antes. Nunca me senti assim por ninguém. Nunca me perdi, ou quis me perder como quero me perder em você. E nunca confiei em um homem, incluindo meu pai. Então, se você partir meu coração, gângster, saiba que você será o primeiro e o último a fazer isso. Ninguém antes de você jamais foi capaz de arranhá-lo, e ninguém será capaz de pegar os pedaços quebrados atrás de você se você partir.

Ele exala forte. Ele segura meu rosto com as mãos. Seus olhos são brilhantes e exultantes, de um azul brilhante.

Ele pronuncia asperamente: — Nunca irei embora. Porque você vai ser minha esposa.

— Puta merda.

— Isso é um sim?

— Não.

— Então diga sim.

— Não sou adequada para ser uma esposa.

— Eu não estava perguntando.

— Entendo. Então você vai me sequestrar para me fazer casar com você?

— Por que você está ficando com raiva?

— Porque sua arrogância é maior do que todo o universo conhecido.

— É o próximo passo lógico.

— Claro, se estivéssemos juntos por mais de quatro segundos.

— Não vou viver muito, Sloane. Não tenho o luxo de levar as coisas devagar.

Isso põe um freio na conversa mais rápido do que qualquer outra coisa que ele poderia ter dito. Chocada, digo: — Você está doente?

— Não. Sou o novo chefe de um império criminoso internacional. Minha expectativa de vida acaba de ser drasticamente reduzida. Meu antecessor não durou um ano no cargo. Quanto tempo você acha que vou conseguir?

O pânico forma uma bola fria e dura na boca do estômago. — Mais do que isso, se você for cuidadoso.

— Não sou cuidadoso. Não é da minha natureza ser. Tenho sorte de ter durado tanto, na verdade. Mas o relógio está correndo e ficando barulhento.

Não consigo decidir se devo ficar horrorizada ou se devo bater a cabeça. O que ele está dizendo faz todo o sentido e, claro, eu sabia de tudo, mas ouvi-lo dizer isso em voz alta logo depois de lançar uma proposta bombástica é demais.

Sento-me mais ereta, sacudindo suas mãos do meu rosto. — Deixe-me ver se entendi. Você acha que seria uma boa ideia eu me casar com você – nem vamos começar com todas as questões hilárias sobre como nos conhecemos e a *vasta* extensão de tempo desde que isso aconteceu – sabendo muito bem que em poucos meses ou anos, eu

ficaria viúva?

Suas sobrancelhas se juntam. Seus lábios se estreitam. Ele entra em seu modo clássico de carranca tão rápido quanto dois dedos estalando. — Você seria minha única herdeira. Você teria tudo o que tenho

Interrompo-o com uma risada ácida. — Oh, estamos falando de dinheiro de novo! Você parece ter a impressão de que a única coisa com que as mulheres se importam é o dinheiro, que não é nada charmoso. Mas posso garantir que *não dou a mínima* para quanto dinheiro você tem ou deixaria para mim no caso de sua morte prematura.

Meu sarcasmo faz sua paciência estourar. — Sei que você não se importa com o maldito dinheiro! Mas pode tornar sua vida mais fácil depois que eu for embora!

Meu coração bate forte. Minhas mãos tremem. Quero tanto socá-lo bem no nariz. Consigo manter minha voz firme, embora tudo dentro de mim esteja agitado.

— A única coisa que tornaria tudo isso mais fácil é se você não fosse quem você é. Mas isso é impossível. Portanto, não vamos considerar hipóteses sobre futuros que nunca podem acontecer.

Narinas dilatadas e lábios estreitos, Declan parece um touro com um cavaleiro nas costas prestes a explodir de um portão de contenção.

— E não olhe para mim, também. Se você quiser me deixar na próxima esquina, tudo bem.

Acontece que essa foi exatamente a coisa errada a se dizer. Ele me olha com cidades inteiras queimando em seus olhos.

Puxando-me para perto com uma mão enrolada na parte de trás do meu pescoço, ele rosna: — Não vou deixar você em lugar nenhum, hellcat.

Coloco minhas mãos sobre seu peito e empurro. É inútil. Posso muito bem estar tentando mover uma montanha. — A propósito, odeio esse apelido.

— Não, você não odeia. Você ama isso, porra. E você odeia amar isso. Acostume-se a ser vista e a estar com um homem que não vai deixar você se esconder e que não vai se encolher quando você soltar essa sua língua farpada.

Ele esmaga sua boca na minha.

Estou começando a entender que isso vai ser o que educadamente chamo de relacionamento volátil.

Afasto-me. Ele permite, mas apenas por enquanto. Cruzo os braços sobre o peito e olho para frente pelo para-brisa, tentando manter minha respiração irregular sob controle.

Ele diz sombriamente: — Por que você não tenta a técnica de respiração em quadrado? Ouvi dizer que é útil em situações estressantes.

Do canto do meu olho, vejo Kieran olhar para mim no espelho retrovisor. Se ele está preocupado que seu chefe esteja prestes a ter seus olhos arrancados, ele está certo.

O resto do trajeto até o aeroporto é passado em silêncio. Silêncio espesso, tenso, ardente. O lado esquerdo do meu rosto está descascando em camadas devido ao olhar feroz de Declan.

Chegamos a uma parada brusca no heliporto. Sou removida do carro por um Declan tenso e conduzida pela pista até um grande helicóptero preto que parece ter sido feito para transportar tropas militares. Ele abre a porta do passageiro, me acomoda no assento, coloca o cinto de segurança e me beija. Duro.

Então ele disse rispidamente: — Por favor, não me ignore. Fique com raiva o quanto quiser, mas não se feche sobre mim. Preciso de você agora. Não serei capaz de pensar direito se você não se comunicar comigo.

Sou uma covarde. Isso me amolece como manteiga cozida no micro-ondas.

— Ok, — digo, olhando em seus olhos perscrutadores. — Mas só porque não estou ignorando você, não significa que não estou quebrando vasos em você dentro da minha cabeça.

Ele me beija novamente, desta vez mais suavemente. — Eu sei, — ele murmura contra a minha boca. — Eu não esperaria nada menos.

Em seguida, ele bate a porta, trota para o outro lado e se senta no assento do piloto. Ele aperta o cinto e começa a girar os interruptores. Ele aponta para um par de fones de ouvido verdes apoiados em um manche no painel, ou o nome do console de um helicóptero.

— Coloque isso.

— Não me diga que *você está* pilotando essa coisa.

— Claro que estou.

Claro que ele está. Por que estou surpresa?

Olhando para mim, ele sorri. — Eu disse que era militar.

— Você não disse que era Tom Cruise em *Top Gun*.

— Não? Devo ter esquecido de mencionar isso. Agora coloque seus fones de ouvido.

Ele coloca seu próprio par de fones de ouvido e aperta um botão que liga os motores. Acima de nós, enormes lâminas pretas começam a se mover em círculos lentos, ganhando velocidade rapidamente.

Vejo-o passar pelas verificações pré-voo com um profundo sentimento de admiração. Eu achava que ele era bem másculo antes, mas *isso...*

Bem, isso vence a guerra da masculinidade. Meus ovários estão gritando de alegria como um bando de crianças de playground em alta.

Decolamos, subindo para o céu crepuscular em um rugido e uma rajada de vento que espalha as folhas no asfalto e envia poeira em uma onda. Acima de nós, os rotores batem um trovejante *whump whump* que corresponde às batidas do meu coração. Quando olho para Declan, ele está olhando para frente, concentrando-se na trajetória de voo.

Ele está sorrindo.

A dor em minhas bochechas significa que estou sorrindo também.

Ele dá uma olhada. — Diga-me o que você está pensando, baby.

— Estou pensando que somos um casal de lunáticos.

Isso o faz rir. — Sim. Mas minha loucura combina com sua loucura. É por isso que funciona.

Olho para a pulseira de diamante que ele prendeu em volta do meu pulso antes de sairmos. Ela brilha, captando a luz minguante e enviando uma chuva de faíscas coloridas pelas janelas.

Por um momento, estou cega. Então as faíscas desaparecem e levanto meu olhar para o horizonte. Ele se estende por toda a cidade e vai até a baía de safira. O Atlântico é uma faixa ondulante de azul escuro muito além.

*Gostaria que Nat estivesse aqui para ver isso.*

Sinto falta da minha melhor amiga com uma dor forte e repentina. Uma dor que piora quando considero que ela agora mora em Nova York. Não haverá mais noites de garotas no Downrigger's no lago, rindo com coquetéis e engolindo enchiladas de camarão. Não haverá nenhuma viagem de compras espontânea, nem corridas de café, nem noites de cinema.

Não haverá nada, porque ela está apaixonada por Kage.

O que não teria sido um problema antes, mas Kage e Declan são

inimigos mortais. O que significa que se eu ficar com Declan...

Não haverá mais eu e Nat.

Do nada, isso me atinge com uma força como uma bola de demolição. Uma marreta bate no meu peito. Mal consigo respirar.

Se eu realmente vou ficar com Declan, não será simplesmente um “problema” que todos teremos que resolver. Nem Kage nem Declan permitirão que nós, garotas, saíssemos como se como de costume. Minha amizade com Nat acabará.

Na verdade, talvez nunca mais a veja.

*Impossível. Não vou deixar isso acontecer. Ela não vai deixar isso acontecer também. Vamos descobrir uma maneira.*

Olho para Declan, tão calmo e confiante enquanto ele maneja o helicóptero, e lembro de seu sorriso estranho quando o repórter de TV estava falando sobre o corpo encontrado no lixão. Lembro-me da tatuagem de vingança em seu peito. Lembro-me da alegria em seus olhos quando me perguntou a quem eu pertencia e respondi: “Você.” A euforia e o triunfo.

Como se ele tivesse ganhado.

Porque ele tinha.

Este homem que se chama de monstro me sequestrou e me reivindicou. Ele me levou para sua cama. Ele me salvou de uma gangue rival, me protegeu enquanto eu estava no hospital, me deu uma escolha entre sim e não, me deu coisas que eu nem sabia que precisava.



Prometeu-me que faria tudo o que eu pedisse.

Eu disse a ele que a única coisa que queria era que ele não machucasse Stavros, mas agora estou pensando que haverá mais itens para adicionar a essa lista.

Começando com a promessa de que ele nunca irá atrás de Kage.

E tenho que fazer com que Nat faça Kage prometer a mesma coisa.

No meio de uma guerra, nada menos.

Pergunto-me se Declan sabia de tudo isso quando disse que ia ser uma bagunça.

## SLOANE

— Então, o que você acha?

Estou parada no meio de um quarto principal maior do que o meu apartamento inteiro, olhando através das janelas do chão ao teto para as dunas de areia ondulantes e o mar agitado além. Está escuro lá fora, mas uma lua brilhante inunda a praia com uma luz fantasmagórica e reflete na água. As ondas batem na costa com estrondos abafados e repetidos.

Digo baixinho: — Acho que é a casa mais linda que já vi.

Declan surge silenciosamente por trás e envolve seus braços fortes em volta de mim. Ele beija o lado do meu pescoço, fazendo cócegas na minha pele com sua barba. Em uma voz rouca, ele diz: — Estou feliz que você gostou.

Minha risada é fraca. — Quer dizer, é um pouco pequeno. E quem poderia dormir com todo o barulho do oceano? Isso não é nada relaxante.

Ele ri. — Tudo que você precisa já está aqui. Roupas. Artigos de higiene. Comida de coelho. Qualquer outra coisa que você quiser, é só

me dizer.

Fecho meus olhos e respiro fundo. Cada minuto que passo com este homem desafia meu equilíbrio. — Obrigada. Estou...agradecida.

Ele puxa minha cabeça para trás e toma minha boca, beijando-me avidamente, seu braço como um torno. Quando tremo, ele me beija com mais força. Inclino-me para ele com um suspiro, e ele envolve a mão em volta da minha garganta.

— Te darei tudo, baby. O mundo inteiro.

Sua voz é quente e áspera. Ele me gira e agarra minha bunda, me puxando contra seu peito. Então ele me beija novamente, desta vez com mais intenção. Enquanto ele me leva para trás em direção à cama, sua ereção cava em meu quadril.

Quebro o beijo, rindo. — Acabamos de fazer sexo há duas horas.

— Vou amarrar você e fazer você gozar na minha cara. Você está reclamando?

— Seu rosto? Você sabe que eu disse que tinha um absorvente interno.

— Não vai ficar no caminho da minha língua.

Empolgada com a necessidade em sua voz, digo: — Isso é muito sujo, senhor. E muito quente.

— Amo o seu gosto. Um pequeno plug de algodão não vai me impedir de colocar minha boca em você.

Paramos na beira da cama. Ele tira a jaqueta que estou usando e a joga de lado. Minha camisa segue. Ele tira o resto das minhas roupas e me empurra para uma posição sentada no adorável edredom de seda branca.

Ao contrário de seu apartamento de solteiro, esta casa é feita inteiramente em tons de branco e champanhe, com toques de água e blush nas obras de arte e nos acessórios. Todas as luminárias e acabamentos são em ouro sutil e polido. É uma casa bem praiana e feminina.

Talvez Martha Stewart precisasse de uma dúzia de milhões ou dois a mais.

Declan pega meu queixo firmemente em sua mão. Olhando para ele com uma batida do coração martelando, lambo meus lábios, meus mamilos endurecem. O calor pulsa entre minhas pernas.

Ele não fala enquanto desabotoa o cinto com a mão livre, deslizando-o através das alças do cinto até que ele esteja lá com ele pendurado ao seu lado.

— Diga isso de novo.

Sua voz mudou. Eu reconheço esse tom dominante. Sei o que ele quer.

— Senhor.

— Peça-me para bater em você.

— Por favor, me bata, senhor.

— Você está dolorida por causa da minha mão?

— Sim senhor. Não importa. Quero mais.

— E você vai conseguir mais, baby. Você receberá o máximo que puder.

Seus olhos são tão carentes e escuros, tão assustadoramente bonitos. Meu pulso vai de pular para latejar dolorosamente. Ele se inclina e me beija ferozmente, seus dedos torcidos no meu cabelo.

Em seguida, ele me empurra de costas com sua grande mão espalmada sobre meu peito, se ajoelha no chão entre minhas pernas e me abre com os polegares.

Seu cinto de couro repousa sobre meu quadril e barriga nus, o mais adorável dos avisos.

Ele coloca a boca no meu clitóris e suga suavemente. Sua boca é quente, úmida e maravilhosa.

Quando gemo, ele se afasta e dá um tapa na parte interna da minha coxa. O prazer percorre minha boceta. Meu clitóris lateja.

De olhos fechados, sussurro: — Por favor, senhor. Por favor.

— Você quer mais disso?

— Mais de tudo. Mais de você.

— Preciso que você seja boa, baby. Preciso que você fique quieta.

— Eu vou. Prometo.

Ele dá um tapa na minha coxa novamente, me fazendo estremecer. Digo sem fôlego: — Quer dizer, prometo, *senhor*.

Ele alisa a mão sobre a picada na minha pele. Sua respiração mudou. É tão irregular quanto a minha.

— Não acho que você vai, anjo. Acho que você precisa de uma ajudinha.

Ouçõ o deslizamento do tecido, e logo, as mãos de Declan estão no meu rosto.

Ele enrola a gravata em meu queixo e dá um nó, me amordaçando.

Choramingo, me contorcendo contra a cama. Ele se inclina próximo ao meu ouvido.

— Silêncio. Você é minha. Cuidarei de você. Preparada?

Choramingo de novo, e ele beija minha bochecha. — Lembre-se, você está sendo adorada. Tudo isso está a serviço de você, porque sei do que você precisa.

Ele se endireita, me rola de barriga e chicoteia minha bunda nua com seu cinto.

É um golpe único e chocante. O estalo de dor é incandescente. Meus olhos se abrem e minhas costas se arqueiam. Grito uma maldição abafada para ele através da gravata.

Ele me empurra para baixo com a mão no meio das minhas costas. — Se você quiser que eu pare, acene com a cabeça.

Fico congelada, meu coração batendo forte. O calor floresce em uma faixa pulsante sobre a minha pele onde o cinto atingiu. Minha mente está um caos total. Uma explosão em uma fábrica de fogos de artifício. Não consigo pensar direito ou recuperar o fôlego.

Tudo que sei é que não quero que ele pare. Quero que ele faça isso de novo. E de novo.

E de novo.

Tremendo toda, balanço minha cabeça.

Declan exala. — Farei mais alguns, então pararei e verificarei com você. Não goze. Preparada?

Enrolo minhas mãos no edredom e aceno.

Os golpes vêm rápidos e fortes. O som que ele faz na sala silenciosa é tão chocante quanto a sensação. Quando acaba, minha bunda está pegando fogo, estou hiperventilando e tremendo como uma louca, e também muito perto do orgasmo.

Declan me rola de costas e enfia o rosto entre as minhas pernas, sugando meu clitóris como se fosse oxigênio.

Minha mente pisca off-line.

Cavo minhas mãos em seus cabelos e empurro meus quadris, esfregando contra sua boca, não me importando se irei sufocá-lo, não me importando com nada além de perseguir a queimadura e aliviar a dor agonizante.

Preciso gozar tanto que estou quase chorando.

Ele se afasta, ofegante. — Uma garota tão má, — diz ele, parecendo emocionado com a minha reação. — Você merece outra surra.

Abrindo meus olhos, o encaro. Coloco minha mão entre minhas pernas e acaricio meus dedos trêmulos sobre meu clitóris molhado e inchado.

Ele dá um tapa na minha mão e me rola de barriga para baixo novamente, depois me dá mais cinco golpes fortes com o cinto.

É quase insuportável, tanto o quanto dói e como quanto faz minha boceta inteira pulsar e formigar. É glorioso e sujo, e sei que vou ficar tão machucada que posso não ser capaz de sentar por dias, mas puta merda, como amo isso.

Não posso evitar. Começo a moer desesperadamente contra a cama.

— *Não, baby,* — diz Declan, rindo sombriamente. — Tão doce. Tão carente. Mas ainda não.

Ele alisa a mão sobre minha bunda em chamas, acariciando suas curvas e sussurrando. Então ele me vira de costas novamente e monta em mim, segurando meus pulsos em suas mãos.

Ele enrola seu cinto em volta dos meus pulsos, enfia as pontas e prende meus braços acima da cabeça. Inclinando-se em meu rosto, ele me encara profundamente. Os seus estão febris.

— Vou lamber sua boceta até que você chore para eu deixar você ter um orgasmo. Mas não vou deixar. Você não pode até que eu



diga que você pode. Entendido?

Sei que esse atraso é parte disso, parte de como ele tornará a sensação muito mais intensa para mim. Quanto mais eu puder me conter, melhor será o clímax.

Eu ainda gostaria de chutá-lo nas bolas.

Vendo a fúria e a luxúria descontrolada em meus olhos, ele sorri. Então ele se endireita, abre o zíper da calça e tira seu pau duro. Ele o acaricia preguiçosamente, olhando para mim.

Ele continua acariciando enquanto se move para trás e se ajoelha entre as minhas pernas, em seguida, começa a me lambe novamente, seu pau saliente grosso e duro em seu punho.

Quero chupá-lo. Quero que ele me foda com isso. Quero que ele me faça sufocar enquanto ele me bate com o cinto. Estou fora de mim de necessidade e euforia, montando uma onda crescente de prazer enquanto sua língua sacode e lambe e ele se empurra de joelhos entre minhas coxas abertas.

A luz da sala brilha mais forte. O bater das ondas lá fora fica mais alto. Meus olhos reviram em minha cabeça.

*Opa. Serei punida por isso.*

*Se eu tiver sorte.*

Com um puxão de corpo inteiro e um grito abafado por sua gravata de seda, tenho um orgasmo forte. Minha boceta se contrai e convulsiona. Meu corpo se curva contra a cama.

Como se estivesse longe, ouço Declan amaldiçoar. Sinto um puxão, e o absorvente interno desaparece. Ele cai em cima de mim, mordendo a carne macia sob meu mamilo e empurrando seu pau bem no fundo do meu corpo com o rugido territorial de um animal.

Com uma mão em volta da minha garganta, ele empurra forte e rápido enquanto gozo, e gozo, e gozo, resistindo descontroladamente debaixo dele.

— Baby. Ah, porra, baby. Amo a maneira como você se sente.

Ele está ofegante, bombando em mim, me fodendo enquanto cavalgo no clímax mais intenso que já tive. Os músculos da minha bunda têm câibras de aperto. A linha entre a dor e o prazer borra enquanto ele morde meus mamilos e aperta minha garganta até que estou ofegante.

Ele estremece. Gemidos longos e baixos perto da minha orelha. Com um golpe final, ele se derrama dentro de mim, falando em um gaélico apaixonado e distorcido.

— Tá tú mianach, cailín milis. Mianach<sup>22</sup>.

Ele enfia o rosto no meu pescoço e sussurra meu nome como uma oração.

Pergunto-me como alguma vez pensei ter conhecido a felicidade antes.



Quando finalmente recuperamos o fôlego e paramos de tremer, Declan se afasta de mim com cuidado, desenrola a gravata do meu queixo e me beija suavemente. Então ele me diz para não me mover.

Fico deitada olhando para o teto enquanto ele entra no banheiro, pegando o tampão descartado pelo caminho. Ouço água correndo. Depois de um tempo, ele retorna, sem suas roupas. Em sua mão esquerda está uma toalha. À sua direita está uma toalha úmida.

Fecho meus olhos enquanto ele silenciosamente me limpa entre as minhas pernas e me seca com a toalha.

Quando ouço o som de uma embalagem de papel se rasgando, digo: — Não vou deixar você colocar isso.

Ele diz baixinho: — Mostre-me como.

— Deus não.

— Confiança total, lembra?

— Boa tentativa, Casanova. Nem mesmo meu ginecologista tem esses privilégios, e há anos que estou abrindo minhas pernas para ele.

Ele ri e cede. — Dê-me seus pulsos.

Abaixo meus braços acima da minha cabeça, e ele desabotoa o cinto, me liberando. Ele esfrega meus pulsos e beija minhas palmas, uma de cada vez. É um gesto doce, carinhoso e me faz sentir um tesouro.

Olhando para mim com olhos suaves, ele murmura: — Você é tão bonita, lass.

Eu sorrio para ele. — Tão lindamente dolorida.

— Vou buscar uma aspirina para você. E um pouco de creme.

Ele vai para o banheiro novamente, me dando tempo para inserir o tampão que ele deixou ao meu lado na cama. Faço uma careta quando vejo o que aconteceu com o pobre edredom debaixo de mim e rolo, chutando-o para o lado. Viro-o e empurro no chão.

Quando Declan volta, segurando um copo d'água em uma das mãos e um frasco de loção na outra, ele me vê deitada ali em cima dos lençóis, o edredom descartado. Ele ergue uma sobrancelha.

— Parecia uma cena de crime.

— É só sangue.

Seu tom é totalmente indiferente. Penso no sangue na gola de sua camisa, percebendo que ele está entorpecido ao vê-lo por que já o viu muito. Como um médico de emergência.

Ou alguém que mata pessoas para viver.

Ele coloca tudo na mesa de cabeceira, me ajuda a sentar, coloca duas aspirinas na palma da minha mão e me entrega o copo. Estou com tanta sede que bebo tudo.

Ele tira o copo e gentilmente me empurra de volta para baixo, me rolando de barriga para baixo. Descansando minha bochecha no travesseiro, fecho meus olhos enquanto ele esfrega levemente a loção

em minha pele em chamas.

— Você tem a bunda mais perfeita que já vi na minha vida.

Saciada e sonolenta, meus membros pesados e meu coração cheio, tenho força suficiente para rir. — Certo? Realmente deveria ser memorizada em gesso. Não, algo mais duradouro. Fundida em bronze.

Sua risada é baixa. — Algum dia você vai me dizer como conseguiu essa autoconfiança.

— Você também tem autoconfiança.

— Não se compara a sua.

— Como o seu QI.

— Vou deixar isso de lado por enquanto, considerando o estado da sua bunda, mas não vou esquecer.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto ele continua a espalhar cuidadosamente a loção por toda a minha bunda latejante. É estranho que mãos acostumadas a negócios tão difíceis como as dele possam ser tão ternas.

— Declan?

— Sim?

— Não quero que você morra.

A mão esfregando minha bunda acalma, em seguida, desliza para baixo na minha coxa e aperta.

Ele diz baixinho: — Não posso prometer que não vou.

— Você já pensou em desistir?

Sua pausa é tão longa que começo a ficar nervosa. Mas não me movo um centímetro. Simplesmente espero, meu batimento cardíaco acelerando.

— Um homem não pode desistir daquilo que o torna quem ele é.

— Um gângster não é quem você é. É o que você faz. Há uma diferença.

Há outra longa pausa, esta carregada de tensão. É como se ele estivesse lutando consigo mesmo sobre o que dizer. Quando ele fala novamente, sua voz está tão baixa que tenho que me esforçar para ouvir.

— Diga-me que posso confiar em você a minha vida e ser sincero, e lhe direi se alguma vez pensei em desistir. E o que aconteceria se eu fizesse.

Viro meu rosto para o travesseiro e exalo a respiração que estou prendendo. — Diga-me que não terei que escolher entre você e Nat ao dizer isso, e direi que você pode confiar em mim com sua vida.

— Não é só ela que você escolheria. É tudo e todos os outros.

Sussurro: — Eu sei.

— Eu nunca pediria que você fizesse essa escolha, lass. — Ele faz uma pausa. — Mas ela pode.

— De jeito nenhum ela faria.

— A máfia irlandesa matou a família inteira de Kazimir. Você sabia disso?

Atordoada, olho por cima do ombro para ele. — O quê?

Ele concorda. — Seus pais foram assassinados por falta de pagamento de proteção. E suas duas irmãs mais novas também. — Ele desvia o olhar. Sua voz abaixa. — Eles fizeram outras coisas com eles antes de morrerem. Coisas piores. Eles enviaram as fotos a Kazimir.

Acho que posso estar doente. — Você conhece as pessoas que fizeram isso?

— Eles estão mortos. Kazimir matou todos eles.

— Oh Deus.

— Foi há muito tempo. Eu mal tinha me juntado a eles. Eu não conhecia pessoalmente os homens envolvidos, mas não faz diferença para Kazimir. Os irlandeses assassinaram sua família. Seu ódio por nós é profundo.

— Mas todos vocês cooperaram uns com os outros nos negócios.

— Às vezes. Outras vezes, matamos uns aos outros. Se ele tivesse a chance, não hesitaria em me matar.

Rolo para o lado e me apoio em um cotovelo. — E você não hesitaria em matá-lo.

Seu rosto escurece. Considero isso um sim.

— Você não pode machucá-lo, Declan.

Ele olha para mim por um momento, os olhos duros, e então diz:

— Lass.

— Não diga isso como se eu estivesse dizendo um absurdo. Você é o único que disse que me prometeria qualquer coisa.

— E foi você quem não disse que posso confiar minha vida em você.

A raiva faz minhas bochechas corarem. — Então é olho por olho?

— Não. A confiança não pode ser negociada.

Apesar de tentar manter a calma, minha voz aumenta. — Natalie é minha melhor amiga. Ela está apaixonada por ele. Se alguma coisa acontecer com ele, isso a matará.

Ele exala uma rajada curta e zombeteira de ar pelo nariz. — Então ela se inscreveu no relacionamento errado. Ele tem tantos alvos nas costas quanto eu.

— Ele poderia ter um a menos.

— Você não tem ideia do que está pedindo.

— Sei exatamente o que estou pedindo, e a resposta é um simples sim ou não.

— Então a resposta é não.

É frio, duro e me deixa sem fôlego.



Examinando minha expressão com olhos gelados, ele diz: —  
Somos inimigos. Somos assassinos. Onde você achou que essa história terminaria?

*Com o coração partido, obviamente, para todos os envolvidos.*

Rolo para longe dele, me enrolando em uma bola contra a dor.

# 31

## SLOANE

Depois de um momento, Declan se levanta da cama. Ele volta logo com um cobertor que envolve em cima de mim, colocando-o em volta do meu corpo. Ele se inclina e beija minha têmpora, em seguida, vai para o armário principal. Quando ele sai, ele está vestido com jeans, uma jaqueta de couro e botas de combate, todas elas pretas.

Ele sai da sala sem dizer uma palavra, apagando as luzes e fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Digo secamente para a sala vazia: — Sem carinho depois do sexo.

Sofro por um momento de autoaversão pelo anseio por carinho depois do sexo, então jogo o cobertor e saio da cama.

Esta casa não tem luzes automáticas como o outro lugar, mas tenho o suficiente da lua brilhante para navegar pela sala. Encontro o interruptor de luz na parede do armário principal e o ligo.

Olhando em volta, rio alto.

Nunca vi um armário com portas francesas antes, mas este tem

um conjunto que leva a uma varanda de Julieta do lado de fora. Um lustre de ouro e cristal brilha no alto. Uma parede inteira é forrada até o teto com prateleiras iluminadas exibindo sapatos e bolsas.

Minhas, provavelmente.

Outra parede tem gavetas e gavetas com botões de ouro sob prateleiras suspensas de camisas de mangas compridas, vestidos, calças e casacos. A terceira parede está cheia de ternos pretos e camisas brancas de Declan. Uma cômoda quadrada gigante fica no meio de tudo isso, coberta em mármore creme com uma exibição de orquídeas brancas em vidro cheio de musgo.

Este armário é tão grande quanto uma loja de roupas em um shopping.

Procuro nas gavetas até encontrar uma bela seleção de lingerie La Perla com divisórias forradas de seda. Paro, olhando para um par requintado de seda violeta e calcinha de tule com corte brasileiro.

A etiqueta de preço ainda está anexada. A calcinha, uma de talvez cinquenta pares na gaveta, custava US \$ 240,00.

Não admira que Declan zombou da minha conta poupança.

Arranco a etiqueta de preço, encontro um sutiã violeta combinando e os experimento na frente do espelho de corpo inteiro.

Virando-me lentamente para frente e para trás enquanto admiro meu reflexo, percebo que nunca mais serei capaz de usar as minhas da promoção de três por trinta dólares de algodão Hanes novamente.

Procuro em mais gavetas. Encontro um suprimento vitalício de

lululemons, junto com jeans, suéteres, camisetas e tudo mais. Visto um par de jeans Dolce & Gabbana de \$ 1.300,00 e um suéter de cashmere preto tão macio que quase me faz chorar, tentando o tempo todo ficar com raiva de Declan.

Quando abro uma das gavetas de cima da grande ilha central, paro abruptamente, prendendo a respiração.

Aparentemente, sua maratona de compras também incluiu uma parada na Tiffany's.

Fecho a gaveta, espero que o brilho ofuscante dos diamantes desapareça da minha visão, então saio do armário e deixo suas tentações para trás. Sigo descalça para a cozinha.

Declan não está lá. Ele não está na sala de estar ou na sala de mídia também. Demoro vinte minutos para percorrer toda a casa, até que finalmente concluo que estou sozinha.

Exceto pelas figuras sombrias se movendo ao redor do perímetro do pátio, claro.

As que carregam os rifles grandes.

Abro uma porta de vidro na sala de café da manhã fechada fora da cozinha. O ar salgado entra em redemoinho. A brisa fria do mar agita meu cabelo. Coloco minha cabeça para fora e grito: — Ei! Olá? Aqui!

Aceno um braço para a figura escura rondando ao longo de uma cerca alta de alfeneiro. Ele para por um momento, olhando na minha direção, então leva a mão ao ouvido.

— Pelo amor de Deus, você não precisa obter permissão, Spider,  
— murmuro, observando-o falar em seu pulso.

Mas acho que sim, porque ele começa a se gabar do meu jeito.

Quando ele chega ao pátio de lajes fora das portas e entra na piscina de luz das arandelas montadas nas paredes, sorrio para ele.

— Capitão América! Como você está?

Ele tenta não sorrir para mim, mas não funciona. — Olá, senhora.

— Oh Deus, — digo, chocada. — Por favor, me diga que Declan não disse que você tinha que me chamar assim agora.

Spider joga o rifle por cima do ombro enorme e sorri. — Nah. Só pensei em te dar um pequeno susto. Sabia que não poderia fazer de outra maneira, então... — Ele dá de ombros.

Ele está de bom humor. Será que ele gosta mais daqui da praia do que da cidade?

— Bem, estou feliz em ver você, de qualquer maneira. Kieran está se escondendo em algum lugar também?

— Sim. Era ele no meu ouvido. Ele diz olá. Ele está na frente dos portões. Outros trinta de nós estão espalhados por toda a propriedade.

— *Trinta?*

Ele encolhe os ombros novamente. — Lugar grande. Muitos lugares em que os ratos podem entrar.

— Não gosto do som disso.

— Não se preocupe. Está mais trancado do que o arrebatamento de uma freira. Uh, desculpe a linguagem.

— Arrebatado não é um palavrão. A burocracia é. Por acaso, você sabe para onde Declan foi?

Ele faz uma careta e muda seu peso de um pé para o outro.

— Você não pode me dizer. Desculpe, esqueci que não deveríamos conversar.

Parecendo se desculpar, ele diz: — É só, você sabe, negócios.

Aceno uma mão no ar com desdém. — Oh sei. Coisas de homem. O código e outras coisas. A propósito, espero não ter te causado problemas da última vez. Eu não disse a Declan que conversamos, mas ele sabia de alguma forma.

Ele diz solenemente: — Ele sempre sabe tudo.

Resisto à vontade de rolar meus olhos para o céu. — Existe alguma coisa que eu possa fazer por você? Café? Conhaque? Está frio aqui.

Quando ele hesita, digo: — Não há como ele saber. Ele nem está aqui.

Depois de um momento de debate interno, ele diz rispidamente: — Café seria bom.

— Não falo irlandês. Isso é um sim?

— Sim. Obrigado.

— E os outros caras? Vou colocar um bule, que tal? Quem quiser pode apenas bater na porta.

Não lhe dou tempo para responder, simplesmente sorrio e fecho a porta, depois vou para a cozinha e vasculho a enorme despensa em busca de uma cafeteira. Não consigo encontrar uma, até descobrir que está embutido na parede em um pequeno nicho ao lado da geladeira.

Demoro mais dez minutos para descobrir como colocar os grãos que encontrei na despensa na maldita coisa e fazê-la funcionar. No momento em que volto para a porta com uma xícara de café quente para Spider, mais três homens corpulentos de preto carregando rifles estão circulando do lado de fora da piscina de luz no pátio.

— Oi, pessoal! Vou voltar e pegar o bule. Esperem um segundo.

Dou a caneca a Spider, volto para a cozinha e pego mais algumas canecas e o bule de café. Em seguida, volto para a sala de café da manhã, onde distribuo as outras canecas e as encho, me sentindo um pouco como Florence Nightingale sem todo o sangue coagulado.

Decidindo que os caras precisam de um pouco de sustento, encontro biscoitos de chá e biscoitos de chocolate na despensa e os coloco em um prato que levo para fora. Logo há uma dúzia de homens no pátio e meu humor melhora.

Não há nada como ter um bando de homens bonitões por perto para levantar seu ânimo.

— Alguém quer jogar cartas?

Quando aquela sugestão brilhante é recebida com olhares vazios e silêncio total, digo sombriamente: — Oh, isso mesmo. Ouvi dizer que os irlandeses são os *piores* com as cartas. Agora, quem me disse isso? Não consigo me lembrar. De qualquer forma, vou deixar vocês com isso! Tenham uma ótima noite, pessoal. E obrigada por fazer um trabalho tão bom protegendo o lugar. Eu realmente gostei disso.

Volto para a porta. Uma voz rouca diz: — Quem disse que irlandeses não podem jogar cartas foi um idiota sangrento.

Resmungos de concordância me cumprimentam enquanto me viro novamente, sorrindo. — Também achei. Talvez alguém possa me ensinar a jogar pôquer? Sempre quis aprender.

Uma hora depois, tenho duas dúzias de homens amontoados em volta da mesa da cozinha e estou trezentos dólares mais rica.

Com os olhos arregalados, fico olhando para a pilha de dinheiro na minha frente. — Uau, a sorte de iniciante é real!

— Assim como guarda-costas. E desobedecer às ordens.

Ao som da voz de Declan, cada homem na sala congela.

Olho para cima para encontrá-lo olhando para mim por trás do círculo de homens com os braços cruzados sobre o peito. Os homens se separam em silêncio, movendo-se para o lado para que haja um caminho claro entre mim e Declan. Alguém engole em seco.

Com minha bunda doendo, coloco meus pés em cima da mesa, sorrio para Declan, e digo calmamente, — Querido. Você está em casa.



Um músculo em sua mandíbula flexiona. Ele olha para cada homem na sala, um por um, sua expressão dura. Todo mundo se encolhe.

— Não é culpa deles. Convidei-os para entrar.

Ignorando-me, ele diz algo aos homens em gaélico, sua voz firme e baixa.

Vários dos homens engolem. Um ou dois se remexem nervosamente. Alguns ficam brancos.

Levanto-me e cruzo os braços para imitar a postura de Declan. — Eu disse que não é culpa deles.

— Ouvi o que você disse. Spider, você vai primeiro.

Sem hesitar um segundo, Spider se aproxima da mesa. Ele remove uma faca enorme de uma bainha que está usando sob o casaco. Ele se inclina sobre a mesa, espalma a mão esquerda na superfície e pressiona a faca contra o dedo mínimo.

Pulo, gritando. — Não! Pare! Spider, *pare!*

No momento em que bato nele, o sangue já está jorrando de sua pele.

Desequilíbrio-o apenas o suficiente para fazer seu aperto na faca escorregar. Ele bate no chão. Em minhas mãos e joelhos, luto para pegá-lo. Quando pego, pulo e giro, lívida.

No topo dos meus pulmões, grito para Declan, — *Que porra é essa, gângster?*

Ele permanece calmo e frio como um iceberg. — Devolva a faca para ele.

— O inferno que vou.

Sua voz endurece. — Sloane. Faça.

— Você quer esta faca? Venha e pegue. Vou enterrar na porra do seu crânio, seu selvagem. *Esse homem é seu amigo.*

Respirando com dificuldade, fico olhando para ele. Ninguém mais na sala move um músculo ou faz barulho.

Ele diz: — Você entendeu mal. Não tenho amigos. Spider trabalha para mim. Ele desobedeceu às minhas ordens. E em nosso mundo, a desobediência tem consequências.

Pelo canto do olho, vejo um dos homens fechar a mão em punho.

Dois dos dedos daquele punho estão faltando.

Um flash ofuscante de fúria me envolve. Também estou doente e horrorizada, mas principalmente furiosa. Com a voz trêmula, digo: — Então deixe-me pagar as consequências por eles. Foi ideia minha. Em vez disso, me castigue.

O silêncio é profundo. É como o silêncio vasto e ecoante de uma catedral, que foi abandonada aos fantasmas por cem anos.

— Por favor, Declan. Por favor.

Seus olhos ardem. Suas narinas dilatam. Quando ele respira

lentamente, acho que ele está considerando isso.

Então faço a única coisa que posso pensar que o levará ao limite.

Caio de joelhos no chão.

Na frente de todos.

Sinto seu choque. Sinta-o expandir quando me inclino e aplano minha mão trêmula contra o adorável ladrilho de calcário. Sinto explodir em pânico quando agarro a faca com a outra mão e cerro os dentes em determinação.

Nunca percebi o quão pequeno é um dedo mindinho. Talvez eu nem perca isso.

Imaginando se Declan mantém todos os seus dedos de troféu decepados em uma jarra em uma gaveta em sua mesa, respiro e pressiono.

## SLOANE

Há um flash de preto na minha visão periférica, então Declan chuta a faca para longe.

Ele me agarra e me põe de pé. Ele joga seus braços em volta de mim e me aperta contra seu peito, xingando.

— Mulher teimosa do caralho, — ele murmura, me dando uma sacudida forte. — Jesus, Maria e a porra do José, você está louca!

Ele pega meu rosto em suas mãos e me beija vorazmente. Permito, enrolando minhas mãos trêmulas em sua jaqueta e tentando permanecer de pé, embora minhas pernas também estejam tremendo.

Quando subimos para tomar ar, a cozinha está vazia, exceto por nós dois.

— Maldição, Sloane. *Droga.*

Ele desliza as mãos no meu cabelo e agarra meu crânio. Ele me dá outra sacudida, seu peito arfando. Então ele pressiona sua testa na minha e fecha os olhos, exalando forte.

— Nunca mais me assuste assim de novo.

Não posso evitar. Começo a rir fracamente.

— Estou falando sério!

— Você é doido.

— *Sou* louco? Você estava prestes a cortar seu dedo por um homem que você mal conhece!

— É o princípio.

Ele está indignado. — O *princípio*?

— Sim. O princípio. Só tenho alguns deles, mas eles são herméticos. Uma é que não causo o sofrimento de outras pessoas, se puder evitar. Outra é que possuo minhas coisas. Não culpo ninguém além de mim pelo que deu errado em minha vida. Junte os dois e você me fez ajoelhar no chão da cozinha, ameaçando meu dedo mindinho com uma faca.

Ele me beija novamente. É frenético. — Louca *pra* caralho, — ele murmura para si mesmo. — Puta merda.

— Você é aquele com múltiplas personalidades. Você entrou pela porta como o Exterminador.

Ele envolve seus braços em volta de mim e me puxa para perto. Seu coração bate freneticamente contra o esterno. Sua mão em volta da minha cabeça treme. Ele me balança ligeiramente, recuperando o fôlego.

— Simplesmente não posso te deixar sozinha. Nunca. Essa é a única solução.

Minha voz abafada contra seu peito, digo, — Não se preocupe. Não vou falar com nenhum de seus homens nunca mais. Lição aprendida.

— Duvido que você tenha uma escolha no assunto, considerando que todos eles vão colocar coroas de rosas a seus pés todos os dias a partir de agora.

— Gosto do som disso. Onde você foi?

— Dê-me um minuto. Ainda estou com parada cardíaca.

Ele me pega nos braços e me carrega para fora da cozinha e de volta para o quarto. Ele me coloca ao lado da cama e tira todas as minhas roupas, faz o mesmo com ele mesmo, depois me empurra para a cama e se arrasta para perto de mim. Ele arrasta os lençóis e o cobertor sobre nós, me puxa para seu lado e me segura com tanta força que parece que tem medo de que eu desapareça em uma nuvem de fumaça.

Depois de um tempo, digo: — Lamento ter dito aquela coisa sobre enterrar a faca em seu crânio. Eu não quis dizer isso.

— Você quis.

— Ok, isso é verdade. Mas eu teria me arrependido se fizesse. Eu teria chorado muito no seu funeral. E eu não deveria ter dito isso na frente de seus homens. Peço desculpas. Mas não posso garantir que não vou empurrá-lo para o trânsito se você machucar um daqueles

caras. Eles te adoram. E realmente não foi culpa deles.

— O infame charme da Tinker Bell.

— Exatamente.

— Você deveria devolver a eles o dinheiro que roubou.

— Não roubei. Eu ganhei, de forma justa.

— Sim? Então você disse a eles que “arrasa” no pôquer, da mesma forma que me disse?

— Claro que não. Tudo faz parte do jogo.

Seu suspiro é pesado. — Você é letal, lass.

— Gosto de jogar minha coroa para mostrar às pessoas com quem estão lidando. Onde você foi?

— Para uma caminhada.

Não totalmente convencida, repito, — Uma caminhada.

— Na praia.

Ele foi dar um passeio noturno na praia com botas de combate? — Havia uma foca bebê que você precisava espancar?

— Eu precisava limpar minha cabeça. E lhe dar algum espaço. Você estava chateada com a forma como a conversa terminou.

Quando não digo nada, ele acrescenta: — Estou colocando você no meu testamento.

— Ah não. Não a coisa do dinheiro de novo.

— Sim, a coisa do dinheiro novamente. Você disse algo sobre sua amiga que ficou martelando na minha cabeça.

— O quê?

— Que a mataria se alguma coisa acontecesse com Kazimir. — Acariciando minha bochecha, ele me beija suavemente. Sua voz fica rouca. — Isso me fez pensar em como você reagiria se algo acontecesse comigo.

— Eu ficaria muito preocupada em separar todos os diamantes no armário para realmente prestar atenção.

— Besteira.

— Você está tentando me fazer dizer o que sinto por você de novo, não é?

— Sim.

— Você vai usar isso contra mim quando começar a falar de sua loucura sobre casamento?

— Sim.

— Então não vou te dizer.

— Quero ouvir. *Preciso* ouvir isso. Você disse que estava embriagada, mas estou além disso. Estou viciado. Se você não me der outra dose, vou enlouquecer.

Seus beijos são ternos e rápidos, beijos suaves salpicados sobre



meus lábios, bochechas e queixo. Ele está me subornando.

— Tudo bem. Você tem mãos lindas.

Ele faz uma pausa nos beijos, levantando a cabeça para olhar para mim. Ele arqueia uma sobrancelha.

— Pelo amor de Deus, Declan, você sabe que não sou boa nisso.

— Você é melhor do que pensa.

Exalo uma respiração forte, pego sua mão e a pressiono sobre meu coração acelerado. — Aqui. Apenas sinta isso. É assim que me sinto por você, seu burro mandão.

Ele olha para sua mão. Ele abre bem os dedos e pressiona. Ele fecha os olhos. Depois de um momento, ele diz com admiração silenciosa: — Nossos batimentos cardíacos estão em sincronia.

Essas poucas palavras me encham de um tipo de medo que nunca conheci. É pavor, puro e frio, e penetra todo o meu corpo, direto para os meus ossos.

Uma vez iniciado, algo tão poderoso quanto dois corações batendo juntos é impossível de parar.

*Ajuda. Caí e não consigo me levantar.*

— Não fique tão assustada.

— Você disse honestidade total. Meu rosto está apenas indo de acordo com o plano.

Ele diz secamente: — Eu também disse obediência total.

— Dois em cada três não é ruim.

Seu olhar fica mais nítido. — É essa a sua maneira de me dizer que confia em mim?

Minha risada é suave, mas exasperada. — Não é óbvio? Qualquer outro homem que tentasse me fazer chamá-lo de senhor já seria um eunuco.

Ele segura meu queixo com sua grande mão. — E quanto a mim? — Ele diz, com toda a ferocidade repentina e olhos ardentes. — Posso confiar em você em troca?

— Acalme-se, Intenso. Por que tudo tem que ser assim, vida ou morte?

— Não mude de assunto.

— Nem tenho certeza do que você está perguntando. Parece muito mais do que a definição normal de confiança. Você precisa de um transplante de coração do qual não está me falando e quer que eu seja a doadora?

— Vou precisar de um transplante de coração no momento em que tudo isso acabar.

— Excelente. Isso é muito esclarecedor, obrigada.

Ele me encara. Quero machucá-lo com um pedaço de pau. — Que tal se você me disser qual é a sua definição de confiança? Vamos começar por aí.

Ele marca uma lista como se tivesse tatuado em seu cérebro. —

Sem mentiras. Sem esconder. Lealdade total. Dedicação total. Sua vida antes da minha e vice-versa. Tudo o que tenho é seu e vice-versa.

— Soa como entrar para um culto.

— Não terminei.

— Jesus.

— Sempre teremos as costas um do outro. Sempre cumprimos nossas promessas. E os segredos são coisa do passado.

Sua voz cai no último. Cai mais baixo e ganha peso, como um navio que afunda na água.

Olhando para ele de perto, digo: — Você tem muitos segredos, não é?

— Você sabe que tenho.

— E você quer contar para mim?

— Quero que você entenda quem sou.

— Acho que já sei.

— Não, lass. Seu entendimento é a camada externa de uma cebola. A pele fina e seca. Para chegar a quem eu realmente sou, vou precisar de um pouco de peeling.

— Não tenho ideia de onde você está obtendo suas metáforas, mas gostaria de salientar que a confiança é algo que evolui com o tempo. É orgânico. É baseado na experiência.

— Errado. A confiança é uma decisão. Você pode fazer isso entre as respirações. — Ele faz uma pausa para causar efeito antes de desferir seu golpe mortal. — Como você fez comigo no chuveiro.

Odeio quando as pessoas têm memórias excelentes.

— Espera aí. Deixe-me entender. Você está dizendo que se eu dissesse agora que você poderia confiar em mim, seria isso? Você poderia?

— Sim.

— E você me contaria todas as suas histórias de cascas de cebola?

— Sim.

— Perdoe o insulto, mas isso parece extremamente ingênuo para um homem na sua posição.

— Seria, se eu já não soubesse que você nunca diria que eu poderia confiar em você se não pudesse.

Droga. Esse relacionamento nunca vai funcionar se ele estiver certo o tempo todo. — Proponho um compromisso.

— Não gosto de compromissos.

— Que surpresa colossal. Como eu estava dizendo, acho que existe um meio-termo em algum lugar entre os dois extremos. Por que você não me conta um segredo e partiremos daí?

Quando ele apenas me encara, os lábios se contraem, eu digo: —

Um pequeno. Porque você nunca usa uma cor diferente do preto. Pense nisso como confiança com rodinhas de treinamento.

Depois de um momento em que pratica seu olhar furioso, ele diz sombriamente: — Chegará um momento, lass, e muito em breve, em que precisarei saber de uma forma ou de outra.

Ele rola de costas e olha para o teto. Então ele se levanta, se veste e sai do quarto.

Quando ele três dias depois ele ainda não voltou, estou em pânico diferente de tudo que já conheci.

Porque de acordo com o noticiário, todos os chefes da máfia do país estão sendo assassinado, um por um.

## DECLAN

Já está tarde quando entro em casa. Quase três. Espero encontrar Sloane dormindo na cama, mas em vez disso, ela está na sala de mídia, enrolada no sofá com uma taça de vinho tinto. Duas garrafas de vinho estão sobre a mesa de centro, uma delas vazia, a outra um quarto cheia.

A televisão está sintonizada em uma estação de notícias 24 horas.

Ela não me nota. Fico olhando para ela da porta enquanto ela bebe um gole da taça de vinho e mastiga a unha do polegar. Ela parece exausta. Fora do ar. Frenética de preocupação.

Sinto uma pontada de culpa, mas ainda estou feliz por não ter ligado.

Não que fosse fácil.

Ela não saiu da minha mente por um segundo desde que saí. Se eu já não soubesse que estava obcecado, três dias de intervalo esclareceram a questão com a sutileza de uma machadinha.

Pegando o controle remoto, ela começa a clicar nos canais, pulando de um canal para outro, parando meros segundos entre cada um. Procurando por algo.

Sei o que.

— Experimente a CNN. Eles amam essa coisa sangrenta.

Sloane põe-se de pé, deixando cair o copo de Cabernet no chão. Ele se espalha por todo o carpete cor de creme, deixando um padrão como o jato de um corte na veia jugular.

Fechando as mãos em punhos, ela me encara com olhos arregalados e sem piscar.

— Você está vivo.

— Ah, esses surpreendentes poderes de observação.

Seus olhos brilham. — Não se atreva a ser indiferente comigo. Não se atreva a ser loquaz. — Ela aponta um dedo trêmulo para o sofá. — Estou sentada aqui há três malditos dias, ouvindo relatos sobre gângsteres assassinados. Três. *Dias*. Você tem alguma ideia do que passei? Por que você não ligou? Onde diabos você estava?

A cada pergunta, sua voz aumenta. Ela está louca *pra* caralho.

Isso não deveria me deixar feliz, mas deixa. Isso me deixa tão feliz que eu poderia flutuar.

— Trabalhando. — Olho para a televisão, então de volta para ela.

Sei que ela entende quando seu rosto perde a cor.

— Você... *you*...

Digo baixinho: — A suprema arte da guerra é subjugar o inimigo sem lutar.

Fechando os olhos, ela balança a cabeça. — E agora você está citando Sun Tzu, — diz ela com amargura. — Como se isso fizesse algum sentido.

— Só estou testando aquele seu QI superior. Você passou. Desta vez.

Suas pálpebras se abrem. Ela me empala com um olhar de tal fúria que quase sorrio.

— Que porra é essa, Declan?

Inclino-me contra a parede e cruzo os braços sobre o peito. — Você está xingando muito, lass, até *pra* você. Sobre o que é isso? — Deixo meu sorriso se desenrolar, como as espirais de uma cobra. — Não me diga que você sentiu minha falta.

O ar ao redor de sua cabeça cintila com uma raiva que beira a insanidade. Espero que seus olhos saltem de sua cabeça. Parece que ela está canalizando o fantasma de Charles Manson.

Ela caminha até onde estou e me dá um tapa no rosto.

Quando minha cabeça para de girar, olho para ela e sorrio.

— Como você ousa sorrir para mim, seu filho da puta.



— Esta é uma pergunta retórica? Achei que você não gostasse disso.

— Estive sentada aqui pensando que você estava morto!

— Não, eu não. Apenas os chefes de todos os outros sindicatos. Exceto Kazimir. Mantive-o vivo porque você me pediu.

Ela respira com tanta força que é como se ela estivesse tentando não se afogar. Seu rosto se contorce e fica vermelho.

Acho que porque ela não sabe mais o que fazer, ela me dá um tapa de novo.

Agarro-a e a beijo, forte.

Ela começa a chorar. — Seu idiota! Odeio-te! Odeio-te!

— Eu sei, baby, — digo, rindo e a segurando com força. — Você odeia minhas malditas entranhas. Exceto que você não odeia. Você está louca por mim. Você está tão apaixonada por mim que está chorando porque estou vivo.

Soluçando em meu ombro, ela bate o punho em meu peito.

Sussurro em seu ouvido: — Doce menina. Minha feroz pequena rainha leoa. Dê-me sua boca.

Ela funga e choraminga enquanto a beijo, agarrando-se a mim como se ela nunca fosse me deixar ir.

Nunca estive mais feliz em toda a minha vida do que agora, neste momento.

Até que ela me empurre para longe, claro.

Ela se vira e vai embora com as mãos na cabeça, rosnando de irritação.

Vejo-a andar em círculos lentos ao redor da sala, inspirando respirações profundas e, em seguida, soprando-as lentamente. Ela enxuga as bochechas com as mãos trêmulas e faz mais círculos. Quando ela recupera o autocontrole, para e olha para mim.

— Obrigada por Kazimir. E foda-se você por me deixar pendurada. Nunca mais faça isso comigo.

— Não vou.

— Bom. Jesus Cristo, acho que estou tendo um derrame. O que acontece agora?

— Agora, espero até que o homem da sua namorada me chame para uma reunião para discutir um cessar-fogo.

— Como você sabe que ele vai ligar?

— Essa é a única maneira que ele vai conseguir me colocar em uma sala para que ele possa tentar me matar.

Depois de um tempo, ela diz: — Sempre vai ser assim, não é?

— Sim. Essa é a vida. Guerra. Morte. Matar ou morrer. Agora você vê por que estou de tão bom humor na maior parte do tempo.

Ela me encara suplicante. — Não seja sarcástico. Não posso lidar com sarcasmo agora. Apenas me diga diretamente. Ele vai te matar?

Estalo minha língua. — O vós de pouca fé.

— Cite a Bíblia para mim novamente e veja o que acontece com seus dois dentes da frente.

— Ele não vai me matar.

Ela me olha, sem se convencer.

— Vou dar a ele uma boa razão para não fazer isso.

— Tal como?

— Que Natalie nunca o perdoaria se ele assassinasse o amor da sua vida.

Ela fecha um olho e torce o nariz, tentando entender. — Por que Natalie pensaria que você é o amor da minha vida?

— Você vai dizer a ela que sou.

Seu rosto se suaviza. Ela arqueia as sobrancelhas. — Sinto muito. Devo ter ouvido você incorretamente. Você acabou de sugerir que eu dissesse a minha melhor amiga que você — ela me olha de cima a baixo — é o amor da minha vida?

— Você me ouviu.

— Então você quer que eu minta para ela.

Inclino minha cabeça e olho para ela com os olhos semicerrados.

— Desculpe, gângster. Arda o quanto quiser, mas *ela* é o amor da minha vida.

Estou fora há três dias e ela se esquece com quem está lidando. — Entendo. Então você gostaria que Kazimir cortasse minhas bolas e me sufocasse até a morte com elas?

Quando ela empalidece, sorrio. — Essa é a especialidade dele. Os russos são tão dramáticos.

— Você está me chantageando. Isso é chantagem emocional!

— Isto é. Não sou uma boa pessoa. Opa.

Ela apoia as mãos nos quadris e me olha pelo nariz, como se eu fosse um camponês com feridas escorrendo. — Bem, que pena. Não vou fazer isso. Se você não consegue sobreviver por conta própria sem minha ajuda, você não é o gângster que pensei que fosse.

Oh, como eu gostaria de bater naquela bela bunda dela até que ela esteja gritando.

Ela adoraria, então não vou.

Encolho os ombros e saio da sala.

Ela segue nos meus calcanhares. — O que significa esse encolher de ombros? Onde você está indo?

— Para a cama.

Vou para o quarto, a raiva dela nas minhas costas como uma nuvem tóxica. No banheiro principal, tiro as botas, tiro as roupas e entro no chuveiro.

Fico sob o jato quente com meus olhos fechados por vários

minutos, deixando a água quente deslizar sobre minha pele. Sloane está parada do lado de fora da porta, fervendo de raiva de mim através do vidro.

— Não vou dizer a ela que você é o amor da minha vida.

— Ouvi-te.

— E sei que você não precisa de mim também. Você só *quer* que eu faça isso. Isso é apenas você tentando me fazer dizer o que sinto por você de novo.

— Se é isso que você pensa.

— É o que penso.

— Certo. Então é isso.

— É isso.

Ignorando-a, pego a barra de sabão e passo espuma no peito. Tomo meu tempo lavando-me, ensaboando meus braços, peito e abdômen. Então enxágua, me viro e jogo minha cabeça para trás no spray.

Posso sentir seu olhar ganancioso em meu corpo.

Ela murmura: — Exibido.

— Traga sua bunda aqui, mulher.

— Pfft.

— *Agora.*

— Perdoe-me, mas não sou um terrier. Você não consegue vociferar ordens.

Seu discurso cortante termina quando abro a porta e a arrasto, totalmente vestida, para o chuveiro.

Pressiono-a contra a parede, prendo seus pulsos acima de sua cabeça e tomo sua boca. O beijo é forte e faminto.

Ela está tão faminta quanto eu. Ela me beija de volta como se fossem seus últimos dois minutos na terra.

Então é uma corrida frenética para tirá-la de suas roupas. Elas estão meio molhadas e grudadas em sua pele, mas isso não nos atrasa.

— Tampão?

— Não. O período acabou.

Levanto-a e pressiono suas costas contra a parede. Ela envolve as pernas em volta da minha cintura e se abaixa entre nós para me guiar.

— Foda-se, baby. Rápido.

— Sim. Oh. Bem aí...

Empurro para dentro com um grunhido profundo que ecoa nas paredes de azulejos. Ela arqueia para trás com um gemido suave. Suas unhas cavam em meus ombros.

Fodo com ela, segurando-a contra a parede do chuveiro, água espirrando em todos os lugares, até que ela grite.

— Deus, estou lá. Já estou lá, Declan, *oh*.

Sua boceta aperta convulsivamente em torno do meu pau. É como ser ordenhado por um punho.

Beijo-a enquanto gozo, minha língua em sua garganta e minhas mãos sob sua bunda, minhas coxas queimando e meu coração em chamas.

Não importa se ela não vai dizer que sou o amor de sua vida. Não importa se ela nunca me disser como se sente.

Nenhuma palavra pode competir com isso.

Quando estamos ambos respirando com dificuldade e tremendo, descendo do alto, ela abaixa a cabeça e esconde o rosto no meu ombro.

Ela sussurra: — Você pode ser um distante segundo lugar em relação a Nat. Muito distante.

Meu peito se expande. Começo a rir, só para ter um lugar para onde toda a emoção ir.

Afastando-me de seu corpo, coloco-a de pé e pego seu rosto em minhas mãos. Minha voz rouca de prazer, digo: — É bom o suficiente.

Então a beijo, segurando-a perto, cheio de alegria quando sinto o quão forte seu coração bate contra o meu peito.

Está batendo no mesmo ritmo que o meu.

## DECLAN

Mais tarde na cama, deitamos juntos em silêncio, vendo o sol nascer. Estamos de lado, ela de costas para mim, meu braço sob seu pescoço, sua cabeça apoiada no meu travesseiro. Meus joelhos estão dobrados atrás dos dela.

Certa vez, paguei trezentos mil dólares por um relógio de pulso. Lembro-me agora e sorrio ao pensar que um pedaço de metal valia alguma coisa.

Mas eu não tinha nada de valor real para comparar.

Agora tenho.

Sloane diz: — Você sempre veste preto porque ele esconde melhor o sangue.

Pergunto-me o que está por trás disso, a questão da confiança na roda de treinamento que ela sugeriu dias atrás, antes de eu partir. — *Porque você não me conta um segredo, e partiremos daí. Porque você sempre usa preto.*

— Sim.



— Eu costumava fazer a mesma coisa.

— O que você quer dizer?

Ela inala lentamente, solta o ar. — Eu costumava me cortar. Eu não me curava bem. Se eu me vestisse branco, haveria pequenas manchas de sangue por toda parte. Eu parecia uma vítima de assalto.

Isso me espanta. — Você? Cortava-se? Por quê?

— A dor precisa de uma válvula de escape.

Espero, sabendo que haverá mais, não querendo interromper seus pensamentos antes que ela os coloque em palavras.

— Eu era uma criança realmente gordinha. Meus pais me chamavam de Chunky Monkey<sup>23</sup>. Achava fofo, minha barriga balançar, até eu fazer dez anos. Então minha mãe decidiu que era um reflexo ruim de sua paternidade. Meu pai achava que era falta de força de vontade. Uma falha de caráter. Ambos odiavam. E quanto maior eu ficava, mais decepcionados eles ficavam comigo, como se minha carne igualasse meu valor. Eu ocupava muito espaço. Mesmo sem dizer uma palavra, eu falava muito alto. Muito. Era muito esmagadora. Eu tinha que ficar sob controle.

Escuto, fascinado, tentando imaginar este leão que conheço como um filhote.

— No verão entre a quinta e a sexta série, eles me fizeram ir para um acampamento de gordos.

— Acampamento de gordos?

— É tão ruim quanto parece. Seis semanas de vergonha disfarçada de educação. Foi aí que aprendi que não estava bem como estava. Eu estava com defeito. Para ficar bem, para ser aceitável pela sociedade, eu tinha que mudar. Tinha que emagrecer. Eu não podia continuar em meu estado de tristeza, pensando que meu corpo estava bom. Cara, o que essa merda faz com o cérebro de uma criança.

— Não gosto dos seus pais.

Digo isso com muita força. Sloane ri.

— Sabe o que é estranho? Sei que eles tinham boas intenções. Eles não queriam que minha vida fosse difícil e pensaram que seria muito difícil se eu continuasse gorda. Mas eles nunca me deram uma escolha sobre isso. Então lá fui eu para o acampamento de gordos para ser humilhada e desmoralizada diariamente. Acho que contrataram os conselheiros por falta de alma. A senhora responsável por mim fez Kathy Bates em *Misery* se parecer com Mary Poppins.

Ela para, suspirando.

— Qual é o nome desse acampamento de gordos?

— Você não vai queimá-lo.

— Isto é o que você pensa.

— Isso é doce. Mas está fechado agora, de qualquer maneira. O estado finalmente interveio quando teve muitos relatos sobre os espancamentos.

— Espancamentos? — Repito em voz alta.

— Oh, não eu. Fiquei muito boa em me esconder.

Doente, mas hipnotizado, digo: — Onde você se escondia?

— Bem ao ar livre. Fiquei tão boa em ser o que eles queriam que seus olhos passavam por cima de mim como se eu não estivesse lá. Perdi mais de quinze quilos nessas seis semanas, junto com toda a minha infância. — Sua voz endurece. — E ninguém nunca mais viu meu verdadeiro eu.

Sinto uma necessidade quase irresistível de quebrar alguma coisa. O nariz daquela conselheira.

— Quando voltei para casa, meus pais ficaram em êxtase. Eles não perceberam meu novo silêncio. Eles não perceberam como eu sempre olhava para o chão. Tudo o que viram foi meu novo corpo magro. Sucesso. Eu realmente os odiava, por isso, porra. Então, para me vingar deles, ganhei todo o peso que perdi, mais um pouco. Então minha mãe teve câncer e morreu. Meu pai se casou novamente com uma senhora que odiava me ver. Tudo estava tão ruim quanto poderia ser, até que o melhor amigo do meu pai da Marinha veio me visitar quando eu tinha quatorze anos, e aprendi o que a palavra vítima realmente significava.

Percebo que estou apertando o braço dela com muita força. Relaxo minha mão e beijo seu ombro, metade de mim esperando que ela continue, metade de mim querendo que ela pare.

Já sei para onde isso vai dar.

— O nome dele era Lance. Até hoje, se eu ouvir esse nome, tenho vontade de vomitar. Lance com o corte curto e muita colônia

Polo. Lance com um sorriso de tubarão. Meu pai o adorava, minha madrasta flertava com ele e fiquei o mais longe que pude por causa da maneira como seus olhos me seguiam por toda parte, como uma daquelas pinturas de casas mal-assombradas na Disneylândia.

Ela para abruptamente.

Minha voz baixa, digo: — O que ele fez com você?

— Tudo, — ela diz sem emoção, como se tivesse acontecido com outra pessoa. — Tudo o que um homem adulto pode fazer a uma jovem indefesa.

Tenho que fechar os olhos e respirar lenta e deliberadamente para não gritar alto. — Você contou ao seu pai?

— Sim.

— O que ele fez?

— Fez? — Ela ri. — Nada. Ele não acreditou em mim. Ele pensou que eu estava inventando. Procurando por atenção. Como uma garota gorda patética faria.

Estou sem fôlego de fúria. Preciso colocar minhas mãos em volta da garganta de seu pai e apertar até ver a vida desaparecer de seus olhos.

— Lance partiu em uma semana. Cinco semanas depois, descobri que estava grávida.

Amaldiçoo violentamente em gaélico. Sloane suspira.

— Se isso te deixa com raiva, você pode não querer ouvir o resto.

Com os dentes cerrados, digo: — Diga-me.

— Decidi que queria ficar com o bebê. Mantive a gravidez em segredo do meu pai, mas não sabia como deveria lidar com o fato de ser uma mãe adolescente sem dinheiro. Mas, no final das contas, eu não precisava saber. Esse cara da escola que sempre estava me assediando por ser uma 'gorda' me empurrou escada abaixo no pátio. Abortei às treze semanas.

Não consigo falar por um longo e congelado momento, fico em branco, incapaz de processar o que ela está me dizendo.

Com a voz suave, ela diz: — Foi assim que eu soube que não estava grávida no hospital. Quando há um bebê crescendo dentro de você, todos os tipos de coisas mudam.

— Sloane. Jesus. Porra.

— Eu sei. Não é bonito. Não foi bonito para mim por alguns anos depois disso. Eu estava deprimida. Tive uma ansiedade terrível. Senti como se estivesse saindo da minha cabeça. Comecei a me cortar, a me vestir toda de preto. Raspei meu cabelo como um moicano. Perfurei meu nariz e algumas outras coisas. Desliguei. Mas por baixo disso, eu era assim. Porra. Nervosa. Com tanta raiva, eu queria morrer.

Ela se vira e me encara com olhos claros. Sua voz está calma. — Quer saber o que me salvou?

— O quê?

— Natalie. Minha melhor amiga. Minha única amiga. Eu quis me matar tantas vezes durante esses anos. A única razão pela qual não fiz foi por causa dela. Repetidamente, ela salvou minha vida. Você sabe o que mais?

— Não sei se aguento.

— Ela nunca soube da gravidez. Exceto pela enfermeira que me deu o teste na Planned Parenthood<sup>24</sup>, ninguém sabe. Eu estava com muita vergonha. Você é a única alma viva a quem já contei. Quero que você entenda o que isso significa.

Com o pulso latejando e minha voz rouca, digo: — Isso significa que posso confiar em você.

— Não, — ela diz suavemente, os olhos brilhando. — Isso significa que você não pode. Se tudo se resume a uma escolha entre vocês dois, honestamente não posso dizer o que vou fazer.

Fecho meus olhos e arrasto uma respiração em meus pulmões. — Eu disse que não faria você escolher.

— Você disse. E acredito em você. Mas agora você aumentou a aposta. Agora, você e Kage são os últimos homens de pé.

— Eu queria acabar com uma guerra.

— E você pode. Mas você também o encurralou. Que escolha ele tem a não ser retaliar?

— Render-se.

Ela diz secamente: — Acho que você nunca conheceu o homem.

— Conheci-o. Não sou tão impressionada.

— Isso vai te ofender, mas acho que vocês dois são muito parecidos.

— Você tem razão. Estou ofendido.

Ela coloca a cabeça no meu peito e suspira. — Ok.

Fico nervoso quando ela não diz mais nada. Quero que ela fale de novo. — Como você passou da garota que foi empurrada escada abaixo para quem você é agora?

— Finalmente percebi que não era que eu queria morrer. É que eu queria fugir dos meus sentimentos. Eu queria sair. A vida era dolorosa demais para viver como era. Então decidi que precisava mudar isso. Minha vida, quero dizer. Eu precisava fazer isso para que nada de ruim pudesse acontecer comigo novamente. O que é pensamento mágico, é claro. Não podemos controlar quando coisas ruins acontecem. Mas podemos controlar como reagimos. Jurei que nunca mais seria uma vítima. Comecei a cuidar de mim mesma. Comecei a fazer yoga, fiz minha dieta de merda, li tudo que pude sobre autocuidado. Aumentei minha autoestima como se fosse uma casa, tijolo por tijolo. Antes de ir para a faculdade aos dezoito anos, fiz tudo o que podia para ser mental e fisicamente forte. Era isso ou me matar, então achei que valia a pena tentar. Depois de um tempo, funcionou. Perdi muito peso, fiquei forte, aprendi a não me importar com o que os outros pensavam. Aprendi a me ouvir. Como me proteger, porque ninguém mais o faria.

Imaginando-a como uma adolescente, uma garota com dor determinada a se salvar, minha admiração por ela fica ainda mais profunda. — Foi quando você decidiu que os homens eram sobremesas.

— E nada mais, — diz ela com firmeza. — Especialmente porque eles só me deram atenção quando eu era gorda, ridícula e um alvo fácil, ou quando eu estava em forma e uma fonte de luxúria. Eu não podia confiar neles.

Coloco sua cabeça em meu pescoço, beijo sua têmpora e murmuro: — Sinto muito.

— Pelo quê?

— O que eu disse a você no hospital. Como agi como se o que fazer sobre uma gravidez fosse minha escolha, não sua.

Ela fica quieta por um momento. — Obrigada.

— Porra, não me agradeça. Sou um idiota.

Uma gaivota voa baixo sobre as ondas, as pontas das asas deslizando na água. Outro faz um círculo largo e preguiçoso acima.

Observando-as, percebo a coisa terrível que fiz ao trazer Sloane aqui. Fazendo-a minha cativa e, em seguida, ganhando sua confiança. Sou como um daqueles conservacionistas sem noção que pensam que manter um tigre em cativeiro é mais seguro para ele do que viver na selva.

Uma gaiola não é lugar para uma criatura selvagem, não importa quão douradas sejam as barras.



Para piorar as coisas, continuo exigindo que ela me diga que posso confiar nela. Como se ela realmente quisesse fazer algum juramento de lealdade fodido ao homem que a raptou de um estacionamento. Como se isso fizesse algum sentido!

*Como estou apenas percebendo isso?*

Minha voz rouca, digo, — Você me disse que não queria que eu te prendesse por muito tempo. Você ainda se sente desse jeito?

Em seu silêncio, sinto sua atenção se aguçar. — Por quê?

Tenho que engolir várias vezes antes de forçar as palavras a saírem. — Vou te levar para casa se você quiser.

Sua voz se eleva. — Levar-me para casa?

— Deixar você ir. Hoje, se é isso que você quer.

Ela exala uma respiração curta e dura, cheia de decepção. — Veja, eu sabia que não deveria ter lhe contado essa história.

— Não estou dizendo isso por causa da história. Ah, porra, talvez seja. Não importa. O que importa é que quero que você saiba que sempre tem uma escolha comigo. Uma escolha em tudo. Não demonstrei isso até agora. Não quero ser como todos os outros homens da sua vida. Tirando. Machucando você. Deixando você na mão.

— Ninguém me machuca há muito tempo, — ela diz baixinho, seu hálito quente contra o meu peito.

*Mas você pode.*

Ela não diz isso, mas ouço mesmo assim. Ela já me disse isso. Estou novamente pego entre querer fazer a coisa certa e querer fazer a coisa egoísta, que é mantê-la ao meu lado para sempre, não importa o que ela tenha a dizer sobre isso.

Desejo que esse último fragmento de humanidade dentro de mim simplesmente já morresse. As coisas seriam muito mais fáceis.

Mas eu quis dizer o que disse. Ela tem escolha. Sou um Neandertal sem alma, mas para ela, farei uma exceção.

— Vou levá-la de volta para Nova York se...

— Diga outra palavra e perca seus testículos.

A raiva está de volta. Ouço em sua voz, sinto na nova tensão em seu corpo. Gosto de minhas bolas onde estão, então apenas beijo sua testa novamente e permaneço em silêncio.

Ela faz a técnica de respiração em quadrados por um tempo. Eventualmente, a tensão é drenada de seus membros. Deitamos juntos em silêncio até que acho que ela está prestes a cair no sono.

Então meu celular toca. Está no balcão do banheiro.

Sloane levanta a cabeça e me olha com olhos grandes. — É ele?

— Duvido que Kazimir ligue logo. Fique aqui.

Rolo para fora da cama e vou para o banheiro. Quando pego o telefone e olho para a tela, é o número de Kieran que vejo.

Coloco a cabeça para fora da porta do banheiro, olho para

Sloane sentada na cama, seus olhos preocupados, e balanço a cabeça.

Ela desaba contra o colchão, liberando uma grande rajada de ar.

Atendo a chamada de Kieran, em seguida, ouço-o distraidamente enquanto mijo. Ele tem logística para revisar. Planos que precisam ser feitos. Uma centena de decisões diferentes me aguardam, e ainda não são sete da manhã.

Querendo voltar para a cama o mais rápido possível, dou a ele dez minutos do meu tempo. Desligo, jogo água no rosto, escovo os dentes e volto para o quarto, parando quando vejo a cama vazia.

Sloane se foi.

## SLOANE

Não tenho ideia de quanto tempo Declan ficará no telefone. Também não posso dizer o que ele está dizendo, porque é tudo em gaélico. Então decido que preciso de um pouco de ar fresco e me visto.

Quando saio pela porta do quarto, ele ainda está no banheiro, conversando.

Ignorando meu estômago roncando quando passo pela cozinha, abro a porta de vidro da sala de café da manhã e saio. O ar está fresco e fresco. Frio no rosto, mas não frio o suficiente para me mandar de volta. Envolvendo meus braços em volta de mim mesma, ando pelo pátio e pela grande extensão de gramado até que dá lugar à areia.

No final do pátio, perto da cerca alta de alfenas, Spider fica de sentinela.

Nossos olhos se encontram.

Levanto a mão em saudação, então olho para longe.

Não falei com ele desde o incidente na cozinha. Não falei com

nenhum dos homens que rondam o terreno, nem mesmo quando Declan foi embora. Fiquei dentro de casa, trancada fora de vista, sentindo-me tola e com raiva de mim mesma pelo que aconteceu. Que arrisquei seus empregos e seus dedinhos assim. Que os fiz desobedecer às ordens porque estava entediada.

Eu gostaria que não fosse da minha natureza brincar com fogo. Sei que a única coisa que acontece é alguém se queimar.

O sol é uma bola distante no horizonte, cintilando pálido enquanto se ergue acima de um mar agitado. O oceano está agitado esta manhã. Escuro e com a ponta branca da forte brisa terrestre.

Vou direto para a água.

Quero sentir na ponta dos pés. Sentir como ela pode ser diferente da água cristalina do Lago Tahoe, a água em que passei todos os meus verões desde que aprendi a nadar aos cinco anos de idade. Água tão pura que pude ver até o fundo enquanto espiava pela lateral do pequeno barco de pesca do meu pai.

Com sorte, a brisa do mar vai soprar em minha cabeça e apagar todas essas memórias que estão surgindo como fantasmas de seus túmulos desde que contei minha história a Declan.

A história de origem de uma guerreira que não se sente mais tão forte.

É isso que o amor é? Fraqueza? Sentia-me muito mais poderosa antes mesmo de colocar os olhos no rosto de Declan. Agora me sinto tão ferida e instável quanto um potro recém-nascido.

Como eu costumava fazer, todos aqueles anos atrás, antes de me refazer em algo mais forte.

Há um iate ancorado longe da costa. Uma coisa branca e lustrosa, brilhando ao sol como uma moeda recém-cunhada. Várias outras embarcações menores balançam na água ao longo da costa. Um trio de veleiros voa sobre as ondas ao sul. Norte? Não tenho certeza de para qual direção estou voltada. Agora que penso nisso, como posso saber se estou realmente em Martha's Vineyard?

Toda a minha realidade é baseada no que Declan me disse desde que ele me arrancou de ancoradouros seguros em Nova York.

*Você pode estar em qualquer lugar. Ele drogou você, lembra? Você pode estar alucinando tudo isso. Você poderia estar na lua.*

Exausta, meu coração tão pesado quanto minhas pernas, caminho sobre as dunas ondulantes até onde a areia está úmida e firme sob os pés. Os tênis que tirei do armário são bons demais para molhar, então os tiro e os seguro enquanto vagueio pela praia. Esquivo-me das ondas enquanto elas quebram e coloco os dedos espumosos em meus pés.

Não sei quanto tempo vagueio, pegando conchas, mas de repente, um arrepio frio levanta os cabelos da minha nuca.

Não é o vento, disso tenho certeza.

Franzindo a testa, paro e olho ao redor.

A praia está deserta em ambas as direções. Além da casa que acabei de sair, não há outras estruturas à vista. A única coisa que vejo

que pode ser considerada fora do lugar é Spider, correndo em minha direção de seu posto na sebe de alfeneiro.

Ele está balançando seu rifle no ar. Palavras gritantes que são engolidas pelo vento.

Mais quatro homens armados em ternos pretos aparecem atrás dele, correndo em minha direção.

Por instinto, giro ao redor.

Meu cérebro registra oito deles, figuras pretas lustrosas surgindo do mar com tanques de mergulho amarrados às costas e armas em suas mãos enluvadas, antes que o mais próximo de mim me agarre e me arraste para a água.



— Ela está acordada.

— Você tem certeza de que aquelas algemas são suficientes? Acho que devemos colocar as correntes nas pernas também.

— Aposto que você acha. Como está o nariz, Cliff?

— Foda-se.

As vozes são masculinas, vindas de algum lugar próximo. Eles são a primeira coisa que reconheço. Em seguida, a dor de cabeça se

manifesta, latejando continuamente atrás dos meus olhos com a batida do meu coração. Sinto um gosto amargo na boca, minha cabeça pesa quinhentos quilos e minha mão direita parece que estou batendo contra a parede há horas.

Também estou molhada. Minhas roupas, meu cabelo, tudo de mim. Lambo meus lábios e sinto o gosto de sal. Água do mar.

Uma porta abre e fecha. Abro meus olhos e olho ao redor.

Estou em uma sala quadrada cinza. Uma única lâmpada fluorescente pisca no teto. O chão é de cimento e a única mobília é a cadeira de metal em que estou sentada e uma mesa de metal amassada encostada na parede à minha esquerda.

Na parede bem à minha frente está um grande painel de vidro preto e lustroso.

Olhando para meu reflexo no espelho bidirecional, percebo que estou acorrentada à cadeira.

Meus pulsos estão amarrados nas minhas costas por algemas. As algemas devem estar fixadas na cadeira, e a cadeira aparafusada ao chão, pois apesar de várias tentativas vigorosas, nada se move.

— Não se preocupe. Você não vai a lugar nenhum.

Olho por cima do meu ombro direito.

Um homem se inclina casualmente contra a parede no canto, os braços cruzados sobre o peito, uma perna chutada contra a parede. Ele tem cerca de trinta e cinco anos. Ele está vestindo uma camisa de flanela vermelha e preta para fora da calça, jeans desbotados



moldados em suas coxas musculosas e um par de botas de trabalho. Seu cabelo é espesso, ondulado, castanho e parece que não vê um pente há anos. Seus olhos também são castanhos. Sua barba também.

Ele se parece com o Homem Marlboro, grande e cheio de vida. Há um círculo pálido de pele em seu dedo anelar esquerdo bronzeado, onde costumava haver uma aliança de casamento.

Com uma voz profunda com sotaque de Boston, ele diz: — Bom dia, Sloane.

— Você precisa de um corte de cabelo. Era sua ex quem marcava para você?

A surpresa é registrada em seus olhos por uma fração de segundo, então retrocede quando ele puxa uma cortina de vazio experiente sobre seu olhar. — Serei eu quem fará as perguntas.

Ele empurra a parede e fica na minha frente, de costas para o painel de vidro preto. Cruzando os braços novamente, ele olha para mim por baixo do nariz, projetando poder e perigo por todos os poros.

Querido Deus, quantas vezes serei sequestrada por machos alfas este mês? Está ficando ridículo.

Olhando para seus antebraços musculosos, digo: — Gosto das suas tatuagens. Muito celta. Você sabia que aqueles nós em espiral perto do seu pulso representam a jornada de uma pessoa através da vida e no mundo espiritual, ou você apenas achou que eles eram bonitos?

Ele inclina a cabeça para o lado.

Sorrio para ele. — Tenho lido muito sobre jornadas espirituais.

Nada acontece por um tempo, até que ele diz: — Eu gostaria de falar sobre o seu namorado.

Pelo menos ele está indo direto ao ponto. Achei que poderíamos ficar aqui para sempre.

— Deixe-me parar você bem aí. Não tenho namorados. Eles exigem muita manutenção. Muito compromisso. Posso tomar um copo d'água? Melhor ainda, suco de laranja. Espremido fresco, se você tiver.

Ele franze a testa. — Não acho que você entende o que está acontecendo aqui.

— Oh, pelo amor de Deus, cara, não deixe as taças tamanho D enganarem você. Sei exatamente o que está acontecendo.

Não posso dizer por sua expressão se ele está divertido ou irritado, mas sei que ele está intrigado, porque diz: — O que é?

— Você quer aqueles quinhentos dólares que devo do ano passado.

Ele pisca. Não acho que ele queira. Isso me faz sorrir de novo, desta vez mais amplo.

— Honestamente, estou impressionada. Vocês devem ter conseguido um aumento doce no orçamento da nova administração. Eu adoraria saber como você está indo atrás das empresas que devem muitos impostos atrasados. Os peixes grandes

devem levar um esquadrão inteiro de focas da Marinha atrás deles, certo?

Ele se inclina em meu rosto, plantando as mãos em suas coxas enormes. Quando estamos cara a cara, ele diz suavemente: — Não estou com o IRS, querida. E isso não é uma porra de uma piada. Você está com um grande problema.

— Não seria a primeira vez. Não será o último. Você gosta de loiras? Conheço uma garota que trabalha no meu estúdio de yoga que ficaria louca com toda a sua vibração Grizzly Adams. Embora ela tenha uma daquelas vozes irritantemente agudas de bebê, mas se você puder deixar de lado isso, ela é muito doce. Parece que você precisa de alguém para cuidar de você.

Quando ele apenas me encara com os lábios estreitos e as narinas dilatadas, acrescento: — Foi cetamina que você me deu? Porque sei como isso bagunça minha memória, e não consigo me lembrar de nada entre quando as criaturas da lagoa negra me puxaram para a água e agora. Adoraria saber como não me afoguei. A propósito, adereços para engenhosidade. James Bond ficaria orgulhoso.

Depois de uma batida, o Mountain Man<sup>25</sup> se endireita. Ele lança um olhar por cima do ombro em direção ao vidro, então caminha lentamente atrás da minha cadeira e para lá.

Sua voz trazendo um aviso claro, ele diz: — Declan O'Donnell.

— Prazer em conhecê-lo, Declan.

Olho diretamente para o copo quando digo isso, sorrindo meu

sorriso de comedor de merda.

Espero que quem quer que esteja me olhando por trás daquele espelho bidirecional esteja tendo um colapso. As pessoas odeiam quando você não está apavorado como elas estão tentando fazer você ficar.

O Mountain Man descansa as mãos nas costas da minha cadeira e se inclina perto do meu ouvido. Em voz baixa, ele diz: — Não banque a porra de uma idiota, Sloane.

— Eu? Julgar você como um tolo? Nunca. Você parece muito inteligente. A camisa xadrez é uma revelação absoluta.

Quase posso ouvir sua pressão arterial subindo.

— Você se acha muito inteligente, não é?

— Sou comprovadamente inteligente. Você gostaria de me dar um teste de QI? Dez dólares que vou bater o seu por pelo menos trinta pontos.

Ele desiste de tentar me intimidar por trás e se espreita para ficar na minha frente novamente. Ele pronuncia: — Ria se quiser, mas se não cooperar comigo, vai ficar nesta sala pelo resto da vida, sem contato com o mundo exterior e nada além de um balde para cagar.

— Entendo. É o bastante para a Declaração de Direitos e aquelas incômodas sexta e oitava emendas.

Ele estreita os olhos com o meu tom de desprezo. Ele aperta a mandíbula por um tempo. Isso me lembra de Declan. Sinto falta dele com uma dor aguda e repentina.

— Declan O'Donnell, — diz Mountain Man novamente. — Fale-me sobre ele.

— Nunca escutei dele. Há quanto tempo está no FBI? Ou é a CIA? Aposto que eles têm benefícios de saúde realmente bons. Parece que o código de vestimenta deles ficou um pouco frouxo, mas na verdade só sei alguma coisa sobre o governo federal pelos filmes. Você já viu a franquia Jason Bourne? Amo aquele cara. Tão intenso.

— Como você o conheceu?

— Quem? Oh, o cara Declan de novo? Já te disse, não tenho ideia de quem seja.

O Mountain Man dispara: — Temos observado você. Sabemos que você está envolvida com ele. A Pegamos na propriedade dele.

— Ouça, estou apenas de férias. Fui até a parte chique da cidade e decidi dar um passeio na praia de alguém. Isso é contra a lei aqui? Fazemos isso o tempo todo na Califórnia. Então, novamente, é um estado muito progressivo.

— Temos fotos de vocês juntos, — diz ele com veemência, tentando não perder a paciência.

Encolho os ombros. — Não era eu.

Segue-se um longo silêncio pedregoso. Aproveito para examinar mais de perto suas tatuagens no antebraço.

— O que é isso, um druida<sup>26</sup>? Parece um pouco com Gandalf de *O Senhor dos Anéis*.

A porta se abre. Outro homem entra.

Este aqui está de terno escuro, gravata listrada e botões de punho. Ele tem uma cabeça cheia de cabelos de estanho e um rosto que parece uma placa de granito. Seus Oxfords poderiam me cegar com seu brilho.

— Oh, olhe, Mountain Man, o seu chefe chegou. Acho que você não estava fazendo um trabalho tão estelar interrogando sua prisioneira.

Fechando a porta atrás de si com rápida eficiência, o novo cara leva um momento para me avaliar. Em seguida, ele me apresenta um sorriso tão amigável quanto um cachorro raivoso mostrando os dentes.

— Olá, Srta. Keller.

Ele não tem sotaque perceptível, mas ele tem a maneira mais estranha de extrair as sílabas de forma que parece que ele está testando um novo idioma. Como se ele fosse a cópia de um humano, não de verdade, um alienígena tentando se encaixar.

— Oh, uau, eu totalmente acabei de receber um flashback da cena na *Matrix* onde o Agente Smith questiona Neo sobre seu envolvimento com Morpheus. Você soa exatamente como ele. Parece com ele também. Exceto que você é muito mais velho. E precisamos conseguir para você um par de óculos escuros para cobrir esses olhos redondos.

O Mountain Man e o de terno trocam olhares. O de terno diz: — Vou assumir a partir daqui, Grayson.

— Grayson? Uau, nome *muito* legal. Aposto que você era super popular no colégio.

Grayson faz algo estranho com a boca. Acho que ele está tentando não sorrir, mas posso estar imaginando coisas.

Ele sai da sala, deixando-me sozinha com o terno.

— Senhorita Keller, meu nome é Thomas Aquinas.

— Besteira. Como o filósofo italiano?

— Sim.

— Quão aleatório. Por favor, continue.

Ele cruza as mãos atrás das costas e caminha até a mesa de metal, na qual se senta, balançando uma perna para frente e para trás. É uma postura muito pouco masculina e não faz nada para aumentar meu nível inexistente de medo.

— Senhorita Keller, estamos cientes de seu envolvimento com a Bratva russa. Também estamos cientes de seu envolvimento com a máfia irlandesa. Esses são fatos indiscutíveis e bem documentados, então, por favor, faça-me a gentileza de dispensar seu plano de inocência.

Admiro seu vocabulário. Aquele sorriso de cachorro raivoso, no entanto, eu poderia passar sem.

Ele continua como se fosse um professor universitário pomposo dando uma palestra durante a qual todos os seus alunos estão dormindo. — De acordo com a Lei Patriótica, tenho autoridade para

mantê-la aqui indefinidamente. Como terrorista operativa e combatente inimiga, você não tem direitos. Todo o seu futuro está exclusivamente em minhas mãos. Por favor, considere tudo isso cuidadosamente antes de responder às minhas perguntas.

Ele faz uma pausa para me dar algum tempo para decidir se gostaria de começar a chorar e implorar.

Em vez disso, bocejo.

— Como você se envolveu com Declan O'Donnell?

— Não tenho ideia de quem seja.

Sua expressão fica amarga. É uma façanha, considerando que ele tem o rosto de um vaso sanitário. Ele estala os dedos e dois homens enormes entram na sala.

Ambos estão vestidos com uniformes militares e botas de combate. Ambos são do tamanho de montanhas. Um deles carrega uma pasta de papel manilha em sua mão carnuda, que dá ao terno. Em seguida, eles flanqueiam o vidro espelhado, abrem as pernas, colocam as mãos sobre as virilhas e olham para mim.

O da direita lambe os lábios.

Aposto que é ele quem faz o afogamento.

Da pasta de papel manilha, o terno retira uma fotografia de oito por dez. Ele o levanta para eu ver. É uma foto em preto e branco de mim e Declan entrando em seu helicóptero gigante.

— Esta é você.



— Você está brincando? Eu nunca usaria esse jeans. Totalmente da última temporada.

Ele estende outra foto, esta de Declan e eu na cozinha na noite da festa de pôquer mal concebida. Declan está segurando meu rosto com as mãos. Parece que ele está gritando, o que ele estava fazendo.

Que assustador eles estarem nos observando. Fotografando-nos juntos. Isso me dá arrepios.

Oh Deus. Abrimos as cortinas quando fizemos sexo?

— Esta é você.

— Não. Mas quem quer que seja essa pobre menina, sinto muito por ela. Esse cara está gritando bem na cara dela. Parece um lunático, se você me perguntar.

— Oh, ele é sem dúvida um lunático, — concorda o terno, balançando a cabeça. — Pelo que sabemos, ele matou mais de trinta e cinco homens. E esses são os que conhecemos.

Ele me olha com expectativa.

Digo, — Parece que ele tem muitos problemas não resolvidos. Sugiro aulas de controle de raiva.

Ele deixa a pasta e as fotos de lado. Ele cruza as mãos no colo. Ele diz calmamente: — Seu pai é um patriota. Homem excepcional. Carreira militar excepcional. Seria uma pena se ele fosse destituído de todas as suas honras e jogado na prisão por ajudar e ser cúmplice de um terrorista.

Minha antipatia por esse cara desce de elevador para o ódio puro, onde ele desembarca e se instala. Fico olhando para ele, todos os traços de humor desapareceram.

— Ameaçar minha família não vai funcionar.

— Não? Então, você gostaria que sua irmã mais nova, Riley, passasse algum tempo de qualidade com meu sócio aqui, Lance Cabo McAllister? — Ele aponta para o lambedor de lábios, que produz um sorriso lascivo.

Lance. Claro que ele tinha que ser Lance o nome do idiota de merda.

Quando não respondo, o terno diz: — Ou que tal seu irmão mais velho, Drew? Talvez seu escritório de advocacia precise de uma revisão da ordem dos advogados do estado. Entendo que sua ética é o que você chamaria de falta. Algo sobre sexo com clientes? Desviando dinheiro? Subornar jurados?

— Boa tentativa. A ética do meu irmão é pura.

Ele sorri seu sorriso de cachorro raivoso. — Tenho certeza de que podemos fabricar algo convincente.

— Tenho certeza de que você poderia. Os funcionários do governo estão sempre fabricando algum tipo de besteira para encobrir sua incompetência.

Seu sorriso fica mais largo. Ele sabe que estou com raiva agora. Ele cheira sangue no ar.

— E quanto à sua amiga, Natalie? — Ele diz suavemente, os

olhos brilhando. — Como você acha que ela gostaria de comemorar o resto de seus aniversários dentro de uma cela de prisão, graças a você?

Quero mata-lo. Quero tanto matá-lo que quase posso ouvir seus gritos patéticos enquanto ele se afoga em seu próprio sangue da punhalada em seu pescoço que vou dar a ele.

*Respire fundo e lembre-se de quem diabos você é.*

Fecho os olhos, conto até quatro e decido que não tenho tempo para o resto do exercício respiratório. Preciso dizer a esse cara para ir se foder antes disso.

Abrindo os olhos, digo calmamente: — Se você tentasse colocar minha amiga na prisão, o homem dela iria queimá-lo vivo. Então ele queimaria Moose e Rocco aqui. — Lanço um olhar de desprezo para os dois fuzileiros navais corpulentos e uniformizados. — Então ele encontraria suas mães e as queimaria vivas também. Seus irmãos também. E seus animais de estimação. E suas casas, seus carros e as cidades em que você cresceu. Portanto, não vou me preocupar com ela. Ela está coberta.

— Quanto à minha irmã, irmão e papai? Bem, não posso controlar o que acontece com eles. A vida é uma aposta, e acho que eles rolaram dados azarados por serem meus parentes. Além disso, realmente não seria minha culpa. Vocês são os idiotas que têm o controle. Qualquer coisa desagradável que acontecesse estaria em sua consciência, não na minha. Então faça o que você tem que fazer. Deixe-me acorrentada a esta cadeira para sempre. Tranque-me e jogue fora a chave.

Depois de uma pausa calculada, o terno diz: — Há coisas piores que poderíamos fazer com você do que prendê-la, Srta. Keller. Tenho certeza de que você pode imaginar o que são.

Lance Cabo McAllister dá um passo à frente. Ele olha para mim com um pequeno sorriso maligno.

Quase rio. Em vez disso, suspiro pesadamente e aceno com a cabeça. — Realmente não tenho que imaginar. Estou muito familiarizada com o tipo particular de selvageria que os machos inúteis, sem valor e sem pênis gostam. Vá em frente, pessoal. Façam o seu pior. Ainda não sei quem é o maldito Declan O'Donnell.

Nada acontece por vários momentos. Então, uma vozinha masculina estala em um alto-falante escondido no teto.

— Coloque-a no C-9.

O terno está de pé. Lance Cabo Fuckface caminha atrás de mim e solta minhas algemas da cadeira. Ele me põe de pé com dedos como garras de aço que cavam em meu bíceps.

O cara de terno diz: — Faça do seu jeito, Srta. Keller. Vai ser pior.

Eles me arrastam para fora da sala.

Consigo chutar o terno na rótula ao sair. Ele cai no chão, uivando.

Que maricas.

## DECLAN

*Três dias e meio depois*

— Onde ela está? — Rujo, irrompendo pelas portas da sala de conferências. — *Onde diabos ela está?*

— Calma, garotão, — diz Grayson, levantando-se da cadeira da longa mesa de mogno. Ele está com as mãos levantadas e um sorriso de desculpas no rosto. Há dez outros homens sentados ao redor da mesa, vários dos quais reconheço, outros não.

Mas localizo aquele filho da puta feio, Thomas Aquinas, o chefe do Grupo de interrogatório de detentos de alto valor, imediatamente.

Grayson pula na minha frente enquanto avanço em sua direção, rosnando.

— Declan! Relaxe, porra!

Ele está tentando me fazer desacelerar, me empurrando para trás com cada grama de sua força considerável, mas tenho o demônio da fúria em minhas veias, sedento por sangue. Nada neste mundo vai me

impedir de obtê-lo.

Empurro Grayson de lado e dou um soco no rosto de Thomas.

Ele cai para trás na cadeira com um grito, os pés voando. Ele atinge o chão da sala de conferências com um baque, rola para o lado e começa a se debater, tentando se apoiar nas mãos e nos joelhos para rastejar para longe.

Antes que eu possa chutá-lo no estômago, três homens me abordam.

Eles me colocam no chão. Estou de pé em segundos, voltando para chutar a vida de seu chefe.

Paro quando os homens restantes na mesa – agora todos de pé – puxam as pistolas dos coldres sob seus paletós e as apontam para mim.

— Todos se acalmem! — Comanda Grayson, estendendo as mãos. — Ele é um amigo! Guarde suas armas! Isso é uma ordem!

Relutantemente, os homens o obedecem. Eles olham e resmungam, mas obedecem.

Sempre a porra do pacificador, esse cara.

Respirando com dificuldade de raiva, aponto para ele. — Estou te responsabilizando por isso. Se houver pelo menos um pequeno arranhão nela, se houver um hematoma minúsculo, vou matar você e seu chefe de merda.

O homem em questão ainda está lutando para se levantar. Ele está segurando a borda da mesa de conferência como se fosse um

colete salva-vidas e olhando para mim com todo o branco dos olhos à mostra, segurando o nariz sangrando.

— Vou colocá-lo na prisão, seu maníaco! — Ele grita. — Você não pode entrar aqui e agredir membros do governo federal!

— Posso e fiz, e se você não calar sua boca, farei ainda pior. Onde ela está?

— Ela está em uma cela, — diz Grayson em um tom que deve ser reconfortante. Em vez disso, são unhas em um quadro-negro.

— Uma cela de contenção? — Trovejo, enfurecido. — *Você colocou minha mulher na porra de uma cela de contenção?*

— Ela está bem. Na verdade, agora mesmo, ela está dormindo. Ok? Vá com calma, irmão. Vá com calma.

— Não me venha com essa merda de 'irmão', seu traidor. O que diabos você estava pensando ao pegá-la? Estou ficando louco!

— Eu sei, e sinto muito. Mas essa era a única maneira de examiná-la. Não poderíamos falar sobre isso com antecedência. Você conhece as regras.

Examina-la? Oh, Jesus fodido Cristo. — Eu disse que potencialmente queria fazer dela um trunfo! *Potencialmente!* Nunca te dei luz verde!

Ele encolhe os ombros, parecendo envergonhado. — Eu disse que tinha que reportar isso. Isso é o que o alto escalão queria. E agora sabemos.

Chupando respirações pesadas em meus pulmões, enrolo minhas mãos em punhos e tento conter os impulsos homicidas que me fazem querer esfaqueá-lo repetidamente até que ele esteja tão irreconhecível quanto meio quilo de carne de hambúrguer. — O que você sabe? O que você está falando?

— Ele está falando sobre sua namoradinha! — Grita Thomas, ainda ajoelhado no chão. — Ela é tão louca quanto você!

Aponto para ele, sangue pulsando em minha visão. — Diga isso de novo. Vá em frente. Chame-a de louca mais uma vez.

— O que ele quis dizer, — diz Grayson suavemente, colocando a mão no meu braço estendido, — é que ela passou com louvor.

Abaixo meu braço. Quando apenas fico olhando para ele, ele balança a cabeça. — Ela se recusou a admitir que conhecia você, mesmo quando mostramos as fotos.

— *As fotos?*

— Não se irrite. Você sabe como isso funciona. Você gostaria que eu lhe contasse mais ou prefere continuar a rotina do gorila furioso?

— Você pode me dizer no caminho para onde a está segurando. E então, Deus me ajude.

— Eu sei, — diz ele secamente. — Se ela tiver pelo menos um hematoma minúsculo, você vai me matar. Entendido.

Ele se dirige para a porta, sabendo que vou segui-lo. Ao sair da sala, noto que um dos homens que apontou uma arma para mim tem



dois olhos pretos e uma tira branca de esparadrapo na ponte inchada do nariz.

*Oh baby. Meu pequeno leão feroz. Espere um pouco mais, aí vou eu.*

Caminhamos por um labirinto de passagens, nossos passos ecoando no chão. Fuzileiros navais em uniformes acenam para nós quando passamos. Há uma descida de elevador, então saímos para uma pequena sala com vista para o porão de carga do navio.

É um espaço vasto. Três andares de paredes reforçadas com aço do comprimento de um campo de futebol. Contêineres de metal preenchem a parte principal do piso, pintados na parte superior e nas laterais com uma letra e um número em branco.

— Ela está no C-9, — diz Grayson, apontando para um contêiner de metal vermelho sem janelas.

— Vou te matar por isso.

— Cara, você sabe que não dou as ordens. Você começa a falar sobre tornar alguém um ativo, as rodas começam a girar.

— Por que você esperou quase quatro malditos dias para me dizer onde a estava mantendo?

— Procedimento operacional padrão. A maioria das pessoas desiste durante a entrevista de admissão. Os que passam por isso têm que ficar isolados sem comida ou água por setenta e duas horas para ver se isso os quebra. O que quase sempre acontece.

— *Sem comida ou água?*

Ele se vira para mim com um meio sorriso. — Você está se concentrando na merda errada, aqui, Dec. Ela é legítima. Porra de núcleo duro. Ela nem mesmo oscilou.

— Eu poderia ter te dito isso, seu maldito idiota.

Ele ri. — Ela quebrou o nariz de Cliff ao entrar. Também derrubou Aquinas com um chute na rótula durante a entrevista. O vice-diretor está impressionado.

Ele pega o receptor de um telefone pendurado na parede e pressiona um número. — Liberação no C-9. A papelada foi processada. — Ele escuta por um momento, então diz: — Entendido — e desliga.

Ele se vira para mim. — Vai demorar um pouco. Eles vão limpá-la, interrogá-la e dar-lhe algo para comer. Depois disso, ela é toda sua.

Olho para o cemitério de contêineres com a sensação de que centenas de quilos de sacos de areia estão em meu peito. — Ela nunca vai me perdoar por isso.

— Sim, ela vai.

Ele parece confiante. Lanço para ele um olhar questionador. Ele sorri.

— Nenhuma mulher apoia um homem como ela fez você a menos que seja amor verdadeiro, irmão. Apenas dê a ela um pouco de espaço quando você chegar em casa. Ela vai superar isso.

Murmuro: — Chega da merda de 'irmão', — mas o que estou realmente pensando são as duas palavras que ele disse antes dessa.

Uma coisa é certa. Se ela não me ama, vou descobrir rápido.

No minuto em que ela enterrar uma faca em meu peito.

## SLOANE

Estou dormindo quando a porta da minha jaula se abre.

— Senhorita Keller. Siga-me, por favor.

Uma mulher está parada na porta. Não consigo ver o rosto dela. Ela é apenas uma figura escura iluminada por trás por uma luz tão brilhante que me faz estremecer.

Sentando no colchão fino no chão de aço frio que passa por minha cama, levanto a mão para proteger meus olhos contra o brilho. — Seguir você para onde?

Minha voz é áspera. Seca e rachada, como meus lábios e garganta. Esses desgraçados não me deram água.

— Você está recebendo alta. — Ela se afasta, deixando a porta aberta.

Alta? Talvez seja um termo do governo para execução.

Debato comigo mesma por um minuto sobre se devo ou não voltar a dormir. Se eles vão me matar, eles deveriam ter que vir aqui para fazer isso. Por que devo tornar isso mais fácil para eles?

Mas ninguém entra correndo com uma arma. Nenhum médico malvado com uma seringa cheia de veneno entra sorrateiramente. Então, a curiosidade eventualmente vence. Fico de pé, estendendo minhas mãos para manter o equilíbrio quando a sala começa a girar.

Faz muito tempo que não fico sem comida desde o acampamento dos gordos. Estou fraca e tonta. Meu estômago está roendo a si mesmo. Tenho uma nova empatia por supermodelos, que provavelmente se sentem assim o tempo todo.

Saio arrastando os pés do contêiner, passo pelo grande balde de plástico que estou usando como banheiro porque, do contrário, tenho que fazer xixi no chão. Tirando o colchão, o balde e o olho roxo de uma câmera no teto, o espaço está vazio. Não há espelhos, luzes, televisão, móveis, chuveiro ou pia. Eles nem me deram um travesseiro.

Conheci caras em dormitórios de faculdade que viviam assim, mas gosto de coisas um pouco mais luxuosas.

A soldado que me disse que estou recebendo alta espera pacientemente por mim a alguns metros de distância, parada na abertura estreita entre duas fileiras altas de contêineres idênticos. Ela está vestida com uniformes e botas de combate. Seu cabelo castanho está preso em um coque arrumado na nuca. Ela está segurando uma prancheta.

— Você é o comitê de boas-vindas? Porque, rapaz, tenho algumas reclamações para apresentar a você. Este lugar é um lixo.

— Comparado com a minha última missão, é um palácio.

Zombo. — Mesmo? Onde você estava, Guantánamo?

— Sim. Siga-me, por favor. — Ela se vira e vai embora.

Algumas pessoas não tem senso de humor.

Sigo-a passando por dezenas de contêineres idênticos ao que fui jogada. A maioria está estranhamente silenciosa, mas de dentro de talvez cinco ou seis vem o som de música. Embora as paredes do ambiente sejam feitas de aço espesso, a música não é abafada. É tão alto que bate.

É a música tema comercial do Meow Mix, um refrão entorpecente de *meow-miau-MEOW-miau* interpretado por um gato cantando ao som de uma partitura de piano ragtime.

Estou feliz que eles não me sujeitaram a isso. Eu definitivamente teria quebrado.

A mulher para em frente a uma porta de metal. Ela digita um código impossivelmente longo em um teclado na parede, e a porta é destrancada. Ela abre, dá um passo para trás e faz um gesto para que eu entre.

— É aqui que você guarda os chuveiros a gás e os fornos?

Sem nenhum traço de emoção, ela diz: — Isto é os Estados Unidos. Não há chuveiros de gás. Matamos pessoas de maneira civilizada.

Quando arqueio minhas sobrancelhas, ela diz: — Ao alimentá-las com xarope de milho rico em frutose e fast food.

Acho que estou começando a gostar dessa senhora.

— Amém, irmã. — Passo por ela em uma passagem longa e estreita ladeada por portas fechadas em ambos os lados.

— Iremos para o número seis. É aqui embaixo, à direita.

Ela passa por mim, caminhando rapidamente para a porta número seis. Sem esperar por mim, ela abre a porta e desaparece dentro.

*Ok. Estou no jogo* Entro na sala e sou atingida pelo cheiro de bacon de dar água na boca.

Eu sabia. Agora começa a verdadeira tortura.

Mas posso estar errada. Esta sala é muito diferente da que deixei. Tem cadeiras de aparência confortável e um sofá de um lado, e uma longa mesa coberta com lençóis do outro. É um mini buffet, com travessas de comidas frias e quentes.

Há também um posto de primeiros socorros com uma máquina de pressão arterial, um gabinete de vidro cheio de suprimentos médicos e – ameaçadoramente – um desfibrilador, um daqueles aparelhos elétricos que dão choques de eletricidade para reiniciar um coração parado.

A soldado indica uma cadeira em frente ao posto de primeiros socorros onde ela quer que eu sente. Agradeço-a, lutando contra meu instinto de pular para pegar o bacon. Ela mede minha pressão arterial, depois minha temperatura, depois abre uma pequena geladeira e me entrega uma garrafa de água fria.

Estou fraca demais para puxar a tampa de plástico, então ela faz isso por mim.

— Pequenos goles, ou você vai vomitar porque está desidratada. Seus eletrólitos já estão desequilibrados o suficiente. Não quero você desmaiando em mim.

Então agora ela é a Madre Teresa.

— Quando vou receber meu pirulito?

Uma sugestão de sorriso surge em seus lábios. Com a voz baixa, ela diz: — Achei que você se sairia bem. Os caras apostaram em Gray para fazer você quebrar em menos de dois minutos, mas você me pareceu alguém que cava em seus calcanhares.

— Mesmo? Como você poderia saber?

— Eu os vi trazendo você a bordo. Que show de merda. Você conseguiu fazer com que oito fuzileiros navais treinados parecessem palhaços de circo.

Digo secamente: — Aparentemente, faço meu melhor lutando quando estou sob a influência de drogas que alteram a mente. Não me lembro de nada sobre como chegar aqui. O que não é exatamente reconfortante, considerando que tive um sangramento cerebral recentemente.

— Não sei sobre o seu cérebro, mas não há nada de errado com suas habilidades motoras finas, com certeza.

Ela parece estar orgulhosa de mim.



Estou curiosa sobre ela até que ela diz: — Vamos pegar um pouco de comida para você, — e ela está instantaneamente morta para mim. Só consigo pensar em encher minha cara.

Ela faz um prato para mim, coloca-o na mesinha de centro perto do sofá e sai da sala. Cambaleio até a comida e caio sobre ela como um animal de fazenda no cocho.

Quando termino, desabo no sofá e fecho os olhos. Fico ali ouvindo meu estômago descontente roncar e gemer enquanto tenta digerir a primeira comida que come em dias, e me pergunto o que está acontecendo. Pergunto-me por que fui solta da gaiola.

Imagino o que eles realmente farão comigo.

Porque sei que não será tão simples quanto me deixar ir embora impune. Tudo o que envolve o governo vem com um problema e quilômetros de burocracia.

— Declan O'Donnell é um dos nossos melhores agentes de espionagem.

Abro os olhos para ver um homem de meia-idade com cabelo preto lustrado em um terno listrado azul marinho sentado à minha frente em uma das cadeiras. Não o ouvi entrar. Adormeci? Ou ele simplesmente apareceu do nada, como o Drácula?

E o que diabos ele acabou de dizer sobre Declan?

Confusa, repito, — Espionagem?

— É outra palavra para espião.

— Não me diga. Já não gosto de você.

— Eu estava tentando ser conciso, não condescendente.

— Você falhou.

Ele franze os lábios e franze a testa para mim. — Talvez você queira se sentar para que possamos conversar mais confortavelmente.

*Conversar. Aí está o problema.* — Estou perfeitamente confortável onde estou, obrigada.

Ele cruza as pernas, puxando um pedaço de fiapo inexistente em seu paletó.

Estou irritando-o. Bom.

Como se eu não o tivesse interrompido, ele continua desde o início.

— Declan tem sido um ativo inestimável para nós por mais de vinte anos. Um dos nossos serviços mais antigos. Conheço-o como um homem de integridade impecável, lealdade infalível e, — ele ri, — embora seus métodos sejam às vezes rudes, habilidades excepcionais.

*Declan é um espião? É isso que ele está dizendo? Isso não pode estar certo. Meu cérebro não está funcionando.*

*Apenas vá em frente. Ele está esperando que você diga algo.*

— O que significa que este Declan mata bem as pessoas.

— De fato. Ele é o Leonardo da Vinci dos assassinos. Totalmente eficiente, totalmente implacável. Tão evoluído para matar sem

remorso como um crocodilo. — Por trás dos óculos de aro metálico e do comportamento praticado de um publicitário amigável, seu olhar é o de um abutre. Então, imagine minha surpresa quando descobri sobre você.

— Eu já disse a vocês. Não conheço um Declan. No entanto, obrigada pela comida. Vou voltar para a minha jaula agora?

Ele acena com a mão como se eu estivesse sendo ridícula. — Você passou no teste. Não há necessidade de continuar a farsa.

Sentar é uma luta, mas eventualmente chego lá. — *Teste?*

— Você achou que deixaríamos um de nossos agentes mais valiosos se envolver romanticamente sem um processo de verificação?

— Esta é uma pergunta retórica? Porque tenho alguns sentimentos para compartilhar com você, se for o caso.

— A resposta é não. Não iríamos. Não corremos esse tipo de risco. Então você foi trazida aqui para avaliação.

Não digo nada. Ainda estou tonta e com náuseas e posso cheirar a xixi. É difícil me concentrar no que esse cara de terno está dizendo, ou no que ele quer de mim, porque um coro incrédulo de *Declan é um espião?* Está passando pela minha cabeça como uma música repetida.

Olhando para mim com uma expressão estranha, o cara de terno diz: — Não esperava que você tivesse um desempenho tão bom.

Percebo que sua expressão estranha é de admiração e tenho um mau pressentimento sobre onde ele quer chegar com isso. — Hum... Obrigada?

— Gostaríamos que você trabalhasse para nós.

Tenho que parar um momento para deixar essa declaração ridícula afundar em meu crânio latejante. — Já tenho um emprego, mas agradeço a oferta.

Ele ri. — Não como uma instrutora de yoga. Na coleta de informações.

— Em outras palavras, espionagem.

— Correto.

Para ganhar algum tempo para meu cérebro se recuperar daquele choque mais recente, digo: — Quem somos nós?

— O governo dos Estados Unidos.

— Você quer dizer a CIA?

— O ramo específico é imaterial.

— Gostaria de saber para quem trabalharia.

— Você se reportaria a um manipulador que lhe daria suas atribuições. Isso é tudo que você precisa saber neste momento.

— Eu ainda teria que pagar impostos?

— Sim.

— Então, qual é a vantagem?

— Você estaria servindo ao seu país.

— Considero-me uma cidadã do multiverso.

— Não estou brincando, Srta. Keller.

— Nem eu. Eu seria um mau investimento. Quando os alienígenas pousarem, serei a primeira a me oferecer como voluntária para acompanhá-los até Marte.

Ele faz uma pausa para reunir sua paciência desgastada. — Não estou sendo claro. Esta não é uma oferta. É uma ordem.

Sorrio condescendentemente para ele. — Que pena que você não é o meu chefe.

Sua expressão fica amarga. — Se você recusar, receberá uma injeção de cloreto de potássio que irá induzir a parada cardíaca em sete minutos. Será fatal. Também serão sete minutos excruciantes. Em seguida, envolveremos seu corpo em uma mortalha biodegradável aprimorada com atrativos de tubarão e jogaremos você no mar. Nenhuma parte sua jamais será encontrada.

— Uau. E eu aqui pensando que estávamos nos dando muito bem.

— Você é excepcionalmente teimosa. Gosto disso. Também gosto do seu espírito. Em 25 anos neste trabalho, milhares de combatentes inimigos passaram pelas várias instalações que supervisiono. Noventa e um por cento deles nos fornecem as informações que procuramos um dia após a chegada. Outros quatro por cento sobrevivem dois dias antes de desistir. Você pode ver por que estou impressionado.

— E os outros cinco por cento?

Ele sorri.

— Dormindo com os peixes, hein?

— Uma expressão tão estranha para descrever algo tão indizivelmente violento. Antes de tomar sua decisão, há duas coisas que gostaria que você tivesse em mente. Em primeiro lugar, a recusa é igual a morte certa.

— Você já mencionou isso.

— Pensei que era importante o suficiente para reafirmar. Em segundo lugar, você não é a única a que isso se aplica.

Ele deixa isso pendurado por um momento, apenas para ter certeza de que entendi o que ele está ameaçando.

— Você disse que Declan era um de seus melhores agentes.

— E agora ele é um dos nossos melhores agentes com uma fraqueza. Você.

Posso dizer que ele está falando sério. Se eu não cooperar, tanto Declan quanto eu morreremos.

Burocratas do caralho.

— Oh, um outro item. Você vai acabar com as coisas entre vocês dois.

Meu pulso fica descontrolado. Minhas mãos ficam úmidas. Meu estômago aperta em um pequeno nó horrível. Ficamos nos encarando pelo que pareceu um longo tempo em silêncio total, interrompido

apenas pelo ronco ocasional do meu estômago.

Finalmente, eu digo: — O inferno que vou.

— Não posso distrair um dos meus melhores agentes. Seu relacionamento é um risco.

Minha voz se eleva. — Não vou acabar com isso.

— Você vai, e vai inventar algo que não o fará suspeitar que tivemos essa conversa. Talvez você tenha pensado muito enquanto estava presa e percebeu que ele não era o homem certo para você.

O pânico se apodera de mim. Estou com calor e frio, congelada no lugar, mas tremendo violentamente. Minha voz também treme quando digo: — Ele não vai acreditar. Ele é muito inteligente para eu fazer isso de forma convincente.

— Tenho a maior confiança em sua capacidade de ser convincente. Afinal, a vida de Declan está em jogo. — Ele sorri. — E parece que você está bastante apaixonada por ele, considerando que você prefere morrer de fome sozinha em um contêiner de transporte do que admitir que já o conheceu. Admiro muito esse tipo de lealdade. Sei que você fará bem para nós.

Ele se eleva. Seus passos são sussurrantes contra o chão. Na porta, ele faz uma pausa. Sinto-o olhando para mim, mas não consigo desviar o olhar do prato vazio de comida na mesa de café. Não consigo me concentrar. Mal consigo respirar.

*Declan é um espião. Serei uma espiã. E tenho que acabar com isso entre nós.*

*De forma convincente.*

*Ou ele morre.*

*Talvez eu ainda esteja no hospital com aquele coágulo cerebral, alucinando tudo.*

— Vou te dar algum tempo para resolver isso. Mas não demore muito. Melhor arrancar o Band-Aid rapidamente. Entrarei em contato assim que terminar. E lembre-se, nunca nos falamos. Não tente ser criativa e contar a ele sobre essa conversa de uma forma boba, como escrever um bilhete para ele. Saberei se você fizer.

Sentindo-me mal, digo: — Como você saberia?

— Da mesma forma que sei o nome do menino que te empurrou escada abaixo na escola quando você tinha quatorze anos e te fez abortar. É meu trabalho. Bem-vinda a bordo, Srta. Keller.

A porta se abre e fecha.

Ele se foi antes que pudesse me ver vomitar no chão.



## DECLAN

Espero por ela em outra sala no final do corredor da primeira. Em quase duas horas de caminhada, consigo me convencer de que a deixarei ir quando ela me pedir.

Porque ela *vai* me pedir. Isso é um dado adquirido. Não há nenhuma maneira no inferno de ela confiar em mim novamente, não depois disso.

Não posso me permitir pensar no que ela pode ter passado nos últimos dias. Privada de comida e água, jogada em uma cela fria, escura e sem janelas, ameaçada com sabe-se lá o quê... Não consigo pensar em como ela deve ter sofrido.

Como ela deve me odiar.

Só tenho que me concentrar em tirá-la deste navio sangrento e com segurança em terra seca.

Uma porta finalmente se abre. Viro-me e a vejo parada na porta aberta. Nossos olhos se encontram. Meu coração para no meu peito.

Ela está descalça. Vestida com jeans e um suéter vermelho,

amassado e manchado. Seu cabelo está uma bagunça de emaranhados. Seu rosto está pálido e tenso.

Seu olhar está assombrado. Parece que ela chorou recentemente.

Meu coração começa a bater novamente, bater dolorosamente forte. Cruzo a sala em algumas passadas largas e a balanço em meus braços. Sem dizer uma palavra, ela enterra o rosto no meu pescoço, estremecendo.

Pegamos um elevador até a cabine de comando. Nenhum de nós fala. Caminho por um pequeno corredor, então estamos no ar frio do oceano.

Atravesso o convés de voo para onde o jato espera. Ajudo-a a entrar, coloco o cinto de segurança em volta dela e coloco os fones de ouvido em suas orelhas.

Ela fecha os olhos e vira o rosto em direção ao sol.

O voo de volta para casa parece interminável. Quilômetro após Quilômetro de oceano se estende abaixo de nós antes que a costa finalmente apareça. Pouso no heliporto e mal tenho tempo para desligar tudo antes de tê-la em meus braços novamente.

Passo por Kieran e Spider de aparência em estado de choque no meu caminho para a casa.

Kieran diz em gaélico: — Como está a lass?

— Viva, — respondo secamente.

Deixo-os para trás, imaginando. Eles não vão pedir mais e não

vou oferecer nenhuma outra informação. Eles acham que foi um de nossos inimigos que se levantou do mar para pegá-la. Eles acham que fiz um acordo para recuperá-la.

Eles nunca podem descobrir o contrário.

Oh, que teias emaranhadas tecemos.

No quarto principal, coloco Sloane na cama. Ela fica deitada olhando para mim com aqueles olhos assombrados.

*Por que ela não está falando? Por que ela não fala nada? Como diabos deixei chegar a esse ponto?*

Sento-me na beira da cama ao lado dela e cuidadosamente pego sua mão fria. — Você está machucada?

Ela fica em silêncio por tanto tempo que me assusta.

— Eles tentaram me fazer falar sobre você.

Nunca a ouvi soar assim. Fraca. Oca. Derrotada. — Eu sei, — digo, tirando uma mecha de cabelo de sua testa. — Sinto muito. Há muito que preciso explicar.

No entanto, não tenho ideia de por onde começar. Talvez ajudasse se eu soubesse o que disseram a ela no interrogatório. Ou talvez eu deva parar de me preocupar comigo para variar.

— Você quer falar sobre isso agora? Você precisa de comida? Devo deixar você descansar?

— Não estou com fome. Mas estou cansada. E acho que seria

melhor se não falássemos sobre isso.

Digo com veemência: — Se eles te machucaram, vou matar cada um deles.

Ela fecha os olhos e inala lentamente. Então ela vira a cabeça para a janela e puxa delicadamente sua mão da minha.

É como um chute no peito.

— Sloane. Baby. Por favor, fale comigo.

Ela umedece os lábios rachados. Parecendo ter mil anos, ela diz: — Não posso agora. Estou... Não sei o que estou. Principalmente cansada. Realmente preciso dormir.

Todo o ar em meus pulmões sai com pressa. — Puta merda. Sinto muito. Eu não tinha ideia de que eles fariam isso. Eu...

— Pare.

Aperto minha mandíbula e sento rigidamente, esperando. É uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Depois de uma pausa tensa, ela abre os olhos e olha para o teto. Ela diz sem rodeios: — Tive algum tempo de qualidade para pensar nos últimos dias.

O tom de sua voz faz meu estômago revirar.

Ela está terminando.

— Sloane...

— Só me deixe falar.

— Posso explicar tudo...

— Não há nada para explicar. Se ficarmos juntos, sempre serei alvo de coisas como essa. Primeiro, foi o MS-13. Agora, é o governo. Alguém sempre estará tentando chegar até mim por sua causa.

— Espere. Apenas me diga o que eles disseram a você.

Sua voz se eleva. — Eles ameaçaram meu pai e meus irmãos. E Nat, Declan. Eles ameaçaram Nat. Não posso arriscar a segurança deles. E não vou passar por algo assim novamente.

Ela para para respirar. — Então, vou aceitar a promessa que você fez de que me deixaria sair se eu pedisse.

O chão abre debaixo de mim. Meu corpo inteiro fica frio. Quando falo, minha voz está áspera de dor. — Bem desse jeito?

— É como aquela citação de Sun Tzu que você me disse quando me encontrou assistindo TV depois de passar três dias fora. 'O guerreiro sábio evita a batalha.' Vou ficar de fora dessa batalha inteira.

Ela vira a cabeça e me olha bem nos olhos. Olha para mim com uma intensidade penetrante.

Meu coração pula uma batida. O frio em meu corpo derrete e depois começa a ferver.

Essa não foi a citação que eu disse a ela. Sei isso. Ela também

sabe disso.

Ela está tentando me dizer algo.

Mas preciso de mais informações para entender o que é. Preciso fazer mais perguntas a ela.

— Onde você irá?

— Para ver Nat primeiro. Depois disso, vou voltar para casa em Tahoe. — Uma centelha de risada brilha em seus olhos, mas seu rosto permanece impassível. — É hora de eu me estabelecer com um namorado de verdade, não um de vocês, tipos da máfia. Alguém um pouco mais chato.

Namorado? Entediante? Ela odeia essas duas palavras. O que diabos está acontecendo?

Ela vê minha confusão. Movendo-se casualmente, ela envolve o pulso direito com o polegar e o indicador da mão esquerda. Os outros três dedos ela espalha como um leque.

Reconheço o sinal instantaneamente. É um sinal táctico que os militares usam para se comunicarem silenciosamente entre si.

Ela está fazendo o sinal para o inimigo.

Quando meu olhar pisca para encontrar o dela, ela puxa o lóbulo da orelha esquerda.

Coloco tudo junto: um inimigo está ouvindo.

Então me lembro de Grayson me dizendo que o vice-diretor

ficou impressionado com ela, e tudo se encaixa.

Esse maldito boceta tentou fazer minha mulher se virar contra mim.

Mas ele não conhece meu leão como eu. Ele não sabe o quanto ela odeia que lhe digam o que fazer. Como ela é forte ou destemida. Como é impossível fazê-la se curvar à sua vontade.

Ela apenas se inclina por vontade própria. Mesmo assim, ela ainda está segurando uma espada.

A adrenalina inunda minhas veias. Minha garota inteligente. Quero rir alto, mas esse desejo é cancelado pela raiva que sinto quando penso no que vou fazer com aquele filho da puta.

Apenas preciso ter cuidado. Devo presumir que ele tem ouvidos em todos os lugares. Talvez olhos também. Kieran fez uma varredura completa de segurança antes de nos mudarmos, mas não sei se ele as tem feito todos os dias, como deveria. Nos últimos dias, não estive exatamente no topo do meu jogo.

A única coisa em que consegui pensar foi em Sloane.

Jogando junto, digo solenemente: — Se é isso que você realmente quer.

Quando ela exala uma respiração lenta e aliviada, sei que ela pode dizer que a entendi. Ela diz: — É.

— Tudo bem. Vou fazer os arranjos.

Levanto, me inclino e beijo sua bochecha, então sussurro

roucamente em seu ouvido: — Eu te adoro.

Saio da sala sem olhar para trás. Entro em meu escritório, tranco a porta e retiro um pequeno detector de radiofrequência de uma gaveta de baixo de minha mesa. Levo meu tempo varrendo a sala em busca de insetos. Quando estou satisfeito com o espaço livre, pego meu celular do bolso e disco um número que memorizei.

Quando a linha é atendida, digo: — Olá, Kazimir. Aqui é Declan. Tenho uma proposta para você.



## SLOANE

Quase passa um dia antes de eu ver Declan novamente.

Enquanto isso, durmo. Tomo banho. Visto-me. Como a comida que Kieran oferece. Não falamos um com o outro, simplesmente abro a porta para sua batida e vejo enquanto ele coloca a bandeja na mesa de centro. Ele sai sem encontrar meus olhos.

Não tenho ideia do que está acontecendo, exceto que Declan está cuidando de tudo o que precisa ser cuidado. Sei que a mensagem que estava tentando transmitir foi recebida em alto e bom som.

Se não fosse, ele nunca teria concordado em me deixar ir tão rapidamente. Teria havido uma luta longa e barulhenta.

Porque ele é tão teimoso quanto eu, o lindo bastardo.

Na manhã do segundo dia, ele aparece na porta do quarto após uma leve batida. Vestido com seu costureiro terno Armani preto, ele parece sombrio e tão bonito que chega a doer.

— O voo para Nova York sai em noventa minutos. Precisamos sair daqui dentro de quinze.

— Estou pronta. Fiz uma mala. Espero que esteja tudo bem eu levar algumas das roupas que você comprou para mim. Deixei todas as joias.

Seus olhos brilham. Eles piscam novamente quando coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha e a pulseira de diamantes que ele me deu brilha no meu pulso. Sorrio e puxo a manga do meu suéter para baixo para escondê-la.

— Está tudo bem, — ele diz, sua voz tranquila. — Devemos ir?

— Vamos.

Não sei para quem estamos jogando esta pantomima educada, ou se o homem de cabelo preto me dizendo que saberia se eu contasse a Declan sobre nossa conversa era apenas uma ameaça vazia. Mas todo jogo tem suas regras. Tenho certeza de que o jogo de espionagem tem muitos que envolvem vigilância secreta. Melhor representar o papel de um T do que ser pego despreparado.

Pegamos o helicóptero até o terminal privado do aeroporto. O jato de Declan espera na pista, os motores já funcionando. Ele me leva de um para o outro com eficiência sem emoção, como se estivesse entregando um pacote para a UPS.

Na parte inferior da escada aérea de seu jato, ele me beija formalmente nas duas bochechas.

— Adeus, Sloane.

Ele se vira e vai embora sem olhar.

Fingindo que seu comportamento frio não dói, mesmo que seja

um estratagema, subo as escadas e me sento em uma das grandes cadeiras do capitão na frente perto da cozinha. Na mesa entre as cadeiras está um livro.

*O Profeta*, de Kahlil Gibran. Uma das páginas está cheia de orelhas. Quando volto para ele, uma única passagem é destacada.

— O amor não conhece sua própria profundidade até a hora da separação.

Minha garganta aperta, sussurro, — Eu também, gângster. Eu também.

A porta da cabine se fecha. O avião decola. Afivelo meu cinto abdominal, fecho meus olhos e faço a técnica da respiração em quadrados até perceber que essa merda estúpida nunca funciona.

Então assalto o armário de bebidas na cozinha e fico bêbada com uma garrafa de champanhe de quinhentos dólares, porque já sinto falta dele.

# 40

## NAT

Kage se recusou a me deixar ir ao LaGuardia para pegar Sloane. Ele também não iria. Ele disse que era muito perigoso. Disse que tudo estava muito volátil agora, e até que tudo se acalmasse, eu não sairia de sua vista.

Lutei, é claro. Ela é minha melhor amiga, eu disse. Ela precisa de mim.

Ele disse que a única coisa que Sloane precisa é um recipiente grande o suficiente para guardar todos os corações partidos que ela coleta.

Então percebi que poderia ser uma armadilha. Declan já matou todos os outros chefes da máfia nos Estados Unidos nas últimas semanas. Puxar Kage para fora seria a maneira perfeita de obter o último de pé.

Só concordei em não ir por causa disso. Porque a ideia de perder Kage é tão aterrorizante para mim quanto a ideia de perder Sloane.

Ele finalmente teve que deletar o vídeo de segurança de seu sequestro na garagem. Assisti isso tantas vezes que quase gastei meus

dutos lacrimais.

No momento em que o motorista de Kage liga para dizer que está saindo do aeroporto com Sloane, estou tendo um ataque de pânico.

— Ele disse quanto tempo seria? — Exijo, torcendo minhas mãos enquanto ando para frente e para trás na frente da grande cadeira executiva no escritório.

— Pega leve, baby, — ele diz baixinho, me olhando com aqueles olhos escuros afiados que nunca perdem nada. — Venha sentar no meu colo.

— Não posso me sentar. Estou enlouquecendo. E se ela estiver machucada?

— Ela não está ferida.

— Mas como você *sabe*?

— Porque ela é indestrutível, como amendoim de isopor.

— Ou seu ego.

Seus olhos esquentam. — Isso é atrevimento que ouço?

— Não aja como se você não amasse.

Com uma voz gutural, ele diz: — Venha aqui e deixe-me mostrar quanto.

Suspirando, me viro e ando na outra direção. — Mais tarde. Desculpe. Estou muito distraída. Este é o tempo mais longo que

fico sem falar com ela desde os cinco anos de idade, e sinto como se estivesse faltando um membro. Ela parecia bem quando falamos ao telefone – como sempre – mas isso parece um milhão de anos atrás. E se fosse uma atuação? E se ele a estivesse *forçando* a parecer feliz? E se...

Kage estende a mão, me puxa para baixo em seu colo e envolve minha mandíbula com a mão. Olhando nos meus olhos, ele diz: — Ela está bem, baby.

Ele me beija profundamente. Relaxo instantaneamente, derretendo contra seu grande corpo duro, amando a sensação de sua boca.

— Melhor? — Ele sussurra quando nos separamos para respirar.

Escondendo meu rosto em seu pescoço. — Melhor. Se ele a machucou, você poderia, por favor, matá-lo?

Ele exala. — Posso ver que não haverá paz por aqui se eu não o fizer.

Em sua mesa, seu celular toca. Meu coração começa a bater forte. Pulo de seu colo e olho para o telefone com minhas mãos em cada lado do meu rosto, mordendo meu lábio.

Balançando a cabeça, Kage gira a cadeira e estende a mão para ele. Ele responde sem dizer nada, o que é uma coisa estranha que ele faz, então escuta por um momento. Então ele desliga e olha para mim.

— Ela está subindo.

Faço um pequeno barulho de alegria e terror e saio correndo da

sala para o patamar do elevador.

A porta da frente é uma fileira de elevadores. Estamos no último andar de um prédio alto.

De sua posição esparramado no chão da sala, Mojo levanta a cabeça e olha para mim. Ele late em solidariedade, então prontamente volta a dormir.

Prendo a respiração enquanto o elevador desacelera até parar. As portas se abrem e lá está ela.

Parece que ela está voltando de um retiro de yoga no inferno.

Não é a roupa dela, que é um lindo suéter de cashmere creme, jeans skinny de grife e salto alto, ou seu rosto, que está tão bonito como sempre. Embora talvez mais fino.

São os olhos dela.

Seus olhos verdes normalmente claros – seus olhos verdes claros normalmente secos – estão jorrando com algum tipo de estranha substância aquosa que, se eu não a conhecesse melhor, pensaria que são lágrimas.

Meu coração dá um salto. Digo hesitantemente, — Sloane?

Seu rosto se contorce. Ela larga a bolsa que está carregando. Ela soluça e diz em voz alta: — Como você está, porra? — E joga seus braços em volta de mim.

Sinto cheiro de álcool e estou inundada de alívio.

Ela está apenas bêbada, não chorando. Chorar significaria o fim do mundo.

Deixo escapar, — Estou bem, eu estava tão preocupada, não posso acreditar que aquele bastardo levou você, Kage vai matá-lo se ele te machucar, oh meu Deus, senti tanto sua falta, *você está bem?*

— Excelente. Estou *ótima*, querida, simplesmente *maravilhosa*. — Ela ri. Parece loucura.

Afasto-me e a seguro com o braço estendido. Inspecionando sua expressão, digo: — Você está me dando arrepios.

— Garota, — ela soluça, — o mesmo.

Frenética de novo, olho para ela de cima a baixo. — Sloane, fale comigo! Você está machucada?

Ela acena com a cabeça vigorosamente. — Parece que toda a minha pele foi arrancada e fui jogada em água fervente, e há um fio elétrico lá também, então estou sendo eletrocutada *enquanto* estou sendo fervida viva. Não. Não, não, não é isso. Parece que estou sendo sufocada e assada sobre brasas e empurrada para fora de um prédio muito alto, tudo ao mesmo tempo. É horrível. É o pior! Como diabos você lida com isso?

Agora estou totalmente confusa. — Lidar com o quê, querida? Do que diabos você está falando?

Atrás de mim, Kage diz: — Parece-me que ela está falando sobre estar apaixonada.

Nós duas olhamos para ele. Então olhamos uma para a



outra. Em seguida, Sloane diz, cansada: — Oh, merda.

Grito: — Cala a boca! *Você está apaixonada pelo seu sequestrador?*

Ela faz uma careta. — Quero dizer... talvez? Como você sabe se é realmente amor?

Kage cruza os braços sobre o peito. — Só é amor se você estiver disposto a morrer por ele.

Seu gemido é fraco, miserável e ainda mais alarmante do que as lágrimas quase-mas-não.

— Ah não. Sloane, você *não* sente *nada* por ele. Isso é algo que às vezes acontece com pessoas sequestradas. Eles desenvolvem simpatia por seus captores. Chama-se Síndrome de Estocolmo e é... Por que você está rindo?

— Longa história. Alguém pode me pegar uma bebida? Acho que gostaria de passar os próximos dias em coma.

Ela passa por mim e entra na sala de estar e se joga de cara no sofá. Olho impotente para Kage, que de alguma forma não parece surpreso com esta mudança nos acontecimentos.

— É melhor cuidar disso, — diz ele com um movimento de queixo em sua direção. — Vou pegar alguns uísques para vocês, meninas. Parece que vocês poderiam usá-los.

Ele me beija na testa e depois se dirige para a cozinha. Corro até Sloane, ajoelho-me ao lado dela no chão ao lado do sofá e acaricio seu cabelo.

Ela vira a cabeça e olha para mim. Ela funga. — Você sabe qual é a pior parte?

— O quê?

— *Gosto dele.* Ele é esperto. E engraçado. Oh meu Deus, aquele senso de humor seco. É exatamente igual ao meu! E ele é tão teimoso quanto eu também. Mais. Você não acreditaria como o homem é teimoso. Ele é praticamente uma mula.

Seu rosto se contorce novamente. Ela choraminga. — Como uma daquelas mulas, nas quais eles levam os turistas até o fundo do Grand Canyon.

Não tenho certeza do que está acontecendo, mas ela não está apaixonada por seu sequestrador. Ela não se apaixona. Simplesmente não é algo que ela faz. E não com *ele*.

Pergunto-me se isso é algum tipo de descompressão que acontece depois de um evento traumático? Não tenho ideia do que dizer, então apenas faço um barulho suave e continuo acariciando seu cabelo.

Ela rola de costas e passa o braço sobre os olhos. — E ele cheira bem. Quando ele não está fumando, claro. E ele é generoso. Deus, você deveria ter visto as joias! Aqui, olhe isso.

Ela estende o braço para mim, exibindo uma grande pulseira de diamante que eu não usaria fora de casa por medo de ser assaltada.

— Ele comprou isso para você?

— Sim. E roupas. Tantas roupas. Lingerie La Perla. Suéteres de

cashmere em todas as cores. Calça jeans de mil e quinhentos dólares, pelo amor de Deus. Quem faz isso por seu cativo? E ele me protegeu do MS-13! Ele salvou minha vida! — Ela geme. — E quando eu estava no hospital-

— Hospital? — Repito, alarmada. Ela me ignora.

—Ele ficou comigo e me contou uma história para dormir, e mesmo que ele dissesse que eu parecia um camelo, ele não quis dizer isso. E quando a enfermeira disse que eu estava grávida...

— *Grávida?*

— Ele chamou Stavros para vir me buscar. Ele não queria, mas queria, porque pensava que Stavros era o papai bebê e era a coisa certa a fazer, mas quando ele descobriu que Stavros não era o papai bebê, ele me sequestrou de *novo!*

Grito: — *Quem é o papai bebê?*

Ela ignora isso e continua sem parar com a ladainha dos atributos positivos de Declan até que ela se esgote – leva um tempo – e fica em silêncio.

Sento-me lá atordoada.

Muita coisa aconteceu desde que ela se foi.

E, muito claramente, ela está fazendo sexo com Declan. Sexo *emocional*.

Do tipo que ela nunca fez.

— Puta merda, —digo baixinho. — Você *está* apaixonada por ele.

Depois de um momento pensativo, ela fica completamente calma. — Sim. Que coisa horrível. Você tem cianeto em casa, por acaso? Se é assim que é o amor, gostaria de me matar imediatamente.

Aceno porque ela está apenas sendo dramática, e drama é seu nome do meio. — Mas, se você está apaixonada por ele... Por que está aqui?

Seu silêncio parece estranhamente tenso. — O que Kage disse a você?

— Só que Declan ligou e disse que estava trazendo você de volta. Eu estava muito ocupada tendo um colapso mental para entrar nos detalhes. Por quê?

Ela se senta abruptamente e olha para mim. — Você sabe que eu te amo, certo?

Pisco — Ok, você está realmente começando a me assustar agora.

Ela pega minhas mãos e as aperta. — Apenas ouça por um segundo. — Ela respira fundo, solta lentamente, fecha os olhos. — Essa coisa... — Ela faz uma pausa para um soluço, então começa de novo. — Essa coisa comigo e Declan é complicada. A vida dele é complicada.

Digo secamente: — Conte-me sobre isso. Amar um criminoso não é exatamente um passeio no parque. A quantidade de tiros a que

você precisa se acostumar é ridícula.

Sloane abre os olhos e me lança o olhar mais estranho. Uma que eu nunca vi antes, como se ela estivesse tentando decidir o que dizer.

Ou o que não dizer.

— Não importa o que aconteça, quero que você saiba que você é minha melhor amiga, e eu te amo. Ninguém e nada jamais se colocará entre nós.

Enrugo minha testa. — Isso é sobre o bebê?

— Não há bebê.

— Você não está grávida?

— Não.

— Estou muito confusa.

— Estou aqui porque Declan precisava cuidar de alguns negócios, e não era seguro eu estar perto dele enquanto ele fazia.

Com uma profunda sensação de surpresa, percebo o que ela está dizendo. — Mas ele pensou que você estaria segura com Kage?

— Sim. Bem, mais ou menos. — Ela estremece. — Como eu disse, é complicado.

— Tente descomplicar para mim.

Ela exala uma respiração lenta, então murmura com pesar: — Não posso.

Agora estou ainda mais confusa. — Ele lhe deu um ultimato? Como se fosse ele ou eu ou algo assim?

— Não. Ele disse que nunca me faria escolher. — Ela olha para as nossas mãos. Sua voz se suaviza. — Mas ele achou que você poderia.

Digo com veemência: — De jeito nenhum.

Quando ela olha para mim, insisto: — De jeito nenhum, Sloane. Não me importo se é o pau de Hitler que você está chupando, você sempre será minha melhor amiga.

Depois de um momento de silêncio, ela abaixa a cabeça para nossas mãos unidas e se desmancha em gargalhadas.

Faço uma careta no topo de sua cabeça. — Fico feliz que uma de nós ache isso engraçado.

Ela levanta a cabeça e sorri para mim. — Se eu não risse, querida, teria que atirar em mim mesma.

Kage retorna da cozinha com dois copos de uísque. Quando ele os entrega para nós, digo: — Querido, o que Declan disse a você quando ligou sobre trazer Sloane de volta?

Ele responde sem hesitação. — Que ele tinha que cuidar de alguns negócios, e não era seguro para ela estar por perto.

Estreito meus olhos para ele. — Por que você não me disse isso antes?

— Você já estava escalando as paredes com preocupação. Não ia

adicionar a isso.

Olho para Sloane, que parece estranhamente culpada, então de volta para Kage. — O que mais ele disse que você não me contou?

Ele cruza os braços sobre o peito enorme e diz em tom de desaprovação: — Que sua melhor amiga é o amor da vida dele.

Minha boca se abre. — Esperar. Vocês são *amigos* agora?

— Não. Mas ele me fez um grande favor, então concordamos em uma trégua por enquanto.

— O quê? — Pulo de pé, deixando cair o copo de uísque. — *Você não está mais em guerra?*

— Não nesse momento. Veremos quanto tempo isso dura. — Com um olhar sombrio na direção de Sloane, ele diz: — Ele é astuto, aquele desgraçado irlandês. Tem muitos truques na manga.

O sorriso que levanta os lábios de Sloane é pequeno e misterioso.

Horrorizada, olho para trás e para frente entre eles. — Vocês estão guardando segredos de mim!

Kage me puxa para seus braços. — Não guardo segredos de você, baby. Você quer que eu diga exatamente o que ele disse, vou repetir palavra por palavra.

— É bom mesmo, —digo com força, enrolando meus braços em volta do pescoço. Mesmo quando estou com raiva dele, ele é irresistível.

Ele me beija suavemente, mas rapidamente se torna apaixonado. Fico na ponta dos pés para chegar mais perto. Ele se abaixa e agarra minha bunda com suas mãos grandes, me puxando contra sua virilha. Um grunhido de prazer ressoa em seu peito.

Sloane diz secamente: — Ainda estou aqui, crianças. Só para vocês saberem.

Afasto-me de Kage, sorrindo, e olho para ela. — Isto me lembra. O que você acha de blush para a cor do seu vestido de dama de honra?

A boca de Sloane cai aberta. Seus olhos se arregalam. — Você vai se *casar*?

Kage franze a testa. — Você não percebeu a pedra? Eu disse que era muito pequena, baby.

— São dez quilates, querido. Mais e eu precisaria de uma pulseira.

Sloane se levanta do sofá, agarra minha mão e olha boquiaberta meu anel de noivado de platina e diamante. Ela diz em voz alta: — Pensei que era a porra de um anel chique!

— É isso, — diz Kage, eriçando-se. — Estou comprando algo maior para você.

Sloane ainda está olhando em choque para minha mão. Ela olha para mim com os olhos arregalados.

— Falando em complicado... meu mais um para o casamento pode representar um pequeno problema para o resto de seus



convidados.

— Não se preocupe. Faremos com que todos verifiquem suas armas na porta.

Os olhos de Sloane brilham. — Eu te amo, irmã.

— Também te amo. Agora vamos nos sentar. Quero que você me diga tudo o que aconteceu desde que você partiu, incluindo que diabos é o problema com esse seu bebê.

Kage diz em voz alta: — Bebê? Que *bebê*?

Sloane e eu olhamos uma para a outra e sorrimos.

## SLOANE

Uma semana se passa. Não tenho notícias de Declan. Tento não me preocupar com ele, mas falho espetacularmente. Enquanto isso, Nat e eu somos como duas garotas de uma irmandade, ficando acordadas até tarde assistindo filmes, bebendo vinho e tendo uma obsessão por garotos.

Exceto que nossos meninos são homens adultos perigosos que fazem coisas ruins para viver.

No oitavo dia, estou assistindo ao noticiário das dez horas na TV no quarto de hóspedes, quando surge uma reportagem sobre a morte repentina do vice-diretor do FBI. Com apenas 48 anos, ele sucumbiu a um ataque cardíaco fatal em sua casa na Virgínia.

Eles o encontraram na cama. A governanta disse que achava que ele estava dormindo até tarde e o deixou sozinho quando ela chegou para fazer a limpeza pela manhã.

A imagem na tela é do homem de cabelos pretos que me ofereceu o emprego de espião.

Sento-me ereta na cama, derramando meu vinho no edredom.

Sei que é obra de Declan. Simplesmente não sei como.

Dez minutos depois, Kage bate na porta do meu quarto. — Você acordou?

Usando uma das camisolas de Natalie, abro a porta e fico olhando para ele.

— Seu homem ligou. Ele quer que você esteja pronta para partir em trinta. Eu disse a ele para fazer pela manhã, mas ele disse que não podia esperar tanto tempo.

Meu coração bate tão forte que preciso pressionar a mão sobre o peito. — Estarei pronta. Ele está vindo aqui?

— Inacreditavelmente, sim.

— Por que isso é inacreditável?

Ele simplesmente olha para mim.

— Oh. Você poderia matá-lo.

— Sim.

— Mas você não vai.

— Não, não vou.

Olhamos um para o outro por um momento, até eu dizer: — Obrigada.

Ele bufa uma respiração agravada. — Você tem alguma ideia do que aconteceria comigo se eu o machucasse agora?

— Sim. Nat removeria cirurgicamente suas bolas.

— Correto. — Ele faz uma pausa. Seus olhos escuros ficam mais escuros. — Mas meus homens não têm o mesmo padrão.

— Entendido. Honestamente, acho que ele ficaria desapontado com você se fosse muito fácil.

Ele acena pensativamente. — Diga a ele que eu disse que adoraria saber como ele obteve as informações que me deu.

— Que informação?

— Que o FBI estava compilando um arquivo sobre mim há doze anos, com o objetivo de me colocar na prisão. Ele me mandou tudo. Aparentemente, eles estavam chegando perto. Mas de alguma forma, todas essas informações se foram agora. Limpo como se nunca tivesse existido.

Seus olhos escuros perfuram os meus. — Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Não, — digo sem hesitação, sem vacilar sob seu olhar penetrante. — Não sei nada sobre isso.

Depois de um momento, ele diz secamente: — E mesmo se você soubesse, você não me diria.

Digo baixinho: — Não é por desrespeito a você.

— Sei o que é isso. E tenho que dizer, não achei que você tivesse isso em você.

— Você e eu.

Ele sorri, balançando a cabeça. — Tudo bem. Junte suas coisas e diga adeus a Nat.

Quando ele se vira para sair, digo: — Kage?

Ele se vira, esperando.

— Como você pode ter certeza de que todas as informações sobre você sumiram agora?

Seu sorriso é pequeno, tão pequeno que quase não existe. — Seu irlandês não é o único com contato dentro da agência.

*Ele conhece alguém que trabalha no FBI? Ah Merda. O que isso significa? Ele sabe que Declan é um espião?*

O pânico faz meu coração bater como um trovão. É difícil manter minha expressão perfeitamente neutra, mas acho que consigo.

O sorriso de Kage fica mais largo. — Quando eu disse isso a ele, houve uma pausa estranha do outro lado da linha. Ele provavelmente estava com a mesma expressão que você está usando agora.

Espero até que ele esteja fora de vista antes de desabar contra a parede.



Na garagem do prédio, Nat e eu ficamos lado a lado, de mãos dadas atrás de uma fila de russos armados. Kage está na frente de seus homens, os braços cruzados sobre o peito.

Quando um grande Escalade preto chega, os homens erguem seus rifles e apontam para o carro.

Imaginando Declan morrendo em uma saraivada de balas bem na minha frente, sufoco um suspiro e aperto a mão de Nat com mais força.

O SUV para. Declan abre a porta do motorista e sai. Seus olhos encontram os meus. A fome neles é palpável.

Ao meu lado, Nat murmura: — Uau. Seus olhos são tão azuis.

Kage lhe lança um olhar azedo por cima do ombro.

Declan caminha lentamente pela frente do SUV, ajustando a gravata e lambendo os lábios enquanto olha diretamente para mim, ignorando todos os outros e suas armas.

— Isso é longe o suficiente, — ordena Kage.

Declan para. Os dois homens avaliam um ao outro por um momento. Os homens de Kage estão inquietos, dedos no gatilho, ansiosos para puxar. A tensão no ar é tão densa que tenho vontade de gritar. A mão de Nat na minha treme.

Apenas Declan e Kage permanecem calmos.

Mantendo contato visual com Kage, Declan diz: — Diga adeus à sua amiga, baby.

Sua voz é suave e imperturbável, mas ouço a necessidade por baixo. Isso me enche de algo flutuante e expansivo, como o hélio.

Nat e eu nos abraçamos e nos despedimos.

Ela sussurra em meu ouvido: — Caramba, ele é intenso.

— Conte-me sobre isso.

— Tem certeza de que é isso que você quer?

— Mais certeza do que qualquer coisa.

— Porque a única vez que falei com ele, ele estava ameaçando despejar seu corpo mutilado na nossa porta.

— Ele é a única pessoa que conheci que é mais dramática do que eu. Mas ele é realmente um gatinho. Prometo.

Ela suspira. — Ligue-me assim que se instalar.

— Eu vou. Amo você.

— Também te amo.

Dou-lhe um aperto final, em seguida, a deixo ir e me viro para Kage. — Cuide dela para mim.

— Você sabe que vou.

— E obrigada.

Ele olha de volta para Declan, e sua voz ganha um tom sombrio. — Não me agradeça ainda. Isso não acabou.

Nat avisa suavemente: — Querido.

Beijo sua bochecha áspera e tento não sorrir. Declan abre a porta do passageiro para mim e entro.

— Cinto de segurança, — ele diz rispidamente, seus olhos fixos nos meus.

*Também senti sua falta.*

Afastamo-nos sem um tiro ser disparado. Vejo Nat e Kage recuando no espelho lateral e me pergunto como esta história de amigos, amantes e inimigos vai se desenrolar sem que um de nós eventualmente se machuque.

Honestamente, não acho que seja possível.

Em uma história tão distorcida como a nossa, sempre morre alguém no final.



## DECLAN

No passeio para o aeroporto, nenhum de nós fala. Observo-a com o canto do olho enquanto ela olha pela janela para as luzes da cidade passando, mas não a pressiono para falar. Ela está em sua cabeça, trabalhando em nós. Sei que não devo interrompê-la.

No momento em que estamos na cabine do meu jato, a puxo em meus braços e a beijo profundamente.

Ela responde fazendo um pequeno som de alívio e cedendo contra mim, como se seus joelhos estivessem cedendo.

Coloco a mão em seu cabelo. Ela se agarra aos meus ombros. Beijamo-nos em desespero até que as escadas se dobrem e a porta da cabine feche. Então ela abre os olhos e me encara profundamente.

Em voz entrecortada, ela diz: — Então você é um espião do governo dos EUA.

— Não. Sou um espião do governo irlandês.

Ela leva um momento para digerir isso, piscando lentamente em

surpresa. — Um agente duplo?

— Mais como um agente livre. Ninguém sabe o que realmente estou fazendo.

Depois de uma pausa de surpresa, ela exala uma respiração lenta, balançando a cabeça. — Isso explica muita coisa.

— Então está resolvido.

— O que é?

— Vamos nos casar.

Depois de uma batida, ela esconde o rosto no meu peito e se desmancha em gargalhadas.

Acaricio seus cabelos e sorrio. — Para onde devemos ir em nossa lua de mel?

— Onde fica o asilo de loucos mais próximo?

— Estou falando sério.

— Também estou.

Digo com firmeza: — Não está em discussão.

— Você não tem ideia de como as mulheres trabalham, não é?

— Você não é a mulher típica.

— Não há chance de nos casarmos.

— Ora, você quer um namoro de três anos seguido por um

vestido de noiva branco fofo e uma cerca branca?

— Porra, não.

— Pensei que não. Está resolvido.

— Declan!

— O suficiente por uma noite, mulher. Você pode gritar comigo sobre isso mais tarde.

Quando ela permanece rígida e resistente em meus braços, acrescento suavemente: — Por favor.

— Oh, você é *mau*.

— Você não tem ideia.

Ela diz secamente: — Acho que tenho uma pista.

Beijo-a novamente, desta vez ainda mais forte.

Não é a altitude que faz eu sentir como se estivesse voando, porque nem mesmo estamos no ar ainda.

## SLOANE

Quando voltamos para a casa de praia em Martha's Vineyard, é muito tarde. Ou muito cedo, dependendo da perspectiva. Spider e Kieran estão no portão da frente, rifles nas mãos.

Dou a eles um pequeno aceno. Spider sorri e levanta o queixo. Kieran me manda uma saudação alegre, sorrindo.

— Eles parecem estar de bom humor, — observo enquanto passamos pelo portão.

Declan diz: — Isso é porque seu líder destemido voltou.

— Aw. Deve ser uma sensação boa para você ter homens tão leais.

Sua voz fica seca. — Eu não estava falando sobre mim.

Isso me faz sorrir.

Estacionamos na garagem circular. Em frente à entrada da casa, mais dez homens armados aguardam. Um deles abre a porta do passageiro antes mesmo de Declan sair do banco do motorista e me ajudar a sair do carro.

Reconheço-o. Ele era um dos homens na cozinha na noite em que quase cortei meu dedo mindinho para salvar o de Spider.

Inclinando a cabeça, ele diz algo em gaélico.

Pergunto a Declan o que foi uma vez que entramos.

Seu sorriso é divertido. — Traduzindo aproximadamente, bem-vindo ao lar, minha rainha.

— Mesmo? Que fantástico. Você pode dizer a todos os caras para me chamarem assim?

— Não.

— Ok. Vou pedir a Kieran que diga por mim.

Ele ri, então pega minha mão e me puxa junto, indo para o quarto principal. Só para provocá-lo, bocejo. — Acho que vou tomar um bom banho demorado antes de dormir.

— Você pode tomar depois.

Pergunto inocentemente: — Depois do que?

Ele me lança um olhar ardente. — Depois que eu mostrar por que você quer ser minha esposa.

Empurrando a porta do quarto, ele me puxa para dentro, em seguida, fecha a porta com um chute atrás dele. Ele não se incomoda com nenhuma outra explicação, ele simplesmente me agarra e me beija com força.

Afasto-me, rindo sem fôlego. — Alguém sentiu minha falta?

Segurando minha cabeça em suas mãos, ele diz rispidamente: — Sim. Você e essa boca inteligente e essa sua bunda perfeita. Quase fiquei louco. Nunca mais quero ficar longe de você por tanto tempo.

Meu coração bate de felicidade. Olho em seus lindos olhos azuis, tão cheios de adoração, e não posso evitar o sorriso estúpido que toma conta do meu rosto. — Acho que isso pode ser arranjado... Senhor.

Suas pálpebras baixam. Um músculo se flexiona em sua mandíbula. Ele lambe os lábios e me beija novamente, segurando minha cabeça enquanto envolvo meus braços em volta de sua cintura. Ele bebe profundamente da minha boca, fazendo um som masculino de prazer em sua garganta.

Quando o beijo termina, nós dois estamos respirando com dificuldade.

— Tenho um presente de boas-vindas para você, — ele sussurra.

— Oh, bom. Quantos quilates são?

Ele ergue uma sobrancelha. — Quantos quilates você quer para o seu anel?

— Eu não estava falando sobre um anel. Existem muitas outras peças de joalheria além de anéis. — Sorrio docemente. — Como tiaras, por exemplo. Você viu aquele que a duquesa de Cambridge usou no casamento com o príncipe William?

Ele está tentando não sorrir, mas não consegue. — Sim.

— Como aquela. Só que maior.

— Então, uma coroa.

— Agora você está entendendo.

— Eu soube desde o segundo em que coloquei os olhos em você que você era uma pessoa exigente. Venha aqui.

Pegando minha mão novamente, ele me leva até a cama. Então ele fica em silêncio, observando meu rosto enquanto olho para a exibição cuidadosamente alinhada na capa de edredom de seda.

Uma onda de calor florescendo em meu peito, digo fracamente:  
— Essa é a coleção.

Ele desliza a mão lentamente pela minha espinha e agarra minha nuca. Curvando-se perto do meu ouvido, ele diz: — Escolha o seu favorito.

Meus mamilos se contraem. Minha boca fica seca. Entre as minhas pernas, uma onda de calor floresce para combinar com a que aquece a parte superior do meu corpo. *Oh Deus. Vou desmaiar.*

Não quero perder toda a diversão, então me forço a respirar devagar enquanto olho para os chicotes e remos alinhados de uma ponta a outra do colchão.

Aponto para um em couro vermelho e preto com alça trançada e longas borlas de couro penduradas na ponta.

Massageando meu pescoço, Declan faz um som baixo de aprovação. — Gosto desse também. Tire suas roupas.

Ele se afasta, cruza os braços sobre o peito e me encara com

veemência.

Esperando.

Caramba, este homem sabe como receber bem uma garota em casa.

Tiro meu casaco e o deixo cair no chão. Com minhas mãos tremendo, desabotoo minha blusa. É seda branca de mangas compridas, que trouxe comigo para Nova York quando fui visitar Nat pela primeira vez, o que parece uma vida atrás. Todas as minhas roupas foram embaladas no porta-malas do Bentley de onde fui tirada, e Nat as guardou para mim em sua casa.

Faço uma nota mental para perguntar a Declan mais tarde o que aconteceu com a saia de tule rosa Betsey Johnson que eu estava usando naquela noite, então limpo minha cabeça de todos os pensamentos e tiro a blusa dos meus ombros.

Meu sutiã segue até o chão.

Declan me encara com olhos ávidos enquanto eu desabotoo a braguilha da minha calça jeans e puxo o zíper para baixo. Lambendo os lábios, ele observa enquanto os tiro. Quando tiro minha calcinha e chuto para o lado, ele não faz nada por um longo momento, mas olha para o meu corpo nu.

Em seguida, ele faz um círculo dolorosamente lento ao meu redor.

Por trás, ele tira meu cabelo do pescoço. Ele beija a nuca, em seguida, move a boca para o lado da minha garganta e me morde



suavemente lá, deslizando a outra mão em volta da minha frente e para baixo entre as minhas pernas.

De pé atrás de mim, ele rosna ardentemente em meu ouvido: — Isso é meu. Diga.

Sua grande mão cobre meu sexo e aperta.

Respirando com dificuldade em antecipação, eu sussurro: — É seu.

Recebo um leve tapa entre as pernas por minha omissão.

Pulo e deixo escapar: — É seu, *senhor*.

— Sim, baby. Minha. E esses.

Ele desliza a mão da minha barriga para o meu seio esquerdo, que ele também aperta, depois o direito, passando o polegar sobre meus mamilos até que eles doam por sua boca.

— Sim, senhor. São seus.

Um rosnado baixo e satisfeito retumba em seu peito. Ele desliza a mão até o meio do meu esterno, pressionando-a sobre o meu coração latejante.

— E isso, — ele sussurra, acariciando meu pescoço. — Isso é meu também, baby?

Inalo uma respiração engatada e fecho meus olhos, recostando-me em seu peito. Meu corpo inteiro vibra com eletricidade. A emoção corre em minhas veias como fogo. Minha pele está tão sensibilizada

que acho que posso sentir cada fibra de seu paletó contra minhas omoplatas.

— Sim senhor. Tudo de mim, senhor. Tudo de mim é seu.

Ele exala uma respiração áspera contra minha pele. Enfiando uma mão em meu cabelo e enrolando a outra em volta da minha garganta, ele puxa minha cabeça para trás e me beija.

Abro minha boca e o deixo tomar e tomar, sentindo sua ereção se projetar em minha bunda, sabendo que logo ele vai me dar o que preciso e mal conseguindo me conter de implorar por isso.

Quando ele interrompe o beijo, ele diz: — Não se mova ou você será punida.

Ele caminha até a cômoda do lado esquerdo da cama e abre uma gaveta. Ele se abaixa e remove algo dela. Voltando-se para mim, ele está segurando um par de algemas em uma mão e uma venda de veludo preto na outra.

— De joelhos.

Sua voz é tão quente e sombria que me faz estremecer. É sua voz Alfa, a dominante. Reajo a isso como o cachorro de Pavlov e começo a salivar enquanto afundo no chão.

Ele caminha até mim, sem pressa, sabendo que quanto mais ele me faz esperar, mais minha necessidade vai crescer. Não entendo como ninguém antes dele, nem um único homem, jamais entendeu isso sobre mim. Nem eu mesmo entendia.

Ele está destrancado portas dentro de mim que eu não percebi

que estavam fechadas ou estavam lá em primeiro lugar.

— Dê-me suas mãos.

Levanto meus braços e apresento minhas mãos, pulsos juntos. Ele estala as algemas em torno deles, apertando-os com força. Então ele se abaixa e desliza a venda sobre meus olhos, ajustando o elástico na parte de trás para que fique confortável e eu não consiga ver nada.

Ele se afasta, me deixando tremendo de joelhos, engolindo em seco convulsivamente, cego.

— Perfeito, — ele murmura.

Entre minhas pernas, estou ensopada. Quero me abaixar e tocar meu clitóris para ver se ele está tão inchado quanto parece, mas ele não me deu permissão, então simplesmente espero e tremo, me sentindo gloriosamente viva.

Ouçó o deslizamento do tecido. O *zizz* de um zíper sendo *aberto*. Ele está tirando a roupa. Ele está demorando uma eternidade.

Estou tão excitada que corro o risco de explodir.

Então sua voz está perto do meu ouvido. — Vou te foder enquanto você está amarrada e vendada, doce menina. Mas primeiro vou comer sua boceta e deixar essa sua bunda perfeita em um vermelho brilhante.

Minha exalação é um gemido.

— Se você gozar antes de eu permitir, não ficarei satisfeito. Você quer me agradar?

Deixo escapar alguma coisa. Mais como balbucio. Acho que é uma afirmativa, mas honestamente não poderia dizer com certeza até que Declan responde: — Boa menina.

Como essas duas palavras simples me fazem tremer. Como eles fazem a emoção se expandir dentro do meu peito até doer.

Ele passa a mão no meu cabelo. Beija-me suavemente na testa. Aperta meus mamilos duros até que estou ofegante. Em seguida, ele me puxa e me ajuda a ir para a cama. Ele me empurra para cima da coleção de brinquedos sexuais e me segura com uma mão pressionada contra o meio das minhas costas.

Com a voz rouca de emoção, ele diz: — Você me possui, Sloane. Cada canto da minha alma negra inútil. Cada pedaço do meu coração negro corrupto. Você é a dona de tudo e sempre será. Sou seu escravo, não o contrário. Nunca esqueça.

Então ele me dá uma pancada tão forte com o chicote de couro que grito.

— Diga-me se você quer que eu pare, — diz ele com os dentes cerrados, e me chicoteia novamente.

Meu gemido é alto e quebrado. Minha bunda queima e minha boceta lateja. Meus mamilos estão duros e formigando. — Mais, — imploro. — Por favor, senhor. De novo.

Ele diz algo em gaélico, algo que soa como um elogio. Recebo

outro golpe e outro. A dor queima nas minhas costas, seguida por calor, seguida por uma poderosa pulsação de prazer.

Posso ser capaz de gozar com isso e nada mais além de suas palavras.

Ele me rola bruscamente de costas, força minhas coxas a se separarem e enfia seu rosto entre minhas pernas, agarrando-se ao meu clitóris inchado com sua boca gananciosa e sugando.

Arqueando, gemo e enterro minhas mãos em seus cabelos.

Ele desliza um dedo grande dentro de mim e me fode com ele enquanto ele me come e me contorço impotente contra a cama.

— Linda *pra* caralho, — ele rosna, parando para morder a carne tenra na parte interna da minha coxa. — Minha linda garota. Diga que você precisa que eu te foda.

— Preciso que você me foda, senhor. Por favor, por favor, por favor.

Ele volta a lambar e chupar meu clitóris, estendendo a mão para beliscar meus mamilos enquanto o faz. É tão bom, grito seu nome.

Ele me rola de volta para minha barriga e chicoteia minha bunda novamente. As finas tiras de couro estalam na minha pele com um ruído agudo e sibilante que parece a música mais linda que já ouvi.

Desesperada por alívio, paro e começo a moer contra a cama.

Abandonando o chicote no chão, Declan me arrasta até os

joelhos e bate na minha bunda e na parte superior das coxas com a palma da mão nua. Ele para apenas para acariciar minha boceta encharcada e ajustar meu clitóris antes de me espancar novamente.

Estou chorando. Implorando. Chorando delirantemente, tentando tanto ser boa e não gozar. Tentando agradá-lo porque, neste momento, é tudo o que importa para mim no mundo.

*Ele é meu mundo e tudo nele.*

A cama afunda com seu peso. Ele agarra meu quadril com uma mão e guia seu pau duro para a minha entrada com a outra.

Respirando com dificuldade, ele comanda: — Peça gentilmente ao seu mestre para deixá-la gozar, doce menina.

Sussurro entrecortada: — Por favor, deixe-me gozar em seu lindo pau duro, senhor. Mestre, mestre, por favor...

Ele empurra dentro de mim com um gemido de gratidão e começa a me foder rápido e profundo, me puxando de volta para seu pau com cada impulso forte de seus quadris. Envia ondas de choque de prazer pelo meu corpo, começando na minha boceta e se espalhando por toda parte, rápido. Estou respirando em suspiros curtos, meu rosto enterrado no edredom e meus seios balançando. Seus grunhidos de prazer ressoam em meus ouvidos.

Quando ele começa a me bater enquanto está me fodendo, chego ao clímax.

Sacudindo e gritando, gozo com tanta força, ele amaldiçoa. Ele estende a mão e acaricia meu clitóris, me fazendo convulsionar ainda

mais em torno de seu pau. Ele está enterrado tão profundamente dentro de mim, ele sente cada pulso e aperto. Ele geme, deixando cair sua testa na minha espinha enquanto continua a me foder durante o meu orgasmo.

Então ele está gozando também, curvado sobre mim, dirigindo-se para mim com grunhidos profundos no peito, apoiado nos cotovelos com as mãos emaranhadas no meu cabelo.

Estremecendo, ele engasga meu nome.

E é como se uma represa se quebrasse dentro de mim. Uma vida inteira de emoções acumuladas apenas racha minhas costelas e me destrói.

Começo a chorar.

— Anjo, — diz ele, ofegante e alarmado. — Baby, por que você está chorando?

Lamento: — Estou chorando porque te amo!

Incrivelmente, o homem começa a rir.

É uma risada suave no início, mas rapidamente se transforma em uma risada genuína de sacudir o peito. Risos que só podem matá-lo.

Ele se retira, me rola de costas e se acomoda entre minhas coxas. Ele empurra dentro de mim novamente com um gemido baixo. Então ele tira a venda do meu rosto e beija a ponta do meu nariz.

Olhando profundamente em meus olhos lacrimejantes, ele diz:

— Essa é a primeira maldita coisa que você disse que faz algum sentido.

Então ele me beija e diz que também me ama, e choro ainda mais forte.



## SLOANE

Quando abro meus olhos, é de manhã.

Estou do meu lado, de frente para as janelas. As cortinas estão fechadas, mas uma faixa de luz espreita por baixo, espalhando raios de sol dourados pelo chão. Declan dorme atrás de mim, sua respiração profunda e lenta, um braço jogado sobre minha cintura. Seu nariz está enterrado no meu cabelo.

Não sou uma pessoa particularmente religiosa, mas acredito em milagres. Sei que existem tantas coisas que não podemos entender, mas que têm o poder de nos mover independentemente. Coisas misteriosas. Coisas maravilhosas. Coisas de grande beleza que falam à alma.

Coisas que nos curam em lugares que foram quebrados por tanto tempo, que pensamos que estavam perdidos para sempre.

Deitada nesta cama quente neste quarto silencioso com este belo homem, sinto milagres ao meu redor.

Declan se mexe, esticando as pernas. Seu braço aperta minha cintura. Seus lábios encontram minha nuca e ele me beija suavemente

lá.

Com a voz embargada de sono, ele diz: — Vocês, camelos, roncam muito.

Começo a rir.

— Não é engraçado. Mal consegui dormir.

— Você vai viver.

Rolo em seus braços e sorrio para ele. Ele devolve o sorriso, tirando meu cabelo do rosto.

Ele murmura: — Bom dia.

— Bom dia para você.

Ajustando a cabeça no travesseiro, ele deixa seu olhar viajar por todo o meu rosto. Ele suspira suavemente de contentamento. — Graças a Deus não me tornei padre.

Arqueio minhas sobrancelhas. — Sim, teria sido uma péssima escolha de carreira, considerando sua tendência de atirar em pessoas.

— Mas quase fui. Eu planejava seguir meu mestrado em Divindade, mas fui para o exército em vez disso.

Fico olhando para ele, certa de que ele está brincando. — Mesmo? Você?

Ele ri. — Sim. Nem sempre fui durão. Uma vez, eu já fui muito romântico. — Uma nuvem passa por seus olhos. — Mas a vida me desiludiu de todas as minhas noções românticas desde o início.

Estendo a mão e acaricio sua bochecha áspera, instintivamente sabendo que há uma história ali. Uma história de perda e dor.

Um homem com uma grande tatuagem preta “A vingança é minha” tatuada em seu peito carrega uma bagagem muito pesada.

Tiro um tiro no escuro e adivinho o que pode ser. — Você estava apaixonado?

Seus lábios se curvam. É um sorriso, mas amargo. — Se fosse assim tão simples. Não, o que me afastou de Deus foi que minha família inteira foi assassinada, um por um, e ninguém jamais foi responsabilizado por isso. Nenhum de seus assassinos jamais pagou um preço.

Sua voz cai. — Até que decidi fazê-los pagar. E eles pagaram.

Fico olhando para ele com meu coração batendo rápido e meu estômago revirando. — Quem matou sua família?

Em sua pausa, sinto um oceano de miséria.

— Na época, havia guerras de gangues sangrentas na Irlanda. Todos os dias, havia mais violência. Meus pais foram pegos no fogo cruzado de um tiroteio em um café. Eles estavam comemorando seu aniversário de casamento. Meu irmão mais velho, Finn, morreu em uma explosão em um pub. Meu irmão mais novo, Mac, morreu em uma colisão com um caminhão dirigido por dois membros do IRA que iam explodir um banco. E minha irmã, Cecília, estava em uma boate que foi incendiada por uma gangue que queria intimidar seu dono para que pagasse por proteção. Não funcionou, porque ele morreu por inalação de fumaça junto com 23 outras pessoas, incluindo minha

irmã. As portas foram bloqueadas. O pessoal de emergência não chegou lá rápido o suficiente para tirar todos de lá.

Descanso minha bochecha contra seu peito, fecho meus olhos e me aconchego mais perto dele. Não há nada que eu possa dizer para melhorar, então nem tento.

— Eu não tinha mais nada e ninguém, incluindo minha fé, então entrei para o Air Corps. De lá, fui recrutado para a Diretoria de Inteligência Militar, a versão irlandesa da CIA. E aprendi a matar pessoas. Pessoas más. Ameaças à segurança nacional e semelhantes. Fiz isso tão bem que continuei sendo promovido. Então, o padre de nossa família, que emigrou para os Estados Unidos antes da morte de meus pais, entrou em contato comigo. Disse que tinha ouvido falar da minha reputação. Disse que não concordava com minhas escolhas, mas fez alguns contatos aqui que eu poderia achar úteis.

Seu tom fica seco. — Por um preço, claro. A igreja ignora os pecadores cujos bolsos são fundos o suficiente.

— De qualquer forma, isso me fez pensar que precisava expandir minha base de operações. Havia homens maus em todo o mundo que não eram responsabilizados por seus atos. Então vim para cá, onde ninguém além do padre sabia o que tinha acontecido com minha família, me juntei à turba e trabalhei para subir.

— Você é bom em navegar em hierarquias dominadas por homens.

Ele exala pesadamente. — Mantenha seus amigos por perto e

seus inimigos mais perto ainda. Não há melhor maneira de desestabilizar um sistema do que internamente.

— Então você é um cavalo de Tróia.

— Sim. O objetivo é freios e contrapesos. Há tantas coisas que os sistemas jurídicos oficiais podem fazer. Eles precisam de uma mão amiga.

Penso nisso um pouco. Contra terrorismo, contra espionagem, espancamento de bandidos enquanto finge ser amigo... Ele tem muito o que fazer.

Não admira que ele esteja sempre tão rabugento.

— Agora que todos os chefes das outras famílias se foram, o que vai acontecer?

— Eles vão se reagrupar. Vai demorar um pouco, mas sempre há uma nova cobra para substituir a antiga. Mas você não está mais em perigo de ser usada como moeda de troca para eles tentarem fazer Kage reabrir suas rotas de transporte.

— Porque...?

— Todo mundo sabe. Você é minha. Qualquer um que se atrever a fazer tanto quanto respirar em sua direção morre.

Gemo. — Estou doente.

— Como assim?

— Isso fez eu me apaixonar por você ainda mais.

— Se isso te excita, você é definitivamente material de espionagem. É necessário um certo tipo de personalidade para se destacar em minha linha de trabalho. — Ele faz uma pausa. — É por isso que achei que você poderia estar interessada.

Olho para ele, horrorizada. — Em assassinar pessoas para viver? Sinto muito, mas não importa o quão maus eles sejam, eu não poderia fazer isso. Nem gosto de matar aranhas.

— Existem muitas outras maneiras de ser útil como um espião.

Franzo minha sobancelha. — Então foi *sua* ideia que aqueles idiotas na nave me interrogassem?

— Não, — diz ele com firmeza. — Minha ideia era que eu seria seu treinador. *Potencialmente*. Mas eles correram e decidiram fazer uma prova de fogo.

— Treinador? Como assim?

— A pessoa que lhe dá tarefas.

Penso por um momento. — Exceto pela parte de matar pessoas e você ser meu chefe, tem um certo apelo glamoroso.

Com os olhos brilhando, ele murmura: — Seríamos como o Sr. e a Sra. Smith.

— Você realmente gosta dessa ideia, não é?

— Não?

— E o estúdio de yoga que estou planejando abrir? Eu teria que

mudar o nome para “uma rainha em forma – quando não está fora espionando”.

— Você ainda poderia ter seu estúdio. A maioria das pessoas que trabalham em espionagem leva uma vida de aparência completamente normal do lado de fora.

— Espionagem, — repito, experimentando a palavra. — Ooh.

Ele ri. — Vê? Você também gosta da ideia.

Torço meus lábios. — Vamos colocar essa discussão para depois do café da manhã.

Ele sorri como se já tivesse na bolsa.

— Mudando de assunto: quanto tempo você acha que essa trégua entre você e Kage vai durar?

Declan rola de costas e me enfia embaixo do braço. Deslizo minha perna sobre a dele e coloco meu pé sob seu tornozelo.

— Não sei. Ainda sou irlandês, como os assassinos de sua família. Ele não será capaz de ignorar isso por muito tempo.

— Então você estava planejando colocá-lo na prisão?

— Não, esse era o plano do FBI. Ele estava na minha lista de alvos, até que você me pediu para não machucá-lo. Mas agora ele me deve um favor, aquele bastardo.

— Ele é realmente tão ruim assim?

Ele bufa um suspiro curto e forte pelo nariz.

Considero isso um sim. Nat e eu vamos ter que colocar nossas cabeças juntas sobre como lidar com a lista de convidados em seu casamento. O jantar de ensaio pode ser um banho de sangue.

Que é a última coisa que a pobre garota precisa, considerando que seu primeiro noivo nunca apareceu para o deles.

Declan vira a cabeça e olha para mim com um brilho duro nos olhos. — Falando de pessoas que eu deveria ter matado quando tive a chance, você viu Stavros enquanto estava em Nova York?

— Não o vi desde que você tentou me mandar para ele como se estivesse devolvendo um sofá.

O brilho duro desaparece de seus olhos. É substituído por um brilho suave. — Você estava com tanta raiva de mim por isso.

— Ainda estou. Você não é o único que pode guardar rancor.

Ele rola, me pressionando contra o colchão e agarra meu queixo. — Posso compensar você de alguma forma?

Seu tom é sugestivo. Seus olhos estão quentes. E aquela grande pistola que ele carrega entre as pernas está cutucando minha coxa, esperando uma hora de brincar.

Pressiono o sorriso dos meus lábios e respondo sombriamente. — Sim. Dirija-se a mim como Sua Alteza Real a partir de agora.

Olhando nos meus olhos, ele murmura: — Qualquer coisa que você quiser, minha rainha. Qualquer coisa e tudo, não importa o que seja.



Então ele me beija, e em seus lábios provo o para sempre.

# EPÍLOGO

KAGE

Ele anda para frente e para trás na minha frente como um homem possuído, seus olhos selvagens e sua energia termonuclear.

Nunca o vi assim. Comparado com o resto dos meus homens, Stavros é um rato.

Então, novamente, o amor pode transformar até mesmo o homem mais são em uma fera furiosa.

Eu deveria saber.

— Como você pôde deixá-lo tê-la? — Ele grita, com o rosto vermelho. — Ela é minha.

Suas palavras ecoam nas paredes de cimento nuas, subindo até as vigas bem acima e se espalhando como pombos levantados em voo.

É uma boa coisa estarmos sozinhos neste armazém. Caso contrário, ele já estaria sangrando por me desrespeitar daquele jeito.

— Use um tom como esse comigo novamente e você se arrependerá.

Ele para e olha para mim com os olhos arregalados. Torcendo as mãos, ele sussurra: — Sinto muito. Sinto muito, eu não quis dizer... Eu só... Não posso viver sem ela. Sloane é minha vida.

Não tenho ideia de como aquela mulher faz lavagem cerebral em homens para que caiam a seus pés como idiotas babando, mas é um dom, tenho que dar crédito a ela. Se ela decidisse organizar seu próprio sindicato, o resto dos chefes estariam em apuros. Um dedo torto dela, e todos os nossos soldados nos abandonariam em dez segundos.

— Respire, Stavros. Sente-se. — Empurro meu queixo em uma cadeira próxima.

Ele desaba e apoia os cotovelos nos joelhos. Baixando a cabeça entre as mãos, ele geme. — O irlandês. O *irlandês*. Odeio-o tanto!

Digo secamente: — Você não está sozinho nesse sentimento.

Ele levanta a cabeça e me olha suplicante. — Por que você não pode simplesmente matá-lo?

— Política.

Essa é uma maneira de descrever. Outra é que minha masculinidade seria cortada e jogada no liquidificador por minha mulher, para depois servir de alimento para cães vadios. Mas não vou dizer isso a ele.

Além disso, existem maneiras de contornar isso.

— Isso não quer dizer que não vá acontecer. Só não no momento. E não pode ser por mim.

Sua expressão fica esperançosa. — Então eu poderia fazer isso? *Eu* poderia matá-lo, e tudo ficaria bem?

A ideia de ele chegar perto o suficiente para encostar o dedo naquele astuto bastardo irlandês é ridícula, mas não quero desencorajar esse tipo de entusiasmo.

— Não apenas estaria tudo bem, como eu lhe daria um ano de folga do díizimo.

Energizado, ele pula de pé.

— Mas nem uma palavra a ninguém de que você recebeu permissão, — advirto, olhando para ele com firmeza, a ameaça de violência em meus olhos. — Desobedeça-me nisso e você está acabado.

Ele balbucia seu agradecimento, correndo para beijar minha mão.

Quero golpeá-lo, mas não tenho coragem de chutá-lo quando ele está caído.

A paixão me deixou mole *pra* caralho.

Trocamos mais algumas palavras e ele sai, parecendo estar fluando nas nuvens. Se eu soubesse que ele estaria tão ansioso para derramar sangue irlandês, eu daria atribuições para ele muito mais cedo.

Quando ele sai, tranco todas as portas e apago todas as luzes. Então sigo para a parte de trás do armazém para a escada escondida.

Um botão embutido no chão opera uma porta de vaivém disfarçada como uma seção de parede de tijolos. A porta se abre lentamente em dobradiças silenciosas, revelando uma escuridão negra além. Ando alguns passos, tateando na parede em busca do botão para fechar a porta.

Encontro-a. A porta se fecha atrás de mim. Estou mergulhado na escuridão.

Aperto outro interruptor, e uma lâmpada pendurada no teto ilumina o patamar da escada. Estou cercado por drywall sem pintura em três lados. O quarto lado é aberto, com uma escada de pinho descendo para mais escuridão.

Desço as escadas com dificuldade, acendo a luz no patamar inferior e vou até a gaiola de metal.

Não é grande, mas é forte, feito de barras de aço reforçadas cravadas na parte superior e inferior do concreto. Dentro da gaiola há um banheiro. No chão está um jarro de plástico com água e um prato vazio. No colchão fino, um homem deita-se de costas.

Ele vira a cabeça para mim, apertando os olhos contra a luz. Ele é um jovem latino, com pouco menos de trinta anos, que o resto do mundo pensa que está morto.

Ele poderia muito bem estar.

Inclino um ombro contra sua gaiola e sorrio para ele.

— Olá, Diego. Sei que seu amigo e ex-segundo em comando, Declan O'Donnell, é um espião. Tenho uma proposta para você.

**FIM**



[←1]

Não somos loucos. Somos humanos. Queremos amar e alguém deve nos perdoar pelos caminhos que escolhemos por amor, pois os caminhos são vários e escuros e somos ardentes e cruéis em nossa jornada.

[←2]

Uma designer americana mais conhecida por seus desenhos femininos e lunáticos.



[←3]

Garota em gaélico.

[←4]

É um estilo de jogo de poker onde o jogador recebe duas cartas e podem utilizar mais cinco cartas comunitárias. É também a variante de pôquer mais popular na maioria dos cassinos.

[←5]

Muscle car é um termo usado para definir uma variedade de carros com potência, tamanho e performance elevadas fabricados entre 1960 a 1970.

É o fruto da rambuteira (*Nephelium lappaceum*), uma árvore tropical de tamanho médio, da família das Sapindaceae, que se julga ser nativa do arquipélago malaio. O rambutão é um fruto comestível, muito abundante no Sudeste Asiático, sobretudo na Tailândia.

É uma espécie arbórea de pequeno porte pertencente à família Annonaceae, originária das regiões andinas do Equador, da Bolívia e do Peru, mas na atualidade cultivada como fruteira nas regiões tropicais e subtropicais de todo o mundo. Algo parecido com Graviola.

É uma fruta exótica da Amazônia que contém vitaminas e sais minerais em sua composição, e é considerada uma planta medicinal que melhora a qualidade de vida das pessoas. No Brasil é conhecida como Buriti.

[←9]

English Composition é uma aula destinada a ajudar os alunos a desenvolver melhores habilidades de escrita.

Fibra dietética.



[←11]

É uma multinacional americana-canadense varejista de roupas esportivas domiciliada em Delaware e com sede em Vancouver.

É um ente fantástico da mitologia celta que é conhecida como Bean Nighe na mitologia. Fala-se que a Banshee seria um ser maligno.



Aranha.

[←15]

Zumbido.

[←16]

Garoto.

[←17]

Mamãe.

[←18]

Leãozinho.



[←19]

É uma onomatopeia, seu som reproduz a ação de vomitar.

Driving under the influence – Dirigindo sob influência.

Garoto, em Gaélico.

[←22]

Você é minha, doce menina. Minha.

Uma espécie de macaco bem barrigudo.

É uma organização sem fins lucrativos que fornece cuidados de saúde reprodutiva nos Estados Unidos e em todo o mundo.

Homem Montanha.

[←26]

Druídas eram pessoas encarregadas das tarefas de aconselhamento e ensino, e de orientações jurídicas e filosóficas dentro da sociedade celta.